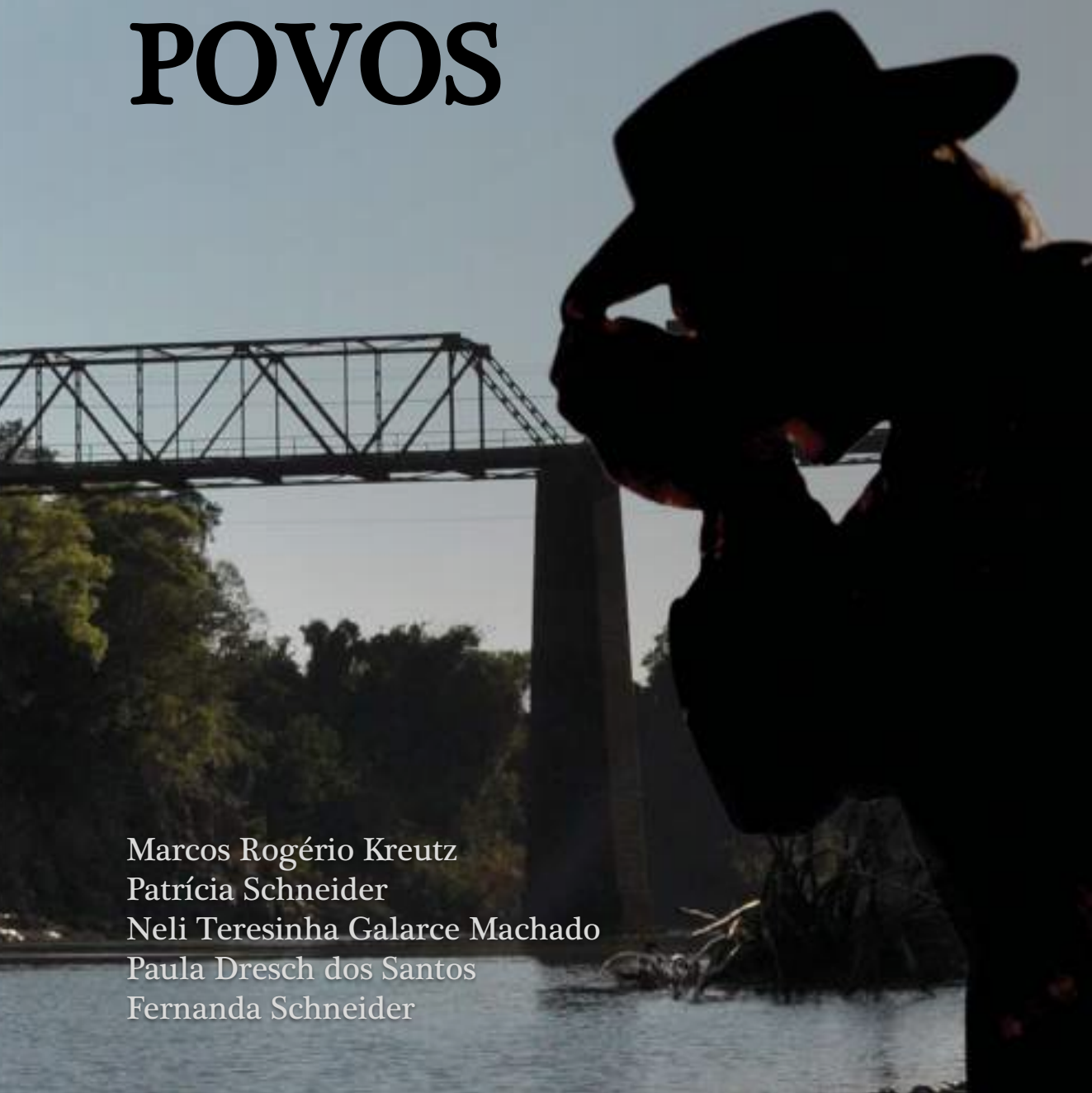


# ARROIO do MEIO: entre RIOS e POVOS

Marcos Rogério Kreutz  
Patrícia Schneider  
Neli Teresinha Galarce Machado  
Paula Dresch dos Santos  
Fernanda Schneider



Prefeitura Municipal de Arroio do Meio - RS  
Universidade do Vale do Taquari - Univates  
Pró-Reitoria de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação - PROPEX  
Centro de Memória, Documentação e Pesquisa do Museu de Ciências -  
CMDPU/MCN/Univates

## ***Arroio do Meio: entre rios e povos***

Marcos Rogério Kreutz  
Patrícia Schneider  
Neli Teresinha Galarce Machado  
Paula Dresch dos Santos  
Fernanda Schneider



Marcos Rogério Kreutz  
Patrícia Schneider  
Neli Teresinha Galarce Machado  
Paula Dresch dos Santos  
Fernanda Schneider

# Arroio do Meio: entre rios e povos

2ª edição



Lajeado, 2020



**Universidade do Vale do Taquari - Univates**

**Reitor:** Prof. Me. Ney José Lazzari

**Vice-Reitor e Presidente da Fuvates:** Prof. Dr. Carlos Cândido da Silva Cyrne

**Pró-Reitora de Pesquisa, Extensão e Pós-Graduação:** Profa. Dra. Maria Madalena Dullius

**Pró-Reitora de Ensino:** Profa. Dra. Fernanda Storck Pinheiro

**Pró-Reitora de Desenvolvimento Institucional:** Profa. Dra. Júlia Elisabete Barden

**Pró-Reitor Administrativo:** Prof. Me. Oto Roberto Moerschbaecher



EDITORA  
**UNIVATES**

**Editora Univates**

**Coordenação:** Ana Paula Lisboa Monteiro

**Revisão ortográfica:** Camila Flávia Pires

**Editoração:** Glauber Röhrig e Marlon Alceu Cristófoli

**Capa:** Augusto Brock e Letícia Dutra

Avelino Tallini, 171 – Bairro Universitário – Lajeado – RS, Brasil

Fone: (51) 3714-7024 / Fone: (51) 3714-7000, R.: 5984

editora@univates.br / <http://www.univates.br/editora>

A778

Arroio do Meio : entre rios e povos / Marcos Rogério Kreutz et al.  
– 2. ed. – Lajeado : Editora Univates, 2020.

386 p. ; il. color.

ISBN 978-65-86648-31-7

1. História. 2. Arroio do Meio (RS). I. Kreutz, Marcos Rogério.  
II. Schneider, Patrícia. III. Machado, Neli Teresinha Galarce.  
IV. Santos, Paula Dresch dos. V. Scheider, Fernanda. VI. Título.

CDU: 94(816.5Arroio do Meio)

Catálogo na publicação (CIP) – Biblioteca da Univates  
Bibliotecária Andrieli Mara Lanferdini – CRB 10/2279



**As opiniões e os conceitos emitidos, bem como a exatidão,  
adequação e procedência das citações e referências,  
são de exclusiva responsabilidade dos autores.**

## **Idealizadores**

Administração Municipal de Arroio do Meio – Gestão 2017-2020

Prefeito: **Klaus Werner Schnack**

Vice-Prefeita: **Eluise Hammes**

Subprefeito da Subprefeitura de Palmas: **Adriano Lisboa**

Subprefeito da Subprefeitura de Arroio Grande: **Gerson Werner**

Subprefeito da Subprefeitura de Forqueta: **Luis Arthur Schneider**

Secretário Municipal da Secretaria de Agricultura: **Eloir Lohmann**

Secretária Municipal da Secretaria de Educação e Cultura: **Mara Betina Forneck**

Secretário Municipal da Secretaria da Fazenda: **Márcio Zimmer**

Secretário Municipal da Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo: **Carlos Henrique Meneghini**

Secretário Municipal da Secretaria de Obras, Viação e Serviços: **Paulo Roberto Heck** (01/01/2017 a 05/04/2020)

Secretário Municipal da Secretaria de Obras, Viação e Serviços: **Paulo Volk** (a partir de 06/04/2020)

Secretário Municipal da Secretaria da Saúde e Assistência Social: **Gustavo Zanutelli**

Secretária Municipal Adjunta da Secretaria de Administração: **Luciana Celeste Neitzke Dellazeri**

Coordenadora da Casa do Museu: **Carla Jaqueline Schroeder**

Assessor do Departamento de Compras: **Marco Régis Prediger**

Assessor de Departamento da Secretaria de Planejamento e Coordenação: **Fernando Enéias Bruxel**

Assessora do Departamento de Meio Ambiente: **Rose Maria Grassi**

Assessora do Departamento de Assessoria e Comunicação: **Maica Viviane Gebing**

Assessor do Departamento de Informática: **Cristiano Roberto Schneider**

Chefe de Departamento da Subprefeitura Cidade e Bairros: **Airton Schmitt**

Chefe de Equipe do Departamento da Melhor Idade: **Diana Ames**

Chefe de Gabinete do Prefeito: **Paulo Ricardo Nicolai**

## **Realização**

Centro de Memória, Documentação e Pesquisa, do Museu de Ciências, da Univates – CMDPU/MCN/Univates

Equipe:

Patrícia Schneider

Neli Teresinha Galarce Machado

Marcos Rogério Kreutz

Paula Dresch dos Santos

Fernanda Schneider

## **Agradecimentos aos locais de pesquisa**

Associação dos Menores de Arroio do Meio – AMAM  
Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul – AHRS  
Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul – APERS  
Arquivo Histórico Municipal de Lajeado  
Arquivo da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio  
Assessoria de Imprensa da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio  
Biblioteca da UNIVATES  
Museu Público Municipal de Arroio do Meio  
Comunidade Evangélica Luterana São Paulo  
Comunidade Quilombola São Roque  
Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Arroio do Meio – EMATER/  
RS – ASCAR  
Hospital São José de Arroio do Meio, RS  
Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, Arroio do Meio, RS  
Jornal O Alto Taquari de Arroio do Meio, RS  
Prefeitura Municipal de Arroio do Meio e Secretarias  
Paróquia Perpétuo Socorro de Arroio do Meio

## **Agradecimento aos colaboradores**

Mara Betina Forneck – Secretária Municipal de Educação e Cultura  
Carla Jaqueline Schroeder – Coordenadora do Museu Público Municipal de  
Arroio do Meio  
Elín Regina Westenhofen – Responsável Técnica do Museu Público Municipal  
de Arroio do Meio  
Eluise Hammes – Vice-Prefeita e Ex-secretária Municipal de Educação e Cultura  
Angélica Diefenthaler – Ex-coordenadora do Departamento Cultural  
Maica Viviane Gebing – Assessora do Departamento de Assessoria e  
Comunicação  
Isoldi Bruxel – Jornal O Alto Taquari  
Sr. Paulo Steiner – Ex-Prefeito  
Sr. Milton Schmidt – Comunidade

## **Agradecimentos especiais**

Funcionários da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio

# Uma história de conquistas comunitárias

Ao completar 86 anos de emancipação política, Arroio do Meio parabeniza a sua comunidade. É com muitas mãos e muito trabalho que escrevemos as páginas da história, preservando os valores, as raízes e o nosso jeito comunitário de ser.

Circundado por rios, arroios, vales e morros, com inúmeras belezas naturais, Arroio do Meio se destaca pela excelência em saúde e educação, pela diversidade cultural e econômica, com rica gastronomia, acolhe um povo trabalhador, o que se expressa numa cidade organizada e com interior forte. Com foco na qualidade de vida e bem-estar da comunidade, o Município segue em plena expansão e desenvolvimento.

O livro, simboliza a história desse povo, que ao longo do tempo, construiu e constrói a cada dia o município. É uma homenagem que prestamos a todos homens e mulheres, das mais diversas origens, que com seu esforço construíram essa cidade.

Deste modo preservamos a sua memória e deixamos um legado para as gerações futuras, para que protejam esse patrimônio imaterial, que é nossa história, e que trabalhem pelo desenvolvimento do município, para que ele continue sendo um lugar de oportunidades para todos!

Parabéns Arroio do Meio pela sua história de conquistas comunitárias!

**Klaus Werner Schnack**

Prefeito Municipal



# Mãe Terra Arroio do Meio

Com um festivo e especial calendário dos 86 anos de emancipação política de Arroio do Meio, coroamos nossas conquistas, nossos avanços e nosso trabalho lançando a obra reeditada e atualizada “Entre Rios e Povos”.

Orgulhamo-nos da nossa mãe terra que sempre tão calorosamente acolhe a todos, dando, com sua fertilidade, oportunidade para as famílias crescerem, desenvolverem e projetarem seu futuro. Diariamente, com trabalho árduo, com muito sacrifício e zelo, juntos construímos o município cooperando e mantendo o que conquistamos com muita responsabilidade, o que é nosso dever.

Trabalhamos muito, mas também nos permitimos extravasar com alegria o prazer de viver. E buscamos tempo, o nosso bem mais precioso hoje, para celebrar a vida. E no aniversário do município, cantamos e exclamamos “Arroio do Meio, teu porvir é porvir de gigante!” na certeza de que nossas famílias tem muito a comemorar no hoje e no amanhã.

Trazemos para o palco de comemorações a vida, o nosso povo, nosso jeito, os sonhos e anseios coletivos e individuais. Para o futuro, estamos todos convidados a continuar a brava história do nosso “Arroio do Meio brilhante”, e com muito engajamento e comprometimento, somos desafiados a construir, avançar e abrir fronteiras, sem perder nossas raízes.

E os votos são de que Arroio do Meio mantenha esse seu jeito de terra mãe que abraça, acolhe, educa, cuida e dá a base para que as próximas gerações possam crescer saudáveis, independentes, preservando a grande riqueza que é a soma da cultura, da história e dos calores de nossa gente!

**Eluise Hammes**

Vice-Prefeita e Coordenadora  
dos festejos do Aniversário do Município



# Uma História feita por muitas mãos

Registrar a história do nosso município! Um livro que abre as janelas do tempo, para que Arroio do Meio revise as suas memórias e reveja a construção de uma história tão bonita e repleta de personagens importantes... dos indígenas aos imigrantes haitianos, envolvendo e incluindo todos nós!

Ao comemorarmos 86 anos de emancipação política, é momento de vibrarmos pela trajetória dessa terra que sempre acolheu a todos, com a 2ª edição do livro que conta nossa História. Em parceria com a universidade, nos propomos a oferecer para a comunidade esta obra de cunho científico e documental.

Nas páginas coloridas, no texto revisado e agora recheado de novas pesquisas, podemos nos identificar com essa história de conquistas, construída por nossas famílias e comunidades.

Que tenhamos orgulho da nossa História! Que possamos vibrar ao desfrutar das memórias impressas nestas páginas! Que construindo pontes entre o passado e o presente nos permitamos compreender e valorizar a história, pois é por meio dela que tomamos consciência de quem somos e da comunidade que formamos!

**Carla Jaqueline Schroeder**

Coordenadora do Departamento de Cultura

**Mara Betina Forneck**

Secretária de Educação e Cultura



# Sumário

<b>HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DE UM LUGAR.....</b>	<b>19</b>
<b>CAPÍTULO 1 – HISTÓRIA E DIVERSIDADE CULTURAL.....</b>	<b>21</b>
1.1 Povos indígenas .....	22
1.2 O mosaico de colonizadores europeus .....	23
1.3 Sociedades africanas .....	24
1.4 Sociedades contemporâneas .....	25
1.5 Métodos para a escrita da História de Arroio do Meio.....	25
<b>CAPÍTULO 2 – A HISTÓRIA GEOGRÁFICA DO VALE DO TAQUARI....</b>	<b>27</b>
2.1. A história ambiental do Vale do Taquari .....	27
2.2 O relevo do Vale do Taquari e do município de Arroio do Meio .....	28
2.3 Os rios.....	31
2.4 A Bacia Hidrográfica do Rio Taquari-Antas.....	32
2.4.1 Rio Taquari.....	35
2.4.2 Rio Forqueta .....	40
2.4.3 Arroio Grande .....	42
2.4.4 Arroio do Meio.....	43
2.5 Enchentes .....	44
2.6 A hipsometria de Arroio do Meio.....	49
2.7 O clima e as precipitações .....	50
2.8 O uso e a ocupação do solo.....	51
<b>CAPÍTULO 3 – HISTÓRIA PRÉ-COLONIAL DO VALE DO TAQUARI.....</b>	<b>53</b>
3.1 Caçadores e Coletores.....	53
3.2 Jê Meridionais.....	55
3.3 Os Guarani .....	56
3.4 Sítios arqueológicos .....	59
<b>CAPÍTULO 4 – INÍCIO DA COLONIZAÇÃO EUROPEIA NO VALE DO TAQUARI .....</b>	<b>63</b>
4.1 Exploração e colonização .....	63
4.2 Atuação dos jesuítas .....	64
4.3 Os bandeirantes .....	67
4.4 As sesmarias .....	70

<b>CAPÍTULO 5 – OS AFRO-BRASILEIROS .....</b>	<b>78</b>
5.1 O processo escravocrata no Brasil e na Província de São Pedro.....	79
5.2 A presença do escravizado no Vale do Taquari e em Arroio do Meio .....	84
5.3 Os quilombos: núcleos de resistência .....	87
5.4 A Comunidade de São Roque .....	92
<b>CAPÍTULO 6 – A IMIGRAÇÃO ALEMÃ E ITALIANA.....</b>	<b>97</b>
6.1 A imigração alemã .....	97
6.1.1 O contexto para a imigração alemã .....	97
6.1.2 Preparando o terreno para a imigração alemã .....	99
6.1.3 A imigração: interesses e disputas .....	101
6.1.4 Os primeiros núcleos alemães em Arroio do Meio .....	102
6.2 A imigração italiana.....	112
6.2.1 A situação da Itália.....	112
6.2.2 A imigração italiana no Rio Grande do Sul.....	113
6.2.3 Os italianos em Arroio do Meio.....	115
<b>CAPÍTULO 7 – A EMANCIPAÇÃO POLÍTICA DO MUNICÍPIO DE ARROIO DO MEIO .....</b>	<b>119</b>
7.1 Conexão internacional .....	124
7.2 O novo presidente do Brasil: Getúlio Vargas .....	125
7.3 O movimento emancipacionista .....	126
7.4 Disputas políticas .....	129
7.5 Como ficou o município de Arroio do Meio.....	132
7.6 Os municípios formados a partir de Arroio do Meio .....	133
7.6.1 Nova Bréscia .....	134
7.6.2 Pouso Novo .....	136
7.6.3 Capitão.....	138
7.6.4 Travesseiro .....	138
7.7 O cenário urbano .....	141
7.8 Os bairros .....	147
7.9 O início da estruturação urbana: a criação dos bairros .....	148
7.9.1 Bairro Barra do Forqueta .....	149
7.9.2 Bairro Medianeira .....	151
7.9.3 Bairro São José .....	153
7.9.4 Bairro Navegantes .....	154
7.9.5 Bairro Centro.....	157
7.9.6 Bairro Bela Vista.....	159
7.9.7 Bairro Rui Barbosa.....	161
7.9.8 Bairro Dona Rita .....	162

7.9.9 Bairro D. Pedro II.....	164
7.9.10 Bairro Aimoré.....	166
7.9.11 Bairro São Caetano .....	168
7.9.12 Bairro Novo Horizonte.....	170
7.10 Os distritos .....	172
7.10.1 O Distrito de Forqueta .....	172
7.10.2 O Distrito de Palmas .....	175
7.10.3 O Distrito Vale do Arroio Grande .....	177
7.10.4 O Centro.....	179
7.11 Arroio do Meio: 85 anos de emancipação política .....	183
7.12 Os prefeitos nomeados de Arroio do Meio .....	183
7.12.1 Walmor Franke.....	184
7.12.2 Gustavo Weinandts.....	185
7.12.3 Aristides Hailliot Tavares.....	185
7.12.4 Jaime Trindade Coimbra.....	187
7.12.5 João Theobaldo Moesch.....	187
7.12.6 Armando Octávio de Oliveira.....	188
7.12.7 Werner Bruno Fritz.....	189
7.12.8 Affonso Brod.....	191
7.13 Como estava o Brasil e o mundo: antes e depois de 1945.....	191
7.14 O Regime Civil -Militar no Brasil .....	196
7.15 O Rio Grande do Sul na década de 1940 .....	198
7.16 A Nova República .....	200
7.17 Voto Direto: os governadores eleitos no Rio Grande do Sul.....	201
7.18 Os prefeitos de Arroio do Meio eleitos pelo voto direto.....	202
7.18.1 Antônio Fornari .....	203
7.18.2 Theobaldo Käfer .....	204
7.18.3 Antônio Setembrino de Mesquita.....	206
7.18.4 Adolfo Poletto.....	207
7.18.5 Arnesto Dalpian .....	208
7.18.6 Benito Jacob Johann .....	212
7.18.7 João Batista Gasparotto .....	213
7.18.8 Paulo Steiner .....	216
7.18.9 Nelson Paulo Backes.....	218
7.18.10 Danilo José Bruxel .....	221
7.18.10.1 Composição da Câmara de Vereadores .....	223
7.18.11 Sidnei Eckert.....	223
7.18.11.1 Composição da Câmara de Vereadores .....	226
7.18.12 Klaus Werner Schnack .....	226
7.18.12.1 Composição da Câmara de Vereadores .....	231

7.19 Os símbolos que representam o município .....	231
7.19.1 A canção de um lugar: Hino do Município.....	231
7.19.2 A marca de um povo: Brasão do Município .....	232
7.19.3 As cores de um povo: a Bandeira do Município .....	233
7.19.4 Hibisco: flor oficial do município .....	234

## **CAPÍTULO 8 – A RELIGIOSIDADE EM ARROIO DO MEIO.....237**

8.1 A religiosidade no período pré-colonial: as crenças e os rituais.....	238
8.2 As igrejas cristãs .....	239
8.3 Espiritismo .....	240
8.4 As religiões afro-brasileiras .....	241
8.5 A religião entre os imigrantes alemães e italianos e seus descendentes.....	242
8.6 As comunidades religiosas do município de Arroio do Meio.....	243
8.7 Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro .....	243
8.8 Seminário Sagrado Coração de Jesus .....	251
8.9 Igreja Evangélica Luterana do Brasil - IELB .....	252
8.9.1 Comunidade Luterana São Paulo.....	252
8.10 Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB .....	256
8.10.1 Comunidade Augustana de São Caetano .....	256
8.10.2 Comunidade Evangélica de Forqueta.....	257
8.10.3 Comunidade Evangélica Paz de Palmas Sul .....	258
8.10.4 Comunidade Evangélica de Palmas Norte.....	258
8.11 Igreja Evangélica Assembleia de Deus.....	259
8.12 Conselho dos Pastores Evangélicos de Arroio de Meio - COPAM .....	261
8.13 Comunidade São Roque.....	262

## **CAPÍTULO 9 – ENSINO E CULTURA.....263**

9.1 O ensinamento Guarani .....	263
9.2 O ensino dos imigrantes.....	264
9.3 O ensino em Arroio do Meio .....	266
9.3.1 A primeira escola .....	266
9.3.2 Escola Getúlio Vargas.....	266
9.3.3 Escola Municipal de Ensino Fundamental São Caetano .....	267
9.3.4 Escola Luterana de 1º Grau São Paulo.....	268
9.3.5 Colégio São Miguel.....	271
9.3.6 Escola Estadual de Ensino Médio Guararapes.....	274
9.3.7 Escola Cenecista Presidente Costa e Silva .....	277
9.3.8 Sistema Municipal de Ensino .....	278
9.3.9 Educação Infantil .....	281
9.3.9.1 Atalaia: a primeira creche de Arroio do Meio.....	281

9.3.9.2 Escolas Comunitárias de Educação Infantil.....	282
9.3.10 Professores e a formação.....	284
9.3.11 Profissionais de apoio e manutenção.....	284
9.3.12 Ações complementares para os estudantes.....	285
9.4 Cultura em Arroio do Meio.....	287
9.4.1 O cinema em Arroio do Meio: diversão e cultura para todas as idades.....	287
9.4.2 Guarda da Memória: a Casa do Museu.....	289
9.4.3 Projeto <i>Culturas e Expressões</i> .....	292
9.4.4 Biblioteca Pública Municipal Barão do Rio Branco.....	292
9.4.5 Click Cidadão.....	294
9.4.6 Cineclube.....	294
9.4.7 Casa do Turista e Artesão.....	295
9.4.8 Núcleo Municipal de Cultura.....	295
9.4.10 Gincana de Arroio do Meio.....	297
9.4.11 CulturArte e Feira do Livro.....	298
9.4.12 Semana de Aniversário do Município.....	300
9.4.13 Caminhada Natalina.....	302
<b>CAPÍTULO 10 – SAÚDE E ASSISTÊNCIA SOCIAL.....</b>	<b>305</b>
10.1 Espaços e programas de saúde: o atendimento à população.....	306
10.2 Centro de Referência e Assistência Social.....	307
10.3 Hospital São José.....	309
10.4 Associação Arroio-Meense de Amparo ao Idoso - AMAI.....	312
10.5 Associação dos Menores de Arroio do Meio - AMAM.....	312
10.6 Associação Recreativa, Beneficente e Cultural - The Horse.....	314
<b>CAPÍTULO 11 – ESPORTE E LAZER.....</b>	<b>315</b>
11.1 Futebol.....	315
11.2 Futsal.....	325
11.3 Bolão.....	327
11.4 Bocha.....	329
11.5 Outros esportes, outras histórias.....	330
11.6 Novas modalidade de desporto.....	332
<b>CAPÍTULO 12 – HISTÓRIA SOCIOECONÔMICA.....</b>	<b>333</b>
12.1 Agricultura.....	334
12.2 O comércio e a indústria no município de Arroio do Meio: uma história em construção.....	336
12.3 Dados gerais da economia: indústria, comércio, agricultura e serviços.....	339
12.4 Arroio do Meio: berço de grandes empresas.....	341
12.4.1 A produção de carnes e derivados: Frigorífico Ardomé.....	341

12.4.2 Curtume Aimoré.....	341
12.4.3 Bebidas Fruki.....	342
12.4.4 Balas Wallerius .....	343
12.5 Crise na economia de Arroio do Meio.....	345
12.5.1 A indústria calçadista .....	345
12.5.2 Cooperativa Avícola Vale do Taquari.....	346
12.6 Turismo .....	347
12.6.1 Grupo Conversando sobre Turismo.....	348
12.6.2 Morro Gaúcho .....	349
12.6.3 Ponte de Ferro .....	350
12.6.4 Igreja de Pedra de Forqueta .....	353
12.6.5 Praça Flores da Cunha e seu entorno .....	354
12.6.6 Área de Lazer Pérola do Vale.....	356
12.6.7 Caminhos da Forqueta .....	357
12.6.8 Igreja Matriz .....	357
12.6.9 Rua de Eventos/Rua Coberta.....	358
12.6.10 Centro de Lazer Arroio Grande.....	358
12.6.11 Morro São José .....	359
12.6.12 Igreja São Vendelino.....	360
12.6.13 Igreja - Comunidade Luterana São Paulo.....	360
12.7 O desenvolvimento de Arroio do Meio e seus percalços.....	360
12.8 A movimentação humana no espaço: as migrações .....	364
12.8.1 Migrantes: em busca de uma nova perspectiva.....	364
<b>PASSOS PARA O FUTURO.....</b>	<b>367</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>369</b>
Livros e artigos.....	369
Sites.....	378
Jornais .....	379
Leis e decretos.....	381
Fontes manuscritas.....	382
Fontes orais.....	383
Fontes iconográficas.....	384
Elaboração de Mapas .....	384
Informações cedidas .....	384
Acervos e Locais de pesquisa.....	385

# Histórias e memórias de um lugar

*“[...] na verdade qualquer história é boa - não é apenas uma tentativa de investigar, descrever e analisar o passado, mas analisar como o mundo muda”* – palavras ditas em 1989 por Eric Hobsbawm, um dos maiores historiadores do século XX<sup>1</sup>. Chegamos ao fim de mais um trabalho de pesquisa, análise documental e histórica. A equipe está feliz com o resultado. A euforia de ver as palavras saltando do papel branco junto às imagens coloridas refletem momentos de angústias e tentativas de perfeccionismo metodológico. É mais um tempo abordado, é mais “gentes” e processos analisados e assim os historiadores se fazem presentes na vida vivida de cada um espaço fotografado e cada um documento buscado.

Essa edição demonstra para a comunidade e também para os pesquisadores que a história merece ser revisitada e abordada em todos os cantos, sejam eles sociais, culturais, econômicos e ambientais. O foco ainda foi os homens e as mulheres em vivência societária como nos outros anos. A história escrita e descrita continua sendo de longa duração e uma busca pela história geral, mesmo compartilhando abordagens da micro-história.

Aqui a abordagem segue buscando eixos sobre o mosaico das culturas, etnias, grupos, sociedades e suas etnicidades. As diversas e diferentes formas de organizações sociais, de políticas, das crenças, das religiões, das redes comerciais, das colonizações, das manifestações culturais e de vários outros aspectos remontam a um tempo e a um espaço entre rios e pessoas formando um cenário de acontecimentos passados e recentes. O que se foi e o que está foram pontos altos de nosso texto. O empenho pela equipe diretiva de um lugar de gestão deve ser lembrado por gerações que virão. A seriedade e responsabilidade dos pesquisadores e historiadores e como as fontes foram tratadas e manuseadas podem servir de exemplo para que, no futuro, a História seja entendida como um processo, contextos a serem definidos e prioridades a serem escolhidas por profissionais.

Os pesquisadores do Centro de Memória, Documentação e Pesquisa da Univates - CMDPU/MCN/Univates apresentam mais uma versão da história da região e dos diversos povos que permanecem em Arroio do Meio. Esses pesquisadores, agora mais experientes e maduros, se atrevem a escrever a narrativa histórica mais uma vez e percebe-se que as relações se entrelaçam na busca por memórias de gentes que vivem junto a um rio observado e respeitado.

A história está acontecendo ... há lacunas, há buscas não achadas, há caminhos teóricos não trilhados... mas há o despertar de um novo tempo agora escrito aqui! Que tenhamos um futuro bom com boas leituras!

Lajeado, novembro de 2019

*Neli T. Galarce Machado*

---

1 PINHEIRO, P. S. Eric Hobsbawm: um espelho do mundo em mutação. Estudos Avançados, v.3, n.5. São Paulo Jan./Apr. 1989.



# Capítulo 1 – História e Diversidade Cultural

Este livro propõe a escrita da história de Arroio do Meio. Escrever a história de um município significa, essencialmente, refletir como as pessoas de um determinado lugar se organizaram ao longo do tempo e do espaço e como essas ações resultaram nas características sociais, políticas, econômicas e paisagísticas que circundam a nossa realidade atualmente.

Antes de iniciar as discussões específicas sobre a história de Arroio do Meio, é preciso dizer algumas palavras com relação ao ofício do pesquisador e como ele olha o seu objeto de estudo e constrói a escrita de um lugar.

Em primeiro lugar, hoje a História não é mais vista como imutável. O que era previamente considerado imutável é agora encarado como uma ‘construção cultural’ que está sujeita a variações ao longo do tempo e do espaço (BOURDIEU, 1996). O historiador precisa estar ciente de que ele não está descobrindo a verdade sobre os fatos. Ao contrário disso, está realizando uma interpretação possível, dentre muitas, a partir das evidências e das perspectivas teóricas escolhidas. Por exemplo, enquanto as histórias escritas no passado narravam basicamente os grandes feitos e descreviam as figuras poderosas, hoje o ponto de vista das pessoas comuns e as suas experiências, a vida nas comunidades e as ideias geradas pelos coletivos humanos são considerados igualmente relevantes para o entendimento dos processos históricos. Essa mudança de perspectiva tornou a escrita da História mais completa e democrática.

Em segundo lugar, a História não é mais contada apenas a partir dos documentos escritos considerados como oficiais (BURKE, 1992). Há uma diversidade enorme de fontes que são acessadas para se remontar as dinâmicas do passado, como os relatos orais, as imagens, os diários, as crônicas de viajantes, a própria paisagem e os artefatos materiais. Enquanto o uso de dados da Geografia e da Biologia tem ajudado os pesquisadores a compreender como as paisagens foram alteradas e utilizadas ao longo do tempo (DEAN, 2004; CROSBY, 2011), os vestígios materiais das populações indígenas ou as estruturas arquitetônicas construídas pelos imigrantes europeus nas vilas rurais têm ajudado a entender a vida dos povos que não tiveram na escrita de documentos a forma oficial de registrar as suas memórias, crenças e hábitos (FUNARI, 2003).

Além disso, o espaço que se habita não é mais visto como um cenário estático, isto é, como um palco de teatro onde a história aconteceu e acontece. Ao contrário disso, o espaço que se ocupa tem sido entendido como uma ‘paisagem cultural’ que guarda a materialização de todas as ações diretas e indiretas dos povos que passaram, habitaram e modificaram os lugares (INGOLD, 2002). Em outras palavras, é como se as paisagens mostrassem as assinaturas humanas das transformações, fazendo parte ativamente da história de um lugar (BALÉE, 2008).

A percepção de como ocorre a passagem do tempo histórico também sofreu mudanças significativas entre os pesquisadores nas últimas décadas (BURKE, 1992). A clássica crença de que a história é uma narrativa de acontecimentos que sucedem uns aos outros, como uma sequência evolutiva de etapas que percorrem o tempo, deu lugar ao entendimento de que os povos trilham caminhos diversos e particulares nas suas trajetórias históricas. Nesse caso, múltiplos povos podem coexistir ao mesmo tempo, mas realizar escolhas particulares sobre o uso dos recursos naturais, suas crenças, organização da vida cotidiana, educação das novas gerações, entre outras coisas. A principal resposta para essa condição é que as particularidades históricas refletem a diversidade cultural que é inerente à nossa espécie (CUCHE, 2002). Entre muitas definições possíveis, a cultura pode ser considerada como um conjunto de códigos, como regras de interpretação da realidade, que consolidam a ação coletiva de um grupo e dão sentido para o mundo natural e social (LÉVI-STRAUSS, 1950). Em outras palavras, a cultura é um conjunto de significados partilhados e construídos por determinados grupos para explicar o mundo (FÉLIX, 2004).

Aos pesquisadores da História, reconhecer a diversidade cultural dos coletivos humanos é um importante passo conceitual para se construir a história de um local e dar voz aos povos que no passado tiveram um espaço limitado nas páginas dos livros. A paisagem que corresponde ao Vale do Taquari e, mais especificamente, de Arroio do Meio, é fruto da interação e contribuição de populações indígenas, do mosaico dos colonizadores europeus, de povos africanos, entre outros, que por ali passaram ao longo do tempo. Alguns conceitos introdutórios relacionados a esses grupos sociais serão descritos na sequência, e mais detalhes poderão ser conferidos ao longo do texto.

## 1.1 Povos indígenas

Nas terras colonizadas por portugueses e espanhóis ao redor do ano de 1500, onde viria a se formar o Brasil, já haviam populações humanas ocupando os territórios específicos há milênios. Essas populações, diversas em suas organizações econômicas, sociopolíticas e culturais, são muitas vezes chamadas de originárias ou nativas porque estavam por aqui antes da ocupação europeia. Por outro lado, também é comum o uso dos termos genéricos 'índio' ou 'indígena', fruto do equívoco histórico dos primeiros colonizadores que, ao chegar às Américas, julgaram estar na Índia; ou mesmo 'silvícolas', termo bastante utilizado nas décadas passadas no Brasil. Silvícola designa genericamente quem nasce ou vive nas selvas, e hoje é considerado um termo totalmente inadequado. O que faz de alguém indígena não é o fato de viver ou ter nascido na 'selva', mas sim ser parte de uma comunidade indígena fundada em relações de parentesco ou vizinhança entre seus membros, e que mantenha algum tipo de laço histórico-cultural com as organizações sociais pré-coloniais (ISA, 2018).

O território que hoje corresponde ao Vale do Taquari possui uma história indígena antiga e diversa. Datas radiocarbônicas associadas a sítios arqueológicos e áreas de abrigo indicam que caçadores-coletores de alta mobilidade

percorreram espaços drenados pelo rio Taquari-Antas e afluentes entre 10.000 e 2.000 antes do presente (AP) (RIBEIRO, 1990; WOLF; MACHADO, 2018). Apesar da longa ocupação de caçadores-coletores, ainda não muito bem compreendida regionalmente, foram nos dois últimos milênios que ocorreu o estabelecimento de sociedades organizadas em aldeias estáveis na região. Povos vinculados aos falantes de línguas do Tronco Jê teriam ocupado as áreas de maior altitude do Vale do Taquari a partir de 1.200 AP (WOLF; MACHADO, 2018); e nas terras baixas da região, povos Guarani, vindos de um processo de expansão pré-colonial, teriam se estabelecido nas planícies de inundação há 600 AP (SCHNEIDER et al., 2017).

A partir de 1630, mais ou menos, a dinâmica indígena dessa região passou a sofrer com novos personagens, quando as primeiras levas estrangeiras não indígenas, em especial missionários jesuítas e bandeirantes paulistas, começaram a chegar. Esses eventos antecedem o forte processo de colonização açoriana, alemã e italiana (KREUTZ, 2015), bem como a presença de afrodescendentes derivados das atividades escravistas (PIRES, 2016), que se desencadeou na região nas décadas posteriores. Uma vez que os contatos passaram a ocorrer, novas e complexas relações entre indígenas, missionários e colonizadores surgiram na região, resultando, entre outras questões, na dramática redução demográfica indígena e em novas formas de organização e mobilidade desses povos pelos antigos territórios.

Nesse caso, enquanto os Guarani conviveram, interagiram e elaboraram novas estratégias políticas para lidar com os não-indígenas até o final do século dezoito, os povos Kaingang, falantes das línguas Jê, realizaram novas mobilidades pelo território, mas mantiveram aldeias ativas em várias partes do território do Vale do Taquari até a atualidade. Assim, não mais é possível pensar essas populações somente como testemunhas de tempos passados, mas também como protagonistas do presente e agentes construtores do futuro.

## **1.2 O mosaico de colonizadores europeus**

Pelo Tratado de Tordesilhas assinado em 1494 entre Portugal e Espanha, o atual Estado do Rio Grande do Sul pertencia inicialmente à Espanha; culminando em uma colonização portuguesa mais tardia. Diversos conflitos e disputas entre espanhóis e portugueses marcaram a história e a formação das fronteiras desse Estado.

O início da colonização efetiva de europeus na região ocorreu durante o século dezoito, com a chegada de um contingente de imigrantes açorianos ao Sul do Brasil. No Vale do Taquari, os chamados ‘casais açorianos’ se estabeleceram no município de Taquari e ocuparam lotes de terras doados pelo governo brasileiro. Além dos que vieram diretamente do Arquipélago dos Açores, açorianos estabelecidos no Estado de Santa Catarina também migraram para o Estado gaúcho.

Explica Lacerda (2003, p. 10) que o Arquipélago dos Açores é um conjunto de nove ilhas situadas no norte do Oceano Atlântico, a 1.500 quilômetros de Lisboa, e “Possui um regime político e administrativo autônomo, mas subordinado à República Portuguesa nas questões de defesa, justiça e questões diplomáticas”. Para os habitantes desse arquipélago, o processo de migração é secular, e as causas são variadas: pressão demográfica, fome, pobreza, vulcanismo (LACERDA, 2003). No século dezoito, aproximadamente 4.000 famílias tiveram como destino o Brasil, incentivadas pelo rei de Portugal D. João V (SILVA, 2002).

Uma segunda leva de imigrações europeias ocorreu depois da segunda metade do século dezanove no Vale do Taquari, trazendo para a região uma grande quantidade de camponeses alemães e italianos. Os alemães, os primeiros a chegar, partiram das antigas colônias do Rio Grande do Sul, como São Leopoldo e Novo Hamburgo, ou diretamente da Europa. Por sua vez, os italianos adentraram o território do Vale do Taquari já no final do século dezanove e se estabeleceram com mais frequência nas áreas de maior altitude.

Durante o processo de imigração e nos primeiros anos de colonização, os alemães e italianos entraram em contato com um novo mundo, cujo o solo, a flora, a fauna, os cultivos, as técnicas de agriculturas, os hábitos de cotidiano e, em especial, os povos já estabelecidos, eram muito distintos da realidade europeia. Essas diferenças tornaram necessária a reestruturação de algumas práticas culturais. Na alimentação, por exemplo, adotaram cultivos americanos e indígenas e passaram a preparar a terra com o auxílio de técnicas agrícolas locais.

Esse processo proporcionou uma sociedade nova e diferente, ou seja, mesclada, que ainda conserva hábitos próprios dos locais de origem, mas que também passou a apresentar características do novo continente.

### **1.3 Sociedades africanas**

Entende-se como Sociedade Africana os grupos que vieram forçadamente da África desde o século dezesseis para o continente americano e para o Brasil. Período marcante da História brasileira, a escravidão perdurou por mais de 300 anos, com milhões de africanos arrancados de suas terras e trazidos como mercadoria para a América, onde foram trabalhar nas lavouras, minas, cidades, charqueadas e outros. Os africanos tiveram um papel forte na matriz do Brasil colônia e do Brasil contemporâneo, deixando marcas importantes na cultura e na formação social e econômica do país.

Durante séculos o continente africano foi explorado pelos países desenvolvidos e grandes potências. A exploração imposta pelos países europeus economicamente mais estáveis alcançou seu maior êxito no século dezanove, quando a África foi literalmente dividida. A divisão política imposta não respeitou a cultura, pois os grupos étnicos diferentes foram inseridos em uma mesma nação. O episódio gerou conflitos internos, pela disputa do poder, em várias regiões do continente africano.

A imigração africana ao então Vale do Taquari, ocorre a partir de meados do século dezoito, paralela a europeia, na condição de escravizado. Com a demanda crescente de produtos para abastecer o mercado interno, as fazendas do interior do estado, necessitavam de mão de obra para suas atividades e a opção foi pela força de trabalho do africano escravizado.

## **1.4 Sociedades contemporâneas**

Um dos fatores para a formação da sociedade contemporânea provém de uma “bagagem cultural” adquirida ao longo do tempo, uma herança recebida de gerações anteriores. Para Laraia (2006), os povos são o resultado do meio cultural, como herdeiros de um longo processo acumulativo que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações passadas.

Como indica Santos (2004), é importante considerar a diversidade cultural interna das sociedades, pois isso é de fato essencial para compreender melhor o contexto em que se vive. Essa diversidade não é só feita de ideias; está também relacionada com as maneiras de atuar na vida social, sendo um elemento que faz parte das relações sociais no país.

Pensar em uma sociedade contemporânea é pensar que as modificações culturais ainda estão acontecendo. Para Cucho (2002), são os indivíduos que entram em contato uns com os outros e não as culturas. Na realidade, os indivíduos pertencem a grupos sociais, de gênero, de idade, de status etc., e não existem nunca e em lugar nenhum de maneira totalmente autônoma. Assim, cada indivíduo que compõe a sociedade contemporânea de Arroio do Meio é um agente da história em modificação, mas precisa relacionar-se em um grupo, ou seja, na sociedade, para que essas modificações tomem visibilidade.

Nesse processo, a História tem o papel de registrar e analisar as transformações pelas quais as sociedades passaram, sejam movidas por suas forças internas, em consequência dos contatos e conflitos, ou por ambos os motivos.

## **1.5 Métodos para a escrita da História de Arroio do Meio**

Para a escrita deste livro foram utilizadas fontes diversas. Entre as fontes da historiografia citam-se os autos de medição, títulos de concessão de sesmaria, jornais de época, livros tomos, notariais, de atas de câmaras de vereadores, entre outros. Além da densa utilização de imagens, tanto de contextos atuais como de épocas passadas, recorreu-se a conversas e entrevistas como fontes orais.

Com o uso de vestígios materiais analisados a partir de métodos da Arqueologia, foi possível obter um conhecimento mais profundo sobre as populações indígenas da região, bem como sobre os primeiros contextos da imigração europeia. Entre os vestígios arqueológicos pré-coloniais analisados é possível citar os fragmentos de cerâmica, lítico e arqueofauna. Para o contexto histórico, por sua vez, foram realizadas análises nas estruturas arquitetônicas

e sobre os vestígios do cotidiano, como louças, vidros de remédios e outras ferramentas.

Posto isso, o leitor encontrará em “Arroio do Meio: entre rios e povos” uma síntese dos principais eventos ocorridos desde o período pré-colonial até os dias atuais. Além da História em si, o leitor perceberá que todos os fatos ocorridos estão devidamente contextualizados e relacionados entre si.

# Capítulo 2 – A história geográfica do Vale do Taquari

“Certas partes do mundo são favorecidas geograficamente”. Essas são palavras do economista Sachs (2000) e que podem ser associadas ao território do município de Arroio do Meio. O autor destaca que, entre os requisitos para o crescimento econômico de uma região, é necessário ter condições propícias para a saúde humana e condições favoráveis para a agricultura. Outro ponto que preconiza é que as áreas situadas em regiões temperadas são mais desenvolvidas do que as dos trópicos. Portanto, a localização do Estado do Rio Grande do Sul, em especial a do município de Arroio do Meio, é propícia para a ocupação e o desenvolvimento humano.

Neste capítulo são abordados a fisionomia, algumas características ambientais do Vale do Taquari, bem como do município de Arroio do Meio, como a hidrografia, o relevo, o clima, a altimetria e o uso do solo. São fatores que podem influir no desenvolvimento social e econômico, local e regional.

## 2.1. A história ambiental do Vale do Taquari

Fazer uma reconstituição ambiental do Vale do Taquari não é uma tarefa das mais fáceis. O que estava acontecendo em Arroio do Meio há cerca de 10.000 AP (Antes do Presente)? Como era o clima, a vegetação, a fauna?

Na época fazia muito frio aqui na região, era um período de transição entre o Pleistoceno e o Holoceno. Tempo que corresponde ao final da última glaciação e o início do período interglacial (atual), ocasião em que o clima começa a mudar. Para Ab’Sáber (1957), o clima era semiárido, ou seja, mais seco, sendo as matas observadas em refúgios, em locais úmidos. A partir de 10.000 AP, na medida em que a temperatura começava a aumentar, esses refúgios começaram a formar florestas.

Nessa paisagem e nesse período viviam animais de porte maior, conhecidos como megafauna. De acordo com Jacobus (2006, p. 151),

São conhecidas dezoito espécies de megamamíferos [megafauna], muitas delas tendo sido abundantes no Estado. Não se sabe a época de extinção de muitas delas em nosso território, mas a julgar pela sua presença em sítios arqueológicos da Argentina, datados de até seis mil anos antes de Cristo, acredita-se que também viveram no Rio Grande do Sul nesse período.

Para se ter uma ideia, existiram cinco espécies de preguiças terrestres. Eram semelhantes às atuais, de hábitos terrestres e atingiam comprimento de dois a seis metros. No Rio Grande do Sul também viveram os gliptodontes, animais semelhantes aos tatus com comprimento de dois a quatro metros (JACOBUS, 2006).

A maioria das espécies que vivem hoje no Vale do Taquari, mamíferos, répteis, anfíbios, peixes e aves, já existia naquele tempo. Fósseis de capivara, anta, porco-do-mato, veado campeiro já foram encontrados em sedimentos correspondentes àquela época (JACOBUS, 2006).

Ao se considerar a existência de condições geomorfológicas, o Vale do Taquari, inserido na orla meridional do planalto, é um lugar privilegiado. Kreutz (2008, p. 53) “refere-se à possibilidade de ter havido na região, em virtude dos vales encaixados nos rios que formam o complexo hidrográfico, vegetação do tipo subtropical”. Havia no Vale uma densa mata cobrindo quase sua totalidade. Apenas ao sul da região a paisagem mudava, e a floresta subtropical dava lugar a uma vegetação campestre.

## 2.2 O relevo do Vale do Taquari e do município de Arroio do Meio

No Vale do Taquari percebe-se a presença de três áreas distintas e marcadas geograficamente<sup>2</sup>. Ao Norte do Vale, observa-se a região de planalto, com altitude que varia entre 400 e 800 metros e relevo cujas margens dos rios são as encostas dos morros (FIGURA 01), que têm sua base nos leitos destes (KREUTZ, 2008).



FIGURA 01: Região alta do Vale do Taquari, RS  
Fonte: Acervo fotográfico do LABARQ/MCN/Univates (2016).

Ocupando a maior extensão no Vale do Taquari, a região intermediária, entre o planalto, ao Norte, e a planície do Sul, tem uma paisagem na qual os rios e arroios apresentam planícies de inundação entre 50 a 2000 metros ora em apenas uma margem, ora em ambas (FIGURA 02) até as encostas dos morros (KREUTZ, 2008).

---

<sup>2</sup> Segundo Silva (2005), a Geomorfologia identifica, classifica e analisa as formas de relevo da superfície do planeta.



FIGURA 02: Região intermediária do Vale do Taquari, RS  
Fonte: Acervo fotográfico do LABARQ/MCN/Univates (2016).

Ao Sul do Vale do Taquari, a região mais baixa, segundo Kreutz (2008, p. 89), “[...] é caracterizada pelas planícies com grandes extensões, chegando a ultrapassar 20 km em determinadas zonas” (FIGURA 03).



FIGURA 03: Região ao Sul do Vale do Taquari, RS  
Fonte: Acervo fotográfico do LABARQ/MCN/Univates (2016).

Essas três áreas estão inseridas nas Regiões Geomorfológicas Planalto das Araucárias (o Norte e o Centro do Vale do Taquari) e Depressão Central Gaúcha (Sul do Vale). A maior parte do território do Vale faz parte do Planalto

das Araucárias, que apresenta características heterogêneas, variando entre formas de relevo amplas e aplanadas até o nível mais profundo de entalhamento. Já a Depressão Central Gaúcha constitui-se em uma região sem significativas variações altimétricas, com vastas superfícies planas (JUSTUS; MACHADO; FRANCO, 1986). As Regiões Geomorfológicas, por sua vez, subdividem-se em Unidades Geomorfológicas<sup>3</sup>.

O território de Arroio do Meio está inserido na Unidade Geomorfológica Patamares da Serra Geral, ou seja, na região intermediária do Vale do Taquari. Conforme Magna (1997, p. 41), a Unidade Patamares da Serra Geral “engloba formas em colinas com pequeno aprofundamento dos vales fluviais, formas de relevo que apresentam forte controle estrutural e, localizadamente, ocorrem formas planares”.

Na paisagem de Arroio do Meio é comum observar planícies (FIGURA 04) de tamanho variado ao longo dos rios e arroios que drenam a região do município. Entretanto, há trechos em que os rios estão mais encaixados (FIGURA 05).



FIGURA 04: Simulação da região com planícies em ambas as margens do rio  
Fonte: Kreutz (2015).



FIGURA 05: Simulação da região com planície em uma das margens do rio  
Fonte: Kreutz (2015).

3 “Os agrupamentos constituídos de tipos de modelados (aspecto do relevo, resultante do trabalho realizado pelos agentes erosivos) permitem a identificação de unidades geomorfológicas, assim como os agrupamentos dessas unidades constituem as regiões geomorfológicas, surgem os grandes domínios morfoestruturais” (ARGENTO, 2005, p. 368).

## 2.3 Os rios

A água é fonte de vida; sem ela seria impossível a existência de vida na terra. Os recursos hídricos representam um dos maiores bens da humanidade. A água em condições de uso, de boa qualidade, é fundamental para a qualidade de vida das populações humanas, bem como para toda diversidade biológica do planeta.

Os recursos hídricos acompanham a jornada do homem fornecendo inúmeros benefícios. Sem a água não seria possível a evolução nem a adaptação das espécies, assim como o desenvolvimento econômico e político das sociedades humanas não poderia prescindir do papel central desses recursos. O homem encarou os recursos hídricos como possibilidade de mover e deslocar-se nos mais variados ambientes. Na medida em que o homem enfrentou os rios, os lagos, o mar, como forma de se mover, transformou sua vida em uma verdadeira revolução (PINSETTA, 2010).

Segundo Azambuja (2005, p.18), “na história da humanidade, o transporte por água pode ser considerado como o mais antigo. Muito antes da descoberta da roda, o homem já se deslocava sobre a água com o emprego de materiais flutuantes”. Assim posto, a navegação é praticada em todos os continentes, sendo sua importância variável de acordo com a história e a cultura dos povos.

O homem sempre dependeu dos recursos hídricos para o desenvolvimento econômico, pois a água tem inúmeros usos. Os modos mais comuns e frequentes de uso da água são doméstico, irrigação, industrial e hidroeleticidade. Porém, à medida que as atividades econômicas se diversificam, as necessidades de água aumentam, “para atingir níveis de sustentação compatíveis com as pressões da sociedade de consumo, a produção industrial e agrícola” (TUNDISI, 2003, p. 04).

Mesmo com o surgimento de novas tecnologias, novos meios de transporte no período capitalista, as estradas de ferro, rodovias, metrô, aviação, entre outros, a navegação, seja ela no mar, no rio ou em lagos, permanece de capital importância num mundo globalizado (PINSETTA, 2010).

A água em condições adequadas para o uso se torna, a cada dia que passa, mais escassa e cara. O aumento da urbanização, da população, entre outros, resultam em uma multiplicidade de impactos, exigindo diferentes tipos de avaliação, novas tecnologias para o monitoramento e para o tratamento e a gestão das águas. Os resultados desses impactos são prejudiciais para qualquer ecossistema, afetando a vida diária das pessoas, a economia e a saúde humana e a de todas as espécies. Entre as consequências, Tundisi (2003) destaca: degradação da qualidade da água superficial, aumento de doenças de veiculação hídrica, diminuição da água disponível (potável), aumento no custo de produção de alimentos e aumento dos custos de tratamento de água.

O Brasil possui uma legislação em vigor controlando o uso dos recursos hídricos, entretanto, o país está longe de conseguir sanar os problemas decorrentes do mau uso da água. Diariamente a mídia mostra o descaso com que a sociedade trata desses recursos naturais. O homem ainda não se deu conta que a água boa para o consumo pode acabar.

## 2.4 A Bacia Hidrográfica do Rio Taquari-Antas

A Bacia Hidrográfica do Rio Taquari-Antas ocupa uma área total de 26.268 km<sup>2</sup> e equivale a cerca de 9% do território do Estado do Rio Grande do Sul. Limita-se ao Norte com a bacia do Rio Pelotas, ao Sul com as bacias dos rios Jacuí e Caí, a Oeste com a bacia do Rio Jacuí e a Leste com as escarpas da Serra Geral (MAGNA, 1997).

Situa-se a Nordeste do Estado do Rio Grande do Sul (FIGURA 06), entre as coordenadas geográficas: 28°10' e 29°57' de latitude Sul; e 49°56' e 52°38' de longitude Oeste (MAGNA, 1997). Segundo Lima et al. (2009, p. 3991), a bacia é composta por rios da importância do Rio Taquari, do Rio Forqueta<sup>4</sup>, do Rio Guaporé, entre outros, os quais “possuem importância regional como transporte hidroviário, abastecimento de água e geração de energia”.

---

4 A denominação de ARROIO Forqueta surgiu nos primórdios da colonização europeia, pois o próprio nome do Município originou-se em função dos três recursos hídricos, Arroio Forqueta, Arroio Grande e Arroio do Meio, que drenam a área onde cresceu o povoado. Atualmente a denominação RIO para o rio Forqueta é usada de forma generalizada pela população local e regional, bem como o termo RIO, é empregado em publicações acadêmicas e científicas. Na região do Vale do Taquari, segundo Rempel (2009, p. 54), os rios de terceira ordem apresentam “largura que varia de 15 a 50 metros, são eles: o rio Forqueta, o rio Fão, o rio Guaporé, o rio Carreiro. Dos arroios de segunda ordem, destacam-se os seguintes: arroio Forquetinha, arroio Jacaré, arroio Sampaio, arroio Castelhana, arroio Santa Cruz, arroio do Potreiro, arroio Estrela, arroio Boa Vista, arroio da Seca, arroio Augusta e o arroio Zeferino. Apresentam largura que varia de 10 a 15 metros. Os arroios de primeira ordem compreendem córregos e cursos de água com largura que varia de 1 a 10 metros”. Nesta obra observa-se que “o Forqueta” é encontrado em ambas as formas, ARROIO OU RIO, dependendo do contexto em que está inserido.

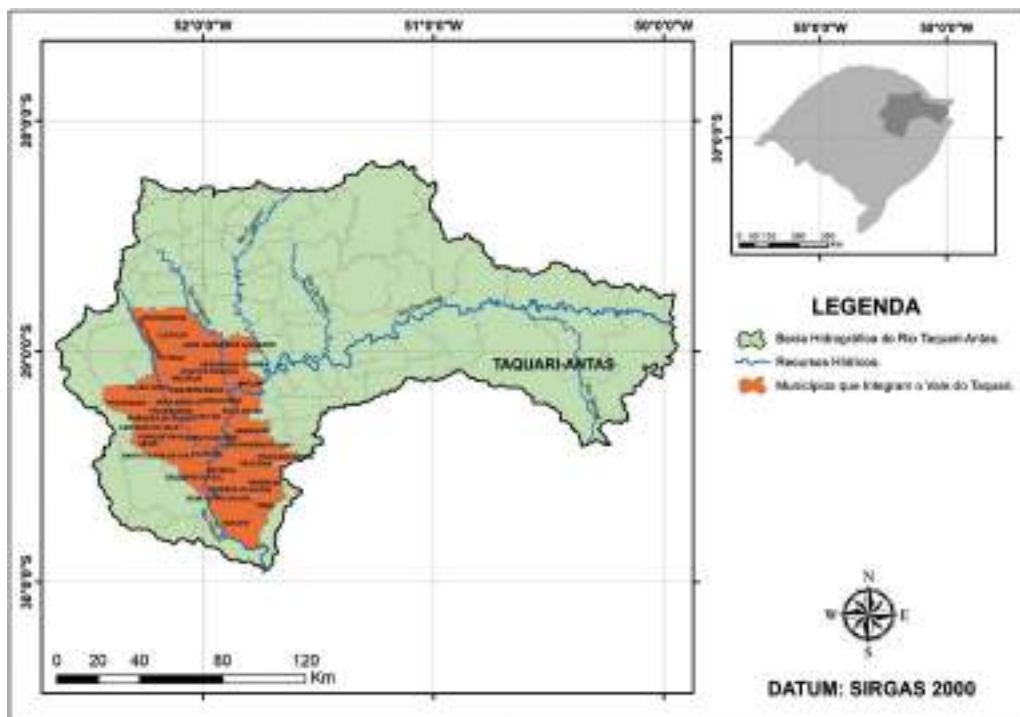


FIGURA 06: Localização da Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas no Rio Grande do Sul, com destaque para o Vale do Taquari

Fonte: LABARQ/MCN/Univates (2018).

Em relação à região geopolítica Vale do Taquari, esta “apresenta ampla e densa rede de drenagem, onde são encontrados rios de primeira, segunda e terceira ordem” (FIGURA 07). No espaço há uma predominância de arroios com largura de 10 metros (REMPEL; PÉRICO; ECKHARDT, 2007, p. 14).

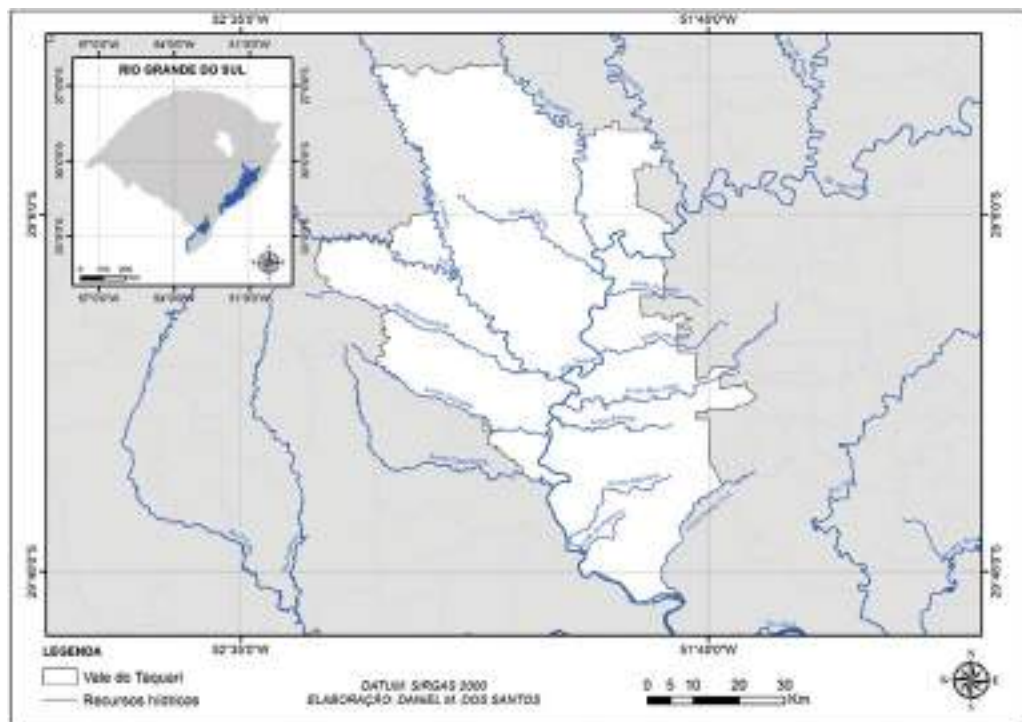


FIGURA 07: Principais rios e arroios da região geopolítica Vale do Taquari, RS  
 Fonte: Kreutz (2015).

Dois grandes rios marcam a hidrografia de Arroio do Meio: o Rio Taquari e o Rio Forqueta. Além desses, dois importantes arroios, o Arroio Grande e o Arroio do Meio, balizam a história e os costumes do município (FIGURA 08). Os rios Forqueta e Taquari apresentam larguras médias de 60 e 180 metros respectivamente, enquanto que o Grande e do Meio possuem larguras que não ultrapassam 10 metros (THOMAS, 2012).

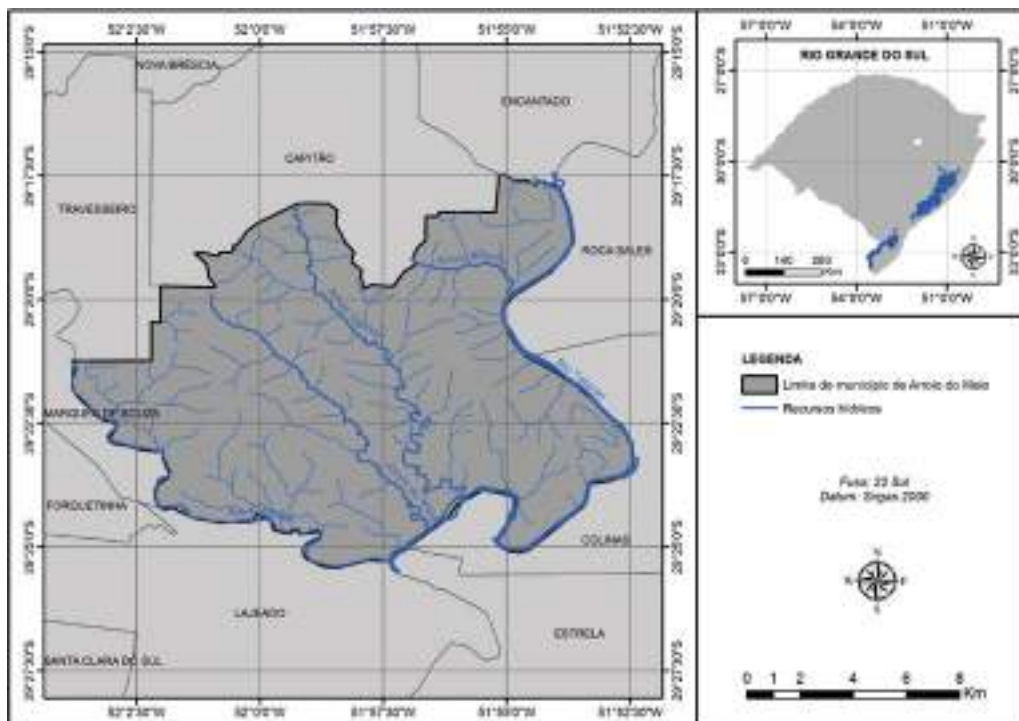


FIGURA 08: Principais recursos hídricos de Arroio do Meio  
 Fonte: Elaborado por Daniel M. Santos (2019).

### 2.4.1 Rio Taquari

O rio desempenhou um papel de primeira grandeza na história regional. Não por uma simples obra do acaso, a região do Vale do Taquari recebeu tal nome em decorrência da importância deste rio na formação cultural e socioeconômica de indígenas, açorianos, negros, alemães e italianos que se utilizaram desse bem natural para a construção de sociedades distintas através dos tempos (PINSETTA, 2010).

O Rio Taquari, que dá nome à região, é o mais importante da bacia, com uma extensão de 156,55 quilômetros de comprimento, ocupando uma área de 4.177 hectares (REMPEL; PÉRICO; ECKHARDT, 2007). Conforme estudos realizados por Justus, Machado e Franco (1986, p.335), o Rio Taquari

[...] nasce nas superfícies elevadas da Unidade Geomorfológica Planalto dos Campos Gerais, em cotas altimétricas por vezes superiores a 1.000 m. A confluência dos rios Taquari e Jacuí dá-se em áreas de relevos aplanados, em altitudes inferiores a 50 m, na Unidade Geomorfológica Depressão do Rio Jacuí. O acentuado desnível altimétrico entre a nascente e foz constitui um dos fatores responsáveis pela intensa dissecação que se observa na Unidade Geomorfológica Serra Geral. O rio Taquari nasce no extremo leste do Planalto dos Campos Gerais com a denominação de rio das Antas. Com traçado de direção geral E-W, apresenta vale em 'V' profundo. Descreve no seu curso sinuosidades de ângulos bem fechados. Apresenta-se adaptado

às linhas estruturais do sistema de diaclasamento existente na área, assim como seus tributários. Estes apresentam os cursos com certo paralelismo e são de pequenas extensões; os da margem direita têm direção geral N-S; os da margem esquerda, SE-NW. A partir da confluência com o rio Carreiro, nas imediações de Bento Gonçalves, passa a denominar-se rio Taquari, apresentando seu curso fluvial com uma orientação geral NE-SW, iniciada a montante, logo após a confluência com o rio Lajeado Grande.

Nasce no município de Bom Jesus, na chamada Encruzilhada das Antas, sendo o mais importante afluente da margem esquerda do Rio Jacuí. Os principais afluentes do Rio Taquari são, na margem direita, o Rio Forqueta (FIGURA 09), os arroios Palmas, Palmito, Bicudo, Arroio Grande, Arroio do Meio (THOMÉ, 1984), Guaporé e Taquari-Mirim. Já na margem esquerda, são os arroios Boa Vista e Estrela. O Rio Taquari desemboca no Rio Jacuí, na cidade de Triunfo (BRUXEL; JASPER, 2005).



FIGURA 09: O Rio Forqueta é o principal afluente do Rio Taquari  
Fonte: Acervo fotográfico do CMDPU/MCN/Univates (2010).

No Rio Taquari, o homem se deparou com espécies aquáticas que lhe serviram de alimento; encontrou água permanente para beber; matas ciliares, planícies e vales que concentravam considerável quantidade de fauna para caça; encontrou refúgio para o calor e espécies vegetais acopladas em ecossistemas fluviais. O homem aguçou sua inteligência na observância do rio (PINSETTA, 2010).

O Rio Taquari “serviu como caminho líquido”, pois os primeiros indígenas se fixaram em suas planícies (FERRI, 1991). Mais tarde, a partir da colonização europeia, ao redor desses importantes rios, ou vias de acesso, os colonos se assentaram e criaram dinâmicas estruturas econômicas. Ao mesmo tempo em que os rios conduziam os imigrantes aos novos lares, transportavam

sua produção e traziam da mesma forma os produtos que não eram encontrados nessas regiões (AZAMBUJA, 2005). O próprio sesmeiro Ricardo José Villanova, proprietário da Fazenda São Caetano, realizava o transporte de sua produção pelo Rio Taquari. Villanova também mantinha um entreposto de produtos na localidade de Taquari (FERRI, 1991).

Os novos núcleos coloniais e povoações que surgiram ao longo do Rio Taquari, desde Triunfo, permitiram que grande número de embarcações de vários tipos e tamanhos (FIGURA 10), especialmente lanchões, navegassem até o porto de Santa Bárbara, hoje município de Dois Lajeados, ponto mais setentrional do rio (FERRI, 1991).



FIGURA 10: Barcos de vários tamanhos transportavam mercadorias pelo Rio Taquari [s.d.]  
Fonte: Acervo fotográfico Arquivo Histórico de Lajeado, RS (2019).

Isso propiciou o surgimento de várias companhias de navegação. Em 1879, Jacob Arnt fundou uma companhia de navegação fluvial, a Companhia de Navegação Arnt, interligando Taquari a Porto Alegre. O aumento da produção colonial possibilitou a expansão da navegação fluvial. Nesse sentido, aumentaram o número de engenhos de moagem de cereais, os chamados “moinhos coloniais”, que logo possibilitaram a formação de fortuna. Os moleiros também atuaram no agenciamento das safras. Os moinhos eram essenciais para o desenvolvimento das colônias e seus lucros atraíram o interesse de alguns colonizadores. É o caso de Antônio Fialho de Vargas que, em 1862, construiu um engenho na Colônia Conventos, para a moagem de grãos e beneficiamento de madeiras. Em 1875, Antônio Fialho de Vargas vendeu a Felipe Ecker o engenho por 7:500\$000. A documentação das câmaras municipais de Taquari e de Estrela e os registros de transmissão de tabelionato mostram a existência de vários moinhos na região colonial (CHRISTILLINO, 2010).

Conforme Ferri (1991, p. 187), em 1º de abril de 1894 foi fundada a Companhia de Navegação Arroio do Meio, com sede no município de mesmo nome. Em pouco tempo, cerca de dois anos mais tarde, “esta Companhia já

operava com dois vapores, cinco lanchas e diversas chatas. Possuía um trapiche provido de maxambombas (FIGURA 11), em Arroio do Meio, fazendo o transporte de produtos desde Muçum até Porto Alegre”.



FIGURA 11: Maxambomba utilizada para levar as mercadorias dos barcos até o armazém, no Porto de Bom Retiro, início do século vinte.

Fonte: Costa (1922).

Como o rio representava uma importante via de escoamento da produção, bem como do transporte de pessoas que se dirigiam a Porto Alegre, em 1902, José Kasper constrói e lança às águas do rio o vapor (barco) a gasolina “Oskar II”. O fato empolga outros empresários que se sentem entusiasmados e também constroem barcos, usando-os como meio de transporte e comunicação entre a colônia e a capital do Estado (ESTUDO..., 1961).

Segundo Alípio Pinheiro, em depoimento a Steiner (2009), em Arroio do Meio, na década de 1940, era comum o transporte feito com o “caíco”. O tamanho dessas embarcações variava, carregavam de 40 a 140 sacos (60 kg cada). Um caíco de 11 metros de comprimento tinha capacidade de transportar 50 sacos, ou seja, 3.000 kg em mercadorias. Alípio Pinheiro, conhecido como Guá, trabalhou com seu pai, Salvelino Pinheiro, proprietário de um caíco, o Alabama, para 140 sacos. Guá iniciou ainda menino na atividade, cuja função era tirar água do barco, providenciar lenha e fazer a comida. Guá teve a oportunidade de fazer viagens até Taquari e São Jerônimo, sendo o trajeto mais comum para ele de Lajeado a Muçum.

Na mesma época, no atual município de Arroio do Meio, havia, ao longo do Rio Taquari, casas comerciais com maxambombas (FIGURA 12). Na Barra do Forqueta, às margens do Taquari, funcionava a casa comercial de Arnaldo Scheid; no Bairro Navegantes, a Companhia de Navegação Art tinha um entreposto cujo último proprietário foi Rubem Weinandts. Em Palmas havia a Casa Comercial dos Trentini. Conforme Steiner (2009), os transportadores de carga, ou barqueiros, prestavam serviço de frete, que, após a década de 1950, diminuiu em virtude do aumento da frota de caminhões para o trabalho.



FIGURA 12: Casas comerciais localizadas ao longo do Rio Taquari no município de Arroio do Meio

Fonte: Croqui adaptado pelos autores a partir de Stürmer e Steiner (2009).

O período de maior trabalho era a época da safra dos produtos agropecuários, conforme relata Alípio Pinheiro a Steiner (2009, p. 08),

[...] os comerciantes telefonavam e os barcos começavam a viagem. Normalmente iam em grupo. Dependendo da força, saúde do proprietário e do tamanho do barco, era uma só pessoa que operava a embarcação ou, no máximo, duas pessoas. De Lajeado a Muçum, precisavam vencer 26 cachoeiras. Daí a vantagem de viajarem juntos. Um ajudava o outro. Na subida do rio, era importante a direção do vento: leste e sudeste eram favoráveis enquanto que o vento norte atrapalhava. Isto porque, além da vara usada (feita de louro onde numa extremidade tinha um “ferrão” e na outra o “çaçuelo”, um arredondamento para apoiar o ombro), eles erguiam o mastro e tecido formando uma vela. Na descida do rio, além da vela, usavam o remo e o “esparrelo” (era uma peça de madeira na parte posterior do caico que ajudava a impulsionar a embarcação).

Os produtos mais comuns que transportavam eram milho, erva-mate, feijão, galinhas, ovos, manteiga, banha, carne salgada, entre outros. Após a emissão da nota fiscal e o acerto do frete, os barqueiros iniciavam a viagem até o porto de Lajeado. De lá, os produtos eram baldeados para barcos maiores que normalmente seguiam até Porto Alegre. Na ocasião em que retornavam para Arroio do Meio, Encantado ou Muçum, os transportadores traziam produtos como sal, açúcar, café, roupas, sapatos e outras mercadorias (STEINER, 2009).

Havia um tráfego considerável de embarcações que transportavam mercadorias pelo rio. Mas também o Taquari era transposto e, para tanto as barcas faziam a travessia de uma margem a outra, uma vez que não existiam pontes. Conforme Décio Saling (2014), durante as décadas de 1940 e 1950, seu pai, Raynoldo Saling, em sociedade com Avelino Marques possuíam uma barca (FIGURA 13) que ligava Arroio do Meio, no atual Bairro Navegantes, até a localidade de Beija-Flor, Estrela. A barca funcionava por meio de um sistema de arame e roldanas.



FIGURA 13: A barca muitas vezes fazia a travessia de caminhões que transportavam porcos para o Frigorífico Ardomé. O caminhão da imagem, datada de 03 de setembro de 1956, era de propriedade de Selvino Rother.

Fonte: Acervo particular de Décio Saling (1956).

O Rio Taquari foi descrito por viajantes que circulavam pelo Rio Grande do Sul, especialmente no século dezenove. Um deles foi o médico alemão Robert Cristiano B. Avé-Lallemant, que navegou pelo rio em 1858. Em trecho de suas anotações ele descreve o rio, “Numa planície profunda, coberta de árvores de folhagem escura, brilha o caudaloso Taquari [...]”. O viajante prossegue sua narrativa falando do rio, “Com prazer se acompanha o gracioso rio que largas curvas atravessa a tranquila flores e já mede aqui de 200 a 400 pés de largura” (AVÉ-LALLEMANT, 1980, p. 343).

Como se pode perceber, os recursos hídricos foram e são essenciais à vida de qualquer espécie e tiveram papel importante na história do município de Arroio do Meio desde sua pré-história até a atualidade. A seguir são apresentados os principais recursos hídricos que geograficamente estão inseridos ou passam pelo município.

#### 2.4.2 Rio Forqueta

De igual modo que o Rio Taquari, este afluente serviu como meio de transporte e via de escoamento da produção das colônias situadas às suas margens. Com suas nascentes próximas a Soledade, no Planalto da Serra Geral,

o Rio Forqueta tem sua foz no Rio Taquari, na tríplice divisa dos municípios de Arroio do Meio, Estrela e Lajeado (FIGURA 14). Segundo Levantamento dos Ecossistemas e Mapas Temáticos do Município de Arroio do Meio (2003, p.9), “tal como o Rio Taquari, o Rio Forqueta forma planícies em suas margens, intensamente utilizadas para agricultura. Este rio dá nome a uma série de localidades às suas margens, tais como Barra do Forqueta, Baixa Forqueta e Forqueta”.



FIGURA 14: Foz do Rio Forqueta na divisa dos municípios de Arroio do Meio, Estrela e Lajeado

Fonte: Acervo fotográfico do CMDPU/MCN/Univates (2019).

Afluente da margem direita do Rio Taquari, o Forqueta tem cerca de 90 quilômetros de curso. O rio recebe por ambas as margens um grande número de tributários e subtributários, cerca de 12 pela margem esquerda e de 25 pela direita (FERREIRA, 1959). A margem direita recebe as águas do Lajeado Feio, Pedras Brancas, Jacutinga, Arroio do Leite, Rio Fão, Forquetinha, entre outros, e a margem esquerda, dos arroios Bonito, Três Saltos, Travesseiro e Cairu, entre outros (FERRI, 1991; THOMÉ, 1984).

O relevo e a paisagem do Rio Forqueta são descritos por Rambo (1956, p. 345) desde sua foz em direção às suas nascentes:

[...] Lajeado e Arroio do Meio, situadas de ambos os lados do Forqueta, cristalizam o progresso desta parte do rio. Mais para dentro, ao longo dos rios Forqueta e Forquetinha, vastas planícies encaixadas entre morros íngremes, forneceram ótimas terras de lavoura, tendo um rosário de florescentes núcleos coloniais às suas margens. No momento, porém, em que terminam as várzeas, em que os cursos de água se apertam em vales estreitos, imediatamente termina o bom solo de lavoura: o mato se torna menos viçoso, as roças fazem a impressão de esterilidade e abandono, as habitações humanas perdem a beleza e conforto.

Como o autor descreve, o Rio Forqueta não apresenta planícies nas áreas mais próximas a sua nascente, isto é, o rio percorre vales estreitos, e, à medida que o rio se aproxima da sua foz, apresenta planícies mais largas, ideais para a agricultura.

Outro aspecto que se observa ao longo do Rio Forqueta são as constantes corredeiras, “formadas tanto pela sinuosidade do rio, pelo acúmulo de seixos, como por afluentes que chegam ao encontro deste e que depositam os detritos que carregam consigo” (FIEGENBAUM, 2009, p.58).

O Rio Forqueta divide politicamente os municípios de Arroio do Meio e Lajeado. E, antes da construção da Ponte de Ferro, em 1939, a ligação entre as duas localidades era feita por uma barca. Na década de 1920, Nicolau Käfer Sobrinho tinha uma barca (FIGURA 15) na foz do Rio Forqueta que fazia a travessia para ambos os lados (STEINER, 2009).



FIGURA 15: Barca de Nicolau Käfer Sobrinho que fazia a travessia do Rio Forqueta [s.d.]  
Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio, RS (2019).

### 2.4.3 Arroio Grande

O Arroio Grande nasce no município de Capitão e escorre na direção Leste em direção ao Rio Taquari. Conforme Levantamento... (2003, p. 09), “este arroio corre entre os principais morros do município, formando pequenas planícies ao largo de suas margens, as várzeas, que são utilizadas para agricultura nas pequenas propriedades rurais”.

Ainda no município de Capitão, apresenta uma queda d’água com 20 metros de altura. Seu curso aproximado é de 24 quilômetros. Banha o povoado de Arroio Grande e um trecho da sede municipal. Seus principais afluentes são os arroios Capitão e Café (THOMÉ, 1984).

Além de ser economicamente importante para as populações que se fizeram presentes ao longo do seu curso, no decurso dos séculos, o Arroio Grande atualmente propicia áreas de lazer para a população do município. Para

melhorar a infraestrutura da região, foram realizadas algumas obras, como a construção de uma ponte (FIGURA 16) na década de 1980.



FIGURA 16: Inauguração da ponte de Arroio Grande Central em 08 de dezembro de 1985  
Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2019).

#### 2.4.4 Arroio do Meio

O Arroio do Meio “tem sua nascente no próprio município e corre paralelo ao Arroio Grande, passando pelas localidades de Linha 32, Picada Arroio do Meio, Rui Barbosa, Bela Vista e Centro”. Assim como o Arroio Grande e o Rio Forqueta, tem parte de suas margens utilizada para a agricultura (LEVANTAMENTO..., 2003, p. 10). Em seu curso percorre cerca de 18 quilômetros (THOMÉ, 1984). Em relação ao tipo de canal, o Arroio do Meio, assim como o Arroio Grande, em seu baixo curso apresenta meandros, os quais podem ser observados pela formação de curvas sinuosas (THOMAS, 2012).

Antes das pontes de concreto, havia plataformas mais simples. Uma delas (FIGURA 17) cruzava o Arroio do Meio nos subúrbios da cidade de Arroio do Meio.



FIGURA 17: Antiga ponte coberta sobre o Arroio do Meio [s.d.]

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio, RS (2010).

## 2.5 Enchentes

As enchentes são fenômenos naturais comuns na região do município de Arroio do Meio. “Entende-se por enchentes aquelas áreas atingidas pelo extravasamento de água do leito dos cursos hídricos, em épocas de alta precipitação pluviométrica, em locais habitualmente submersos” (FERREIRA et al., 2010, p.02).

Rambo (2000, p. 03) assim descreve as enchentes na Bacia Hidrográfica do Rio Taquari e suas consequências:

A avalanche líquida das enxurradas, correndo impetuosa pelos portais da serra, vem cair em terreno seminivelado, ou com pouco declive. Conseqüência disso, é a diminuição da velocidade das águas, com sua massa líquida espalhando-se sobre as zonas marginais, entrando pelas embocaduras dos rios e arroios, atingindo as localidades ribeirinhas.

Pela descrição, municípios como Arroio do Meio, Lajeado, Cruzeiro do Sul, Estrela, entre outros, com inúmeras áreas alagáveis ao longo do curso do Rio Taquari, sofrem com as inundações, que causam inúmeros prejuízos.

Conforme a Agência Nacional das Águas – ANA, as enchentes são consideradas como um tipo de desastre natural. É a forma mais comum no que se refere a calamidades, causando os maiores prejuízos, tanto materiais quanto humanos. Para se ter uma ideia, 75% das pessoas que sofreram algum tipo de desastre natural, na década de 1990, foram vítimas de enchentes (FERREIRA et al., 2010).

Como em outras regiões, as enchentes que ocorrem em Arroio do Meio causam grande impacto ao meio ambiente e ao meio antrópico. As consequências mais comuns desse tipo de desastre, especialmente para a população instalada

nas planícies de inundação, são a perda de bens materiais, plantações e a proliferação de doenças de veiculação hídrica ( FERREIRA et al., 2010).

Segundo Ferreira et al. (2010, p. 05), as enchentes são fenômenos hidrológicos importantes na “morfodinâmica dos ambientes fluviais e também, que causam grandes mudanças na mata ciliar e no comportamento da fauna aquática e ribeirinha”. Para os autores,

As cidades localizadas às margens do Rio Taquari, como a maioria das cidades brasileiras, não teve a evolução da ocupação planejada no ambiente urbano. As cidades desenvolveram-se de forma espontânea às margens do Rio, de modo que os principais problemas ambientais que enfrentam, são passivos ambientais decorrentes de enchentes e liberação de resíduos industriais e domésticos nesse curso de água.

As inundações acompanharam o processo de ocupação e desenvolvimento de Arroio do Meio, sendo que várias enchentes permanecem ainda “vivas” na mente de muitas pessoas. As inundações podem ter reflexos distintos em locais diferentes, podendo ter o nível mais ou menos elevado em algumas cidades.

Ainda no século dezenove, segundo Ferri (1991), uma grande enchente teria ocorrido entre fins de setembro e início de outubro de 1873. Entre as consequências da enchente esteve a destruição do solar da família do Coronel Primórdio Centeno de Azambuja, no povoado de São Gabriel da Estrela, atualmente Cruzeiro do Sul. Após essa enchente, Centeno de Azambuja construiu outra casa, no alto do morro. Hoje o casarão é atração turística de Cruzeiro do Sul.

Essa enchente teve reflexos também no antigo povoado de Arroio do Meio. Como o Rio Taquari transbordou, destruiu casas e plantações e arrasou a “venda” de Felipe Christ, que conseguiu apenas salvar seus familiares, que viram-se completamente isolados. Mas já no ano seguinte a colônia prosperava novamente, as colheitas foram boas e Felipe Christ reconstruiu seu estabelecimento (ESTUDO..., 1961).

Em agosto de 1912 ocorreu outra enchente de grandes proporções, assim como em setembro de 1928 (FIGURA 18), mas a inundação de 1941 foi a que causou grandes estragos não só para Arroio do Meio como para outras cidades da região.



FIGURA 18: Enchente de 1928 em Arroio do Meio - o último prédio à direita é o atual Museu Público Municipal de Arroio do Meio

Fonte: Acervo fotográfico do Arquivo Histórico de Lajeado, RS (2019).

O leito do Rio Taquari (FIGURA 19) quase desaparece com o nivelamento das águas sobre as barrancas. Sobressaíam as copas de árvores existentes nas margens, desaparecendo completamente as praias e as ilhas ao longo do rio. Essa enchente foi sentida igualmente na região metropolitana de Porto Alegre (FERRI, 1991).



FIGURA 19: Enchente de 1941 em Arroio do Meio - ao fundo avista-se o Colégio das Irmãs

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio, RS (2019).

Em setembro de 1954, Arroio do Meio assiste a mais uma cheia. Naquela época cumpria o seu mandato como prefeito o Sr. Theobaldo Käfer, que

pessoalmente (FIGURA 20) foi averiguar, na Rua Gustavo Weinandts, o estado em que se encontrava a cidade.



FIGURA 20: Enchente de 1954 - à direita, o prefeito Theobaldo Käfer verificando a situação da enchente em Arroio do Meio

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio, RS (2010).

O ano de 1990 também é marcado por uma grande inundação em Arroio do Meio. Na época o prefeito, Paulo Steiner, declarou “estado de calamidade pública” pelo decreto 570-90, principalmente em função dos prejuízos causados e das 442 famílias (cerca de 1.600 pessoas) que ficaram desalojadas. Na agricultura foram perdidos cerca de 162 hectares de milho, 533 hectares de trigo recém-semeados e 130 hectares de pastagens (O INFORMATIVO DO VALE, 1990).

Em 04 de janeiro de 2010, uma forte enxurrada ocasionou estragos no Vale do Taquari. O Rio Forqueta transbordou e causou prejuízos em municípios como Marques de Souza, Travesseiro e Arroio do Meio (FIGURA 21).



FIGURA 21: Em janeiro de 2010 o Rio Forqueta transbordou causando inúmeros prejuízos

Fonte: Acervo fotográfico do CMDPU/MCN/Univates (2010).

Em Arroio do Meio, moradores de localidades de Forqueta, Forqueta Baixa e Linha 32 sentiram a força das águas do Forqueta. A enchente destruiu lavouras de milho e soja que estavam prontas para a colheita. A falta de energia elétrica e de água potável foram alguns dos problemas enfrentados pela população. Paulo Grassi, então secretário da Agricultura de Arroio do Meio (em 2010), lamentava o que havia acontecido (O ALTO TAQUARI, 2010, p. 08): “Há dois dias sem energia elétrica, dezenas de produtores de leite, ou não conseguem ordenhar as vacas ou perdem a produção pela falta de não poderem resfriar o produto”.

Segundo o ex-secretário Paulo Grassi, foram perdidos cerca de 1.000 hectares de milho, que, quase na sua totalidade, seriam destinados para a formação de silagem. Conforme o então vice-prefeito e que estava em exercício, Klaus Werner Schnack, as perdas causadas pela enxurrada, de acordo com o levantamento realizado pela Ascar-Emater-RS, no setor primário, chegaram a R\$ 2,5 milhões. Contabilizando os estragos causados nas estradas, encostas, danos ambientais, entre outros, os prejuízos atingiram em torno de R\$ 4,5 milhões. Para tanto, Arroio do Meio decretou, no dia seguinte à cheia, estado de emergência. A recuperação das estradas foi uma das prioridades da prefeitura (O ALTO TAQUARI, 2010).

Outras cheias do Rio Taquari provocaram prejuízos para a população. Em 2013, a enchente fez com que cerca de 60 famílias ficassem desalojadas em

Arroio do Meio<sup>5</sup>. No ano de 2015, o rio atingiu a marca de 24 metros<sup>6</sup> acima do nível normal, 38 famílias foram desalojadas e abrigadas no Ginásio na Barra do Forqueta, sendo os locais mais atingidos o Bairro Navegantes e a Vila Tiradentes<sup>7</sup>.

As enchentes que ocorrem na região caracterizam-se como um fenômeno natural. Ano após ano acontecem em função da fisionomia regional. Assim em determinados municípios, em função de sua localização, sentem com mais intensidade os efeitos causados pelas cheias.

## 2.6 A hipsometria de Arroio do Meio

A hipsometria, ou as cotas altimétricas no Vale do Taquari, variam de 6 metros na área mais ao Sul, e, como cota mais alta, 816,86 metros, localizado ao Norte. No Vale do Taquari, a maior parte do território, 30%, totalizando 1.461,65 km<sup>2</sup>, apresenta cotas altimétricas que se encontram entre 6 metros e 100 metros. Em seguida, 655,71 km<sup>2</sup>, 13,45% situam-se entre 100 e 200 metros (ECKHARDT, et. al., 2007).

Por estar em uma área de transição entre duas regiões geomorfológicas, o município de Arroio do Meio apresenta uma variabilidade altimétrica entre 20 metros, cota mínima, e máxima de 559 metros, localizada no Morro Gaúcho (FIGURA 22) (THOMAS, 2012).

---

5 Cheia do Rio Taquari causa remoção de famílias em Arroio do Meio, RS. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/08/cheia-do-rio-taquari-causa-remocao-de-mais-familias-em-arroio-do-meio-rs.html>>. Acesso em 11 de jun. de 2019.

6 Nível verificado na cidade de Lajeado.

7 Enchente deixa cerca de 230 famílias desalojadas na região. Disponível em: <<https://www.informativo.com.br/enchente/enchente-deixa-cerca-de-230-familias-desalojadas-na-regiao,32199.jhtml>>. Acesso em: 11 de jun. de 2019.

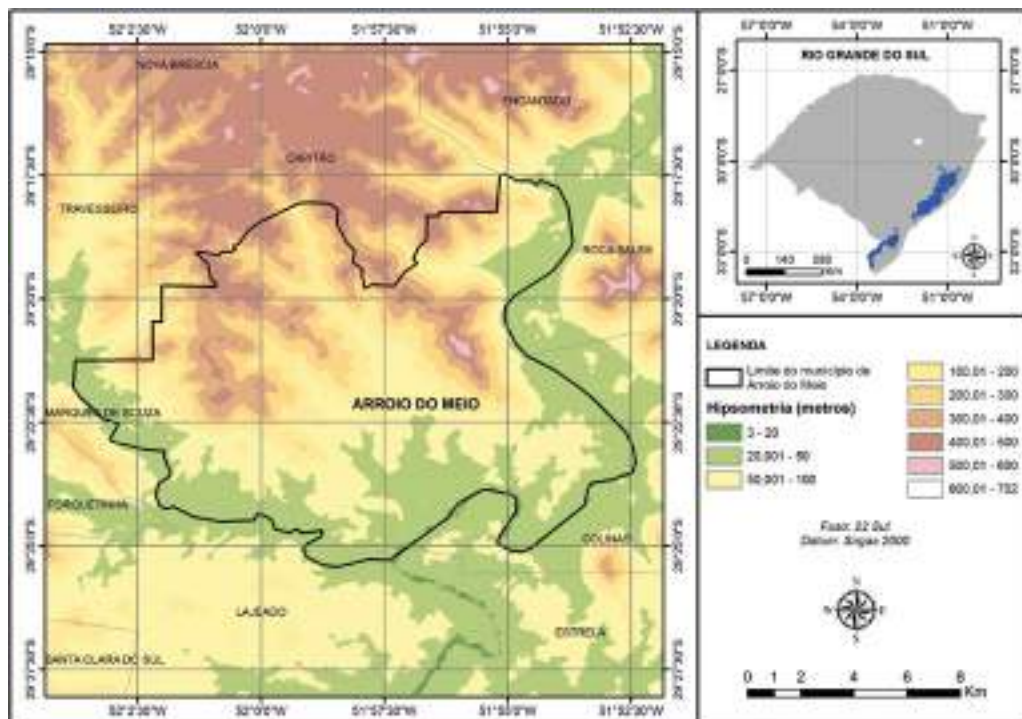


FIGURA 22: Mapa da hipsometria de Arroio do Meio

Fonte: Elaborado por Daniel M. Santos (2019).

Mais da metade do território do município, 53,52%, está situada em uma área que apresenta uma cota altimétrica de até 100 metros. As outras classes totalizam 46,48% da variabilidade de altitude. Nesse sentido, o gradativo aumento da altitude a partir da cota de 100 metros denota que Arroio do Meio apresenta situação de transição entre regiões geomorfológicas (THOMAS, 2012).

## 2.7 O clima e as precipitações

De acordo com a Classificação Internacional de Köppen, o município está enquadrado como zona fundamental temperada úmida, apresentando as variedades climáticas Cfa e Cfb, ou seja, “marcada por clima temperado úmido com verão quente e/ou temperado. A região apresenta médias anuais de umidade em 76% e de temperatura em 18,7°C” (THOMAS; THOMAS; FOLETO, 2014, p. 119).

Segundo Thomas, Thomas e Foletto (2014), os elementos meteorológicos apontam uma precipitação média anual de 1600 mm, sendo estes bem distribuídos ao longo do ano. Para Oliveira et al. (2018, p. 440), “O período entre os meses de junho e outubro é o mais chuvoso”. As precipitações mais longas e volumosas, eventualmente, podem provocar inundações nos rios com maior área de drenagem.

## 2.8 O uso e a ocupação do solo

Até meados do século vinte, o Estado do Rio Grande do Sul e, especialmente, o Vale do Taquari apresentavam uma cobertura vegetal muito rica. Nesse princípio do século vinte e um, em virtude do desmatamento praticado, principalmente em razão da imigração alemã e italiana, “os resquícios de mata nativa se resumem às regiões marginais dos rios nas áreas de maior altitude e de algumas zonas preservadas” (REMPEL; PÉRICO; ECKHARDT, 2007, p. 18).

A declividade do relevo interfere diretamente no uso e ocupação do solo. No município de Arroio do Meio, nas planícies de inundação dos rios e arroios, entre eles o Taquari e o Forqueta, predominam áreas com declividades inferiores a 5% e solos mais profundos. Esses locais são utilizados especialmente para o uso da agricultura. Ao Norte, o município apresenta áreas com declividades acentuadas, nas quais incidem significativa cobertura vegetal, menos propensas para o uso agrícola. Nos patamares de morros, onde as declividades são mais suaves, são utilizadas para o plantio de milho, bem como para reflorestamento (THOMAS, 2012).

Assim, a agricultura em Arroio do Meio ocupa a maior parte do solo. De todo território, 55,14% são utilizados para agricultura, sendo cultivados, principalmente, o milho e a soja. Já a vegetação nativa<sup>8</sup> ocupa 39,85% da área enquanto que a mancha urbana representa 5,01% do território do município, espaço que se desenvolveu junto à rodovia ERS-130, às margens do Rio Taquari e dos arroios do Meio e Grande, locais cuja altitude situa-se entre 20 e 40 metros (THOMAS, 2012).

---

8 Segundo Thomas (2012, p. 217), “há possibilidade dessa classe ser menor devido dificuldade de visualização das áreas de reflorestamento de eucalipto”.



# Capítulo 3 – História pré-colonial do Vale do Taquari

A formação do atual município de Arroio do Meio é antiga. Inúmeros grupos passaram pelo território, marcando profundamente a região. Embora alguns deles não tenham deixado descendentes, são inúmeros os indicadores de sua cultura. Entre esses grupos encontram-se os indígenas - os Caçadores e Coletores<sup>9</sup> - e, mais tarde, grupos sedentários que já desenvolviam uma agricultura que se costuma chamar de horticultura, com uma forte predominância da Tradição Ceramista Tupiguarani<sup>10</sup>.

## 3.1 Caçadores e Coletores

Os primeiros habitantes do Rio Grande do Sul foram os Caçadores e Coletores, que ocuparam o território, desde o Rio Uruguai até o Oceano Atlântico. As datas registram que o homem colonizou o Estado há mais de 10.000 anos, atravessando o Rio Uruguai (JACOBUS, 2006; SCHMITZ, 2006).

Os Caçadores e Coletores utilizavam os recursos naturais, sendo que as técnicas e o trabalho se uniam com aquilo que a natureza oferecia (SANTOS, 2006). Seu território não se baseava numa única residência, uma vez que exploravam uma série de áreas e biomas. Quando alcançava esse estágio, o retorno investido deixava de compensar o investimento feito na busca das subsistências, e o grupo se mudava para outro local completamente diferente (BINFORD, 1983), deixando que a natureza se recuperasse. Eram grupos nômades, portadores de artefatos basicamente lascados (FIGURA 23) (MILDER, 1999).

---

9 Segundo Jacobus (2006, p. 149), caçadores e coletores são “populações com padrão de alimentação predominantemente de caça e coleta, que compreende a caça de répteis, aves e mamíferos de qualquer tamanho e ambiente, a pesca de peixes, a coleta de moluscos, de insetos e suas larvas, de crustáceos, de mel de abelhas silvestres, de ovos e de vegetais e seus produtos. Dependendo do ambiente e do padrão cultural, um grupo de caçadores-coletores irá acentuar uma ou mais destas atividades, não necessariamente realizando todas as aqui enumeradas. Na maioria dessas sociedades a coleta de vegetais e pequenos animais e seus produtos contribui em cerca de oitenta por cento da alimentação, atividade esta desenvolvida por mulheres e jovens”.

10 A nomenclatura usada para a Tradição Tupiguarani (sem hífen) se relaciona à produção da cerâmica. Já Tupi-guarani (com hífen) está vinculada ao tronco linguístico, subdividido em Tupi e Guarani.



FIGURA 23: Artefato lítico conhecido por biface, produzido por grupos caçadores e coletores

Fonte: Acervo fotográfico do LABARQ/MCN/Univates (2019).

O ambiente encontrado por grupos Caçadores e Coletores permitiu que circulassem por praticamente todas as áreas do Vale do Rio Taquari, no Rio Grande do Sul. O referido espaço apresentava condições ideais à sobrevivência, uma vegetação com potencial para aquisição de alimentos, recursos hídricos que lhes forneciam peixes e moluscos, além de apresentarem bancos de seixos de basalto, matéria-prima para o lascamento de artefatos líticos, entre outros. Em relação aos locais onde permaneciam por um determinado período, no espaço Vale do Taquari estas sociedades tinham seus assentamentos em abrigos rochosos, alguns de grande abertura de boca e pouca profundidade, bem como assentamentos a céu aberto (RIBEIRO, et al., 1989; KREUTZ, 2015).

Quanto à antiguidade da ocupação caçadora-coletora no território Vale do Taquari, pode-se tomar como referência as pesquisas realizadas pelo arqueólogo Pedro A. M. Ribeiro, na década de 1980, entre os Vales do Rio Caí e Taquari<sup>11</sup>. Na oportunidade, obteve datação radiocarbônica do material coletado no Sítio Arqueológico RS-TQ-58, cuja data apontou 8290±130 anos A. P. (Antes do Presente). Para Ribeiro et. al. (1989), “Isto vem confirmar a relativa antiguidade da ocupação desta área do Estado e que poderá recuar a 10 ou 11.000 anos A. P.”. Em 2015, equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade do Vale do Taquari realizou pesquisas no município de Fontoura Xavier e, a partir de material arqueológico coletado e analisado no sítio arqueológico RS-T 128, foi obtida a data de 2.250±30 anos A.P (WOLF, 2016). Portanto, analisando as datas radiocarbônicas, é possível afirmar que esses grupos circularam na região em um amplo período de tempo, no mínimo, entre 8300 a 2200 anos Antes do Presente.

Em vários municípios que compõem a região Vale do Taquari foram encontrados sítios arqueológicos pertencentes a esses grupos, como em Coqueiro Baixo, Relvado, Paverama, Tabai, Lajeado e Arroio do Meio, comprovando

11 Com relação à localização dos sítios, Ribeiro et al. (1989) afirmam que “As coordenadas da área de pesquisa estão entre os 51°34’ e 51°46’ de longitude de Greenwich e dos 29°30’ aos 29°42’ de latitude sul. As águas correm para duas bacias, a do Taquari e do Caí. A região, encostado do planalto, é de floresta subtropical; poucos quilômetros ao sul encontramos as planícies com os campos”.

a circulação dessas populações de Norte ao Sul do Vale (KREUTZ, 2015). Esses sítios estão cadastrados no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, IPHAN, instituição responsável pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro.

A partir do início da Era Cristã há uma nova configuração na paisagem do Rio Grande do Sul. Conforme Schmitz (2006), nesse período a temperatura e a precipitação se assemelhavam às atuais, início do século vinte e um, provocando a introdução da cerâmica e dos cultivos. Assim, novos grupos indígenas iniciam o processo de colonização no Vale do Taquari; os Jê Meridionais e os Guarani.

### 3.2 Jê Meridionais

Os Jê Meridionais foram povos originários da Região Central do Brasil, que integram o Tronco Linguístico Macro-Jê, falantes da língua Jê. Os Jê Meridionais são conhecidos como construtores de casas subterrâneas, os “buraco de bugre”, no vocabulário popular, cujas habitações são construídas em buracos escavados no solo e cobertas com galhos e palha (KREUTZ et. al., 2018).

As estruturas estão marcadas na paisagem até nessas primeiras décadas do século vinte e um, constituindo, sem dúvida, uma das transformações físicas mais lembradas pelos europeus e por seus descendentes que se estabeleceram posteriormente no Vale. Além das estruturas subterrâneas, essas sociedades poderiam erguer aldeias, em terrenos a céu aberto, com choças de palha em terrenos mais baixos, ou, ainda, se abrigar em refúgios temporários, como abrigos rochosos (SCHNEIDER et. al., 2015).

Esses grupos já cultivavam alguns vegetais, entre eles a mandioca, o milho, o feijão e a abóbora. Para cozinhar e estocar alimentos e líquidos, utilizavam vasilhas de cerâmica, que eram de grandes proporções, com ou sem decorações plásticas, isto é, alterações na superfície da argila, feitas com materiais pontiagudos, antes da secagem e da queima da argila (WOLF, 2016).

Essas populações produziam grandes e pesados instrumentos líticos, como machados, picões, raspadores, artefatos bifaciais curvos, parecidos com um bumerangue, entre outros. Esses instrumentos eram utilizados no dia a dia, por exemplo, para escavar o solo quando eram construídas as casas subterrâneas, para preparar a terra para o plantio e para a derrubada da mata para posterior uso (WOLF, 2016).

Os Jê Meridionais fixaram-se mais ao Norte do Vale do Taquari, onde em municípios como Ilópolis e Arvorezinha já foram encontrados e prospectados diversos sítios arqueológicos (WOLF, 2016). Até o presente momento (2019), ainda não foram localizados sítios pertencentes a essas populações no município de Arroio do Meio.

Pesquisas atuais sugerem a ligação étnica e linguística entre as populações Jê Meridionais e os indígenas Kaingang e Xokleng. Contudo, faltam dados mais elaborados para que se possa afirmar tal hipótese. Essa ligação seria por conta do compartilhamento de técnicas utilizadas pelas populações pré-coloniais com as

atuais, assim como a semelhança entre os grafismos presentes na cestaria (DIAS, 2005).

### 3.3 Os Guarani

Os grupos horticultores que chegaram na região que hoje compreende o município de Arroio do Meio provavelmente encontraram remanescentes de Caçadores e Coletores, sendo possível imaginar, inclusive, o confronto desses grupos em regiões intermediárias de ocupação, tendo em vista necessitarem de condições diferenciadas para a subsistência. No entanto, o mais provável é que os grupos Caçadores e Coletores tenham migrado para outras regiões dentro do seu próprio ciclo cultural e modo de ocupação de territórios.

Indígenas Guarani chegaram ao Rio Grande do Sul há cerca de dois mil anos e colonizaram uma significativa extensão territorial do Estado. Falantes da língua Guarani, pertencentes ao tronco linguístico Tupi e família linguística Tupi-Guarani, esses grupos são originários do Sudoeste da Região Amazônica (SCHNEIDER, 2014).

Os Guarani escolhiam locais que pudessem satisfazer as necessidades de subsistência e para a instalação de suas aldeias (FIGURA 24). Áreas com a matéria-prima utilizada na confecção dos objetos de sua cultura material, fontes de argila para a produção de cerâmica e depósitos de seixos de basalto para a fabricação dos artefatos líticos. Esses locais deveriam estar próximos a rios e arroios, pois, da mesma forma em que supriam a necessidade de água, permitiam a pesca e a navegação. Outros aspectos, como, terra fértil para o cultivo de vegetais e uma localização que propiciasse fácil defesa do grupo, igualmente influenciavam na escolha do local de assentamento (KREUTZ et. al., 2017).

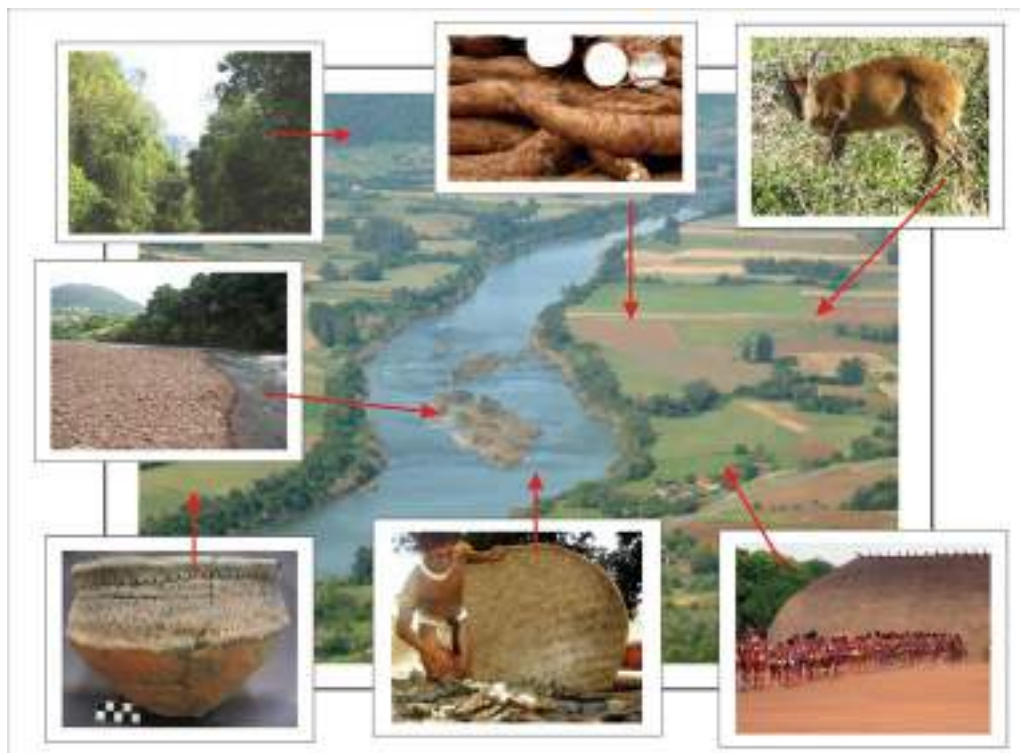


FIGURA 24: Construção hipotética do uso do espaço de uma aldeia indígena na margem direita do Rio Taquari, no território de Arroio do Meio - imagem de fundo capturada no Morro Gaúcho  
 Fonte: Elaborado pelos autores (2010).

Os Guarani eram agricultores, pois cultivavam diversas espécies vegetais, como mandioca, milho, feijão e batata-doce. Outro traço característico das sociedades Guarani é a cerâmica (FIGURA 25). Preparadas pelas mulheres da aldeia, as vasilhas produzidas tinham formas, tamanhos e decorações variados. Podiam ser utilizadas para os mais variados fins, como preparar, servir e armazenar alimentos sólidos e bebidas, sendo, portanto, peça fundamental no dia a dia, além de práticas religiosas/ritualísticas. Além das cerâmicas, fabricavam artefatos líticos, como talhadores, lâminas polidas e mãos de pilão. Esses utensílios eram produzidos principalmente com seixos de basalto (cascalhos), que, depois de prontos, tinham variadas funções. Eram utilizados na caça, na derrubada do mato e no preparo das roças, bem como no preparo de alimentos (KREUTZ et. al., 2018).



FIGURA 25: Vasilha de cerâmica, dos grupos Guarani. Tratamento de superfície alisado, com pintura em branco e vermelho.

Fonte: Acervo fotográfico do LABARQ/MCN/Univates (2019).

As populações Guarani, à medida que foram se instalando no Vale, colonizaram as áreas próximas aos grandes ou intermediários complexos hidrográficos. Percebe-se em Arroio do Meio a permanência desse modelo, visto que as planícies (FIGURA 26) dos rios da região, como o Taquari, o Forqueta, entre outros, estão tomadas por atividades agrícolas, retomando o modelo de ocupação clássica Guarani, que se baseava na prática de horticultura nos terraços fluviais (planícies) (FIEGENBAUM, 2009).



FIGURA 26: Planícies às margens do Rio Forqueta

Fonte: Acervo fotográfico do LABARQ/MCN/Univates (2019).

Geomorfologicamente, os Guarani ocuparam uma área de baixa altitude, parte baixa e de transição, a orla imediatamente inferior do planalto do Vale do Taquari, RS, exemplificada pelo Rio Forqueta na direção a Travesseiro (KREUTZ, 2008). Sendo assim, os horticultores Guarani tinham à sua disposição um importante fator para desenvolver pioneiramente suas faculdades de grupo plantador do mato (SCHMITZ, 2006) no município de Arroio do Meio pré-colonial.

Quanto ao período em que essas populações estavam ocupando a região, para Arroio do Meio não foram realizadas datações radiocarbônicas. Porém, foram analisadas amostras carbonizadas de outros sítios arqueológicos localizados em Marques de Souza, Pouso Novo, Muçum e Cruzeiro do Sul (SCHNEIDER, 2019). Entre eles, foram realizadas datações no sítio RS-T 114, localizado no município de Marques de Souza. A partir das análises, demonstrou-se uma ocupação entre os séculos quatorze e dezenove (SCHNEIDER, 2014).

A passagem de populações indígenas no Vale do Taquari, principalmente a Guarani, deixou legados inegáveis para as populações posteriores que se estabeleceram nesses territórios. Durante o período de ocupação Guarani, técnicas de manejo florestal e agrícola foram adaptadas, criadas e aperfeiçoadas para o cultivo de diversas culturas alimentares. Hoje se reconhece que tais alimentos fazem parte do cotidiano alimentar da população. Da mesma forma, não é possível esquecer que, por muito tempo, as técnicas de plantio utilizadas no Vale do Taquari por colonos europeus ainda era uma cópia do modelo indígena: a coivara. Além disso, a passagem de populações pré-coloniais foi responsável por uma nova ordenação ecológica nesse território, ou seja, a introdução de novas plantas, principalmente os Guarani com suas expansões territoriais, e a extinção de outras plantas. Assim, as contribuições das populações pré-coloniais para a história e a cultura do Vale do Taquari transcendem o que, à primeira vista, é possível enxergar.

### **3.4 Sítios arqueológicos**

Os primeiros registros de sítios arqueológicos no município de Arroio do Meio foram realizados na década de 1960. Em 1965, o arqueólogo Dr. Pedro Ignácio Schmitz, do Instituto Anchieta de Pesquisas – IAP da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos, de São Leopoldo, RS, fez incursões no município. Schmitz catalogou os sítios RS-27, RS-28, RS-29 e RS-30 (GOLDMEIER, 1983). O arqueólogo, na época, para fazer o devido registro dos sítios, desenhou mapas (croquis) relacionados a sua localização e do seu entorno (FIGURA 27).

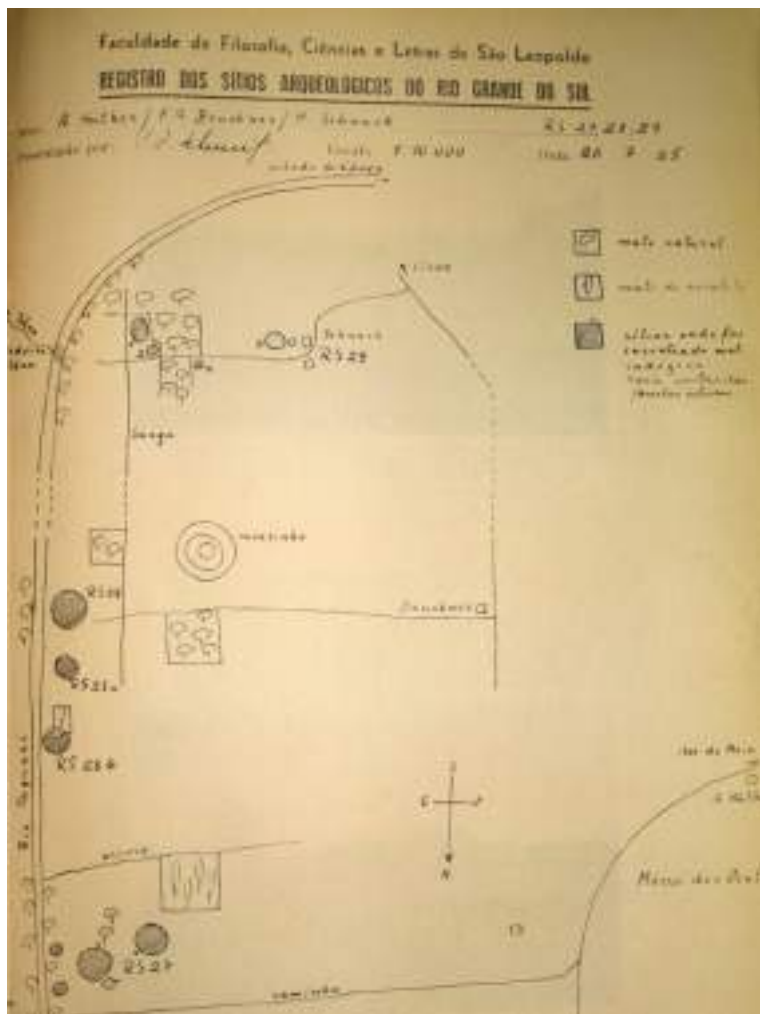


FIGURA 27: Croqui dos sítios arqueológicos elaborado em 1965 pelo arqueólogo Dr. Pedro Ignácio Schmitz  
Fonte: Elaborado pelos autores a partir do “croqui” de Schmitz (1965).

Mais tarde, a partir de 2000, houve um incremento nas pesquisas realizadas com a implantação do Laboratório de Arqueologia do Museu de Ciências da Universidade do Vale do Taquari - Univates. Assim, o ano de 2000 marca o início das pesquisas sistemáticas, com vínculo e caráter acadêmico. Com o advento de novas pesquisas, foi registrado, em 2004, pelo Laboratório de Arqueologia da Univates, o sítio arqueológico RS-T 113. Dessa maneira, estão cadastrados e catalogados no Banco de Dados do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2019) cinco sítios arqueológicos (FIGURA 28) no município de Arroio do Meio.

Sítio Arqueológico	Localização/Coordenadas	Intervenções Realizadas
RS-27 - Alfredo Hüther	São Caetano 22J 412.470 L - 6.751.863 N	Coletas superficiais: fragmentos de cerâmica corugada
RS-28 - Francisco Arnoldo Bruckener	São Caetano 22J 414.025 L - 6.750.240 N	Coletas superficiais: fragmentos de cerâmica
RS-29 - Helmut Schnack	São Caetano 22J 414.300 L - 6.749.900 N	Coletas superficiais: fragmentos de cerâmica, lílico lascado e polido
RS-30 - Clárisa Bruno Röhrig	Bairro São José 22J 408.313 L - 6.746.390 N	Coletas superficiais: artefatos líticos
RS-113 - Verner João Gräef	São Caetano 22J 411.860 L - 6.748.117 N	Sondagens e coletas superficiais: fragmentos de cerâmica e artefatos líticos (ponta de projétil, lascas e núcleos de calcadônia)

FIGURA 28: Sítios arqueológicos cadastrados em Arroio do Meio, RS

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Goldmeier (1983) e Fiegenbaum (2009).

Em relação aos sítios arqueológicos, a maioria das estruturas não é mais visível, uma vez que suas habitações eram construídas com material orgânico e que foram desaparecendo com o passar do tempo. Assim, o que se pode encontrar nesses locais são a cultura material que produziam, a cerâmica e os artefatos líticos.

O sítio arqueológico RS-30 era pertencente a grupos Caçadores e Coletores, enquanto que os demais, RS-27, RS-28, RS-29 e RS-T 113, eram de sociedades Guarani. Neles, foi encontrada a cultura material produzida pelos homens que, em tempos pretéritos, viveram nesses locais.

No decorrer das atividades realizadas no sítio RS-T 113, foram encontrados uma série de artefatos líticos e fragmentos de cerâmica. Inclusive o proprietário da área, ao manusear a terra para o plantio de milho e mandioca, encontrou uma ponta de projétil (FIGURA 29).



FIGURA 29: Ponta de Projétil, encontrada na área do Sítio RS-T 113, em Arroio do Meio, RS

Fonte: Acervo fotográfico do LABARQ/MCN/Univates (2019).

O território do município de Arroio do Meio, inserido na Unidade Geomorfológica Patamares da Serra, apresentava locais de grandes concentrações de grupos horticultores da Tradição Ceramista Tupiguarani, os Guarani, bem como, anteriormente, a ocupação por grupos de Caçadores e Coletores. A ocupação é principalmente comprovada pela cultura material arqueológica encontrada nos diversos sítios arqueológicos e pela fisionomia do território do município que favoreceu essa ocupação.

Como se pode perceber, os indígenas deixaram um legado importante, não só para o território de Arroio do Meio, como para toda a nação. Hoje, vários dos alimentos que o homem consome e estão diariamente na mesa da população, como a mandioca, o milho e o feijão eram largamente produzidos e consumidos pelos indígenas que aqui se estabeleceram.

Outro fator importante deixado por essas populações refere-se ao fato de que esses indígenas se fixaram nas férteis planícies ao longo dos rios e arroios. Mais tarde, os imigrantes fizeram idêntico processo, ocupando essas áreas propícias para o seu desenvolvimento. É claro que, com a expansão dos processos de imigração, houve uma tendência natural de ampliação dessas áreas, formando novas colônias. Sendo assim, os recursos naturais oferecidos e o relevo foram importantes indicadores para o estabelecimento e a manutenção de hábitos e culturas presentes no dia a dia da população arroio-meense.

# Capítulo 4 – Início da colonização europeia no Vale do Taquari

Após o longo processo de ocupação por grupos pré-coloniais, o Rio Grande do Sul, assim como a região do Vale do Taquari, da qual faz parte Arroio do Meio, foi foco de ocupação por outros grupos, agora vindos de além-mar. Chegou o momento da colonização pelos europeus, processo que passa por diferentes momentos durante os séculos quinze a dezenove.

Diversos grupos circularam pelo atual território de Arroio do Meio, exploradores europeus, jesuítas espanhóis, bandeirantes paulistas e, por fim, imigrantes europeus, portugueses, alemães e italianos. Com os portugueses, vieram os africanos, utilizados como mão de obra nas lavouras.

O processo de colonização e apropriação de terras por imigrantes europeus do atual território de Arroio do Meio deu-se no início do século dezenove, quando foram doadas as primeiras sesmarias para os descendentes de portugueses. Mais tarde, a partir da metade do mesmo século, chegaram os imigrantes alemães. Entretanto, na década de 1630, jesuítas espanhóis e bandeirantes paulistas circularam pela região com propósitos diferentes. Em resumo, entre o início do século dezesseis até meados do século dezoito, o espaço Vale do Taquari recebeu apenas missões exploratórias.

## 4.1 Exploração e colonização

No século quinze, Portugal e Espanha eram as potências que dominavam a navegação, detinham os melhores instrumentos náuticos e as eficazes embarcações navais. Nesse contexto de dominação dos países da Península Ibérica, um evento foi marcante para a história da América. Tal evento foi a chegada de Cristóvão Colombo, em 1492, o qual muda completamente a geografia e o imaginário europeus. A partir desse evento, a disputa entre Portugal e Espanha ficou mais acirrada, principalmente na região meridional do Brasil, que corresponde à Região Sul.

Ainda no século quinze, um importante acordo foi assinado entre Portugal e Espanha: o Tratado de Tordesilhas. Firmado em 1494, marca, sobremaneira, a disputa entre portugueses e espanhóis pela região platina. Por esse tratado, traçou-se uma linha imaginária a 370 léguas das Ilhas de Cabo Verde, ficando as terras a Leste desse meridiano imaginário pertencendo a Portugal, e a região a Oeste, à Espanha. Em decorrência desse pacto, e de acordo com as coordenadas da época, o atual Estado do Rio Grande do Sul era território espanhol (REICHEL; GUTFREIND, 1996).

No decurso de todo o século dezesseis somente expedições de reconhecimento ou exploratórias chegaram às costas da América do Sul. Pelos portugueses, destacam-se as expedições de Martim e Pero Lopes, em 1531, e a

de Gaspar Viegas, em 1534, que concedeu o nome de Porto ou Barra de São Pedro às terras do sul. Do lado espanhol, é destacada a expedição de Pedro de Mendoza em 1536, responsável pela primeira fundação de Buenos Aires, que foi abandonada em decorrência da pressão dos nativos da região. O século dezessete foi marcado pela intensificação da ocupação da região platina, tanto por portugueses quanto por espanhóis (REICHEL; GUTFREIND, 1996).

Entre os séculos dezesseis e dezessete, as incursões realizadas por espanhóis e portugueses no Rio Grande do Sul tiveram como centro das atenções os indígenas. A primeira, por missões jesuíticas, cujo fim era catequizá-los e ensiná-los, pois, segundo Santos (2006, p. 103), “no espaço colonial missionário, ele aprendeu a domesticar o gado, executou as lides campeiras e colocou a canga no boi para puxar o arado e ampliar os horizontes das lavouras”. Além do êxito na produção, favorecendo a família missionária, o sucesso “socioeconômico se efetivava e as implicações à evangelização do índio se faziam notar”.

A segunda frente de incursão, que chegou ao Rio Grande do Sul foram os bandeirantes paulistas, cujo objetivo era aprisionar o indígena e enviá-lo para outras regiões brasileiras para suprir a falta de mão de obra. Especificamente na região geopolítica Vale do Taquari, na década de 1630, circularam tanto sacerdotes da Companhia de Jesus, entre eles o padre Jiménez, como o bandeirante Raposo Tavares.

A partir do século dezoito a Coroa Portuguesa, com a política de povoamento, segundo Ahlert e Gedoz (2001, p. 22), “implementou a concessão de sesmarias, com o que surgiu no Rio Grande do Sul a propriedade privada, fato que também ocorreu no território de Taquari, pela primeira vez em 1754”. As áreas atingidas eram ao longo do Rio Taquari, em direção ao Norte, nos atuais territórios municipais de Taquari, Bom Retiro do Sul, Estrela e Lajeado. Essas sesmarias, mais tarde, se transformaram em fazendas. Já na região do atual município de Arroio do Meio, a primeira sesmaria foi concedida em 1815. O sesmeiro Ricardo José Villanova<sup>12</sup> recebeu lote de terras, cuja fazenda recebeu o nome de São Caetano, o qual, provavelmente, tenha sido dado pelo próprio sesmeiro, conforme consta em documentação.

## 4.2 Atuação dos jesuítas

Não há comprovação oficial sobre os primeiros europeus que circularam em terras do atual município de Arroio do Meio, mas é bem provável que os primeiros homens vindos da Europa a navegam pelo Rio Taquari tenham sido missionários da Companhia de Jesus (RELLY; MACHADO; SCHNEIDER, 2008).

A Companhia de Jesus foi criada em 1534, na Igreja de Santa Maria, localizada em Montmartre – na França, por sete estudantes da Universidade de Paris. O grupo era formado por Inácio de Loyola, Pedro Fabro, Francisco Xavier,

---

12 A grafia do sobrenome aparece em documentos oficiais de várias formas, Villanova, Vila Nova ou Vilanova. Para esta obra optou-se por “Villanova”.

Alfonso Almeron, Diogo Laynez, Nicolau Bobedilla, todos espanhóis, mais um estudante português, chamado Simão Rodrigues. Em 1537, eles foram ordenados padres pelo bispo de Arbe, na cidade de Veneza, Itália.

Conforme Duffy (1998, p. 167), “os jesuítas se tornariam a mais importante força isolada da Reforma Católica e um dos principais sustentáculos do papado”. Justamente a Companhia foi criada pouco antes da Reforma Católica, a chamada Contrarreforma, movimento reacionário à Reforma Protestante. Para esse autor, “a Igreja ficaria melhor organizada e equipada, seria mais clerical, mais vigilante, mais repressiva, enfim, tornar-se-ia uma instituição mais formidável” (DUFFY, 1998, p. 168).

Para Barnadas (2004, p. 525), a Companhia de Jesus era fruto de um cunho reformador, e com essa intenção foi sua intervenção na América: “procuravam implantar um cristianismo isento de erros que desfiguravam a Fé na Europa. Seu impulso utópico acabou por florescer plenamente no século dezessete, com as chamadas Reduções jesuíticas”. Dentre os jesuítas que vieram para a América, alguns já eram padres, outros apenas “irmãos”.

Em sua maioria tinham alguma formação religiosa. Estudavam teologia, gramática ou latim, ou possuíam conhecimento de algum ofício, como carpinteiro, entretanto, desconheciam as dificuldades, não estavam preparados para a vida dura no novo continente. Segundo Gambini (2002, p. 97), “Inácio de Loyola destacava a obediência e disciplina como sendo as principais virtudes dos soldados de Cristo, cujas vidas deviam ser guiadas pela mística do serviço”. Cada integrante da Companhia deveria “servir”, tornar-se indiferente a todas as coisas criadas, chegando ao limite de não desejar pobreza ou riqueza, nem saúde ou doença, ou vida longa ou breve.

A partir de 1610, a Companhia de Jesus iniciou suas atividades na América do Sul espanhola com a criação das primeiras missões na região abrangida pelos rios Paraná, Paraguai e Paranapanema. No território atualmente pertencente ao Rio Grande do Sul, segundo Kühn (2007, p. 38-40), as missões jesuíticas espanholas podem ser divididas em duas fases:

[...] a primeira de caráter efêmero, durou apenas alguns poucos anos (1626 a 1641). Eram as dezesseis reduções jesuíticas do Uruguai e do Tape, fundada pelos religiosos espanhóis na região compreendida entre os rios Uruguai e Jacuí. [...] A segunda fase das missões jesuíticas foi a que deixou traços mais duradouros na formação sul-rio-grandense. Nessa fase, foram criados os Sete Povos das Missões entre 1682 a 1706.

Em 1635, segundo as Cartas Ânua<sup>13</sup>, surgem os primeiros indicativos da atuação dos jesuítas espanhóis no Vale do Taquari, RS (CORTESÃO, 1969). Os jesuítas fundaram, em 1633, a Redução de Santa Teresa, conhecida como Santa Teresa de Los Pinãles ou Curití, localizada nas nascentes do Rio Passo Fundo, antigo Uruguai-Mirim (PORTO, 1954), nas proximidades da contemporânea Passo Fundo. Assim, em 03 de janeiro de 1635, os padres jesuítas Francisco

13 Cartas Ânua são os registros que os jesuítas faziam de suas expedições pela América, e, consequentemente, pelo Vale do Taquari.

Jiménez e João Suárez partem da Redução de Santa Teresa, em uma expedição para terras da região do Rio Taquari, com o objetivo de fazer contato com grupos indígenas. Na época, o rio era chamado de Tebicuari (CORTESÃO, 1969). Não há uma precisão em relação aos locais visitados pelos jesuítas, sendo assim, pode-se supor que a região do atual município de Arroio do Meio fez parte desse circuito.

Durante a expedição pela região, os jesuítas mantiveram contato com os indígenas Guarani e, segundo o padre Francisco Jiménez, parte dos índios teria solicitado ao religioso que fosse fundada uma redução. Porém, o padre teria dito que não havia possibilidade e pediu aos indígenas que migrassem para alguma redução já construída. É importante perceber que nem todos os indígenas estavam dispostos a se converter ao cristianismo ou a fazerem parte de uma redução, ou seja, haviam os contrários à civilização europeia. Na região do Vale do Taquari, a Companhia de Jesus não fundou nenhuma redução, sendo que a mais próxima, a Redução de Jesus Maria, foi erguida no atual município de Candelária (CORTESÃO, 1969; KREUTZ, et. al, 2018).

Segundo Porto (1954), outro jesuíta que explorou o Vale do Taquari, provavelmente na mesma época, em 1635, foi o Padre Cristóvão de Mendoza, que estava na redução de Jesus Maria. Fundada em 1633, a redução se localizava na margem direita do Rio Pardo, aproximadamente 25 quilômetros acima da foz do Rio Pardo. A partir dessa redução, o padre Cristóvão de Mendoza explorou por diversas vezes a região da bacia do Rio Taquari. O padre tinha como propósito a ampliação das reduções além do Vale do Rio Pardo – no mínimo três -, impondo uma resistência maior frente aos bandeirantes. Mendoza faleceu em 26 de abril de 1635, nas proximidades do Rio Piaí, município de Caxias do Sul, vítima de uma emboscada dos índios Guarani. Devido a sua morte e à presença dos bandeirantes, a ideia da criação dessas reduções ficou inviabilizada (PORTO, 1954).

Segundo Relly, Machado e Schneider (2008), a morte do padre Mendoza colocou o Vale do Taquari em sobressalto e preparou o “terreno” para a ação dos bandeirantes. Os nativos reduzidos em Jesus Maria, com o auxílio dos indígenas da redução de São Miguel<sup>14</sup>, resolveram vingar a morte do padre e buscar o corpo do religioso. Conforme Cortesão (1969), em maio de 1635 houve o embate com os indígenas não-catequizados da região do Ibiá. O conflito resultou na vitória dos nativos reduzidos, bem como na recuperação do corpo de Mendoza.

O episódio fez com que os indígenas derrotados (não-catequizados), que recusavam a presença dos padres na região e sua doutrinação, liderados pelos feiticeiros, se reunissem na região que Porto (1954) chama de Taiaçuapé para tramar a expulsão definitiva dos religiosos, assim como todos os seus simpatizantes. Para o autor, a região seria o que é hoje a cidade de Colinas/RS. Segundo Relly, Machado e Schneider (2008, p. 37), os índios que lutaram a favor do resgate do Padre Mendoza foram ao encontro do Taiaçuapé. “Lá buscaram

---

14 A redução de São Miguel foi fundada em 1632, pelo padre Cristóvão de Mendoza (Bruxel, 1987).

intimidar os feiticeiros, que lideravam os índios não catequizados e que, por meio de mecanismos inerentes a sua cultura profetizaram maldições sobre os jesuítas e as ideias religiosas que eles traziam”. Pouco depois da tentativa de intimidação, os índios não-catequizados planejaram atacar as reduções de Jesus Maria, São Cristóvão e São Joaquim. A primeira a ser atacada foi Jesus Maria, sendo vitoriosos os indígenas aldeados. O combate se deu às margens do Rio Pardinho (WEIRICH, 2006, RELLY; MACHADO; SCHNEIDER, 2008).

Becker (1992) afirma que o embate não se concretizou. Conforme a autora (1992, p. 51),

Depois da morte do Pe. Cristóbal de Mendonza os índios resolveram atacar as reduções de Santa Ana, San Cristóbal e Jesús Maria, usando para isso uma estratégia de ataque simultâneo, buscando impedir que um povoado socorresse o outro. Contavam também com o auxílio de índios infieis, dentro dos povoados, que dissimulariam a chegada dos atacantes.

O ataque não teve êxito, pois o plano foi revelado previamente por um cacique convertido, chamado Antônio, da região da Redução de Jesus Maria. Aqueles indígenas não convertidos, guiados por caciques e pajés, não só procuravam resistir à Missão, como igualmente impedir o avanço ou o resultado já obtido pelos religiosos (BECKER, 1992).

Em razão dos acontecimentos ocorridos no território do atual município de Colinas, inicialmente indígenas e jesuítas, e mais tarde bandeirantes, o local pode ter sido um entreposto de escravos indígenas mantido por algumas lideranças indígenas, entre elas, Parapopi. Em 1636, o sertanista Antônio Raposo Tavares chefiava uma bandeira que justamente se dirigiu a Colinas para erguer seu acampamento.

Conforme Relly, Machado e Schneider (2008, p. 43), ao contrário do que se pensava, as sociedades indígenas fizeram uso de estratégias com o objetivo de manter sua cultura e seu modo de vida. “A situação talvez se apresentasse da seguinte maneira: escravidão e morte como os bandeirantes ou vida e escravidão com os jesuítas”. Apesar da violência cultural e dos interesses nada humanitários dos jesuítas, a vida das sociedades indígenas foi defendida pelos religiosos. Para os autores, “Não por acaso, muitos índios resolveram se aldear nas Missões para que estivessem mais bem protegidos em relação aos ataques bandeirantes”.

Assim, a partir de meados da década de 1630, os bandeirantes, vindos da Vila de São Paulo, promovem, em um curto espaço de tempo, um enorme *déficit* populacional nas sociedades indígenas radicadas em terras do atual Estado do Rio Grande do Sul, em especial a Guarani.

### 4.3 Os bandeirantes

A necessidade de mão de obra para o trabalho nas capitâncias hereditárias<sup>15</sup>, localizadas nas regiões Sudeste e Nordeste do Brasil, especializadas no cultivo

15 Sistema de colonização que dividia o território brasileiro em lotes de terras posto em prática pelo governo português no século XVI (AZEVEDO, 1999).

de trigo e cana-de-açúcar, respectivamente, motivou grupos a se especializarem no aprisionamento de indígenas. Essas campanhas pelo interior brasileiro se chamavam bandeiras. Organizadas entre os séculos dezesseis e dezoito, segundo Azevedo (1999, p. 56),

O aprisionamento do índio constitui o fator inicial do bandeirantismo. Ao lado da caça ao índio, as bandeiras procuravam metais preciosos e delas resultou a descoberta do ouro, ao findar do século XVI. Bandeiras houve de vários tipos integradas por brasileiros e estrangeiros, brancos, negros e mamelucos, grandes e pequenas, percorrendo curtos ou longos trajetos. Todas com fins econômicos.

Com a invasão e a ocupação holandesa no litoral do Nordeste do Brasil, e do litoral da África, o comércio de escravos africanos, realizado por portugueses, ficou inviabilizado, tendo que ser substituído pela mão de obra indígena. Isso motivou os bandeirantes a avançar no aprisionamento indígena (PESAVENTO, 2002). A partir do século dezessete, o Vale do Taquari, RS, testemunhou a chegada dos bandeirantes visando à captura daqueles.

Na busca de indígenas para o trabalho nas capitânicas portuguesas, como a de São Vicente e outras localizadas no Nordeste, os bandeirantes fixaram-se inicialmente nas regiões mais próximas a São Paulo de Piratininga (atual cidade de São Paulo), e, mais tarde, avançaram por terras pertencentes à Colônia Espanhola, como na região de Itatins e Guairá, na margem esquerda do Rio Paraná, fixando a captura nas reduções jesuítas. A preferência dos bandeirantes por esses aldeamentos era óbvia, pois os indígenas já estavam adestrados ao trabalho na lavoura. Além disso, estavam concentrados em um lugar, facilitando a captura.

A partir de 1618 os bandeirantes escravizaram cerca de 20.000 indígenas do Guairá. Com o ataque, os jesuítas foram obrigados a migrarem para o Sul e se “localizaram entre as bacias do rio Paraná e Uruguai, à direita do Rio Uruguai, na atual Argentina” (SANTOS, 2006, p.108). Na margem esquerda do Rio Uruguai, nas bacias dos rios Ibicuí, Jacuí e Ijuí, os padres instalaram as reduções do Tape (SANTOS, 2006). Conforme Pesavento (2002, p. 8), “esta área estendia-se pela bacia do Jacuí, limitando-se, por um lado, com os contrafortes das Serras do Mar e Geral e com o Rio Uruguai, por outro”.

Os bandeirantes, em busca da mão de obra, fizeram semelhante caminho, expandindo suas atuações para a região meridional do Brasil. Em 1636 a região do Vale do Taquari, onde se insere Arroio do Meio, entra em cena com a chegada de Antônio Raposo Tavares. O sertanista teria montado seu acampamento próximo ao centro da atual cidade de Colinas, nas margens do Rio Taquari. A partir desse ponto, Tavares e seus homens teriam partido em grupos para aprisionar indígenas situados nos assentamentos nas áreas florestais do Vale do Taquari (RELLY; MACHADO; SCHNEIDER, 2008), entre elas, a área do atual município de Arroio do Meio.

De Colinas, Tavares teria atacado os indígenas ribeirinhos do Rio Taquari e afluentes. Nesse sentido, inclui-se toda a extensão que o rio percorre

no atual município de Arroio do Meio, bem como seus afluentes, entre eles, o Forqueta. Em dezembro de 1636, o bandeirante avançou contra a Redução Jesus Maria. Mesmo tendo encontrado alguma resistência indígena, “que utilizavam preparativos bélicos realizados pelos jesuítas”, Raposo Tavares aprisionou considerável número de indígenas (RELLY; MACHADO; SCHNEIDER, 2008, p. 39). Após o ataque à Redução Jesus Maria, Tavares e seus homens se dirigiram para as reduções de São Joaquim e São Cristóvão (FIGURA 30). Antes de voltar para São Paulo, Raposo Tavares permaneceu em Colinas, por cerca de quatro meses (WEIRICH, 2006).

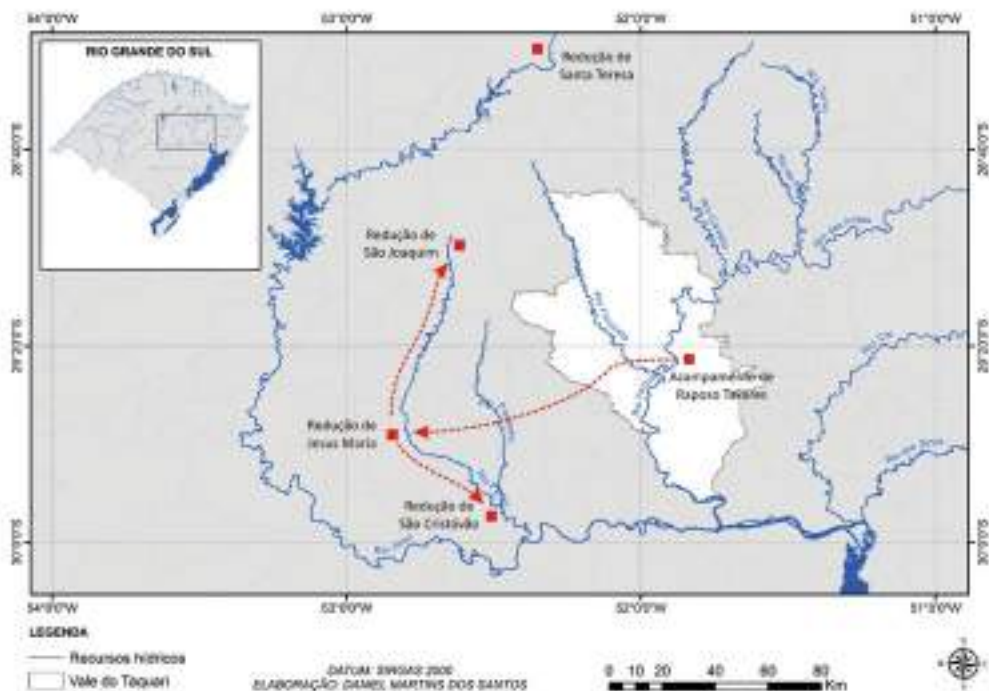


FIGURA 30: Mapa hipotético da movimentação de Antônio Raposo Tavares no século 17  
Fonte: Kreutz (2015).

Em 1637, mais uma bandeira passa pelo Vale do Taquari. A expedição teria sido chefiada pelo bandeirante Francisco Bueno, entretanto, Bueno faleceu, assumindo, então, André Fernandes. Este teria montado seu acampamento no local anteriormente ocupado por Raposo Tavares. Conforme Relly, Machado e Schneider (2008, p. 39), o bandeirante, “ao que tudo indica, utilizou-se das relações assentadas entre os paulistas e os índios locais, havendo menções inclusive da utilização das ‘paliçadas’ construídas por Raposo Tavares”. Além da sua atuação no Vale do Taquari, André Fernandes atacou a Redução de Santa Teresa e outras reduções próximas do Rio Ijuí.

Depois dos ataques dos bandeirantes paulistas às reduções do Rio Grande do Sul, entre meados da década de 1630 e princípio da década de 1640, estas são destruídas. Uma vez destruídas, foram abandonadas, e os jesuítas passaram para

a margem direita do Rio Uruguai, encerrando o primeiro ciclo de ocupação da Companhia de Jesus no Rio Grande do Sul.

Segundo Weirich (2006), outras incursões bandeirantes estiveram no Rio Grande do Sul, porém, há uma carência de fontes documentais. Portanto, pouco se sabe sobre elas. Os bandeirantes também começaram a explorar as regiões localizadas ao centro do Brasil, como os estados de Goiás e Minas Gerais em busca de metais preciosos.

#### 4.4 As sesmarias

A colonização e a apropriação de terras da área do atual município de Arroio do Meio por imigrantes europeus e seus descendentes ocorreram no início do século dezenove. Entretanto, o processo de ocupação europeia da região geopolítica do Vale do Taquari, RS, deu-se a partir de meados do século dezoito. Taquari, na época conhecida como São José de Taquari, abrangia as margens do rio de igual nome. Foi o primeiro município do Vale a receber imigrantes europeus, açorianos, em 1754.

Para se chegar até a colonização açoriana em Taquari, deve-se retornar alguns anos. Para compreender a instalação desses colonos no Vale, a questão passa pela disputa do atual território do Rio Grande do Sul e suas adjacências por portugueses e espanhóis.

Entre as disputas e assinaturas de acordos, o Tratado de Madri tem uma relevância maior. O Tratado foi assinado entre Portugal e Espanha em 1750. Pelo pacto, entre outros dispositivos, os portugueses devolviam a Colônia de Sacramento, no Uruguai, para a Espanha, e, em contrapartida, os espanhóis cederiam o território onde se localizavam os Sete Povos das Missões, no Rio Grande do Sul.

Na medida em que o Tratado de Madri foi assinado, a Coroa portuguesa, sob administração do governador do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, ordena a nova demarcação dos limites do território que passa a fazer parte de Portugal, bem como iniciam-se os preparativos para a remoção das aldeias jesuíticas da margem oriental do Rio Uruguai (OSÓRIO, 2015). Nesse contexto, em 1751, o governador ordenou a construção de um forte a caminho das Missões. Situado na margem esquerda do Rio Jacuí, foi batizado com o nome de Jesus, Maria, José (VOGT; ROMERO, 2010; OSÓRIO, 2015).

A construção do Forte Jesus, Maria, José, com o aquartelamento dos Dragões, deu origem à fundação essencialmente militar de Rio Pardo. Segundo Vogt e Romero (2010, p. 19), “O forte e, por consequência, o povoado que se formou em seu entorno estavam em posição estratégica. O local elevado permitia ampla visão dos arredores”. Na época, era o ponto mais extremo dos portugueses em direção às Missões (VOGT; ROMERO, 2010). Em 1762 foi elevado à categoria de Freguesia Nossa Senhora do Rosário do Rio Pardo (OSÓRIO, 2015).

Na margem do mesmo rio, local igualmente escolhido pela posição estratégica, Portugal estabeleceu armazéns reais para apetrechos de guerra,

alimentos, vestimentas, entre outros. Produtos que abasteciam os exércitos portugueses nas incursões às missões. Anos mais tarde, em 1773, o local foi elevado à Freguesia de Santo Amaro<sup>16</sup> (CHRISTILLINO, 2004; OSÓRIO, 2015).

O Governador da Capitania do Rio de Janeiro, Gomes Freire de Andrade, cria o povoado que receberia o nome de São José de Taquari, em virtude das mesmas questões estratégicas e de ocupação. Localizado na margem esquerda do Rio Taquari, o processo de ocupação lusitana na região se iniciou com a doação de sesmarias. Em 1754, o governador concedeu as primeiras sesmarias de terras a Francisco Xavier de Azambuja, Pedro Lopes Soares e Antônio Brito Leme (CHRISTILLINO, 2004).

A colonização dessas terras estava ligada com o avanço das tropas espanholas no Rio Grande do Sul, pois sua posição geográfica era favorável, uma vez que a região possibilitaria acesso espanhol a Rio Pardo. Segundo Christillino (2004), os inimigos platinos descobriram um ponto nevrálgico da defesa de Rio Pardo: a possibilidade de incursão pelas áreas serranas da então São José de Taquari.

Sendo assim, segundo Christillino (2004, p. 26), em determinado momento, as tropas estabelecidas em Taquari combateram castelhanos em curso de viagem. Portanto,

Isto, além de mostrar a importância estratégica da região para a proteção militar de Rio Pardo, alertou o governo português à necessidade de povoar mais densamente àquela região, pois somente as doações de sesmarias não iriam resolver o problema.

Nesse sentido, outro fator que contribuiu para o desenvolvimento e o adensamento populacional de Taquari foi a Guerra Guaranítica<sup>17</sup> desencadeada a partir do Tratado de Madri, pactuado entre Portugal e Espanha. Pelo acordo, os imigrantes açorianos deveriam ser assentados na região das Missões, entretanto, em virtude do conflito, não foram assentados rapidamente; e, nessa espera, os colonos foram transportados para Viamão, Porto Alegre, Rio Pardo, Santo Amaro e Taquari (KÜHN, 2007). Nesse contexto, em 1754 é que imigrantes açorianos são instalados às margens do Rio Taquari (FLORES, 1986). Com isso, o governo português preenchia uma lacuna, um vazio demográfico na região do Vale do Taquari, RS, colocando definitivamente o atual município de Arroio do Meio nesse processo.

Para as autoridades portuguesas, a região do Vale do Taquari, e consequentemente Arroio do Meio, estava despovoada, pois não havia “súditos da Coroa” fixados na terra. Para eles, não existiam grupos humanos “ligados aos interesses portugueses” (RELLY; MACHADO; SCHNEIDER, 2008, p. 47).

---

16 Santo Amaro é atualmente (2019), distrito do município de General Câmara.

17 Segundo Golin (2011, p. 1) “A Guerra Guaranítica (1753-1756) foi o evento bélico deflagrado pelo levante dos índios rebeldes contra os demarcadores e exércitos de Espanha e Portugal. Motivou-se pela rejeição de seis cabildos situados a oriente do rio Uruguai, caciques de Misiones e jesuítas, ao contestarem cláusulas do Tratado de Madri (1750). A causa principal foi a previsão de permuta dos Sete Povos (espanhol) pela Colônia do Sacramento (português)”.

Porém, conforme Christillino (2004), o Vale do Taquari estava povoado por populações indígenas e marginais sociais, como foragidos da Justiça Portuguesa e Espanhola, criminosos, desertores dos grupos armados liderados pelos estancieiros-militares, escravos, tropeiros, descendentes das antigas bandeiras, entre outros. Essa população tinha como meios de subsistência a extração da erva-mate e a derrubada de madeira, gerando receita para a sua manutenção.

Concluindo, o objetivo de colonizar o Vale do Taquari e a fundação do povoado de São José do Taquari corresponderam ao projeto e às necessidades da Coroa Portuguesa de ocupar esses espaços, afirmando a posse do território e a presença em áreas do interior. Os imigrantes açorianos e os colonos brasileiros instalados desenvolveram a triticultura utilizando a mão de obra escrava (CHRISTILLINO, 2004).

A vinda dos açorianos “inaugurou uma nova fase do aproveitamento do solo sul-riograndense, através de sua ocupação com pequenas propriedades agrícolas”, sendo o trigo uma das principais culturas produzidas. Esses imigrantes, “a partir de 1770, conseguiram prosperar, adquirindo um ou poucos escravos e requerendo sesmarias” (CARVALHO, 2002, p. 52).

Até 1850, o povoamento foi significativo apenas na parte Sul do Vale do Taquari. Posteriormente, segundo Ahlert e Gedoz (2001, p. 50),

[...] estabeleceu-se na região um expressivo setor de negócios imobiliários privados, mediante a transferência de terras dos antigos proprietários para empreendedores, que organizavam o loteamento e a venda de terras para os colonos, sob a supervisão dos governos provinciais. O estabelecimento de colonos, como pequenos proprietários na região – primeiro de alemães ou filho de colonos dessa origem desde 1853, e, depois, de italianos, no início dos anos 80 – veio a modificar profundamente seu panorama demográfico, determinando, com isso, a ocupação de sua parte norte, até então habitada por posseiros e índios. As propriedades coloniais na região dedicaram-se à produção de subsistência (lavoura e criação), mas desde cedo geraram excedentes, face à necessidade de pagar dívidas com a compra de terras.

As primeiras fazendas que se estabeleceram na região situada mais ao centro do Vale, na primeira metade do século dezenove, foram: Boa Vista, hoje município de Estrela; Conventos Velho, atualmente Carneiros ou Lajeado; Demanda e São Gabriel, atualmente Cruzeiro do Sul; São Caetano, hoje Arroio do Meio; e Santo Antônio e Beija-Flor, localizadas na atual Colinas (AHLERT; GEDOZ, 2001).

Em Arroio do Meio, o primeiro pedido de sesmaria foi requerido por Ricardo José Villanova em março de 1815. No documento o sesmeiro argumentava não possuir terras para seus empreendimentos, ficando na dependência de arrendamentos para o desenvolvimento de suas atividades econômicas localizadas em Triunfo (Concessão de Sesmaria, 1815, AHRS).

Morador da freguesia de Triunfo, Ricardo José Villanova concentrava suas atividades na agricultura comercial e de subsistência, bem como no corte da madeira. O fato de Villanova afirmar não ser dono de terras e o desejo de possuir títulos legais de propriedade não invalida a ideia de se tratar de um indivíduo

desprovido de riqueza, pelo contrário, o sucesso de seus negócios habilitava-o a requerer a sesmaria (RELLY; MACHADO; SCHNEIDER, 2008).

Villanova solicitava às autoridades, em Porto Alegre, a concessão de um lote de terras na margem esquerda do Rio Taquari, conforme consta em ofício<sup>18</sup> encaminhado (Concessão de Sesmarias, 1815, AHRS):

Diz Ricardo José Villanova morador na Freguesia do Senhor Bom Jesus do Triunfo. Casado que não tem tido lhe appresente data alguma de terra por [*ilegivel*] ou compra que tenha feito em aqual se possa ter estabelecido e feito plantacções sem que fosse por meio de arrendamento como lhe approva[?] e tem a contefido[?] por que se acha hum terreno devoluto cito na margem do rio Taquari qual feas frente e divisa pello Sul com o arroio da forqueta pello Leste com o rio Taquari pello Norte e o Este com o Certão da Serra Geral.

Pelo documento, Villanova recebeu terras no atual território de Arroio do Meio, porém, de acordo com a demarcação do lote que consta na doação da sesmaria, os limites da propriedade do sesmeiro são ambíguos. Como a sesmaria fazia divisa ao sul com Rio Forqueta e a leste com o Rio Taquari, supõe-se que ela se localizava onde hoje se encontra a sede do município, bem como área seguindo no sentido norte/nordeste.

Segundo Christillino (2010), no período em que a Coroa Portuguesa concedeu as sesmarias, juristas da época suspeitam que o motivo de os limites dos lotes serem imprecisos era para que os colonos brigassem entre si pelas divisas de suas terras, e não com a coroa.

Na concessão da sesmaria deferida pelo Marquês do Alegrete em 12 de janeiro de 1816, para Ricardo José Villanova desenvolver suas atividades econômicas, especialmente a agricultura, o documento não esclarece qual o tamanho da área, apenas faz menção a “hum terreno devoluto cito na margem do rio Taquari” (FIGURA 31) (Concessão de Sesmarias, 1815, AHRS).

---

18 As citações de documentos como Escrituras de Compra e Venda, Contratos, Livros Tombo, Correspondências, entre outros, foram transcritas a partir de documentos originais e de acordo com sua redação. Nestas transcrições não foram realizadas correções ortográficas.

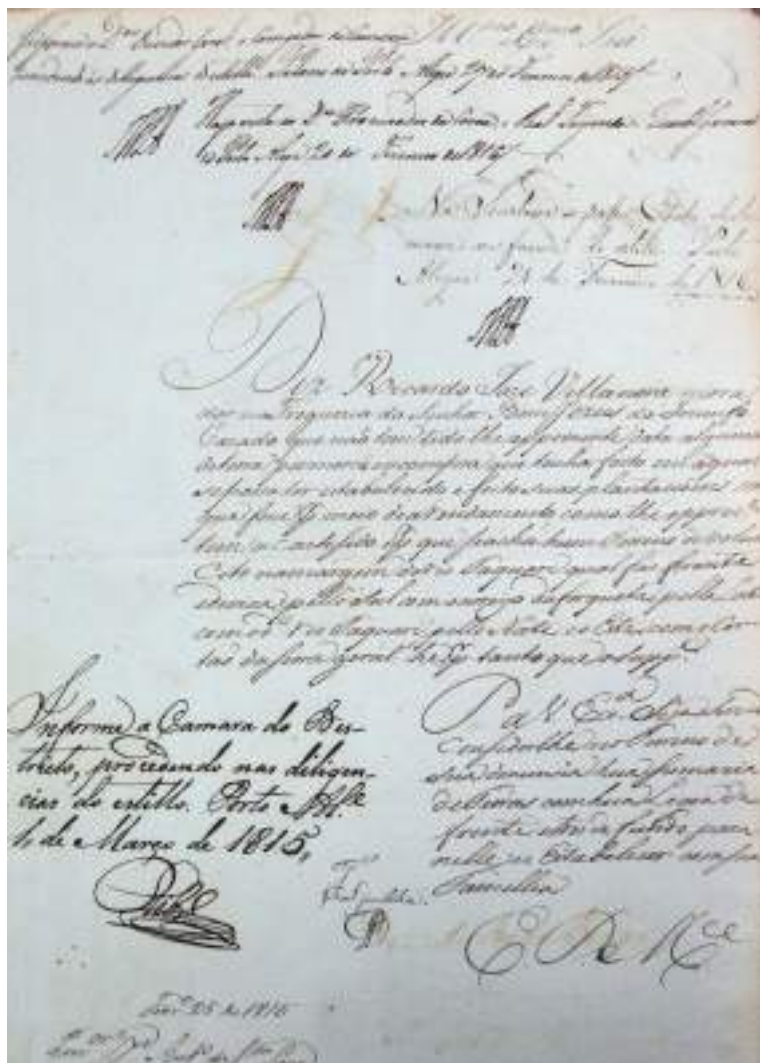


FIGURA 31: Documento de Escritura concedendo a sesmaria a Villanova, 1816  
Fonte: Acervo do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (2010).

Uma segunda doação de terras teria sido feita a Bernardo Joaquim da Silva no território do atual município de Arroio do Meio, conforme consta na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros editada pelo IBGE. Este instituto cita como fonte para tal informação a obra de Dante de Laytano, “Taquari e a história documental de sua fundação”.

Os documentos oficiais sobre a distribuição de sesmarias, disponíveis no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, em nome de Bernardo Joaquim da Silva, morador da Freguesia de Triunfo, solicitavam, no entanto, a concessão de um lote de terras na região, uma vez que consta no ofício que o requerente já “tem feito rossaz nos matoz da Serra de Taquary”. Porém, os limites são imprecisos e ambíguos, gerando dúvida se o lote de terras realmente situava-se no atual município de Arroio do Meio. O documento registra:

Diz Bernardo Joaquim da S<sup>a</sup> do Distrito da Freguesia do Triunpho que ele tem feito rossaz nos matoz da Serra de Taquary do lado oriental do mesmo Rio, em [ilegível] ao Salto em hum terreno que qual se tem meya legoa de frente que se divide pelo Oeste com o [ilegível] Ricardo Jose Villanova, pelo Leste com o Salto do Rio Taquary, pelo Sul dividindose[?]com o Rio, e pelo Norte com o Sertão vindo assim acompanhar meya legoa de largo defrente e huma pela[?] Serra entrando pelo Certão inculto (Concessão de Sesmaria, 1817, AHRS).

Como se percebe, o texto causa dúvida quanto à localização. Pode-se subentender que o lote está inserido em território de Arroio do Meio, ou distritos emancipados deste, pelo fato de a propriedade fazer divisa com as terras de Ricardo José Villanova. Porém, é prematuro fazer essa hipótese. Para tanto, não se considera essa doação recebida por Bernardo Joaquim da Silva no território de Arroio do Meio, até porque nos documentos de desmembramentos e vendas de lotes de terras da Fazenda São Caetano não consta o nome de Bernardino Joaquim da Silva. No futuro, a descoberta de outros documentos e registros históricos pode sanar tal dúvida.

Posto isso, em 1816 é registrado o primeiro documento oficial de posse legal de terras, no atual município de Arroio do Meio, mesmo que o local já estivesse sendo ocupado por um contingente populacional de pessoas tidas como marginais sociais. De posse dessa área, Villanova começa a negociar a terra com nova população, descendentes de imigrantes portugueses, bem como imigrantes alemães.

A Fazenda São Caetano começa a ser fragmentada no momento em que Ricardo José Villanova vende uma área para Francisco Silvestre Ribeiro. Em 15 de outubro de 1844, Villanova vende “uma data de terra na fazenda denominada São Caetano, de meia legua em quadro de Mattos” (Autos de medição das terras, 1844, fl. 6L, AHRS), para Ribeiro. Na realidade, essa área pertencia ao filho de Ricardo, Antonio de Azambuja Villanova, mas, como ele era menor de idade na época, não pôde assinar a escritura. Sendo assim, para que ele não ficasse sem terras, comprou uma área no lado oposto do Rio Taquari, na Fazenda Boa Vista, pertencente a Antonio Joaquim da Silva.

Francisco Silvestre Ribeiro era casado com Anna de Oliveira Salazar Ribeiro. Com a morte de Francisco, por volta de 1850 (não há confirmação da data), as terras são herdadas pelos filhos e genros do casal. Além da área adquirida, ele teria recebido também terras do governo, conforme consta no registro que a viúva faz em 15 de julho de 1856, em Santo Amaro. A viúva declara que o “finado marido obteve por concessão do Governo da Fazenda da mesma denominada São Caetano na margem direita do rio Taquary para o arroio Jacaré [...]” (Registro Paroquial de Santo Amaro, 1856, APERS). Nesse caso, não se trata de doação de sesmaria, pois esse tipo de doação perdurou somente até 1820 (AZEVEDO, 1999). Uma hipótese sobre essas terras é que o Capitão Francisco Silvestre Ribeiro, como era chamado, poderia ter prestado serviço ao governo ou participado de alguma guerra e como prêmio tê-las recebido.

Mais tarde, em 28 de março de 1859, na casa da viúva Anna de Oliveira Salazar Ribeiro, comparece Antônio Fialho de Vargas, que adquire uma área de terras dos lotes dos referidos herdeiros, conforme consta no (LIVRO..., 1874, fl 21, APERS):

[...] Saibão quantos virem o presente instrumento de Escripura de venda que no anno de Nascimento de Nosso Senhor Jessus Christo de mil oito centos cincoenta e nove, aos vinte e oito dias do mes de março do dito anno, nesta Villa de Taquary em as casa de D. Anna Salazar Ribeiro, onde eu Tabelião vim, [ilegível] ali presentes as partes a vindas a ajustar de uma como vendedores O Capitão Tristão de Souza e Avila e sua mulher Maria [ilegível] Ribeiro, Joaquim de Asambuja Villa Nova e sua mulher Maria Theresa[?] Villa Nova, Maria Luisa Ribeiro – Maria Emilia Ribeiro, e Maria Patricia Ribeiro, e Comprador Antonio Filho de Vargas. Todos reconhecidos de mim e das testemunhas no fim assignadas: perante as quaes pelos vendedores me foi dito tinhão contractado vender como vendido tem de hoje para sempre ao comprador Antonio Fialho de Vargas os quinhões que cada um possuem na Fasenda denominada São caetano, sita na margem direita do rio Taquary, os quaes quinhãos eles contam[?] herança de seo falecido pai e sogro Francisco[?] Silvestre Ribeiro [...].

Poucos dias depois, Antônio Fialho de Vargas adquire a parte da herança de Francisco da Silva Ribeiro que cabia a Maria, casada com José Rodrigues da Silva. Em 29 de abril de 1859, o casal faz a venda de terras conforme consta no trecho a seguir da escritura (LIVRO..., 1874, fl 33v, APERS):

Escripura de venda que fasem José Rodrigues da Silva e sua mulher a Antonio fialho de Vargas como se vai declarar.  
Saibão quantos este publico instrumento de escriptura publica virem que no anno do Nascimento de Nosso senhor Jesus Christo de mil oito centos cincoenta e nove, aos vinte nove dias do mes de Abril em meu Cartorio nesta Villa de Taquary aparecerão presentes partes vindas [ilegível] de uma como vendedores José Rodrigues da Silva e sua mulher Maria [ilegível] da Silva, e como comprador Antonio Fialho de Vargas, todas reconhecidas de mim e das testemunhas no fim assignadas. Ali, presente estas pelo vendedor dito que tinhão contratado vender, como vendido [ilegível] de hoje para sempre ao comprador Antonio Fialho de Vargas um quinhão de terras de mattos sito na Fasenda denominada São Caetano, no Distrito de Santo Amaro, cujo quinhão coube em legitimo no Inventario procedido por falecimento de seu pai Francisco Silvestre Ribeiro [ilegível] e quantia entre estes ajustado livre de sisa, de dusesentos mil reis, cuja quantia já tendo recebido dão ao comprador plena e geral quitação para [ilegível] ali ser pedida por si [...].

Nesse momento, a imigração alemã se expandia em direção ao município. Companhias de colonização e homens de negócios estavam adquirindo fazendas para a fundação de colônias particulares de imigração, como a Schilling e Cia, André Oliveira Bello e Antônio Fialho de Vargas. Este último declarou mais de 15 mil hectares de terras no “Alto Taquari”, a maior extensão dos registros paroquiais. Sua propriedade era uma verdadeira “colcha de retalhos”, uma vez que o colonizador adquiriu várias concessões e heranças (CHRISTILLINO, 2010).

Em 15 de abril de 1859, Anna de Oliveira Salazar Ribeiro faz um contrato de arrendamento com o seu filho Tenente Custódio Silvestre Ribeiro. O contrato determina que a viúva loca parte da fazenda por um período de seis anos, como consta no fragmento da escritura (LIVRO..., 1874, fl. 28, APERS) a seguir:

[...] és a senhora possuidora de uma fazenda denominada São Caetano com casas de moradia e de atafona e com engenho de canas tendo regularmente montado atafona de faser farinha [*ilegível*] cuja fazenda se acha hoje, depois de inventariada, com duas mil dussentas e cincoenta braças mais ou menos de frente ao rio a rumo[?] de Sul, mil e quinhentas de fundos a runo de Norte e Oeste devidesi[?] com terras devoluta, e pela parte de Oeste se divide com o herdeiro o Capitão José Silvestre Ribeiro e pelo Leste com Antonio Fialho de Vargas pela compra que fes a varios herdeiros do casal eda mesma fazenda, e da qual fazenda de a dita proprietaria faria arrendamento a seu dito filho o Tenente Custodio Silvestre Ribeiro, pelo espaço de seis annos [...].

O contrato foi desfeito, porém, em 07 de março de 1860, mesmo dia em que a viúva vende e passa a escritura da venda de uma área ao imigrante alemão João Gerhardt.

Os herdeiros de Francisco Silvestre Ribeiro não se desfazem de uma única vez das terras, mas sim vão vendendo-as aos poucos.

Até o final da década de 1850, Antonio Israel Ribeiro, Antonio Fialho de Vargas e os membros da família Azambuja ainda adquiriam terras na região para formarem as suas colônias. Todavia, na década de 1860, os fazendeiros Antonio Israel Ribeiro, Antonio Fialho de Vargas, Primórdio Centeno de Azambuja, Rafael Centeno de Azambuja e Antonio Joaquim da Silva Mariante comercializaram uma boa parte de suas terras a colonos imigrantes e aos seus descendentes. Antonio Fialho de Vargas foi o maior colonizador desse período e, logo após a comercialização parcial das colônias Carneiros e Conventos, reinvestiu seu capital em novas áreas para a colonização, especialmente nas terras em que criou a Colônia Arroio do Meio. As famílias dos fazendeiros de Taquari logo ingressaram no comércio de terras e procuraram garantir a compra ou a apropriação de terras colonizáveis para a formação de uma espécie de “reserva de mercado” nessa lucrativa atividade (CHRISTILLINO, 2010, p. 171).

Este capítulo abordou os primeiros europeus, portugueses, espanhóis e luso-brasileiros que circularam pelo atual território do município. A partir do início do século dezenove, com a distribuição das sesmarias, Arroio do Meio começou a receber pessoas na condição de escravizados africanos e seus descendentes para o trabalho na lavoura.

## Capítulo 5 – Os afro-brasileiros

A presença afro-brasileira em Arroio do Meio e no Vale do Taquari está ligada ao período da concessão de sesmarias e do estabelecimento das grandes fazendas. Os proprietários dessas terras e fazendas possuíam indivíduos escravizados de origem africanos que conduziam a vida nesses locais, com plantações para consumo próprio, venda do excedente e manutenção da propriedade. Pode-se dizer, inclusive, que eram alguns estavam na condição de escravos e trabalhadores das fazendas que efetivamente comprovavam a ocupação das terras, pois nem sempre os proprietários se mudavam para ocupar os seus domínios territoriais, permanecendo em núcleos populacionais maiores e com mais estrutura.

Segundo Pires (2016), dialogar sobre o processo de escravidão no Rio Grande do Sul ainda pode causar estranheza, por associar o uso dessa mão de obra quase unicamente ao contexto das grandes lavouras e charqueadas. Com o estudo da escravidão, como processo histórico e utilização de determinadas fontes, é possível aprender sobre a participação dos africanos escravizados na construção da história das cidades do Vale do Taquari.

Entre as fontes que contam um período tão “triste” da história, a pesquisadora cita o jornal *O Taquaryense*, de Taquari. O jornal foi fundado em finais do século dezenove, em 1887, quando ainda existia o regime escravocrata no Brasil. Para Pires (2016, p. 15),

O jornal *O Taquaryense*, que demonstraram muitos elementos para a discussão da escravidão, possibilitando conhecer alguns acontecimentos dos municípios antes destacados e que fizeram uso do trabalho escravizado, como estes estavam se envolvendo com o movimento abolicionista. Já os documentos de compra e venda de escravos, cartas de liberdade, inventários e processos-crime possibilitaram o conhecimento de uma série de dados inéditos que, até então, não tinham sido explorados e colocados em debate.

O indivíduo na condição de escravizado teve um papel importante, não só na questão econômica, mas na formação cultural do atual Estado do Rio Grande do Sul e do município de Arroio do Meio. Os africanos não chegaram por sua vontade para a região em finais do século dezoito e ao longo do século dezenove, tendo em vista que vieram na condição de pessoas não livres. Mesmo assim, deixaram profundas raízes culturais, visto que hoje comunidades remanescentes ainda cultivam sua cultura, que passa de geração para geração.

Os africanos escravizados que chegaram ao Brasil a partir do século dezesseis eram de diferentes etnias e de diversos locais da África. Essas populações foram arrancadas do continente para servirem de mão de obra forçada para várias funções, do Sul ao Norte do Brasil. Inúmeras caravelas fizeram a travessia do Atlântico em direção à América. Estima-se que cerca de mais de 9 milhões e meio de africanos foram trazidos para a América (MATTOSO, 1982). Para o

Brasil foram trazidos e contabilizados 5.848.266 africanos escravizados entre os anos de 1501 e 1875<sup>19</sup>.

Ressalta-se que atualmente a sociedade, bem como os coletivos de discussões sobre a história dos povos que viveram na situação de escravizados e libertos do século dezanove, estão em permanente avaliação e análise sobre diversos temas que revisitam a historiografia tradicional para avançar nos movimentos de colocar os sujeitos descendentes dos antigos trabalhadores, como protagonistas e realizadores de suas historicidades. Alguns temas abordados nos estudos são influenciados pelos movimentos sociais de integração e crítica política aos estudos da História tradicional. Assuntos como o papel da mulher escrava, a luta dos escravos por liberdade, o movimento abolicionista, as associações de luta contra a escravidão, as profissões estabelecidas são abordagens que estão em discussão .

### **5.1 O processo escravocrata no Brasil e na Província de São Pedro**

No Brasil, o processo escravocrata durou mais de 300 anos. Foi uma “instituição secular caracterizada pela situação do indivíduo juridicamente considerado um objeto, da qual outra pessoa pode dispor livremente, exercendo direitos de propriedade” (AZEVEDO, 1999, p. 177), ou seja, o escravizado foi considerado uma mercadoria. O Brasil foi o último país na América a abolir a escravatura, “atirando” os ex-cativos em uma sociedade não preparada para aceitar o novo contingente. Os ex-escravos ficaram a sua própria sorte, com dificuldades, privações e preconceitos.

Os primeiros escravos africanos que chegaram foram empregados nos canaviais e engenhos de açúcar, especialmente na região Nordeste do Brasil, a partir do século dezesseis. Além do emprego do cativo nessas atividades, uma nova frente surgiu: a extração de ouro na região do atual estado de Minas Gerais. As descobertas auríferas em finais do século dezessete e início do dezoito provocaram uma ampliação do espaço geográfico do escravo (MARQUESE, 2006).

Com o impacto da mineração, a economia brasileira diversificou. O mercado interno teve que ser abastecido, surgindo, assim, a pecuária no Rio Grande do Sul e no Vale do São Francisco. O surgimento de núcleos urbanos, especialmente em Minas Gerais, ativou a produção e o comércio interno. Outra atividade que recebeu um incremento foi a produção de tabaco na região do Recôncavo Baiano, mercadoria importante para a aquisição de escravizados africanos, isto é, eles eram trocados por tabaco (MARQUESE, 2006).

A partir de 1850, as lavouras de café despontam em São Paulo. O café viveu a sua expansão justamente quando o tráfico negreiro é abolido no Brasil. Mesmo assim, a mão de obra escrava ainda é utilizada, porém, torna-se mais cara, sendo aos poucos substituída pelos trabalhadores livres de origem europeia (MATTOSO, 1982).

---

19 Disponível em: <<http://www.slavevoyages.org>>. Acesso em: 16 de jul. 2019.

Nesse período o número de escravizados no Brasil estava em decadência, ou seja, depois da proibição do tráfico externo (1850)<sup>20</sup>, a população escrava estava diminuindo em relação à população livre. Conforme o primeiro censo oficial (1872), a população brasileira, em números redondos, era de 10.000.000 de habitantes, sendo 1.500.000 escravizados. Outro aspecto que chama atenção, em decorrência da extinção do tráfico, é que o valor do escravizado no mercado teve um aumento considerável. Entre 1850 e 1870, “o preço de um escravo passou aproximadamente de 1:000\$000 para um valor entre 2 e 3:000\$000” (SALLES, 1990, p. 68).

A população escravizada estava em decadência, e o mesmo acontecia com a monarquia. Na década de 1880, “a situação interna se tornava cada vez mais tensa em razão das agitações em prol da abolição da escravidão e do fim da monarquia”. Na época foram fundadas no Brasil a Sociedade Brasileira contra a Escravidão e a Confederação Abolicionista, que lutavam a favor da libertação dos cativos (SCHWARCZ, 1998, p. 428).

Em 30 de junho de 1887, o imperador Dom Pedro II embarcou para a Europa para cuidar de sua saúde debilitada, ficando em seu lugar a sua filha, a Princesa Isabel. Tornando-se insustentável a situação, a abolição era questão de tempo. E no dia 13 de maio de 1888, a monarca assina a lei. Redigido de maneira simples, o texto dizia: “É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil. Revogam-se as disposições em contrário” (SCHWARCZ, 1998, p. 437). Assim, depois de mais de três séculos, a Lei Áurea foi publicada erradicando a escravidão no Brasil. Porém, não foram criados mecanismos de inserção social e econômicos para os ex-escravos, os quais formaram um grande contingente de miseráveis, distribuídos por todo o país.

A presença do escravizado no Rio Grande do Sul é observada a partir de 1600, quando traficantes portugueses os traziam do Rio de Janeiro para serem revendidos na região do Rio da Prata, na Barra do Rio Grande ou mais abaixo, no Chuí. Ainda no século dezessete, escravizados participavam das bandeiras paulistas, auxiliando no aprisionamento indígena e na destruição das missões jesuíticas. Com a expansão das charqueadas e da produção de trigo, no século dezoito, as duas atividades econômicas passaram a concentrar boa parte da escravaria (HISTÓRIA..., 1998).

Os escravizados desempenhavam diversas funções. As mulheres estavam ligadas mais às atividades domésticas, tais como amas de leite, lavadeiras e

---

20 “Lei Eusébio de Queiroz: temendo uma ação efetiva da Inglaterra, o governo imperial elaborou um projeto de lei, apresentado pelo Ministro da Justiça, Eusébio de Queiróz, ao Parlamento, visando à adoção de medidas mais eficazes para a extinção do tráfico negroiro. O projeto, convertido em lei em setembro de 1850, apoiado nos mais ‘sólidos princípios do direito das gentes’ extinguiu o tráfico determinando que: (...) Art. 3o - são autores do crime de importação, o dono, o capitão ou mestre, o piloto e o contramestre da embarcação, e o sobrecarga. São cúmplices a equipagem, e os que coadjuvarem o desembarque de escravos no território brasileiro de que concorrem para ocultar ao conhecimento da autoridade, ou para os subtrair à apreensão no mar, ou em ato de desembarque sendo perseguida”. Disponível on-line em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo02/queiros.html>> . Acesso em 24 mai. 2019.

cozinheiras, enquanto que os homens eram empregados nas lavouras, nas estâncias e afazeres urbanos (HISTÓRIA..., 1998).

Importante frisar que o escravizado, na Província do Rio Grande de São Pedro, em finais do século dezoito e praticamente todo o século dezenove, representava a base da pirâmide social. O escravizado era a mão de obra na província, exceto na zona colonial, pois algumas atividades eram exercidas por estrangeiros. A população escravizada não estava concentrada apenas em grandes fazendas. Estancieiros e agricultores de menor porte também eram proprietários de escravos. E havia cativos concentrados em núcleos urbanos (URBIM, 2008).

Em 1751 a população escravizada, nos Campos de Viamão, era de 42% da população de pessoas de origem africana (KÜHN, 2007). Em todo o estado, em 1780, os dados demográficos registravam 9.433 homens brancos, 3.388 índios aculturados e 5.102 pretos. Mais tarde, em 1814, “a província tinha 32.300 brancos, 20.611 escravos, 8.655 índios e 5.399 livres (negros livres e alforriados)” (MAESTRI, 2002, p. 37).

Durante a Revolução Farroupilha, a mando dos patrões, os escravizados participavam dos combates, tornando-se soldados de ocasião. No princípio da revolução, estancieiros relutaram em usar o cativo como soldado temendo rebeliões, porém, à medida que o conflito avançava, sua utilização foi necessária (URBIM, 2008). Ambos os lados, governo e rebeldes, “ofereciam alforria aos escravos que se engajassem em suas fileiras” (HISTÓRIA..., 1998, p. 181).

Como indica Maestri (2002, p. 61), os farroupilhas assaltavam as fazendas dos inimigos e libertavam os escravizados que aceitassem lutar. De igual modo, os soldados do Império faziam o mesmo com as propriedades dos farroupilhas. No entanto, “pondo em prática a consciência de que ‘se Deus é grande, o mato é maior ainda’, um bom número de escravizados procurou refúgio mais seguro do que as fileiras dos exércitos em luta”.

Entre 1864 e 1870 ocorreu a Guerra do Paraguai. Homens livres, geralmente africanos negros e mestiços, foram arrolados, de maneira semiforçada, às tropas dos *Voluntários da Pátria*. Fazendo parte das tropas brasileiras estavam ainda os escravizados. Devido às precariedades estatísticas da época, não é possível determinar o número de escravizados que combateu no conflito, entretanto, em relatório divulgado pelo Ministério do Exército, até 15 de maio de 1868 o número de soldados brasileiros envolvidos somou 70.943, dos quais 5,49% seriam escravos. O Ministério alertava que o número não condizia com a realidade, uma vez que diversas províncias não haviam fornecido informações mais completas. O certo é que a província do Rio Grande foi a que mais contribuiu em termos de material humano para a Guerra (SALLES, 1990).

Em finais do século dezenove, a questão da escravidão estava com os dias contados. A campanha contra a “odiosa instituição” começava no Rio Grande do Sul a partir da década de 1860. Por todo Estado surgiam entidades como a Sociedade Libertadora de Porto Alegre, a Sociedade Floresta Aurora, o Clube Abolicionista, além do jornal *A Voz do Escravo*, idealizado por africanos libertos. Júlio de Castilhos, em agosto de 1884, escreve no editorial do jornal *A Federação*:

“A economia do Rio Grande do Sul nada sofrerá no dia em que desaparecer do seu solo o último escravo”. O fim do processo escravista foi igualmente a bandeira dos jovens do Partido Republicano Riograndense – PRR. Para eles,

[...] escravidão e Império são partes do mesmo problema. Ao contrário dos liberais e mesmo dos republicanos de outras províncias, que pretendem um processo gradual, inclusive com indenização dos proprietários de escravos, os republicanos gaúchos pregam a “libertação já”, sem qualquer tipo de ressarcimento aos donos de escravos (HISTÓRIA..., 1998, p. 182).

No Vale do Taquari também havia os que eram contrários à escravatura. O jornal *O Taquaryense* de Taquari se posicionava, em algumas situações, a favor da abolição, como demonstra a notícia veiculada no dia 12 de janeiro de 1888. Em nota publicada, o jornal afirma (O TAQUARYENSE, 1888, p.01),

Na altura de nossas forças temos combatido francamente em prol da causa abolicionista, que é a causa da religião e da civilização, e não nos demove do proposito os prejuizos que possam resultar para esta pequena empresa. [...] Reconhecemos que são fracas as forças de que dispomos, porém é obvio que todo e qualquer concurso, por mediocre que seja, contribue para a solução favoravel de uma idéia.

Assim que fora assinada a lei abolindo a escravidão, a notícia da libertação dos escravizados foi informada pelo presidente da província, Rodrigo Azambuja Villanova. Em 14 de maio de 1888, comunicava em telegrama da Corte o fim da escravidão. Na ocasião, Villanova sugeriu aos ex-escravos que não saíssem dos municípios onde estavam fixados, pois previa que nesses locais eram conhecidos e arranjariam ocupações. Muitos alforriados permaneceram trabalhando com seus antigos donos, porém, sem o chicote dos feitores. Com o fim das senzalas, sem ter para onde ir, os ex-cativos se agrupavam em locais afastados dos centros das cidades formando novos redutos (HISTÓRIA..., 1998).

O decreto sobre a abolição publicado pelo governo imperial fora noticiado na região do antigo Vale do Taquari. O semanário *O Taquaryense* publicou, em 15 de maio de 1888, na primeira página (FIGURA 32), o fato. No corpo do jornal é publicada a notícia falando da alegria que o acontecimento proporcionou na cidade de Taquari (O TAQUARYENSE, 1888, p. 03):

Regosijos populares. Já estava prompta a primera pagina de nossa folha, quando o digno presidente da camara municipal, sr. José Porfirio da Costa, obsequiou-nos com o seguinte telegrama, que acabava de receber: Votada, publicada e sancionada a lei que extingue a escravidão no Brazil. Princeza Imperial victoriada pelo senado. Viva a patria livre! O regosijo que essa noticia produziu, é indiscriptivel, e vimos unicamente esboça-lo com as palidas cores que a nossa penna permite. Desde que foi recebida a noticia até à noite, de todos os pontos da villa subiram ao ar centenares de foguetes, e a alegria do povo era-geral. A banda musical *Lyra Taquaryense*, precedida pelo povo que se aglomerou à porta do club literario *José Bonifacio*, percorreu as ruas da villa, saudando em seu trajecto a camara municipal, conego Tostes, presidente da comissão abolicionista; dr. Juiz municipal, major Vianna, membro da comissão abolicionista; club *José Bonifacio*,

presidente da municipalidade e redacção desta folha. Fallou em casa do major Vianna o Exm. Deputado provincial sr. Albino Pinto. No tracto foram levantados diversos e calorosos vivas á familia imperial, gabinete João Alfredo, camara dos deputados, senado, conselheiros Dantas, Maciel e Martins, drs. Joaquim Nabuco e Silva Tavares.



FIGURA 32: Parte da capa do Jornal O Taquaryense, com a notícia do projeto de abolição aprovado, em 1888.

Fonte: Acervo digital do Jornal O Taquaryense, CMDPU/MCN/Univates (2019).

Além dos jornais noticiarem a abolição, o fato foi divulgado nas missas, conforme demonstram os relatos assinalados pelos vigários nos Livros Tombo da Paróquia Santo Antônio de Estrela e da Paróquia Santo Inácio de Lajeado. Em 26 de maio de 1888, o padre Eugênio Steinhorst, da Paróquia Santo Antônio, registra a libertação dos escravizados no Livro Tombo (1873, p. 12). O padre escreve: “aos vinte seis de Maio de mil oitocentos oitenta oito houve te deum solene com sermão em oração de graças pela libertação dos escravos por lei de 13 de Maio, em que todas as classes da Sociedade tomarão parte. O Vigario P<sup>o</sup> Eug<sup>o</sup> Steinhart”.

No dia 29 de julho de 1888, o padre João Haltmeyer, que na época era o vigário da Paróquia Santo Inácio de Lajeado, redige nota no Livro Tombo da Igreja sobre a lei. No registro, o padre menciona que o fato foi participado e divulgado aos moradores da vila na celebração da missa. No trecho da nota (LIVRO, 1881, p. 04) o padre registra: “Aos vinte e nove de julho de mil oitocentos

e oitenta e oito, em Circular do Bispado de São Pedro do Rio Grande do Sul, participando a extinção da escravidão no Brasil junto com a lei n. 3.353 de 13 de maio de 1888 [...]”. Como se percebe, a notícia sobre o decreto libertando os cativos no Brasil foi amplamente divulgada na antiga região do Vale do Taquari, dada as limitações de comunicação da época.

## 5.2 A presença do escravizado no Vale do Taquari e em Arroio do Meio

Como em qualquer núcleo de colonização no Brasil, o escravizado estava também presente no Vale do Taquari/RS. A participação do escravizado africano na colonização da região foi sem dúvida expressiva, principalmente sua utilização, como mão de obra no cultivo do trigo, no atual município de Taquari. Segundo Christillino (2004), em 1814, 7,07% da população escravizada sediada no Rio Grande do Sul concentravam-se no Vale. O autor adverte que as estatísticas oficiais podem não condizer com a realidade e que a utilização da mão de obra escrava foi bem maior, especialmente nas fazendas do alto curso do Rio Taquari. Segundo Pires (2016, p. 62), no Sul do Brasil a presença do negro escravo já era constatada nas bandeiras de aprisionamento, como a de Raposo Tavares, em 1636.

No início do século dezenove, a região do Vale do Taquari, por conta da produção do trigo, figurava entre as principais economias da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. A atividade tritícola era peculiar entre os açorianos, tendo os primeiros povoados na região surgidos como produtores do cereal. Além dessa cultura, as extrações de madeira e da erva-mate foram importantes receitas econômicas dos primeiros colonizadores (CHRISTILLINO, 2004). O escravizado fazia parte do processo de extração da erva-mate, largamente difundido no Vale do Taquari/RS. Conforme Relly, Machado; Schneider (2008, p. 68),

As fazendas Beija-Flor e Santo Antonio deveriam estar estruturadas dentro do sistema econômico regional da época: escravos, nas fazendas, desenvolviam pequenas lavouras de cereais, hortaliças, frutas e milho para a subsistência das unidades e o trato dos animais. A extração da erva-mate foi atividade muito importante na época das fazendas em Colinas. A derrubada de árvores teve igualmente papel significativo no povoamento dessas áreas.

Outro exemplo que caracteriza a utilização da mão de obra escrava, conforme Franz (2009), é o de Manuel Alves dos Reis Louzada, proprietário de duas fazendas no atual município de Bom Retiro do Sul: da Pedreira, do Pinhal e uma fazenda, Conceição, no município de Fazenda Vilanova. Nessas três propriedades, Louzada tinha mais de cem escravos trabalhando em dois engenhos de serra, um moinho e nas lavouras. Antes de falecer, Louzada alforriou 23 escravos.

No atual município de Lajeado, os irmãos João e José Inácio Teixeira receberam as primeiras sesmarias. Em 1794, com o intuito de aumentar seus rendimentos, formaram uma sociedade que mais tarde fora desfeita. Na “Escritura de Distrate de Sociedade”, encontrada no Arquivo Histórico do Rio

Grande do Sul, estão arrolados inúmeros bens, entre eles, casas, chácaras, além de escravos (SCHIERHOLT, 1992).

Na década de 1850, Antônio Fialho de Vargas se estabelece no atual município de Lajeado. Casado com Maria Inácia da Conceição Dutra, Fialho de Vargas adquiriu as Fazendas de Conventos e Lajeado ou Carneiro, onde ergueu casas, senzala e engenho. Em virtude do falecimento de Maria Inácia da Conceição Dutra, em 17 de agosto de 1881, foram inventariados os bens do casal. Entre os bens inventariados constam 19 escravizados (SCHIERHOLT, 1992).

No território do atual município de Arroio do Meio, a utilização da mão de obra escrava para a lavoura de trigo, cana-de-açúcar, extração de erva-mate, entre outras, é comprovada em documentos oficiais, como mostra a escritura de arrendamento que a viúva do Capitão Francisco Silvestre Ribeiro, Anna de Oliveira Salazar Ribeiro, faz a seu filho, Tenente Custódio Silvestre Ribeiro, em 15 de abril de 1859. A proprietária cede a estrutura física da fazenda, como casas de moradia e engenhos, campos, matos, além de um escravizado, como mostra o documento (LIVRO..., 1859, p. 28, APERS):

[...] de a dita proprietaria faria arrendamento a seu dito filho o Tenente Custodio Silvestre Ribeiro, pelo espaço de seis annos [*ilegível*] de quatrocentos mil reis annoaes, sendo cobrada sem, g digo, em seis pagamentos, esto é pagos no fim de cada anno vencido, podendo o locatario usufruir durante o espaço mencionado a dita fasenda, campo mattos, predios e fabricas, deve assim comprehender[?] no arrendamento o escravo Bernardo, com a condição de que esta proprietaria durante o prazo nenhum direito terá na dita fasenda ou suas propriedades nem se [*ilegível*] [*ilegível*] ou suas partes sem consentimento deste locatario, mesmo nenhum arrendimento posto em acção poderá haver entre os contratantes sem qui nisso ambos comentão[?] de [*ilegível*].

Ainda em território de Arroio do Meio, em 23 de outubro de 1869, o Tenente Custódio Silvestre Ribeiro faz a venda de um escravizado, chamado Lucio, a Pedro Miquel<sup>21</sup>. A escritura da venda do cativo de 14 anos foi lavrada no Cartório de Taquari, conforme é registrado (LIVRO..., 1869, p. 40, APERS):

Esriptura compra e venda de hum escravo pardo de nome Lucio entre partes como vendedor o Tenente Custódio Silvestre Ribeiro e como comprador Pedro Miquel como se vai declarado. Saibam quantos virem o presente e publico instrumento de escriptura que sendo no anno do Nascimento de Nosso senhor Jesus Christo de mil oitocentos sessenta e nove aos vinte e tres dias do mes de Outubro do dito anno nesta villa de Taquary no meu Cartorio compareceram partes presentes contratadas de uma como vendedor o Tenente Custódio Silvestre Ribeiro e como comprador Pedro Miquel, por aquelle vendedor me foi dito e declarado que na melhor forma de direito era senhor e possuidor de hum escravo pardo de nome Lúcio idade quatorse annos mais ou menos, e do qual fasia venda, como de fato vendido tem ao comprador Pedro Miquel, pelo preço e quantia de hum conto e dusentos mil reis [*ilegível*] que diretamente do comprador, e do que lhe dá plena e geral quitação para não mais sempre trazer as quantias, assim

---

21 O documento transcrito apresenta duas grafias para o sobrenome, Miquel e Mikel.

como foi entregue o referido escravo Lúcio ao comprador, que [ilegível] o [ilegível] da cisa, cujo theor é o seguinte. Meia cisa, numero vinte [ilegível] [...].

Além da utilização do cativo para o trabalho, o escravizado é mencionado em confrontos que acontecem entre indígenas<sup>22</sup> e colonizadores. Com o intuito de se fixarem novamente em terras que outrora lhes pertenciam, agora ocupadas por colonizadores, indígenas e imigrantes travaram alguns confrontos, como é o caso registrado em 1845 pelo subdelegado de Polícia de Taquari, em correspondência a Manoel José de Freitas Travassos, chefe de polícia da província, denunciando incursões de indígenas em fazendas do Vale do Taquari, entre elas, a fazenda de Francisco Silvestre Ribeiro. A correspondência registra:

Illm° Senr= Accuso a recepção do officio de V. S<sup>a</sup> datado de 29 de Janeiro em o qual me ordena reúna os cidadãos deste Destricto que estejam nas circunstancias de marcharem contra os bugres que o tem invadido isto para serem dirigidos sob a ordem do Illlmo Senr Delegado da Villa do Triunfo. Em resposta tenho significar-lhe que logo dei execução as ordens de V. S<sup>a</sup> como se vê da cópia N<sup>o</sup> 1, porem tendo apparecido os indigenas no dia 29 de Janeiro na Fazenda do cidadão Victorino José Ribeiro onde lhe assassinarão hum escravo que estava falquejando dezejava que alli fosse a entrada para serem perseguidos porem isto não se effectivou como se vê da cópia n<sup>o</sup> 2 e eu nada pude fazer a bem da segurança daquella Fazenda e seus visinhos não só por que V. S<sup>a</sup> se encarregou a perseguição dos selvagens ao Delegado do terno como porque houve falta de armamento e munição para semelhante deligencia. [...]. V. S<sup>a</sup> deve estar ao facto que os selvagens todos os veroens costumão descer a serra e atacar as habitações dos pacíficos moradores, não só deste disRICTO como do Cahy, Santo Amaro e como aconteceu nas Fazendas de Francisco Silvestre Ribeiro, Maria Francisca do Rosário, Amaro Rodrigues [...]. Taquari 15 de fevereiro de 1845 (CORRESPONDÊNCIA, 1845, AHRS).

A figura do escravo em terras arroio-meenses aparece também nas Cartas de Alforria. A alforria, que dava liberdade aos escravos, no Brasil, fora utilizada pelos senhores por razões como: uma forma de livrar-se daqueles que não serviam ao trabalho; concedida como prêmio, pois estimulava uma certa fidelidade de alguns escravos, como dos que desempenhavam funções

---

22 “O fim da intensa ocupação Guarani no território [Vale do Taquari] pode ter dado oportunidades para a instalação de outras sociedades indígenas, como as da família linguística Jê. Com o extermínio e dispersão dos Guarani, as comunidades do tronco linguístico Jê tiveram possibilidades de se apossar das áreas antigamente utilizadas. Os Kaingang são um grupo indígena de língua Jê que ainda hoje permanecem organizados na região do Vale do Taquari. Esses índios vendedores de cestos e artesanatos, que circulam pelas cidades da região, são provavelmente descendentes dos Kaingang históricos [...]. Os Kaingang desempenharam importante papel no século XIX quando resistiram à comercialização de suas terras no processo de venda de lotes coloniais para os colonos alemães e italianos” (Relly, Machado e Schneider, 2008, p. 45, 46).

domésticas; além de constituir uma fonte de renda extra, pois, em determinadas situações, o escravo comprava sua liberdade<sup>23</sup>.

Segundo o código “Cartas de Liberdade”, disponível no Arquivo Público do Rio Grande do Sul, o sesmeiro Ricardo José Villanova, proprietário de terras na antiga Arroio do Meio, concedeu liberdade para escravos por meio da carta de alforria.

Pelo que se percebe, a prática da liberdade concedida aos escravos em meados e fins do século dezanove era comum no Vale do Taquari. O semanário *O Taquaryense*, posicionado a favor da abolição, em algumas situações, publicou inúmeras vezes liberdades<sup>24</sup> que eram concedidas aos cativos. O trecho que segue da notícia de 15 de janeiro de 1888 menciona o nome do senhor, bem como o nome do escravo liberto (O TAQUARYENSE, 1888b, p. 02):

Libertações. Temos o prazer de registrar mais as seguintes liberdades: Dia 7. O sr. Sabino Garcia de Azevedo concedeu liberdade com a obrigação de serviços por 3 anos, á sua escrava Joaquina, de 35 anos de idade. Dia 11. Os srs. José Antero de Siqueira, Theophilo Siqueira e Augusto Siqueira concederam liberdade plena ao escravo Adão, de 40 anos de idade. Dia 12. O sr. Antonio Joaquim de Siqueira Junior passou contracto, por 3 anos, aos seus escravos Amaro, Felisbina e Victoria. O sr. Joaquim Bento Moraes tambem concedeu liberdade, com a obrigação de serviços por 4 anos, á sua escrava Balbina. O sr. Antonio José da Costa passou contracto, tambem por 4 anos, aos seus escravos Camillo e Manuel. O sr Hortencio R. Da Silva por 4 anos, ao seu escravo Felisberto, de 48 anos de idade. D. Ignez Candida de Vargas, por 3 anos, ao seu escravo Antonio. Muito bem.

Sendo assim, com base na documentação existente, é possível afirmar que o escravo se fez presente no território de Arroio do Meio, pois representava grande parte da população e da mão de obra na região do Vale do Taquari no século dezanove.

### 5.3 Os quilombos: núcleos de resistência

Segundo Pires (2016, p. 65) as pesquisas que vêm sendo desenvolvidas nas últimas décadas contribuem para novos olhares sobre o trabalho escravizado, em especial, sua luta pela conquista de direito em meio a um sistema que tentava

---

23 Segundo Gorender (1992, p. 356, 357), “Nas cidades brasileiras, o escravo qualificado, alugado a um artesão, podia obter dele o adiantamento da soma com que comprava o seu resgate ao próprio dono. Em troca, constituía-se, por escrito, escravo, escravo de artesão, até que o número de dias de trabalho amortizasse a dívida contraída. Quando dispostos a penosos sacrifícios, negros de ganho chegavam a juntar o dinheiro e constitui um pecúlio que pagava sua alforria [...]. Para os negros (e negras) de ganho, dotados de liberdade de locomoção e isentos de estrita vigilância, a expectativa da emancipação funcionava como inibição às fugas e incentivo à produtividade”.

24 As cartas de alforria poderiam ser concebidas de forma gratuita, onerosa e condicional. A gratuita seria aquela em que o senhor libertava o escravo sem que este precisasse dispor de qualquer quantia para obter a liberdade. Já a onerosa era aquela “em que o escravo pagava ao seu proprietário uma quantia estipulada em dinheiro à vista ou em parcelas”. A liberdade, condicional era aquela em que o cativo recebia a liberdade mediante o cumprimento de todas as cláusulas estipuladas entre ambas as partes (FRANZ, 2009, p. 71).

de todas as formas retirar qualquer dignidade humana. Pesquisas demonstram a conquista de espaço, maneiras de resistência, negociações e conflitos. Dentre as manifestações de resistência à escravidão imposta, podemos colocar a manutenção das culturas de origem, práticas religiosas, revoltas e fugas, além daquela que talvez seja uma das manifestações mais marcantes de resistência: os quilombos.

Os quilombos se tornam frequentes na paisagem brasileira a partir do século dezesseis. “Um quilombo é um esconderijo de escravos fugidos”. Ele nasce espontaneamente, podendo reunir negros e crioulos, escravos ou homens livres, em um refúgio, “vítimas de alguma lei discriminatória” (MATTOSO, 1982, p. 159).

Azevedo (1999, p. 378) assim define quilombo:

Nome dado às comunidades negras compostas, na sua maioria, por escravos fugitivos ou revoltosos, sem prejuízo de outros que, recém chegados da África, procuravam esses agrupamentos. Inicialmente, os seus integrantes eram identificados como “canhamboras” (em tupi, “aqueles que fogem”); mais tarde, porém, prevaleceu o termo “quilombola”. Os quilombos instalavam-se em locais muito distantes e de difícil acesso, em terras praticamente virgens. Ali, os quilombolas refaziam a estrutura social africana.

Os quilombos representam uma das maiores lutas organizadas contra o processo colonial-escravista. Em diferentes momentos histórico-culturais, escravizados africanos e seus descendentes travaram uma verdadeira batalha contra o regime imposto. Sociedades se originaram de movimentos de insurreição, levantes e revoltas, com o fim de alcançar uma comunidade igualitária, justa e livre. De acordo com o número de habitantes, o tamanho de um quilombo era variado, existindo em vários pontos do Brasil onde houvesse negação à liberdade (SIQUEIRA, 2010).

Sobre os quilombolas, conforme Schwartz (1988, p. 379),

Embora em algumas comunidades de fugitivos possam ser observados aspectos africanos de religião, linguagem e organização social, a maioria dos mocambos não parece ter procurado a recriação de um mundo africano independente; em vez disso, seguiu uma estratégia de sobrevivência nas fronteiras do mundo brasileiro. Assim os administradores coloniais consideravam tais atividades puramente criminosas e duplamente perigosas, por seu efeito imediato e pela ameaça que seu exemplo representava para a sociedade escravista como um todo.

Quanto aos quilombos, no estado gaúcho, no período colonial, segundo Maestri (2002, p. 37), “até poucos anos atrás, a resistência escrava no Rio Grande do Sul era quase ignorada. A historiografia brasileira e a gaúcha praticamente não se referiam a ela. Quase nada se sabia sobre as revoltas servis, as fugas dos cativos, os justicamentos de senhores e feitores, etc.” O assunto era abordado superficialmente. No entanto, com certeza um número considerável de cativos

buscou a liberdade fugindo para as serras despovoadas, nas florestas agrestes, ilhas isoladas, entre outros, criando os quilombos.

Embora fosse possível a fuga de cativos sulinos para países vizinhos, onde eram considerados homens livres, núcleos quilombolas foram registrados no Rio Grande do Sul. Segundo Maestri (2002), os motivos para a formação de tais quilombos foram múltiplos: a distância e a dificuldade de alcançar a fronteira, o desconhecimento dos que fugiam, o controle senhorial dos caminhos, o apego à terra e o medo do desconhecido.

A documentação histórica indica um ponto comum em várias regiões do Brasil, inclusive no Rio Grande do Sul. Fala-se aqui do contato entre quilombolas e trabalhadores escravizados. Havia entre eles uma identidade social e cultural extremamente relevante, proporcionando frequentemente o diálogo e o contato, embora muitos trabalhadores escravizados se opusessem à fuga e ao aquilombamento como solução para seus problemas.

É possível, de maneira geral, traçar algumas considerações exploratórias sobre a vida interna dos quilombolas sulinos. Possuiriam, no máximo, vinte a trinta habitantes, sendo conhecidos como “negros”, “cativos”, “escravos”. Quando os quilombos tinham características agrícolas, ao passo que nem todos os quilombos eram iguais, cultivavam feijão, milho, abóboras. Praticavam a caça, a coleta e a pesca, assim como rapinagem e escambo. Muitos quilombos não conseguiam se desligar totalmente do mundo senhorial (MAESTRI, 2002).

Quilombos também existiam no Vale do Taquari. Em sessão da Câmara de Vereadores de Taquari realizada em 09 de abril de 1851, o secretário Manoel Fernandes da Silva leu ofício do Presidente da Província solicitando que, quando fosse necessário capturar escravos em qualquer quilombo, a autoridade policial se dirigisse ao comandante da Guarda Nacional para pedir auxílio. Na redação da ata consta (TAQUARI, 1851, p. 105v, 106):

Leo-se outro officio da Presidencia da Provincia dactado de 25 de Outubro do anno proximo passado, communicando não poder despensar do serviço da G. N.al movel o n.o de homens que esta Camara requesitou em officio n.o 39 de 12 daquelle mez para, com o Capitão do matto do districto respectivo, baterem os escravos que se possão reunir a quaesquer quilombos; e sim que a Authoridade Policial competente deve reclamar auxilio de força, quando seja necessario, ao Commandante do Corpo de G.N.s mais proximo ao lugar onde se tratar faser essa deligencia.

Em 1853, o governo provincial, João Lins Vieira Cansanção de Sinimbu, solicitava ao delegado de polícia de Rio Pardo, juntamente com o comandante da Guarda Nacional, que organizasse uma expedição para destruir quilombos entre as nascentes do Rio Pardo e Taquari-Mirim. Essa expedição encontrou e destruiu um quilombo localizado entre os arroios Sampaio e Taquari-Mirim. Interrogados, os capturados afirmaram que recebiam armas e mantimentos para sobreviverem no mato em troca de serviços prestados a Eleutério Rodrigues de Lima. Na época, o presidente da província ordenou que o delegado de polícia processasse Eleutério por colaborar com os fugitivos (OFÍCIO n. 51, 1853,

AHRS). Segundo Maestri (2002, p. 68), no Sul, “como em outras regiões do Brasil escravista, não era incomum que homens livres apoiassem quilombolas em troca de seus serviços”.

Em Arroio do Meio, foi criado um quilombo na localidade de São Roque, reconhecido em 2005 como sendo uma comunidade quilombola (FIGURA 33) (FCP/Minc, 2010)<sup>25</sup>. Conforme informações dos descendentes dos escravos da comunidade, os fundadores do quilombo vieram do atual município de Estrela e anteriormente teriam fugido de outros quilombos.



FIGURA 33: Certidão de reconhecimento como remanescente das Comunidades dos Quilombolas.

Fonte: Comunidade São Roque (2010).

25 Disponível on-line em: < <http://www.palmares.gov.br>>. Acesso em 27 set. 2019.

No Estado do Rio Grande do Sul existem comunidades quilombolas reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares – FCP, vinculada ao Ministério da Cultura, em vários municípios, como Porto Alegre, Osório, Triunfo, Pelotas e Rio Grande. A Fundação “formula e implanta políticas públicas que têm o objetivo de potencializar a participação da população negra brasileira no processo de desenvolvimento, a partir de sua história cultural” (FCP/Minc, 2019)<sup>26</sup>.

Na década de 1980, a discussão sobre a regularização fundiária dos territórios dos descendentes de escravizados no Brasil ganhou força. O artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias assegura “que será conferido o título de propriedade dos territórios quilombolas às suas respectivas comunidades”. Portanto, o Estado é responsável pela preservação da cultura e pela titulação dos territórios quilombolas. Sendo assim, o poder público poderá “desapropriar por interesse cultural terras e bens que considere necessários para a proteção do patrimônio histórico nacional, conforme o artigo 216, 1, da CF/88” (SUNDFELD, 2002).

Amparados legalmente em direito constitucional, grupos remanescentes e comunidades pleiteiam a titulação dos territórios que historicamente reconhecem como seus. Tal direito é previsto no artigo n.º 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988, sob o enunciado: “Aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”<sup>27</sup>. A forma de se relacionar com a terra, a produção coletiva, as relações sociais e a valorização de traços culturais ressaltam a importância do território. Esse sentimento de pertencimento a um grupo e a uma terra é uma forma de expressão da identidade étnica e da territorialidade. Novas relações são introduzidas, e a manutenção de representações culturais se tornam fundamentais na luta pela manutenção e permanência desses espaços.

Segundo Schmitt, Turatti e Carvalho (2002), novas definições de quilombo projetaram-se a partir da necessidade de redimensionar o próprio conceito de quilombo, a fim de abarcar a gama variada de situações de ocupação de terras por grupos negros e ultrapassar o binômio fuga-resistência. Ainda segundo os autores (2002. p. 3)

Os grupos que hoje são considerados remanescentes de comunidades de quilombos se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos, que incluem as fugas com ocupação de terras livres e geralmente isoladas, mas também as heranças, doações, recebimento de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado, a simples permanência nas terras que ocupavam e cultivavam no interior das grandes propriedades, bem como a compra de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após a sua extinção.

26 Disponível on-line em: < <http://www.palmares.gov.br>>. Acesso em 27 mai. 2019.

27 BRASIL. Artigo nº 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, de 5 de outubro de 1988. Reconhece a propriedade definitiva aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras. Disponível em: <<https://quilombos.files.wordpress.com/2007/12/artigos-68-215-e-216.pdf>>. Acesso em 06 de mai. 2019.

As comunidades quilombolas no Brasil, atualmente, são múltiplas e variadas, distribuídas em todo o território nacional. Há comunidades que se localizam no campo e outras na cidade. Segundo Furtado, Pedroza e Alves (2014, p. 112)

As comunidades remanescentes de quilombos são grupos que passaram a contar com um reconhecimento oficial de sua cultura e identidade, porém continuam em conflitos fundiários e nos remetem a um passado associado às lutas por suas terras. Território negro, mocambos, terras de preto, entre outras denominações, são acepções que buscam uma definição coerente com a realidade dessas comunidades e que ultrapassam a definição de quilombos históricos e descendência.

A busca por esse reconhecimento também pode ser compreendida como um processo de resistência. Enquanto a história marca os grandes nomes como o de Zumbi, líder de Palmares, é nessas comunidades remanescentes que as práticas culturais e espirituais são mantidas, com o desejo de que toda essa herança cultural não se perca. Na manutenção da identidade dessas comunidades há uma variedade de elementos culturais que fazem parte da história do Brasil e do “ser brasileiro”.

Além da Comunidade São Roque em Arroio do Meio, em Lajeado, no Bairro Planalto, está certificada pela Fundação Cultural Palmares a Comunidade Unidos do Lajeado, certificada no ano de 2016 (FCP/Minc, 2019)<sup>28</sup>. A comunidade é constituída pela presença de 30 famílias<sup>29</sup> que dão continuidade a sua trajetória cultural preservando manifestações culturais e religiosas ao longo do tempo.

#### 5.4 A Comunidade de São Roque

No município de Arroio do Meio, na localidade de São Roque, no distrito de Palmas, encontra-se a comunidade quilombola São Roque. Segundo informações do servidor Sebastião Henrique Santos Lima, do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA (2010)<sup>30</sup>, a comunidade foi “certificada pela Fundação Cultural Palmares em 17 de novembro de 2005 em portaria publicada no Diário Oficial da União (DOU) em 6 de dezembro de 2005”.

A Comunidade de São Roque foi criada por um ex-escravizado, conhecido como Vovô Theobaldo. Segundo informações orais da Senhora Araci da Silva, filha de Alcides Geraldo da Silva, o Vovô Theobaldo teria feito parte de um quilombo denominado Moçambique. Deixando este quilombo, ele teria se radicado por um período em Estrela, seguindo mais tarde para a localidade de

---

28 Disponível on-line em: <<http://www.palmares.gov.br>>. Acesso em 27 mai. 2019.

29 Grupo apresenta cultura quilombola. Disponível:<<https://www.informativo.com.br/geral/grupo-apresenta-cultura-quilombola,274531.jhtml>>. Acesso em: 06 de mai. de 2019.

30 As informações foram repassadas através de mensagem eletrônica em 22 de junho de 2010, às 9h30min.

São Roque, interior do município de Arroio do Meio, onde permaneceu até a sua morte, aos 112 anos de idade.

Vô Theobaldo nasceu no município de Paverama e teve 10 filhos. Trabalhou em serrarias, olarias, na conservação de estradas e lenhador. Foi curandeiro, preparando e vendendo chás para um número incalculável de males. Conforme depoimento ao jornal O Alto Taquari, em março de 1983, Vô Theobaldo (FIGURA 34) afirmava que fora curandeiro por cerca de 20 anos. Na época, contou ao jornal (1983, p. 3): “Aprendi isto de minha mãe, a Dona Laurinda”. Percorreu vários lugares: Arroio do Meio, Lajeado, Estrela, Roca Sales, entre outros, atendendo as pessoas que necessitavam.



FIGURA 34: Vô Theobaldo quando tinha 111 anos  
Fonte: Acervo fotográfico do Jornal O Alto Taquari (1983).

As netas do Vô Theobaldo, Loni Maria e Terezinha Clari afirmam, que aprenderam muito com ele. Para elas, era uma pessoa incrível, amável com todos e sempre estava disposto a ajudar as pessoas. Clari Terezinha disse que muitas vezes, quando seus pais saíam para trabalhar, lembra que os netos do Vô Theobaldo sentavam ao seu lado para ouvir as histórias que ele contava. Loni e Clari enfatizam que o “Vô dizia sempre que devemos respeitar as pessoas, procurar obedecer aos pais e, sempre que puder, ajudar as pessoas que precisam”.

Desde o reconhecimento como comunidade quilombola, seus moradores vêm participando de atividades oferecidas pela prefeitura, bem como de outras instituições e programas. A Secretaria de Agricultura e a Subprefeitura de Palmas procuram sempre oferecer melhores condições de infraestrutura para a comunidade.

Um dos aspectos que a Administração Pública procura auxiliar é em relação à dificuldade dos jovens em conseguir emprego, inclusive por conta do baixo nível de escolarização. Assim, a Secretaria de Educação mobiliza a comunidade a participar de aulas de alfabetização e de preparação para a Educação de Jovens e Adultos, EJA. A prefeitura oferece transporte para que jovens e adultos tenham acesso à modalidade EJA oferecida pelo município (FIGURA 35). Assim, integrantes da comunidade frequentam as aulas oferecidas na EMEF Barra do Forqueta (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO..., 2019).



FIGURA 35: Reunião entre representantes da Secretaria de Educação e Comunidade São Roque para definição na participação nas aulas

Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de Educação e Cultura (2018).

As crianças da comunidade são atendidas até o 5º Ano do Ensino Fundamental, em tempo integral, pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Itororó, em Palmas, e nos anos finais, pela Escola Municipal de Ensino Fundamental São Caetano. Para ambas, a Administração Municipal oferece transporte escolar (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO..., 2019).

Na área da saúde, a comunidade recebe visitas de médicos e enfermeira através do programa “Saúde Mais Perto de Você”. O programa é realizado pela Secretaria da Saúde e Assistência Social e tem como objetivo levar saúde pública às famílias, em suas casas, por meio da visita de equipe especializada da secretaria (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO..., 2019).

Quanto à participação em programas sociais, em maio de 2005, a Comunidade de São Roque esteve reunida com representantes do Instituto de Assessoria às Comunidades Remanescentes de Quilombolas. Na ocasião os participantes discutiram temas como cidadania, autoestima, questões culturais e valorização do negro. O curso fez parte do programa RS Rural Quilombolas.

No mesmo ano, 12 famílias da comunidade receberam recursos do governo para construção ou reforma das casas e compra de implementos agrícolas. Essa foi a primeira vez que a comunidade recebeu recursos públicos, melhorando as condições de vida e de trabalho dos moradores. O projeto, que beneficiou as famílias, foi elaborado pela Emater/RS-Ascar de Arroio do Meio (O ALTO TAQUARI, 2005).

Em novembro de 2009, em razão dos festejos dos 75 anos de emancipação política, a Administração Municipal de Arroio do Meio incluiu em sua programação comemorações específicas ao Dia da Consciência Negra, reconhecendo a importância da cultura afro no município. O evento, que ocorreu no Salão da Comunidade São Roque, distrito de Palmas, foi organizado pela Associação Quilombola Vovô Theobaldo, Escritório da Emater/RS-Ascar e prefeitura. Na ocasião, houve apresentações artísticas, venda de artesanato, além da comida típica da culinária afro (FIGURA 36). Segundo Lori Maria da Silva, da Comunidade São Roque, “o convite para que o núcleo integrasse a programação dos festejos de aniversário foi uma surpresa agradável” (O ALTO TAQUARI, 2009, p. 05).

As comidas tradicionais são parte importante da cultura afro e com objetivo resgatar uma série de receitas, em 2011, o Escritório Municipal da Emater/RS-Ascar, a Prefeitura Municipal de Arroio do Meio e a Associação Comunitária Vovô Theobaldo, organizaram o livro “Resgate da cultura alimentar quilombola Comunidade São Roque”. Segundo Silva et. al, ( 2011, p. 15), são “receitas com as quais os primeiros moradores se alimentavam, e hoje se sentem orgulhosos em apresentar essa riqueza da natureza transformada em saborosos pratos da culinária quilombola”. A proposta permitiu que muitos pratos típicos fossem novamente incluídos no cardápio familiar.



FIGURA 36: Comidas típicas produzidas pela Comunidade São Roque  
Fonte: Acervo fotográfico do Jornal O Alto Taquari (2009).

Por ocasião do aniversário de 80 anos de Arroio do Meio, em 2014, foi organizado extenso desfile em que participaram entidades, escolas, grupos de danças, comunidades, entre outros. A Comunidade São Roque se fez presente no evento (FIGURA 37).



FIGURA 37: Representantes da Comunidade Quilombola São Roque, participando do desfile alusivo aos 80 anos de emancipação de Arroio do Meio em 2014  
Fonte: Acervo fotográfico da Assessoria de Imprensa de Arroio do Meio (2014).

Além de participar de festas, encontros e eventos na cidade de Arroio do Meio e em outras cidades, a Comunidade São Roque tem suas próprias festas. A comunidade celebra duas datas anuais: o Dia da Consciência Negra, dia 20 de novembro, e a Festa do Padroeiro São Roque, no mês de agosto.

# Capítulo 6 – A imigração alemã e italiana

Ao longo de toda segunda metade do século dezenove a imigração alemã e italiana começou a chegar ao município de Arroio do Meio. Primeiro, vieram os alemães e, em seguida, os italianos povoando o território. É claro que vieram outros imigrantes de outras nacionalidades para o Vale do Taquari, entre eles franceses, holandeses e poloneses.

## 6.1 A imigração alemã

A ocupação e a povoação da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul tomam novos rumos no início do século dezenove. Assim como em parte do país, inicia-se o processo de vinda dos imigrantes alemães. No Sudeste e Nordeste do Brasil, cabia a estes imigrantes substituir a mão de obra escrava; já no Sul, seu papel era outro.

Para povoar a região Sul do Brasil, a imigração alemã estava vinculada a um projeto de povoamento pretendido pela Coroa Portuguesa. Além de influir no desenvolvimento e na composição étnica da população, a vinda dos novos colonizadores para a província de São Pedro provocou novas relações de trabalho e de mercado, uma vez que, até então, a atividade preponderante era a pecuária extensiva (CUNHA, 2006; TARGA, 1991).

As primeiras colônias alemãs fundadas no Brasil foram: Santo Agostinho, no Espírito Santo, em 1812; Leopoldina, na Bahia, em 1818; e Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, em 1818. Essas colônias não tiveram o igual sucesso das instaladas no Rio Grande do Sul. Isso ocorreu principalmente porque os imigrantes não tinham familiaridade nem com o clima nem com o solo, diferentemente das condições encontradas no Sul do Brasil (KREUTZ, 2004).

### 6.1.1 O contexto para a imigração alemã

No território do Rio Grande do Sul, as primeiras colônias criadas foram as de São Leopoldo, Três Forquilhas e São Pedro de Alcântara de Torres. Como incentivo para atrair os imigrantes facilmente, o governo imperial prometia, além da passagem, 160.000 braças quadradas de terra, o que corresponde a 77 hectares por família, além de cavalos, vacas e bois. Teriam também liberdade de culto, entre outros benefícios. No entanto, o governo nem sempre cumpria com aquilo que havia acordado, deixando os imigrantes em situação difícil (ROCHE, 1969).

O projeto da imigração europeia no Brasil aconteceu em meio a dois contextos fundamentais: o internacional e o nacional. No contexto internacional, o surgimento de um novo modelo econômico estimulava o fim do tráfico

negreiro em meados do século dezenove. Até o século dezoito, a Inglaterra, como principal potência mundial, havia lucrado imensamente com o comércio de escravos. No entanto, no século dezenove, a história muda. Com a Revolução Industrial, as fábricas começaram a marcar a paisagem inglesa nas margens do Rio Tamisa. E, conseqüentemente, os industriais ingleses passaram a ver o escravismo como um obstáculo para a expansão dos negócios. Na nova lógica, os ingleses acreditavam que o dinheiro gasto com a compra de escravos poderia ser empregado em outros setores da economia, mais lucrativos, como na aquisição de máquinas. Aliás, a escravidão pressupunha um mercado consumidor muito restrito, e os ingleses queriam um mercado livre e consumista. Por isso, a Inglaterra passou a combater o comércio escravista, não só em suas colônias nas Antilhas, mas igualmente começou a pressionar Portugal no intento de terminar esse comércio.

Em 1810, Dom João assinou o Tratado de Amizade e Comércio com a Inglaterra, condenando o tráfico ao sul do Equador, e, em 1817, novo acordo foi assinado determinando a extinção do tráfico. Embora sem convicção, Portugal assinava esses tratados pois dependia dos ingleses (FARIA, 2000).

O Brasil tornou-se “independente” em 1822, e em 1826 e 1827 validou os tratados assinados por Portugal, pois também dependia da Inglaterra. Conforme Cunha (2006, p. 280-281), todo o “aparato judicial não passou de letra morta, apesar das constantes e insistentes pressões inglesas, que acabaram produzindo resultado somente em 1850, com a radicalização provocada pela chamada ‘*Bill Aberdeen*’”.

A lei *Bill Aberdeen* foi aprovada pela Inglaterra em agosto de 1845, indicando que todo o tráfico de escravos africanos seria julgado e condenado. O Brasil, agrário e dependente, não encontrou outra saída a não ser aderir à lei. Assim, em 1850, a saída foi a lei batizada de Eusébio de Queirós, que extinguiu o tráfico de escravos entre África e Brasil.

Com o fim do tráfico entre África e Brasil, o número de escravos importados caiu rapidamente. Tal processo afetou a economia agroexportadora brasileira, que dependia de mão de obra para o trabalho. Inicialmente, o comércio interno de escravos supriu o problema. Mas a situação colocava os fazendeiros frente a dois problemas: os trezentos anos de escravidão geraram poucos trabalhadores livres, e estes, mesmo aptos ao trabalho, entendiam que a lida nas grandes lavouras era “coisa de negro”.

Uma solução encontrada foi a introdução de imigrantes europeus como mão de obra livre. Sendo assim, os imigrantes vêm substituir o uso do escravo na produção de gêneros de primeira necessidade, que encareciam com a concentração de escravos nas mãos de grandes fazendeiros. Nesse período, muitos fazendeiros eram resistentes à transição do trabalho escravo para o trabalho livre. Porém, outros fazendeiros, mais empreendedores e visionários, já percebiam que a mão de obra livre poderia gerar lucros mais elevados do que os regimes de escravidão, ao passo que um trabalhador livre teria condições e incentivo para produzir mais. Os escravos que ainda restavam, quando da chegada dos imigrantes, foram usados nas fazendas monoprodutoras (CUNHA,

2006). Além de substituir a mão de obra escrava, no caso da imigração alemã, os imigrantes foram usados na forma de novos soldados para ocupar a região de fronteira (KÜHN, 2007).

Não somente os impulsos internacionais, e basicamente econômicos, proporcionaram a vinda de imigrantes europeus para o Brasil, e especificamente para o Rio Grande do Sul. É possível citar fatores nacionais, ou seja, internos aos próprios interesses do Brasil. Tais motivações transcendiam os fatores econômicos e tomavam formas ideológicas e políticas. Calcados em ideias racistas do século dezenove, muitos intelectuais buscavam a criação de uma nacionalidade para o Brasil, acreditando que a grande maioria das pessoas que habitavam e trabalhavam no Brasil – pobres, negros e mestiços - não tinha as características almeçadas para o país.

Assim, os imigrantes brancos eram destinados à substituição dos negros, - que eram a principal força de trabalho no período -, nos setores da sociedade brasileira, não só nas áreas rurais. Transcendendo o que a primeira vista parece ser – o imigrante como ocupante de espaços vazios somente –, os reformistas pretendiam que os imigrantes substituíssem os escravos e ex-escravos, e construíssem, a partir da imagem da Europa desenvolvida, uma nova sociedade brasileira (AZEVEDO, 2004).

### **6.1.2 Preparando o terreno para a imigração alemã**

Para atrair e contratar o contingente alemão, que viria a ocupar, povoar e “transformar” o país e o Rio Grande do Sul, foi encarregado o major Von Schäffer. Ele partiu para a Alemanha um pouco antes de o Brasil se tornar independente, em 1º de setembro de 1822. Na Europa, o enviado deveria fazer contatos diplomáticos com o governo alemão e contratar os colonos soldados (AHLERT; GEDOZ, 2001).

Ao se falar em imigrantes alemães, ou italianos, é necessário lembrar que não havia, na Europa do século dezenove, o sentimento nacionalista de Alemanha e Itália. Segundo Seidel (2003, p. 97),

[...] seria um erro entender as categorias ‘alemães’ e ‘italianos’ como identidades preexistentes à imigração e colonização, visto que nem a Alemanha nem a Itália haviam consolidado seus processos de unificação nacional e de, portanto, prevaleceram as identidades regionais daqueles territórios.

Uma vez feitos os contatos diplomáticos, na Corte de Viena e em outros governos alemães, visando ao reconhecimento da independência do Brasil, Schäffer seguiu para Hamburgo e Bremen, para cumprir a segunda parte de sua missão, a contratação dos colonos. A partir das negociações concretizadas entre 1824 e 1828, partiram 21 expedições para o Brasil, nas quais foram embarcados 4.500 imigrantes, entre colonos e soldados (RAMBO, 1999).

Segundo Kühn (2007, p. 89), no Rio Grande do Sul, “nessa fase inicial, a localização dos primeiros colonos alemães se concentrou na região de São

Leopoldo, que na época abrangia uma imensa área, até o chamado Campo dos Bugres (região atual da cidade de Caxias do Sul), incluindo, ainda, as regiões de Montenegro e Taquara”.

Em 1834 o governo central delegou, por meio de ato adicional, as questões das colonizações para as províncias, ou seja, seriam elas, a partir desse momento, que teriam a competência para gerir os assuntos ligados à imigração e à colonização. Além disso, havia a preocupação com a lacuna que ficaria a partir da abolição do tráfico de escravos. Para contornar a situação e retomar as imigrações sem que essas comprometessem as frágeis finanças do Império, duas medidas foram tomadas. Primeiro, o estímulo à imigração espontânea e, em segundo, a preocupação de retomar uma legislação que permitisse novamente os projetos de imigração e colonização patrocinados pelo governo (CUNHA, 2006).

A Alemanha objetivava fazer do Sul do Brasil um lugar para o seu comércio e obtenção de matéria-prima. A ideia era garantir um mercado no Sul do continente americano assim como os ingleses o tiveram no Norte da América. Para tanto, foi nomeado Johann Sturz, cônsul geral do Brasil, em 1842. Ele estimulou a criação de uma associação para promover a emigração para as províncias do Sul do Brasil. Além de a questão estar vinculada à economia da Alemanha, as ligações culturais também deveriam ser fortalecidas, “garantindo entre os alemães emigrados a preservação da língua e dos costumes” (CUNHA, 2006, p. 283).

Nesse contexto, a partir de 1846, além do Vale do Sinos, outras regiões passaram a se formar, assim como os vales do Caí, Rio Pardo e Taquari, sendo fundadas as colônias de Feliz, Bom Princípio, Estrela, Lajeado, Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires (KÜHN, 2007).

Em 1854, com imigrantes nas regiões que ainda não haviam sido incorporadas pela pecuária, ocorreram modificações importantes no processo. Uma nova lei foi criada definindo a formação das colônias. A partir dessa data as terras deixaram de ser doadas, passando a ser vendidas (ROCHE, 1969). Quanto à extensão, as medidas básicas continuavam sendo a légua<sup>31</sup> e o lote rural. As terras eram financiadas com dois anos de carência e prazo de cinco anos para pagar - algumas tinham o prazo dilatado para 15 anos. O governo ofereceu a possibilidade de os colonos, em troca da dívida, trabalharem 15 dias por mês na abertura de estradas na região. O colono recebia o título definitivo da posse quando a dívida fosse paga totalmente e houvesse a comprovação de que a área tinha sido habitada e cultivada (HISTÓRIA..., 1998).

O Rio Grande do Sul recebeu o maior número de colônias de imigração ao longo do Segundo Reinado. No período de 1849-1889, foram fundadas na província meridional 18 colônias oficiais de imigração - 13 criadas pelo Governo

---

31 “A légua era uma antiga medida portuguesa de 6.600 metros quadrados de terreno, cortado por caminhos estreitos e irregulares abertos no meio da mata e chamados travessões ou linhas. Cada légua era dividida em 132 lotes, também de tamanho variável entre cinco e 30 hectares, conforme a localização, as condições de acessos, água, etc.” (HISTÓRIA..., 1998, p.150).

Imperial e cinco fundadas pelo Governo Provincial. No mesmo período, foram criadas 97 colônias particulares. Além disso, o Rio Grande do Sul recebeu pelo menos um terço das colônias de povoamento criadas no período de 1849-1889, no Brasil (CHRISTILLINO, 2010).

### **6.1.3 A imigração: interesses e disputas**

O processo da imigração alemã, durante sua execução, esteve envolto por diversos interesses, muitas vezes antagônicos, entre o governo imperial, o governo alemão e as empresas responsáveis pela vinda dos colonos para o Brasil. A concorrência entre as agenciadoras de emigrantes na Alemanha era intensa, valendo-se de propagandas falando das condições penosas a que se submeteria quem viesse para o Rio Grande do Sul, se escolhesse determinada agência. As fraudes para lesar o governo também eram constantes.

Em 1848, o governo geral, por meio da Lei Orçamentária, concedeu a cada província do Império “seis léguas em quadro”, aproximadamente 26.000 hectares, de terras devolutas para colonização. Em cinco anos os colonos deveriam fazer essas terras produzirem. Em 1851, o governo provincial do Rio Grande do Sul assinou um contrato de colonização com Peter Kleudgen, pelo qual deveria ser colonizada uma área de uma légua quadrada na nova colônia de Santa Cruz. Nela seriam assentadas sessenta famílias alemãs, as quais receberiam gratuitamente um lote de terras (160.000 braças quadradas). O primeiro navio com colonos para aquela região partiu de Hamburgo em 1º de agosto e o segundo em 31 de outubro de 1851 (CUNHA, 2006).

Ainda nesse ano é assinado com Kleudgen um novo contrato, por meio do qual o agente de imigração deveria introduzir, em dois anos, mais dois mil imigrantes na colônia de Santa Cruz (MULHALL, 1974). Para isso, precisaria selecionar pessoalmente os colonos, além de divulgar uma boa imagem do império brasileiro, criticado pelos jornais alemães. Kleudgen avisou o cônsul brasileiro na Alemanha e logo firmou um contrato de exclusividade com Knöhr & Burchard e M. Valentin para o agenciamento e o transporte de imigrantes para o Rio Grande do Sul. O governo alemão se certificou da legalidade da empresa do agente, enquanto seus concorrentes falavam mal de sua atividade (CUNHA, 2006).

Para que os agenciadores e as empresas encarregadas de arregimentarem e transportarem imigrantes para o Brasil não fraudassem o erário, o governador da província gaúcha, Ângelo Muniz, sentiu a necessidade de requerer atestados de ambos os cônsules (alemão e brasileiro), dando conta de que se tratavam de pessoas saudáveis e de boa índole. As empresas que exploravam a introdução de imigrantes no Rio Grande do Sul solicitavam os prêmios garantidos pela legislação, mas não tinham de fato executado a tarefa. Eis a fraude. Entre as empresas estavam Casa Calussem & Bertrand, Júlio Henrique Knorr, Fialho de Vargas & Cia e Jacob Rheingantz & Cia (CUNHA, 2006).

Vale lembrar que o mercado de terras era muito lucrativo, e os negociantes, diante da valorização das terras florestais próximas às primeiras

colônias, ingressaram nessa atividade. No Rio Grande do Sul, entre 1848 e 1870, “a colonização particular sofreu uma grande expansão, especialmente no Vale do Taquari, onde estava concentrada uma vasta área de terras florestais próprias para a agricultura” (CHRISTILLINO, 2010, p. 167).

Em 1875 o governo imperial mandou medir todas as terras públicas devolutas. Mais tarde, autorizou a venda de terras públicas aos particulares ou às sociedades que se comprometiam a colonizá-las. Assim, fundaram-se inúmeras colônias particulares, entre as quais, Forqueta, Pirajá, Nova Santa Cruz, Palmas e Rolante. Conforme Roche (1969, p. 117), a venda de terras a particulares “favoreceu realmente a apropriação de imensas áreas e a especulação com as terras. Os colonos foram os primeiros a sofrer-lhe as consequências”. Os compradores revendiam as terras por um valor quatro vezes maior do que haviam pago e não delimitavam com cuidado as áreas.

No final do período imperial no Brasil, a emigração alemã se estendia por grande parte do atual estado do Rio Grande do Sul. Conforme Cunha (2006, p. 299),

Começava no leste, onde os contrafortes da Serra Geral que seguem em direção ao sul dirigem-se para o oeste, afastando-se do Litoral, na altura das colônias de Torres e Três Forquilhas. Era interrompida por cerca de 60 km de grandes propriedades privadas e reiniciava com a Colônia do Mundo Novo, formando uma linha ininterrupta de colônias alemãs, oficiais e particulares, em direção ao oeste, que se estendia sobre Novo Hamburgo, São Leopoldo, São Sebastião do Caí, São João do Montenegro, Teutônia, Estrela, Santa Cruz, Germânia e Santo Ângelo, até Santa Maria da Boca do Monte, numa extensão aproximada de 300 km.

As disputas entre os governos brasileiro e alemão e empresas agenciadoras de imigrantes acompanharam todo o processo de imigração, tanto que muitos imigrantes que chegaram ao Brasil não fazem parte das estatísticas oficiais.

#### **6.1.4 Os primeiros núcleos alemães em Arroio do Meio**

A colonização alemã no Vale do Taquari se iniciou por volta da década de 1850, com cerca de trinta e cinco colônias, as quais, em sua maioria, foram estabelecidas em terras particulares. Eram pequenas propriedades que geralmente continham casa (FIGURA 38), estábulo, animais e roças. Algumas tiveram um desenvolvimento mais rápido, se comparado ao da região dos Sinos. A explicação para tal desenvolvimento está ligada com a migração interna, isto é, os povoadores vinham das primeiras colônias, adaptados e acostumados à província (FERLA, 2009).



FIGURA 38: Casa em estilo enxaimel construída por volta de 1880 na localidade de Forqueta Baixa

Fonte: Acervo fotográfico do CMDPU/MCN/Univates (2010).

Para Christillino (2010), no início da década de 1850, foi intensa a entrada de imigrantes e seus descendentes em Taquari<sup>32</sup>. Várias fazendas dos membros da elite local e das companhias de colonização foram loteadas e comercializadas aos imigrantes. Nesse período, iniciou-se a colonização das fazendas Conventos, Estrela, Ubatuba, São Gabriel, Boa Vista, Mariante, dos Barros, entre outras áreas de dimensões menores (FIGURA 39). Essa colonização e outras mais, que surgiram nas décadas de 1860, 1870 e 1880, logo receberam destaque na Província. Os relatórios dos presidentes do Rio Grande do Sul chamaram a atenção ao crescimento dessas colônias, especialmente para as de Estrela, Conventos e Teutônia. Os registros de transmissão de tabelionato mostram que, na década de 1860, foi grande o número de compra e venda de lotes de terras pelos imigrantes. Igualmente nesses locais foi aberto um grande número de linhas e picadas coloniais.

32 Nesta época, década de 1850, a extensão do município de Taquari era bem maior, pois municípios como Estrela e Lajeado não haviam se emancipado.

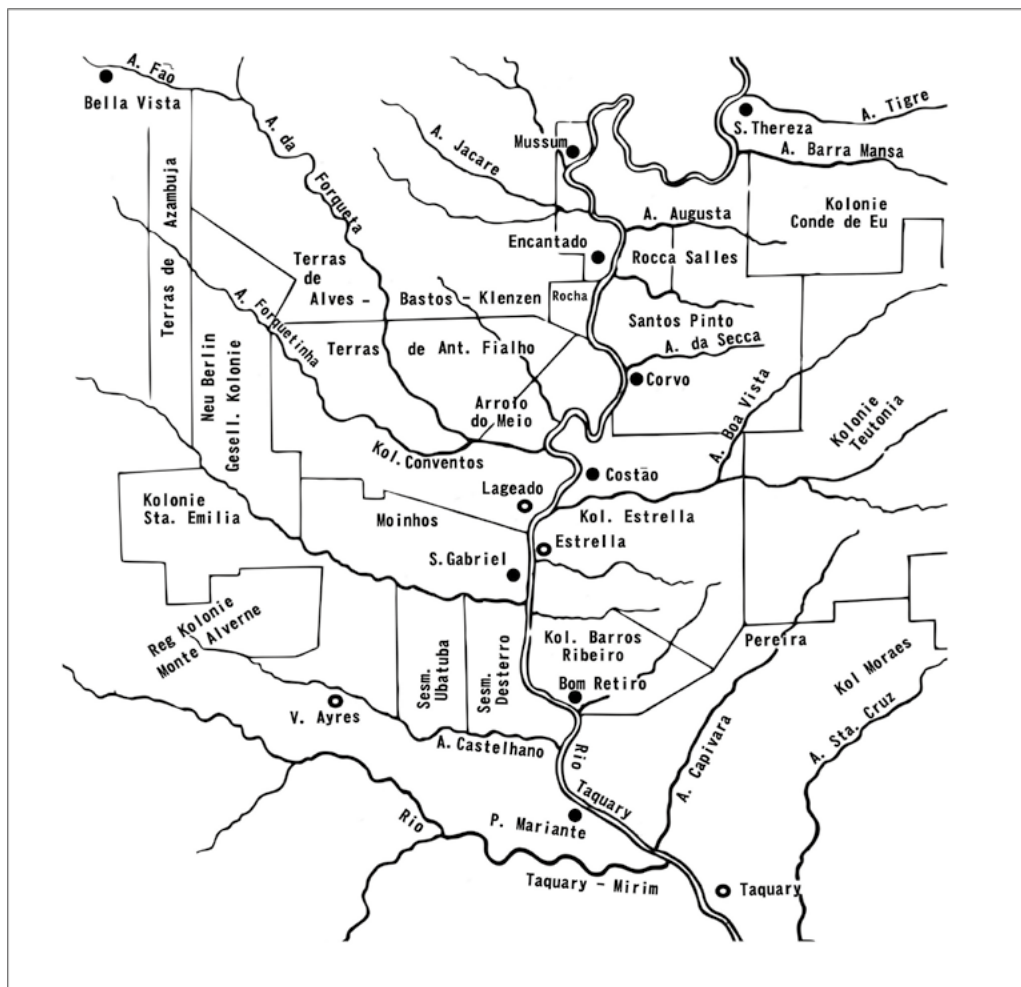


FIGURA 39: Mapa com as colônias na região Rio Taquari  
 Fonte: Rambo (1999).

A crescente entrada de imigrantes alemães na província de São Pedro tornou-se um negócio rentável para os grandes latifundiários. Dividiam suas terras e vendiam em pequenas propriedades para os imigrantes e migrantes. Dois grandes latifundiários, segundo Ferla (2009, p. 46), “foram responsáveis pelo desencadeamento do processo de colonização de terras do Vale do Taquari”. O Major Antônio Vítor de Sampaio Mena Barreto era proprietário de vasta extensão de terras localizada na margem esquerda do Rio Taquari, no atual município de Estrela, e Antônio Fialho de Vargas, dono da fazenda localizada na margem direita do Rio Taquari.

O ano de 1860 marca a compra, por um imigrante alemão de uma área de terras no atual município de Arroio do Meio. Em 07 de março de 1860, João

Gerhardt<sup>33</sup> e seus filhos Sebastião e Balthasar adquirem “duas mil e duzentas e cinquenta braças de frente, e fundos de meia légua” de Anna de Oliveira Salazar Ribeiro, viúva do Capitão Francisco Silvestre Ribeiro. Na escritura o tabelião registra a venda da Fazenda São Caetano que a viúva faz aos imigrantes (LIVRO..., 1860, p. 1-3, APERS),

Escritura de venda que fazem D. Anna [*ilegível*] Salazar Ribeiro a João Gerhardt e seus filhos [*ilegível*]. Saibão quantos virem [*ilegível*] digo este publico instrumento de escriptura de venda, que sendo no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito Centos e sessenta aos sete dias do mes de Março do dito ano nesta Vila de Taquary em as casa da residencia da outorgante vendedora D. Anna de Oliveira Salazar Ribeiro, onde eu Tabelião vim, ali [*ilegível*] presentes partes ajustadas. Como vendedora a dita[?] D. Anna Ribeiro viuva do Cappitão Francisco Silvestre Ribeiro, e como compradores João Gerhardt e seus dous filhos Sebastião Gerhardt, Baltasar Gerhardt, reconhecidos de mim Tabelião e das testemunhas no fim assignadas. Ali pela outorgante vendedora foi dito que tinha Contratado vender como vendido tem de hoje para sempre aos Compradores João Gerhardt, Sebastião Gerhardt e Balthasar Gerhardt a Fasenda de que é senhora possuidora denominada - São Caetano - sita neste municipio, districto de Santo Amaro que tem defrente ao rio Taquary duas mil dusetas e cinquenta braças, e fundos de meia legoa, a Serra geral, dividindo pelo lado de sima com Antonio Fialho de Vargas, e pelo lado abaixo com José Silvestre Ribeiro, com todas as benfeitorias de engenhos de farinha e cana[?], e uma Casa de moradia coberta de telha, reservando para si as dusetas e cincoenta braças de frente com o fundo de uma legoa, na divisa de José Silvestre Ribeiro, no mais sendo como dito fica pela quantia de nove contos de reis livre de [*ilegível*], de cuja quantia [*ilegível*] a vista somente a de dous contos e quinhentos mil reis de hoje a quatro a quatro meses outras dous contos e quinhentos mil reis, e de hoje a um anno o resto na importancia de quatro contos de reis, que não tendo datas nos dois dos vencimentos, pagarão um por cento ao mes athe real embolso; a cujos pagamentos ficarão hypothecados as ditas terras digo dita Fasenda, ficando a cargo dos compradores a medição que tenha-se de faser na parte que ora lhe é vendida: assim justos e contratados dissera a vendedora, que de muito a [*ilegível*] pessoas dos compradores, toda a posse, direito, dominio, senhorio [*ilegível*] que em dita Fasenda tem, e dão a eles por importados desta tanto na posse rial [*ilegível*]e [*ilegível*], como actual judicial, abrigando-se[?] por si e seos bens presentes e fucturos a favor desta venda boa, firme valiosa e actirar a pas na salvo de qual que duvida que se mova ou possa mover.

No documento consta que a área de terras adquirida pelos imigrantes tem como divisa as propriedades de Antônio Fialho de Vargas, José Silvestre Ribeiro, o Rio Taquari e a Serra Geral. Os marcos que separam as propriedades são imprecisos, ficando difícil demarcar o local exato da área. Consta também as benfeitorias da área, como uma casa de moradia e engenhos de farinha e cana,

---

33 Para a construção desta obra optou-se em usar a grafia “João Gerhardt”, pois na documentação oficial, escritura de compra e venda, o escrivão na época redigiu “João”. No Livro Códice C-333 do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, no qual está registrado grande parte dos imigrantes alemães, consta “Johann Adam Gerhardt”.

do que se presume que entre as culturas produzidas na propriedade pela família Ribeiro estão o trigo e a cana-de-açúcar.

Sobre o imigrante João Gerhardt, sabe-se que ele nasceu em 1789, na Alemanha. Casou pela primeira vez com Elisabeth Sommer, com a qual teve cinco filhos. Casou pela segunda vez em 15 de abril de 1842 com Barbara Wagner. Dessa união o casal teria pelo menos sete filhos. João era católico e faleceu em 10 de junho de 1870 (Códice C-333, Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, 2010). Foi sepultado no Cemitério Católico de São Caetano, cujo túmulo (FIGURA 40) é preservado pelos seus descendentes.



FIGURA 40: Túmulo de João Gerhardt - na lápide consta a data de falecimento em junho de 1871, entretanto no Códice C-333 a data registrada é junho de 1870.

Fonte: Acervo fotográfico do CMDPU/MCN/Univates (2019).

No dia em que João Gerhardt e seus filhos compram seu lote de terras, em 07 de março de 1860, Custódio Silvestre Ribeiro, filho de Anna de Oliveira Salazar Ribeiro, faz uma venda de “quarenta reses de cria de um ano para cima, cinquenta ovelhas e trinta cabras”, conforme “escritura de contrato”, para João Gerhardt. A quantia de um conto e dois mil réis, valor total da transação, ficou acertada para junho daquele ano, quando da entrega dos referidos animais. Conclui-se que os imigrantes tinham intenção de dedicar-se, além de à agricultura, à pecuária. No mesmo contrato, João Gerhardt e Custódio Silvestre Ribeiro acertaram que a safra de mandioca, plantada na fazenda, é do vendedor. Ficou acordado ainda que Ribeiro iria utilizar a “fábrica” para o processamento da mandioca.

Em 03 de janeiro de 1862, a viúva Anna de Oliveira Salazar Ribeiro dá a quitação, por meio de escritura, do referido imóvel, uma vez que as terras foram compradas por pagamentos parcelados. No documento o escrivão menciona que a vendedora estava satisfeita com o negócio, uma vez que os compradores cumpriram os prazos de pagamentos previstos.

Ainda no ano de 1860, os imigrantes Pedro Brentano e Antônio Brentano compraram uma área de terras da viúva Anna de Oliveira Salazar Ribeiro. Pedro e Antônio adquirem, cada um, “cento e vinte e cinco braças de frente, mais mil e quinhentos de fundos” (LIVRO..., 1860, APERS). Na escritura, observa-se as divisas das terras de Pedro e Antônio Brentano (LIVRO..., 1860, APERS),

Escritura de venda que fazem D. Anna de Oliveira Salazar Ribeiro a Pedro Brentano e Antonio Brentano como se vai declarar. Saibão quantos este publico instrumento de escriptura de venda cirem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e sessenta, aos dose dias do mes de Setembro, nesta vila de Taquary em as casa da residencia da vendedora o [ilegível] Tabelião vim, abri aprovasão para Contratadas. Como vendedora D. Anna de Oliveira Salazar Ribeiro, e como compradores Pedro Brentano e Antonio Brentano todos reconhecidos de mim Tabelião e das testemunhas no fim assignadas. Ali pela vendedora foi dito que tinha vendido de hoje para sempre aos compradores Pedro Brentano e Antonio Brentano dusesentas e cincoenta braças de terras de mattos de frente ao Rio Taquary que fora por esta [ilegível] na Escripura que passou a João Gerhardt ficando aos da [ilegível] compradores com cento e trinta e cinco braças de frente, um mil e quinhentas de fundos, tendo as de Antonio Brentano ligadas com as de João Gerhardt e as de Pedro Brentano pelo lado abaixo destas, cujas terras se dividem pelo lado de cima com o dito João Gerhardt, pelo lado [e abaixo] com José Silvestre Ribeiro, pela frente com o rio Taquary, e pelo fundo com terras do Governo, pela quantia de oito centos mil reis livre se dira, que por [700] a havido recebida [ilegível] aos compradores qual quitação para não mais este dos respectivos[?] se tendo-lhe apossar e direito que nesta terra e dando-o por impossado destas, obrigando-se por si e seus bens a faser esta venda boa firma e valiosa e atirar apar[?] e a salvo de qualquer divida. Ficando os compradores por estes foi dito que aceitão esta por estar de sua vontade se apresentarão o [ilegível] de [ilegível] do [ilegível] seguinte. Numero quarenta e nove[?]. Estavão as armas Impereaes – Mil oito centos e sessenta, a mil oito centos e sessenta e nove[?] [ilegível] que - De as de bem [ilegível] - [ilegível] [ilegível] do respectivo livro de escriptura, fica [ilegível] o actual Colector Bernardo dos Santos Praes, pela quantia de quarenta e oito mil reis que pagarão os senhores Pedro Brentano e Antonio Brentano proveniente de dusesentas e cincoenta braças de terras de matos de frente. Com mil e quinhentoas de fundos sitas na Fasenda denominada São Caetano – Compradas a D. Anna de Oliveira Salazar Ribeiro por oito centos mil reis. Como deverá constar na escriptura. Colectoria de Taquary dois de setembro de mil oito centos e sessenta. Colector Bernardo dos Santos Praia [ilegível] Luis Candido Veloso. [ilegível] [ilegível] [ilegível] fixado este instrumento que eles diz [ilegível] [ilegível]. Com as testemunhas reconhecidas de mim Candido de Miranda Castro Tabelião que escrevi eno e assigno em publico [ilegível]. Desta [ilegível][ilegível] mil reis.

Pode se observar que o território do então distrito de Taquari transformase em lotes menores. Além dos imigrantes luso-brasileiros, tem-se a inserção do imigrante germânico.

Em 1861 entra em cena o imigrante José Gerhardt, que compra uma área de terras do Capitão José Silvestre Ribeiro, filho de Anna de Oliveira Salazar

Ribeiro. José Gerhardt adquire um lote de terras proveniente da Fazenda São Caetano, conforme escritura (LIVRO..., 1861, APERS):

Esriptura de compra e venda entre partes como vendedores o Capitão José Silvestre Ribeiro e sua mulher de umas terras de mattos plantações á José Gerhard como se vai declarado. Saibam quantos virem a presente Esriptura de venda que sendo no anno de Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oito centos e sessenta e hum aos seis dias do mes de Setembro do dito anno e nesta Villa de Taquary em meu Cartório comparecerão presentes partes havidos e contratados, de uma como vendedores o Capitão José Silvestre Ribeiro e sua mulher Donna Maria Carolina Magalhães Ribeiro, e de outra como comprador José Gerhard, e por aquelles vendedores foi dito que erão senhores e possuidores de uma terras de mattos e plantações situadas na margem direita do rio Taquary, que foi parte integrante da fazenda São Caetano [...].

Novos imigrantes alemães vão chegando em terras arroio-meenses. Em 12 de junho de 1862, Sebastião Gerhardt vende a João Saling um lote ao preço de 900 mil réis na Fazenda São Caetano. Mais tarde, João Bruxel compra um lote de terras, 150 hectares, de João Gerhardt, ao preço de 900 mil réis. O lote faz divisa com João Saling e João Gerhardt (THOMÉ, 1984).

A venda das colônias prossegue, e em 04 de dezembro de 1867 Antônio Korb adquire de José Silvestre Ribeiro um lote pagando o valor de um conto e duzentos mil réis (THOMÉ, 1984).

Atualmente, no Bairro São Caetano, existe um marco (FIGURA 41) em homenagem aos imigrantes, dando conta de que aquele local seria onde João Gerhardt e sua família se estabeleceram, inaugurando a vinda de imigrantes alemães.



FIGURA 41: Marco homenageando o primeiro imigrante alemão que se instalou em São Caetano, Arroio do Meio, RS

Foto: Acervo fotográfico CMDPU/MCN/Univates, 2020.

A antiga colônia foi povoada a partir de 1860 por inúmeros imigrantes alemães (FIGURA 42), sendo contemplados nesta obra apenas os primeiros que se fixaram em terras do atual município de Arroio do Meio.



FIGURA 42: O imigrante Johannes Kreutz se estabeleceu com sua família em Arroio Grande no final de século XIX

Fonte: Acervo fotográfico Particular de Marcos R. Kreutz (2010).

Para manter um vínculo com familiares que permaneceram na Europa, os imigrantes escreviam inúmeras cartas falando do dia a dia e de como eram as colônias no Vale do Taquari. Nas cartas da família Brod, mais precisamente nas escritas por Johan Brod, em 1905, 1906 e 1910, é possível ter uma noção do cotidiano dessas famílias na Colônia Arroio do Meio.

Em 30 de julho de 1905, Johan Brod escreve:

Moramos a meia hora da margem direita do rio Taquari. Lajeado, distante 2 horas daqui, igualmente à margem direita do rio Taquari, é sede municipal e comarca. Estrela, distante meia hora de Lajeado, à margem esquerda do rio Taquari, é também município. Porto Alegre é a capital do nosso estado, Rio Grande do Sul e dista 30 horas daqui.

Ao imaginares o Brasil como um país ainda meio selvagem e desabitado, estás praticamente correto, eis que sua superfície geográfica, de aproximadamente 18 vezes a da Alemanha, abriga somente 18 milhões de habitantes. Os núcleos de colonização, no momento, se restringem às regiões próximas à costa marítima e bacias hidrográficas, em virtude da falta de estradas em direção ao interior do país necessárias para o escoamento da produção. No entanto, nos últimos anos, vêm sendo concluídos consideráveis trechos de ferrovias e importantes estradas estão em construção (CARTAS, 2004, p.29).

Já em 19 de março de 1906 escreve sobre as dificuldades enfrentadas na agricultura:

Finalmente, após 5 meses, os gafanhotos estão pouco a pouco nos deixando. Não bastasse esta calamidade, uma grande seca castigou toda a região desde o Natal até 10 de março último. Milhares de famílias não colheram absolutamente e em virtude da crise geral que vem reinando há mais tempo. Também o crédito está praticamente impossível. Os preços de mantimentos subiram em alguns casos até 4 vezes e o prejuízo com a perda de rezes e suínos é grande. Nossa produção anual, de 50 a 60 porcos, neste ano se reduzirá a algumas unidades. Porém agradeço a Deus por minha família não estar passando fome e miséria tendo em vista que ainda possuímos algum estoque de mantimentos do ano anterior. Das colonizações alemãs menos afetadas pelas intempéries e pragas foram enviados gêneros de primeira necessidade às colônias mais castigadas (CARTAS, 2004, p.30).

O imigrante Johan Brod, da mesma forma, comenta questões políticas:

Mas cabe a pergunta: o que o nosso governo está fazendo para contornar esta crise? Eu diria que ele muito promete ajudar às regiões necessitadas, criando empregos na construção de estradas e pontes, mas “paciência”! diz o brasileiro, e duvido de que em algum lugar do mundo esta palavra, “paciência” assume um significado tão real e autêntico como aqui. O Brasil tem, indiscutivelmente, um grande futuro, não obstante os enormes problemas e carências. Não bastasse a arbitrariedade e o despotismo do nosso governo, os juros altos, o endividamento, os privilégios do funcionalismo público e dos desvios financeiros complementam o panorama e estão na ordem do dia. A gente implora e esbraveja contra tal situação mas a revolta acaba cedendo ao consolo de que dias melhores estão por vir. Os bons tempos foram sepultados com o Império e nossa gloriosa República ainda nada nos proporcionou além de decepções.

Não é de se estranhar que o desenvolvimento do Brasil depende em grande parte do aumento demográfico, considerando que a população do nosso Estado, de 1 e meio milhão de habitantes se distribui numa área correspondente a meia Alemanha, cuja população soma 60 milhões. Num país com tão escassa força de trabalho não pode se esperar que o progresso dos novos tempos aconteça no mesmo ritmo que na velha Europa (CARTAS, 2004, p.30).

A carta finaliza dando informações sobre um familiar falecido, pois as cartas serviam principalmente a esse propósito: receber e enviar notícias sobre a família. Em 1º de novembro de 1910, Johan Brod e os familiares ficam felizes com as notícias recebidas da Alemanha e comentam na carta de resposta, além de contarem as últimas novidades:

Muito grato pelo envio de vossas fotografias. Certamente gostarias de saber minha opinião sobre a sua escolha de casamento. Devo confessar que tiveste muito bom gosto na escolha da tua companheira. Que vossa felicidade perdure pura e livre de infortúnios, este é o desejo do mais íntimo de meu coração. Aqui estamos todos bem e com ânimo. Minha filha Alvina, casada há um ano com Wilhem Bruxel, deu á luz um forte garotinho chamado Albin, meu 5º neto. Minha irmã Anna Maria e o cunhado Kreutz passaram a morar na casa de Anna, filha mais velha de meu irmão Peter e casada com Theodor Rüdell, que possui um moinho movido a água e vapor, distante 15 minutos daqui. No último domingo, 30 de outubro, meu filho Bruno teve a sua primeira comunhão, na Igreja N. Sra. do Perpétuo Socorro em Arroio

do Meio. Neste ano foram 80 crianças. Foi uma festa muito bonita e um dia radiante, sendo que a igreja não conseguia abrigar a todas as pessoas provenientes dos mais diversos cantos. [...] A filha de meu irmão Peter, Henriette, casada com Valentin Liesenheid, bem como o segundo filho de minha irmã Elisabeth, igualmente casado com dois filhos, foram de muda para Cerro Azul. A viagem foi de carroça puxada por bois. A distância até Cerro Azul é em torno de 100 léguas e é situado na região oeste do Estado, na divisa com a Argentina, junto ao rio Uruguai. [...] No dia 21 de setembro, Peter e eu festejamos nossas duplas bodas de prata, no círculo de nossas famílias. O dia iniciou com uma festiva celebração na igreja, com uma bela [ilegível] proferida pelo Revmo. Padre Rick. Durante a Santa Missa nossas crianças nos surpreenderam com cantos especialmente ensaiados para a ocasião. O restante do dia transcorreu animado e alegremente. Nosso inverno foi dos mais rigorosos de que se tem lembrança, com temperaturas negativas de até 4 e meio graus. A cana de açúcar foi totalmente aniquilada e os estragos nos pomares foi grande. Nos campos houve muita perda de gado. Nas eleições para Presidente da República quer nos parecer que tivemos sorte com a vitória do Marechal Hermes da Fonseca. [...] Pronto, era mais ou menos estas as mais recentes novidades.

A carta de 1910 possui um diferencial que mostra outro aspecto do cotidiano. Johan Brod praticava medicina natural, pois solicita ao sobrinho alguns materiais. Muitos imigrantes, geralmente os mais letrados, acabavam assumindo essa profissão.

Em tempo: peço-te ainda o favor de notificar a Firma Breitkopf & Härtel em Leipzig, que no final deste ano me remetam as seguintes publicações de medicina natural do ano em curso: “Naturazt” e “Naturärztliche Zeitschrift”, bem como gostaria de continuar recebendo o jornal da parteira (Hebammenzeitung). Além disto, peço que envie os seguintes instrumentos cirúrgicos: 1 termômetro, 2 pinças, 10 agulhas para cirurgia e 1 bisturi. Caso não encontrases estes instrumentos em Kreuznach, encomenda-os da Medizinisches Warenhaus em Berlin, Karlstrasse, 31. Se o material chegar bem aqui voltarei a encomendar mais equipamentos. Tenho em meu poder diversos catálogos desta empresa. As despesas podes debitar-me (CARTAS, 2004, p.30).

Os trechos apresentados das cartas são excelentes fontes de pesquisa que ilustram com detalhes o dia a dia dos imigrantes na região de Arroio do Meio.

O Vale do Taquari foi a região que recebeu o maior número de imigrantes alemães e seus descendentes nas décadas de 1850 e 1860. Percebe-se, no entanto, que a colonização dessa região não teve maior atenção da historiografia sul-riograndense. Isso porque não foi instalada no município uma colônia de imigração oficial com a dimensão dos demais núcleos criados pelo Governo Imperial e Provincial no Rio Grande do Sul (CHRISTILLINO, 2010).

No ano de 2013<sup>34</sup>, comemorou-se os 190 anos de imigração alemã no Rio Grande do Sul. Como prerrogativa da comemoração, houve a assinatura do convênio de cidades-irmãs entre a cidade de Arroio do Meio e Boppard a. Rh

---

34 Disponível:<[http://www.brasilemanha.com.br/novo\\_site/noticia/cidades-coirmas-arroio-do-meio-brasil-boppard-alemanha/2613](http://www.brasilemanha.com.br/novo_site/noticia/cidades-coirmas-arroio-do-meio-brasil-boppard-alemanha/2613)>. Acesso em: 26 de jul. 2019.

(am Rhein - junto ao Reno), região do Hunsrück, Alemanha. O foco principal do convênio é o intercâmbio de jovens estudantes, tratando-se de um projeto de educação complementar, extra curricular. Ambas as cidades intercambiaram alunos nos anos seguintes à assinatura do acordo, ocorrendo em 2018 a visita da terceira turma de alunos oriundos da cidade Boppard.

## **6.2 A imigração italiana**

O mundo ocidental passa por mudanças significativas no final do século dezanove e início do século vinte. Essas mudanças têm como fator constitutivo a difusão do capitalismo - e é nesse cenário que a imigração italiana ocorre no Estado do Rio Grande do Sul. Em 1875 tem início a última etapa de povoação do Estado com os italianos se fixando na encosta superior do Planalto (GIRON; HERÉDIA, 2007).

Da mesma forma que a imigração alemã, a vinda de italianos para o Brasil fazia parte de um projeto dos governos brasileiro e italiano. “As condições antagônicas dos dois países permitiram essa trasladação de massas humanas do Velho para o Novo Mundo” (VANNINI, 2008, p. 33).

Segundo Giron e Herédia (2007), vários fatores levam à emigração dos italianos. Para os agricultores, a falta de terras foi o principal fator. Na Europa do século dezanove o acesso às terras era difícil. Além disso, não houve na Itália uma reforma agrária, somada à ausência de oportunidade e à crise agrária gerada pela depressão (depressão econômica ocorrida pela expansão do liberalismo e nacionalismo).

As novas tecnologias, geradas pela Revolução Industrial, proporcionaram o aumento dos lucros dos empresários, mas geraram, em contraponto, a sobra de mão de obra. Os trabalhadores foram, em muitos casos, substituídos pelas máquinas. Assim, a mesma tecnologia que expulsou os europeus, e particularmente os italianos de sua nação, foi a que proporcionou o transporte a europeus pobres e carentes de terra à América. Tal processo causou um alívio na tensão que a Europa vivia no período (HISTÓRIA..., 1998).

A economia do período necessitava de novos consumidores e matérias-primas em grande quantidade. Para isso ser viável, a América, ainda cheia de escravos, precisava ser povoada por trabalhadores livres. Os homens livres produziam mais e melhor do que os escravos, com a vantagem ainda de sua contratação ser mais barata. As teorias científicas da época, se assim é possível chamá-las, indicavam que os brancos seriam mais adaptados à produção (GIRON; HERÉDIA, 2007).

### **6.2.1 A situação da Itália**

A Itália permaneceu unificada durante o domínio de Napoleão. No Congresso de Viena (1815) a Itália foi dividida; a Áustria ficou com as melhores regiões, como Lombardia e Veneza, e os reis Habsburgos governaram Toscana, Parma e Módena. Ficaram livres apenas Nápoles e o Piemonte. Com a Revolução

de 1848, é lançada a ideia de nova unidade. Essas revoluções europeias têm entre os seus motivadores a crise econômica e a autocracia governamental. No decurso do século dezenove, alguns estados voltam ao domínio italiano, sendo os casos da Lombardia (1859) e Veneza (1866). Mas só com o Tratado de Saint-Germain (1919), assinado após a Primeira Guerra, as regiões austríacas voltam para o domínio italiano (GIRON, 1992).

Com a unificação da Itália em finais do século dezenove, a crise de minério e energia faz com que a indústria não empregue toda a mão de obra. Além disso, a agricultura era atrasada tecnicamente. Tudo isso gera crise e dificuldades sociais, cuja solução é buscada na emigração. O governo estava mais preocupado com a estabilização política a partir da imigração do que com os problemas sociais. Entre 1869 e 1962, 24 milhões de italianos deixaram seu país, e, no entanto, o crescimento demográfico não reduziu (GIRON, 1992).

A vinda de imigrantes pode ser definida de duas formas. No caso da colonização do Rio Grande do Sul, os colonos compravam as terras. Já em São Paulo, os imigrantes foram usados nas fazendas de café e explorados. Recebiam víveres e ferramentas do dono da terra para o qual plantavam por percentagem (VANNINI, 2008).

Quem realmente ganhava com a introdução de imigrantes no território brasileiro eram os empresários, tanto os que agenciavam na Itália quanto os que cuidavam de prover os alojamentos no Brasil. Os governos provinciais e o imperial do Brasil arcavam com as despesas. Sendo assim, o país gastava de forma dispendiosa com a imigração (HISTÓRIA..., 1998).

### **6.2.2 A imigração italiana no Rio Grande do Sul**

Para o Rio Grande do Sul vieram milhares de imigrantes. No período entre 1885 e 1906, entraram cerca de cem mil, dos quais 50% eram italianos. Segundo Giron e Herédia (2007, p. 34), o “espaço destinado à colonização estava diretamente ligado às mudanças da Lei de Terras de 1850, segundo a qual as terras, cuja posse não fosse confirmada por seus proprietários, deveriam voltar às mãos do governo nacional”. As terras que não eram legalizadas, chamadas devolutas, seriam colocadas à disposição da colonização.

São as terras das matas da encosta do Planalto a região-alvo dessa última fase de povoamento do Rio Grande do Sul. Essas terras não eram as melhores para os objetivos dos portugueses (pecuária e lavoura de trigo). Os alemães, por sua vez, ocuparam os Vales, fazendo com que 5/6 da população do Estado em 1872, estava estabelecida na Depressão Central. Em 24 de maio de 1870 foram criadas as colônias Dona Isabel e Conde D’Eu de Bento Gonçalves e Garibaldi, respectivamente. Apenas 37 lotes haviam sido ocupados no ano seguinte, o que ensejou a contratação de empresas para conduzir novamente colonos para a região (GIRON, 1992).

Assim, surgiram várias colônias: 1876 - Caxias; 1884 – Alfredo Chaves; 1887 – Silveira Martins (Santa Maria e Cachoeira), Mariana Pimentel, Barão de



chegado a eles. Os investimentos públicos eram recompensados pelo pagamento das dívidas dos colonos. Quando eles não saldavam as dívidas, estas lhes eram perdoadas, ou então, os bens leiloados.

Segundo Giron (1992, p. 66), a imigração foi uma empresa que beneficiou os países europeus, pois no Rio Grande do Sul o retorno econômico só se efetivou em longo prazo. Quanto aos imigrantes, ficaram muito ligados “à Pátria ingrata, que os expulsara, não lhes dando condições de sobrevivência, do que à nova terra que lhes deu o apoio que negara a seus próprios filhos”.

As colônias foram divididas pelos agrimensores do Império em dois tipos: de colonização antiga e de colonização recente. Em relação à colonização antiga, a área era simétrica e uniforme. A simetria era dada pela horizontalidade e verticalidade das figuras. Já na colonização recente, a demarcação era baseada na topografia. Dessa forma, os rios e as estradas tiveram um papel importante: serviram de demarcadores (HISTÓRIA..., 1998).

### **6.2.3 Os italianos em Arroio do Meio**

No Vale do Taquari, a região alta oferecia a compra de terras por preços mais baixos. “Quanto mais para o interior, mais terra por menos preço”. Além disso, nas áreas mais planas os alemães já haviam se fixado (FALEIRO, 1996, p. 82).

Os atuais municípios de Pouso Novo, Nova Bréscia e Encantado foram os primeiros a receber imigrantes italianos. A partir de 1882 os colonos chegaram da Itália, assim como de outras regiões do Rio Grande do Sul, como Bento Gonçalves e Garibaldi (FALEIRO, 1996).

Em Arroio do Meio, a grande maioria dos imigrantes italianos (FIGURA 44) que se estabeleceu no território fixou-se especialmente nos antigos Distritos de Capitão e Nova Bréscia. Como é o caso de João Beneduzzi, Luiz Beneduzzi e Antônio Daldon. Estes imigrantes italianos, antes de chegarem ao Vale do Taquari, foram para Garibaldi.



FIGURA 44: Casa de madeira típica de imigrantes italianos na década de 1920 que aproveitavam a araucária para a construção das moradias

Fonte: Acervo fotográfico do Arquivo Histórico de Lajeado (2010).

Em Arroio do Meio, imigrantes se instalam em Palmas, como foi com Natali Scartezine, que, em 22 de março de 1895, adquire uma área de terras. Conforme Livro nº 01 do Registro de Imóveis de Lajeado (1895), o imigrante compra

Um lote colonial neste município de Lajeado no lugar denominado “Palmas” sob no. 3 com a area superficial de 90.000 ba., com frente ao sul com terras dos herdeiros de Henrique Jacob Reinheimer, pelos fundos com terras dos transmittentes, pelo oeste e leste com os lotes numeros 2 e 4. [selo].

Mais tarde, chegou Carlos Boni, que veio da Itália, no início do século vinte, com seus filhos e fixou-se na atual Linha Zanotelli, hoje município de Travesseiro. Por volta de 1911 chegaram, em Travesseiro, localidade de São Jacó, os imigrantes Antônio Cocconi, Antônio Faccini, João Castoldi, Antônio Catâneo e Arcângelo Bettini (CAPITÃO, 2002).

Em Capitão, os primeiros imigrantes italianos que se instalaram próximo à localidade de Brasinha foram Augusto Augustim (dono da primeira casa comercial), João Batista Gasparotto, Stéfano Giaretta e Damiano Fachini.

Estes foram os principais imigrantes italianos e seus descendentes que se fixaram no atual município de Capitão. Já no atual município de Nova Brésia, os primeiros imigrantes se estabeleceram em 1898. Entre os imigrantes estavam Pietro de Maman, Arcângelo Daroit, Carlos Fontana, Antônio Perotti, Pio Casaril e Vincenzo Mânica (THOMÉ, 1984).

Battistel e Costa (1983, p. 1177) transcrevem trecho de uma carta de um imigrante italiano para seus parentes na Europa sobre as primeiras impressões da região:

Quando nós chegamos aqui, não havia habitação alguma. Viemos por um trilho que só com muita dificuldade apenas podia ser percorrido. O tropeiro descarregou aqui mesmo neste lugar. Olhei tristemente em redor: circundada pela mais negra e espessa mata, espinhos, céspedes, lianas pendentes de colossais e gigantescas árvores, pinheiros seculares, privados de estradas, sem casa, sem igreja, escola, farmácia e médico, privados de vizinhos e amigos, sem caminhos, sem alimento e dinheiro! Privados de ferramentas e sem conforto algum. Moscas, mosquitos e insetos de todas as espécies naquela selva espessa e escura [...]. Ai de quem adoecesse porque o enfermo estaria perdido.

Em busca de novas oportunidades, descendentes de italianos radicados em Arroio do Meio decidiram mudar para outros municípios. É o caso de Francisco Fassini, morador da Linha São Jacó. Isso aconteceu em 1938 quando seu cunhado, João Bolsi, convidou-o para residir em Linha Bonita Alta, então município de Encantado. Após quatro anos, Fassini conseguiu adquirir uma colônia de terras na mesma localidade. Francisco era casado com Rosa Alberti Fassini, e teve dez filhos - nove nasceram em Arroio do Meio e um em Encantado (LIED, 2003).



# Capítulo 7 – A emancipação política do município de Arroio do Meio

O atual Estado do Rio Grande do Sul foi elevado à capitania - Capitania Geral de São Pedro - em 1809, ficando subordinado ao vice-rei do Brasil. Atendendo à solicitação do governador da Capitania, Paulo José da Silva Gama, o rei D. João VI, em 07 de outubro de 1809, assina provisão criando as quatro primeiras vilas e suas respectivas freguesias e capelas filiais. Naquele ano, o Estado foi dividido em quatro vilas (municípios): Santo Antônio, Porto Alegre, Rio Grande e Rio Pardo (VOGT; ROMERO, 2010).

Com o passar dos anos, novas emancipações vão acontecendo, como em 1831, quando a Freguesia de Triunfo se emancipa de Porto Alegre e é elevada à categoria de vila. Nesse momento, vai agregar para si alguns distritos próximos, dentre eles, as Freguesias de Taquari e de Santo Amaro.

Em 1849, a Freguesia de Taquari é elevada à categoria de vila (município). Assim, é criado o município, que no decorrer dos séculos dezenove e vinte vai dando origem a todos os municípios do Vale do Taquari. O território de Taquari correspondia a uma grande área (FIGURA 45), envolvendo os atuais municípios de Lajeado/RS, Venâncio Aires/RS, partes de Guaporé/RS e de Santa Cruz/RS (colônia de Monte Alverne), Estrela/RS e a Vila de Santo Amaro do Sul/RS (atual distrito de General Câmara) (KREUTZ; MACHADO, 2017).

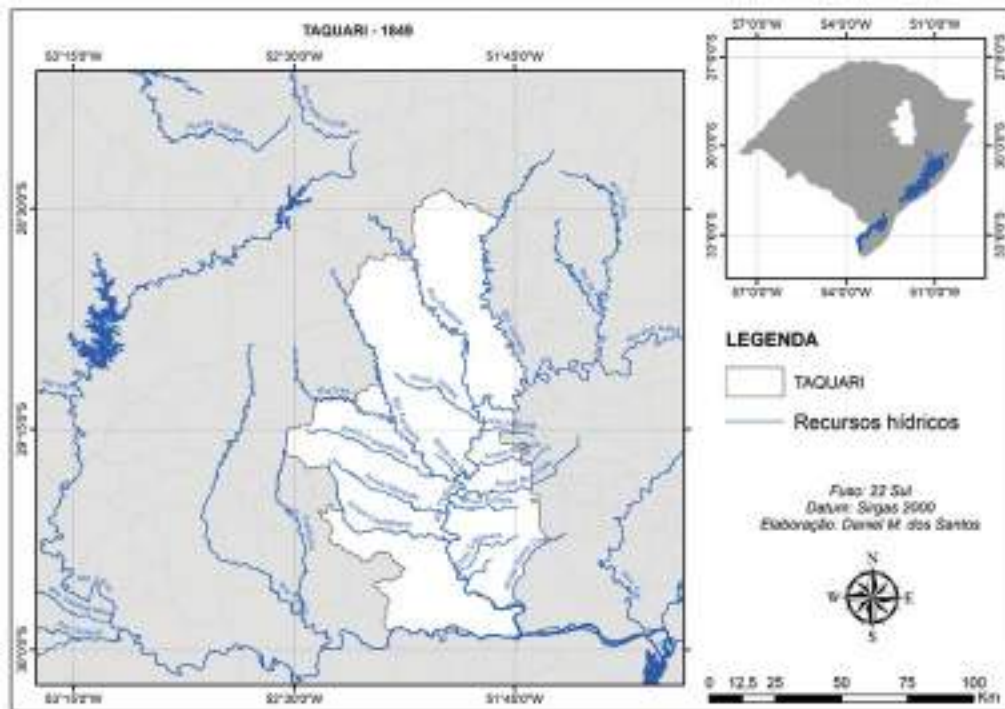


FIGURA 45: Área do município de Taquari em 1849

Fonte: Pires (2016).

A configuração territorial de Taquari começou a modificar-se no ano de 1866, com a transferência da Colônia Monte Alverne, da Freguesia de Santo Amaro (território que fazia parte de Taquari) para a Freguesia de Santa Cruz, em Rio Pardo/RS. Mais tarde, Estrela desmembrou-se, em 20 de maio de 1876, de Taquari (FIGURA 46) (KREUTZ; MACHADO, 2017).

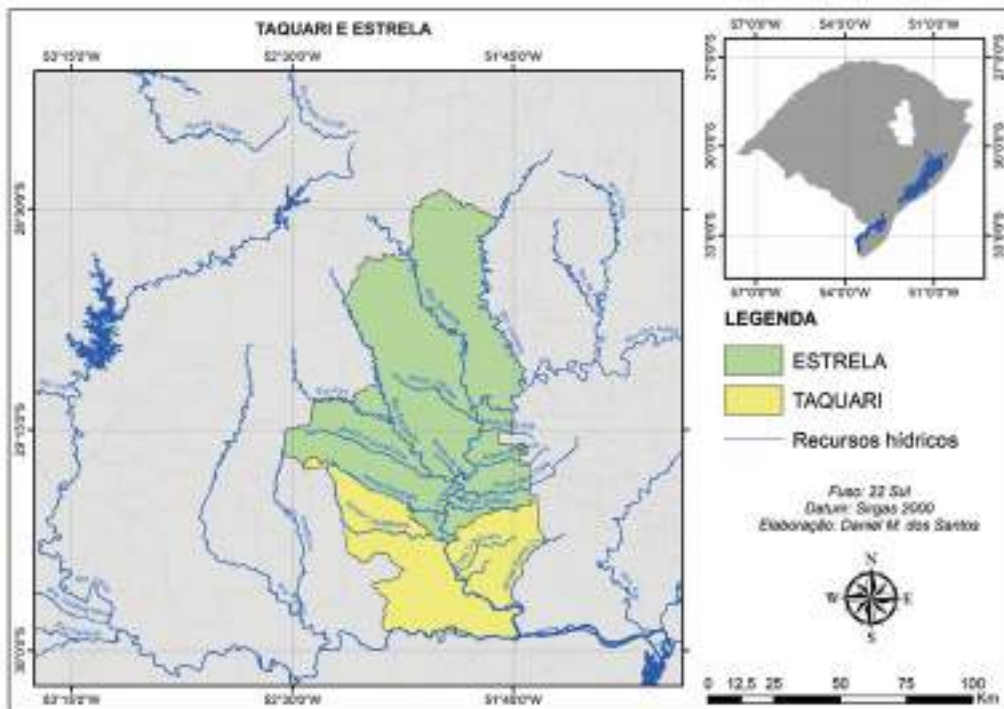


FIGURA 46: Território de Taquari, com a emancipação de Estrela  
 Fonte: Pires (2016).

Em 1881, Santo Amaro foi elevado à categoria de Vila e emancipou-se de Taquari em 13 de janeiro de 1883. Em 1938, a sede do município foi transferida para a localidade de Margem, situada na margem direita do Rio Taquari, que, em 1939, passa a denominar-se General Câmara. Assim, Santo Amaro do Sul, sua denominação atual, passa a ser distrito de General Câmara. Ainda, no século dezenove, Estrela perdeu parte significativa do seu território com a emancipação política de Lajeado (FIGURA 47). A emancipação ocorreu em 26 de janeiro de 1891 e sua instalação em 25 de fevereiro de 1891 (KREUTZ; MACHADO, 2017).

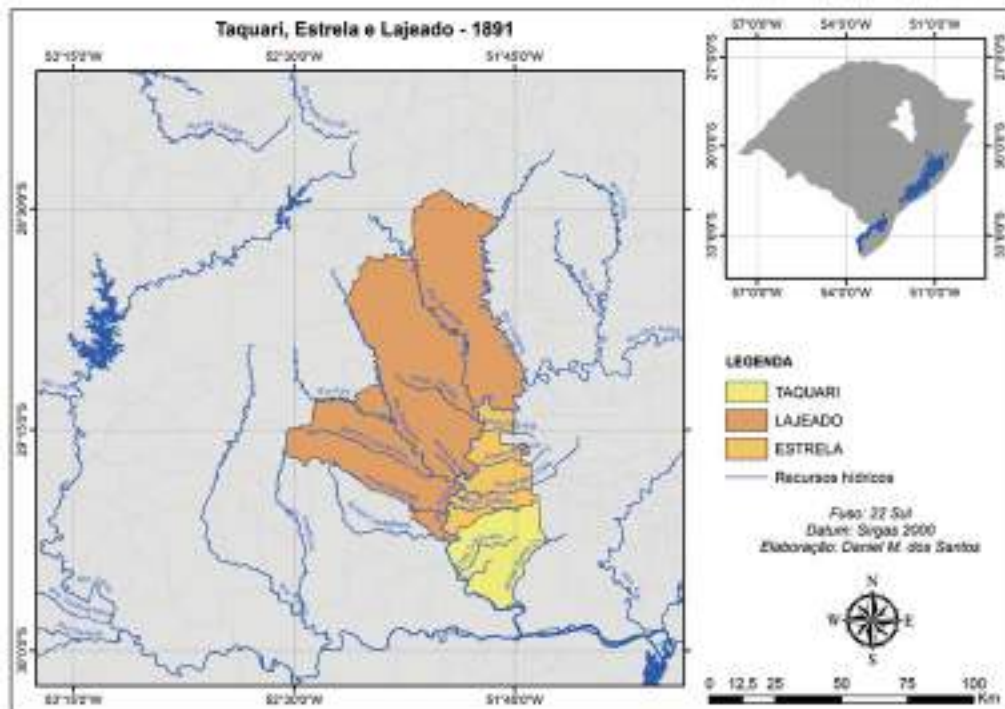


FIGURA 47: Território de Taquari, após a emancipação política de Lajeado e sem a área de Santo Amaro  
 Fonte: Pires (2016).

Durante o século vinte os demais municípios que constituem a região Vale do Taquari foram se emancipando politicamente, dando origem à configuração atual do referido espaço (FIGURA 48).

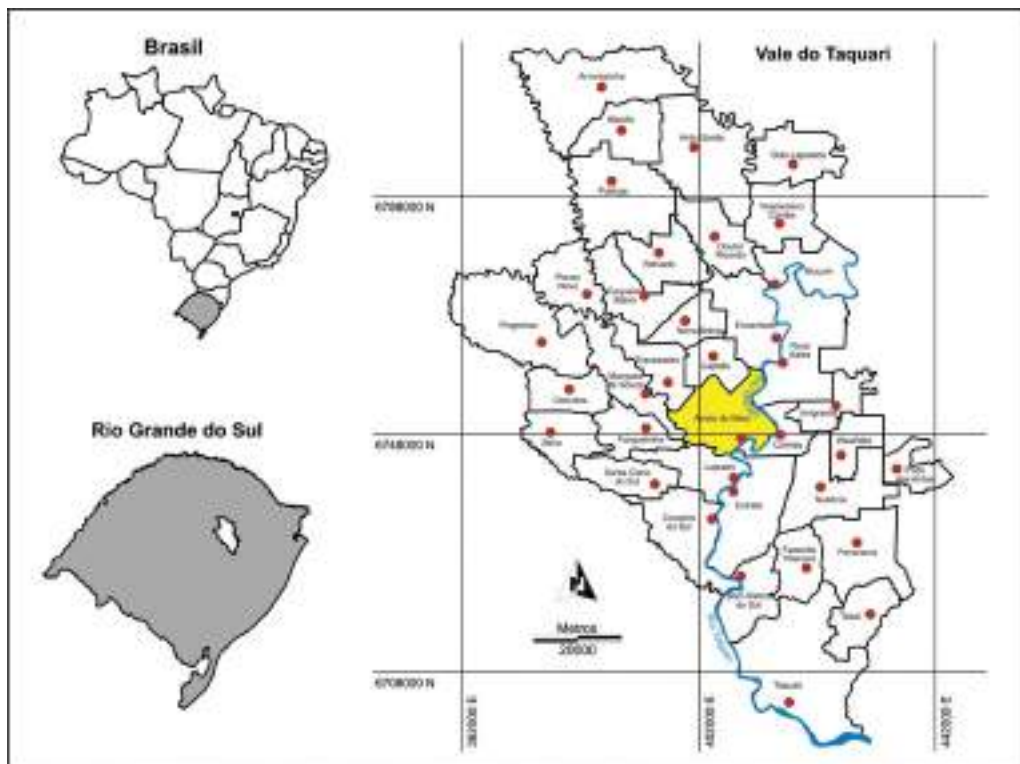


FIGURA 48: Arroio do Meio no Vale do Taquari

Fonte: Adaptado de Eckhardt (2005).

No Estado do Rio Grande do Sul, o *boom* de emancipações deu-se a partir da metade do século vinte. Para se ter uma ideia, entre 1954 e 1965, as regiões coloniais passam por um extraordinário incremento, com a criação de 140 novos municípios (NETO; OLIVEIRA, 2008).

Para os autores, a distribuição geográfica dos municípios no Rio Grande do Sul reflete, em grande parte, a história do seu desenvolvimento rural, tendo o tipo de atividade agropecuária em cada uma das suas regiões desempenhado um papel de fundamental importância nesse processo. Nesse sentido, explica-se a maior densidade de aglomerações urbanas nas regiões de agricultura familiar do Estado, o que indica que o desenvolvimento rural está diretamente relacionado com a agricultura, mas que essa relação depende do tipo de agricultura.

As colônias eram formadas, e a agricultura era a principal atividade. Essa prática forçava a criação de núcleos populacionais para a troca de produtos agrícolas. Isso se explica pelo fato de esse tipo de agricultura ter maior capacidade de gerar a riqueza necessária para uma dinâmica econômica mais diversificada. Além disso, um fator decisivamente influente na dinâmica do desenvolvimento rural foi a alta densidade demográfica, que acompanhou o processo de ocupação dessas áreas. A grande disponibilidade de mão de obra na agricultura familiar permitiu instituir processos competitivos em áreas relativamente pequenas e

com reduzida escala de produção, uma vez que o custo dessa mão de obra era baixo (NETO; OLIVEIRA, 2008).

Este capítulo, que trata da emancipação política do município, foi dividido em subtítulos que contextualizam não só a situação de Arroio do Meio na época, mas o Brasil e os principais acontecimentos que marcaram a história mundial.

Os itens, em que são elencados os prefeitos, também foram divididos. Em uma primeira etapa constam os prefeitos nomeados, isto é, que ocuparam a administração do Executivo arroio-meense indicados pelo governador ou interventor. Num segundo momento são apresentados os que foram eleitos pelo voto.

Na época em que o distrito de Arroio do Meio tornou-se município, em 1934, o Brasil atravessava um momento politicamente conturbado, o governo de Getúlio Vargas. Vinha de um conflito interno, a Revolução Federalista. Enquanto isso, o mundo estava às vésperas de um grande acontecimento, a Segunda Guerra Mundial.

## 7.1 Conexão internacional

O Rio Grande do Sul, na década de 1920, já vinha enfrentando dificuldades. O período chamado Pós-Primeira Guerra foi de recomeço para a economia como um todo. Os países da Europa estavam se reestruturando após o conflito. Com isso, a economia dessas nações estava em recuperação.

O Estado, portanto, sentiu os efeitos da crise mundial advindos da Primeira Guerra. Na década de 1920 houve uma retração no consumo de carne na Europa em decorrência da crise econômica, justamente quando as empresas frigoríficas estavam em pleno crescimento. Como resultado, os frigoríficos diminuíram o abate, bem como o preço do gado. Como o Estado do Rio Grande do Sul era um grande produtor de carnes, a diminuição do consumo foi ruim para a economia gaúcha. Um exemplo dessa crise foi sentido pelo Frigorífico Rio-Grandense, inaugurado em setembro de 1917, em Pelotas. Sem condições de operar em larga escala, devido à crise financeira, a empresa foi vendida em 1921 para Westey Brothers, firma inglesa que alterou o nome para Frigorífico Anglo (PESAVENTO, 2002).

Com dificuldades, os criadores de gado solicitaram auxílio ao governador Borges de Medeiros. Este, no entanto, ofereceu-se para intermediar suas pretensões com o presidente do país e o Congresso, negando ajuda financeira (PESAVENTO, 2002).

Ainda assim, a elite produtora de gado exigiu de Borges de Medeiros uma “política de defesa exclusiva da pecuária”. O governador optou pela continuidade da política econômica de “desenvolvimento global” da economia gaúcha. Com o agravamento da crise dos grandes pecuaristas, uma parcela foi “às armas na Revolução de 1923”, com o intuito de tirar Borges de Medeiros do poder (PESAVENTO, 2002, p. 85).

Para fazer frente a Borges de Medeiros, surgiram três grupos oposicionistas oriundos da elite gaúcha: os federalistas, cujas lideranças eram Wenceslau Escobar e Raul Pilla; os democratas, comandados por Assis Brasil e Fernando Abbott; e os dissidentes republicanos, conduzidos por Pinheiro Machado e pelos Mena Barreto (KÜHN, 2007).

Na Revolução de 1923 houve confrontos armados. Inicialmente, o movimento ocorreu no noroeste do Estado e, depois, espalhou-se para as demais regiões. “Era utilizada uma tática de guerrilha, a fim de manter o estado convulsionado, tentando forçar uma intervenção federal”. O movimento terminou em 1925 por meio de um acordo, o Pacto de Pedras Altas, no qual ficaram estabelecidos que Borges de Medeiros completaria o seu quinto mandato e não se reelegeria e que uma revisão na Constituição Estadual seria realizada (KÜHN, 2007, p. 114).

Em 1928, Getúlio Vargas assume o governo do Estado, representando uma mudança completa na administração. Vargas voltou-se direto para os interesses dos produtores, criando o Banco do Estado do Rio Grande do Sul - BANRISUL e reduzindo tarifas ferroviárias. Em 1929 foi criada a Frente Única Gaúcha - FUG, que foi o embrião da Aliança Liberal, reunindo as elites do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Paraíba, movimento contrário à oligarquia que estava na presidência da República.

## **7.2 O novo presidente do Brasil: Getúlio Vargas**

Até 1930 o Brasil se encontrava no período denominado República Velha, ou seja, desde a proclamação, em 1889. A presidência estava nas mãos de uma elite latifundiária. No período, o presidente ora era um representante de São Paulo, estado produtor de café, ora de Minas Gerais, estado produtor de leite - era a chamada política do café-com-leite.

Em 1929 o presidente Washington Luiz, de São Paulo, indicou outro paulista, Júlio Prestes, para as eleições presidenciais. Ao invés do candidato paulista, deveria ser um de Minas Gerais para concorrer nas eleições. Descontentes com a decisão do presidente, os mineiros aliaram-se ao Rio Grande do Sul e à Paraíba, formando a Aliança Liberal. As eleições apontaram como vencedor o candidato Júlio Prestes, instalando-se um clima de revolta e indignação. Para piorar a situação, foi assassinado João Pessoa, da Paraíba, indicado como vice de Getúlio para as eleições. Para não agravar ainda mais, evitando uma revolução interna, militares depuseram Washington Luis, assumindo a presidência Getúlio Vargas.

O governo populista<sup>35</sup> de Vargas agradou grande parte da população brasileira, no entanto, desagradou outras tantas facções, culminando em 1932 com a Revolução Constitucionalista liderada pelo Estado de São Paulo. No Rio Grande do Sul houve uma cisão. Enquanto um grupo, liderado por Borges de Medeiros, apoiava os paulistas, o então interventor, Flores da Cunha, estava ao lado do governo central. O conflito não teve êxito para os paulistas tampouco para os aliados gaúchos, que foram derrotados pelo governo federal (KÜHN, 2007).

Em 1934 foi promulgada mais uma Constituição no Brasil, a terceira desde 1891, ano da primeira. A nova Constituição previa eleições indiretas para a presidência, sendo eleito pelos deputados o candidato Getúlio Vargas, que inaugura uma nova fase, o Governo Constitucionalista, que vai até 1937.

No Rio Grande do Sul, a Assembleia elaborava a Constituição Estadual, promulgada em 1935, tendo como base a Constituição Federal de 1934. A Constituição local previa eleições indiretas para o governador<sup>36</sup>. Seguindo essa metodologia foi eleito Flores da Cunha.

Além dos problemas políticos em 1930, o Brasil atravessava uma crise financeira em consequência da Crise de 1929 ocorrida nos Estados Unidos e que afetou a economia mundial. O Brasil exportava o seu principal produto, o café, para os Estados Unidos e, com a crise econômica americana, estes deixaram de importar o café brasileiro.

É nesse período conturbado, de mudança de governo no Brasil, Revolução Federalista, crise do capitalismo e ascensão de regimes totalitários na Europa, que surge o movimento pró-emancipação do Distrito de Arroio do Meio.

### 7.3 O movimento emancipacionista

Getúlio Vargas assume a presidência com a economia mundial em crise; dificuldades dos estados liberais; e ascensão dos regimes fascistas. Nesse contexto surge a ideia da emancipação do Distrito de Arroio do Meio, por volta de 1931, quando o subprefeito era Henrique Thomé, um dos idealizadores do movimento. Na ocasião, o coronel Adolfo Zimmermann pleiteou com o administrador a possibilidade e a viabilidade de um desmembramento. Para cumprir a legislação vigente da época, quanto à emancipação, seriam necessários 15.000 habitantes, além de uma renda que deveria atingir 250.000 contos de réis anuais.

---

35 “No populismo, o principal motor e instrumento, o povo, é entendido como uma realidade homogênea, sem qualquer especificidade classista. Na maioria das vezes, o populismo, mais latente do que explícito, se amolda com facilidade a várias fórmulas que tenham um referencial comum, ou seja, o povo. De modo geral, é o desequilíbrio do poder em exercício que conduz uma das vertentes a procurar consolidá-lo pela mobilização popular. O termo populismo aplicou-se em diferentes países na África, Ásia, Europa e América, assumindo ênfase particular na América Latina, especialmente na Argentina, no Brasil e no México” (Azevedo, 1999, p. 360).

36 A partir desta Constituição, o dirigente máximo do estado passou de interventor para governador.

Para que o projeto emancipacionista tivesse êxito, seriam necessários a adesão do 5º e do 7º distritos de Lajeado, além de parte do 5º distrito de Encantado. Uma vez feito o estudo dando conta de que seria possível e, posteriormente, contatados os referidos distritos, foi criado no início de 1933 o Comitê Pró-Emancipação (FIGURA 49). O comitê foi constituído da seguinte forma: presidente - coronel Adolfo Zimmermann; primeiro vice - Gustavo Weinandts; segundo vice - Ângelo Agostini; primeiro secretário - Hermillo Fleck; segundo secretário - Frederico Waldemar Moesch; primeiro tesoureiro - Octavio Schneider; segundo tesoureiro - Arthur Schimtt. Os demais membros da comissão foram: Alfredo Schroeder, Francisco Schroeder, Theobaldo Käfer, Antônio Fornari, Nicolau Scheid, Otto Moesch, Otto Scheid, Francisco Kasper, Hugo Kasper, Affonso Brod, Walter Bender, Alfredo Wend, Arno Fink, Eugênio Görden, Arthur Noschang, Clemente Friedrich, João Fink, Emílio Kirst, Bruno Kirst, Emilio Pozza, Arthur Bathke e Romano Radaelli (THOMÉ, 1984)<sup>37</sup>.



FIGURA 49: Grupo emancipacionista, [s.d.]

Fonte: Bersch (2016).

Segundo Thomé (1984), para dar prosseguimento ao processo, foi escolhido como secretário-geral Henrique Thomé. Este deveria intervir junto ao governo estadual e proceder os trâmites legais para que o movimento tivesse sucesso.

Conforme o autor, a partir do momento em que o projeto emancipacionista ganhou forma, iniciaram-se as oposições. Representantes da Assembleia Legislativa foram contrários ao pleito, assim como os municípios de Lajeado e Encantado, uma vez que perderiam parte do seu território e arrecadação.

Em 1933 foi enviado ao Interventor do Estado um Memorial Pró-Emancipação assinado por Adolpho Zimmermann, Francisco Waldemar Moesch, Henrique Thomé, Affonso Brod, Octavio Schneider, Alfredo P.

---

<sup>37</sup> Neste contexto de emancipação de Arroio do Meio, Lauro N. F. Thomé é utilizado como fonte por ser filho de Henrique Thomé, que foi atuante na comissão pró-emancipação.

Schroeder, Arthur Schmitt, Gustavo Wienandts, Theobaldo Käfer, Edgar Rüschel e Waldemar Dias de Andrade, integrantes do Comitê. Além dessas assinaturas, o memorial continha mais de duas mil assinaturas de cidadãos.

O município de Arroio do Meio foi criado conforme decreto do então Interventor Federal no Estado do Rio Grande do Sul, José Antônio Flores da Cunha. O decreto de nº 5.759, de 28 de novembro de 1934, cria o município. No documento, o interventor registra que a emancipação não implica em perdas financeiras para os municípios de origem, Lajeado e Encantado.

O decreto assinado pelo interventor registra:

DECRETO N. 5.759, DE 28 DE NOVEMBRO DE 1934

Crêa o município de Arroio do Meio.

O Interventor Federal no Estado do Rio Grande do Sul, na conformidade do artigo 20, n 15, da Constituição e artigo 1 do Decreto n 4311, de 15 de maio de 1929:

Considerando ser aspiração collectiva a autonomia municipal do território constituído pelo quarto e partes do quinto e sétimo districto do municipio de Lageado e quinto e parte do 1 districto do de Encantado;

Considerando que o referido território com uma população de cerca de 17.300 habitantes tem commercio e indústria bastante desenvolvidos, pois em 1933 contribuiu para os cofres com uma renda de 400:000\$000 Rs;

Considerando que o seu desmembramento não será muito sensível aos municipios de que faz parte os quaes ficarão com rendas sufficientes para prover ás exigências da sua vida autonoma.

DECRETA

Art. 1º – Fica elevado á categoria de municipio com a denominação de ARROIO DO MEIO e séde no povoado do mesmo nome, constituído pelo quarto e partes do quinto e sétimo districto do municipio de Lageado e quinto e parte do 1 districto do de Encantado.

Art. 2º – O novo municipio compreenderá em suas divisas:

a) – o actual quarto districto do municipio de Lageado, denominado Arroio do Meio;

b) – a parte do 5º districto do mesmo municipio, sita á margem esquerda do arroio Forqueta;

c) – a parte do setimo districto ainda do mesmo municipio, sita á margem esquerda do Fão e do Forqueta;

d)– uma faixa do actual primeiro districto do municipio de Encantado, partindo pelo travessão do Pera até encontrar a linha do Jacarezinho, seguindo por esta em angulo recto a encontrar a linha D. Sebastião até alcançar a divisa actual, e seguindo por esta até o marco das Tres Pedras.

Art. 3 – Enquanto permanecer a situação instituida pelo decreto federal n 19.398, de 11 de novembro de 1930, serão observadas no novo município a lei orgânica do de Lageado e a lei de orçamento para o corrente exercicio no que fôr applicavel.

Art. 4 – Fica transferida ao novo municipio de ARROIO DO MEIO a divida activa dos impostos e taxas dos contribuintes dos territorios desmembrados dos municipios de Lageado e Encantado, bem como os proprios municipaes por ventura nelles existentes.

Art. 5 – O municipio de ARROIO DO MEIO assumirá a responsabilidade da parte das dividas publicas consolidadas, fluctuantes e de exercicios findos dos municipios do Lageado e Encantado, na proporção do numero de habitantes dos respectivos territórios desmembrados.

Art. 6 – O município de ARROIO DO MEIO será termo da comarca do Alto Taquary.  
Palacio do Governo, em Porto Alegre, 28 de novembro de 1934.  
José Antonio Flores da Cunha  
João Carlos Machado

Com a emancipação, Arroio do Meio assumiu a responsabilidade de parte das dívidas públicas consolidadas, flutuantes e de exercícios findos dos municípios de Lajeado e Encantado. Administrativamente, foi dividido em quatro distritos: o primeiro Arroio do Meio, sede, o segundo Nova Brésia, o terceiro Pousa Novo e o quarto Travesseiro.

A instalação do município aconteceu em 02 de janeiro de 1935. O dia foi marcado por inúmeros festejos. Na parte da manhã, houve missa campal. Ao meio-dia foi servido um grande almoço na propriedade de Adolpho Zimmermann, às margens do Arroio Grande, e à noite houve bailes nas dependências de diversas sociedades locais (FIGURA 50).



FIGURA 50: Baile comemorando a instalação do município de Arroio do Meio na Sociedade Aliança em 02 de janeiro de 1935

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2010).

## 7.4 Disputas políticas

Conforme Thomé (1984), a emancipação de Arroio do Meio esteve envolvida com questões políticas desde a criação do distrito. Segundo o autor, para a própria criação do distrito, a comunidade teve que pressionar o governo estadual, pois enfrentava resistência do interventor de Lajeado, João Baptista de Mello. Mesmo Arroio do Meio tendo um desenvolvimento e estrutura capaz de

sediar uma sede distrital, Mello estava inclinado a conceder o benefício a Santa Clara.

Para alcançar o intento, membros da comunidade de Arroio do Meio se dirigiram até Porto Alegre para tentar com o governador, Borges de Medeiros, um apoio às reivindicações pretendidas. Atendidos, Borges de Medeiros enviou correspondência ao intendente João Baptista de Mello, dando conhecimento de que uma comitiva de Arroio do Meio teria se reunido com ele solicitando algumas melhorias na comunidade, bem como a criação do distrito. Entre as obras estava a construção “de uma estrada de rolagem a partir do mesmo povoado, a Nova Brésia, daí a Santo Antônio, flanqueado a Coxilha Grande até chegar ao povoado Carlos Barbosa (atual Anta Gorda)” (THOMÉ, 1984, p. 73).

Apesar da intervenção do governador, Mello promulgou e criou, em 9 de fevereiro de 1914, o Distrito de Santa Clara, antes de Arroio do Meio. Pressionado novamente por Borges de Medeiros, o interventor de Lajeado sancionou lei criando o Distrito de Arroio do Meio. O Ato nº 473, de 21 de dezembro de 1914, eleva o povoado à condição pretendida. Na ocasião, Arroio do Meio passou a ser o sexto distrito. Com a emancipação de Encantado, passou para 2º distrito de Lajeado.

A emancipação do Distrito de Arroio do Meio também gerou alguns contratemos, envolvendo questões políticas. Em 09 de dezembro de 1933, membros da comunidade do Distrito de Arroio do Meio enviaram correspondência ao Prefeito de Lajeado, contrários à emancipação. Assinaram o ofício Padre Jacob Seger, Waldemar Moesch e Antonio Fornari. No documento assinalam a sua posição (LIVRO DE REGISTRO..., 1934, p. 6),

Arroio do Meio, 9 de Dezembro de 1933.

Ilmo. Sr. Major Oscar da Costa Karnal

D.D. Prefeito de Lageado

Cordiais saudações

Levados por um sentimento que a nossa consciencia não permite silenciar, tomamos a liberdade de dirigir-vos esta, como cumprimento efetivo do dever.

Arroio do Meio pleiteia sua emancipação politica, o que aliás V. S. não ignora e até achou justa essa aspiração, e por esse motivo resolvemos vir a sua presença, confidencialmente, apresentar as razões que nos levam a julgar como sendo prematura a independencia deste distrito; isto depois de madura reflexão, e pelos considerados que se seguem:

1º) Oneração que acarretaria o novo município, em virtude das elevadas dividas das comunas cujos territórios seriam desanexados.

2º) A crise colonial, dada a desvalorização dos produtos.

3º) Diminuição das rendas, pelos motivos acima.

4º) E finalmente, a situação anormal por que atravessa o paiz; um município novo, onde tudo está por se fazer, poderia facilmente se ver nas malhas dos deficitos e como taboa de salvação teria fatalmente de recorrer a majoração de impostos e neste caso não faltariam descontentes que com suas oposições iam prejudicar não só a administração, como também o governo e a politica. Snr. Major Karnal, creia-nos que com estas ponderações não na intenção alguma de censura, em absoluto, à pessoa do Ilustre General Flores da

Cunha, digno interventor do nosso amado Rio Grande; Juiz desta causa e cujo vereditum acolheremos com prazer e respeito.

Valemo-nos da oportunidade para apresentar-vos os protestos de alta consideração e respeito

(ass) P. Jacob Seger – Waldemar Moesch. - Antonio Fornari.

Ao D.ª M. 20-12-933. Machado – P.mº3. Em 21-12-33.

Ao Sr. Prefeito de Lageado para que se digne informar.

Em 8/1/34. Hercilio Domingues.

Em 12 de janeiro de 1934, o prefeito de Lageado envia ofício ao Interventor Federal, Flores da Cunha, informando o recebimento de um ofício assinado por “três pessoas de grande conceito no distrito” contrários à emancipação. O prefeito igualmente coloca sua posição em relação ao assunto, de que não seria oportuna naquele momento a emancipação, conforme relata no ofício (LIVRO DE REGISTRO..., 1934, p. 5 e p. 6),

Informação ao Departamento de Administração Municipal, em referencia ao ofício apresentando razões contra a emancipação de Arroio do Meio.

Atendendo a solicitação supra, cumpre-me informar que os sinatarios do presente ofício, por mais de uma vês, me procuraram para tratar do caso da emancipação de Arroio do Meio.

Estudando o assunto mais detidamente, chegaram êles a conclusão de ser inviável, no momento, a decretação do vilamento do distrito, pelas razões que vieram de expender no citado ofício.

Declararam-me, ainda, não desejarem assumir, nesta fase, o compromisso da autonomia, enumerando causas com as quais concordei plenamente.

Trata-se de pessoas de grande conceito no distrito:

- primeiro é o vigario da paróquia; o segundo, chefe político de incontestável prestígio, presidente da Liga Catolica e candidato do povo ao cargo de prefeito (si se verificasse a emancipação), e o terceiro, escrivão distrital, influente [*ilegível*] e secretario do P.R.L. - A politica do distrito está nas mãos desses companheiros, com que é solidaria a população, salvo meia duzia de pessoas interessadas na conquista de cargos publicos.

Não desistem os sinatarios da ideia do vilamento; esperam ocasião mais oportuna, mas natural, fazendo do Exmo. Sr. General Flôres da Cunha, o juiz único da oportunidade.

Acho que estão certos e que é patriotico o gesto.

Ademais o municipio vem lutando, unido, com dificuldades para o seu reajustamento financeiro. Dividido, agora, embora indenizado, sua situação agravar-se-ia sobretudo.

Não sou infenso à emancipação; ela terá de vir. Nesse sentido já me tenho manifestado.

Julgo, no entanto, que enquanto não forem normalizados os compromissos de ordem financeira desta comuna, por que me venho empenhando para corresponder à expectativa do benemerito Governo do Estado – não se deverá pensar no desmembramento de Arroio do Meio.

Este é o meu parecer.

Lageado, 12 de janeiro de 1934

(ass) Oscar da Costa Karnal

Prefeito

Após o pedido feito pela comissão Pró-Emancipação ao governo em Porto Alegre, e a demora sobre o possível desmembramento, Henrique Thomé foi a

Porto Alegre para verificar a situação em que se encontrava o processo. Lá, ficou sabendo que o pedido estava “engavetado”, uma vez que havia uma solicitação contrária à emancipação. Sendo assim, Flores da Cunha não deu seguimento ao pedido da comunidade.

Indignados com o fato, o comitê enviou correspondência ao governador aguardando uma resposta sobre a promessa feita em maio de 1933, na qual seriam atendidos quanto ao desmembramento de Lajeado. O comitê também alertou que, se o pedido não fosse atendido, haveria retaliações, pois na eleição de outubro de 1934 poderiam dar a vitória ao opositor de Flores da Cunha. Não atendidos, os membros do comitê de Arroio do Meio e Nova Brésia iniciaram campanha a favor da Frente Única, chapa contrária ao governo.

Passadas as eleições, Flores da Cunha<sup>38</sup> foi vitorioso, entretanto, em Arroio do Meio e Nova Brésia houve ampla vitória da Frente Única, demonstrando a indignação da população dessas localidades. No mês seguinte, em novembro de 1934, uma comissão de Porto Alegre se encontrou com alguns membros do comitê pró-emancipação. Vieram da capital o coronel Quim César e os advogados Itiberê de Moura e Maurício Steinbruck. Representando o comitê participaram do evento Henrique Thomé, Gustavo Weinandts, Adolfo Zimmermann, Hermillo Fleck, Arnildo Fleck e Octávio Schneider (THOMÉ, 1984).

A reunião ocorreu nas dependências do Hotel Bender. Nela, os representantes do governo questionaram o motivo de o candidato ter sofrido uma derrota tanto em Arroio do Meio quanto em Nova Brésia. Os representantes de Arroio do Meio revelaram ter sido pela falta de cumprimento da promessa de Flores da Cunha.

Foi sugerido pelos representantes do governo que o comitê fosse a Porto Alegre para falar com Flores da Cunha. A partir disso, Henrique Thomé e Gustavo Weinandts rumaram para a capital para uma audiência com o chefe do Executivo gaúcho.

Resolvido o impasse, o interventor atendeu ao pedido dos moradores, emancipando Arroio do Meio de Lajeado.

## **7.5 Como ficou o município de Arroio do Meio**

Em 1936, o município de Arroio do Meio contava com dois distritos, Arroio do Meio e Nova Brésia. Este último distrito teve seu nome alterado para Tiradentes em 31 de agosto de 1938, conforme o decreto estadual nº 7.199, e em 29 de dezembro de 1944, Tiradentes passou a denominar-se Canabarro, de acordo com o decreto-lei estadual nº 720. Entretanto, o nome alterou novamente em 04 de abril de 1950, por meio da lei municipal nº 5, quando voltou a ser chamado de Nova Brésia.

---

38 Nas eleições de 1934, a maioria dos deputados que ingressaram na Assembleia faziam parte do Partido Republicano Liberal. Como a eleição a governador era indireta, ou seja, a Assembleia indicava o governador, Flores da Cunha foi vencedor, tomando posse em 15 de abril de 1935.

Mais tarde outros distritos foram criados. Em 31 de dezembro de 1956 Pouso Novo foi elevado à categoria de distrito, conforme a lei municipal nº 37. Pela lei municipal nº 16, de 27 de setembro de 1958, é criado o distrito de Travesseiro. A partir dessa configuração política, Arroio do Meio, em 1960, era constituído de quatro distritos: Arroio do Meio, Nova Brésia, Pouso Novo e Travesseiro.

O distrito de Coqueiro Baixo foi criado e anexado a Arroio do Meio por meio da lei estadual nº 15, de 04 de agosto de 1962. Em 31 de dezembro de 1963, o município de Arroio do Meio era formado de cinco distritos: Arroio do Meio, Nova Brésia, Pouso Novo, Travesseiro e Coqueiro Baixo.

Conforme a lei municipal nº 46, de 20 de dezembro de 1965, é criado o distrito de Capitão, cuja divisão territorial de Arroio do Meio, datada de 11 de janeiro de 1979, permanece com quatro distritos: Arroio do Meio, Capitão, Pouso Novo e Travesseiro, uma vez que os distritos de Nova Brésia e Coqueiro Baixo desmembraram-se em dezembro de 1964. A configuração do município se altera novamente quando da criação do distrito de Forqueta - lei municipal nº 377. Pela lei municipal nº 1.094, de 20 de outubro de 1994, é criado o distrito de Palmas. Em 2001, com as emancipações de distritos e a formação de outros, a configuração fica em três distritos, Palmas, Forqueta e Arroio do Meio.

A última alteração ocorreu em razão da criação do distrito de Vale do Arroio Grande. A formação atual do município é composta de quatro distritos: Arroio do Meio, Forqueta, Palmas e Arroio Grande.

## **7.6 Os municípios formados a partir de Arroio do Meio**

Quando foi criado o município de Arroio do Meio, em 1934, o território era maior, com uma área de 494 km<sup>2</sup> (FIGURA 51). Transcorridas as emancipações de Nova Brésia junto com Coqueiro Baixo em 1964, Pouso Novo em 1988, Capitão e Travesseiro em 1992, o território reduziu para 157.957 km<sup>2</sup> (PERFIL..., 2011; IBGE, 2019).

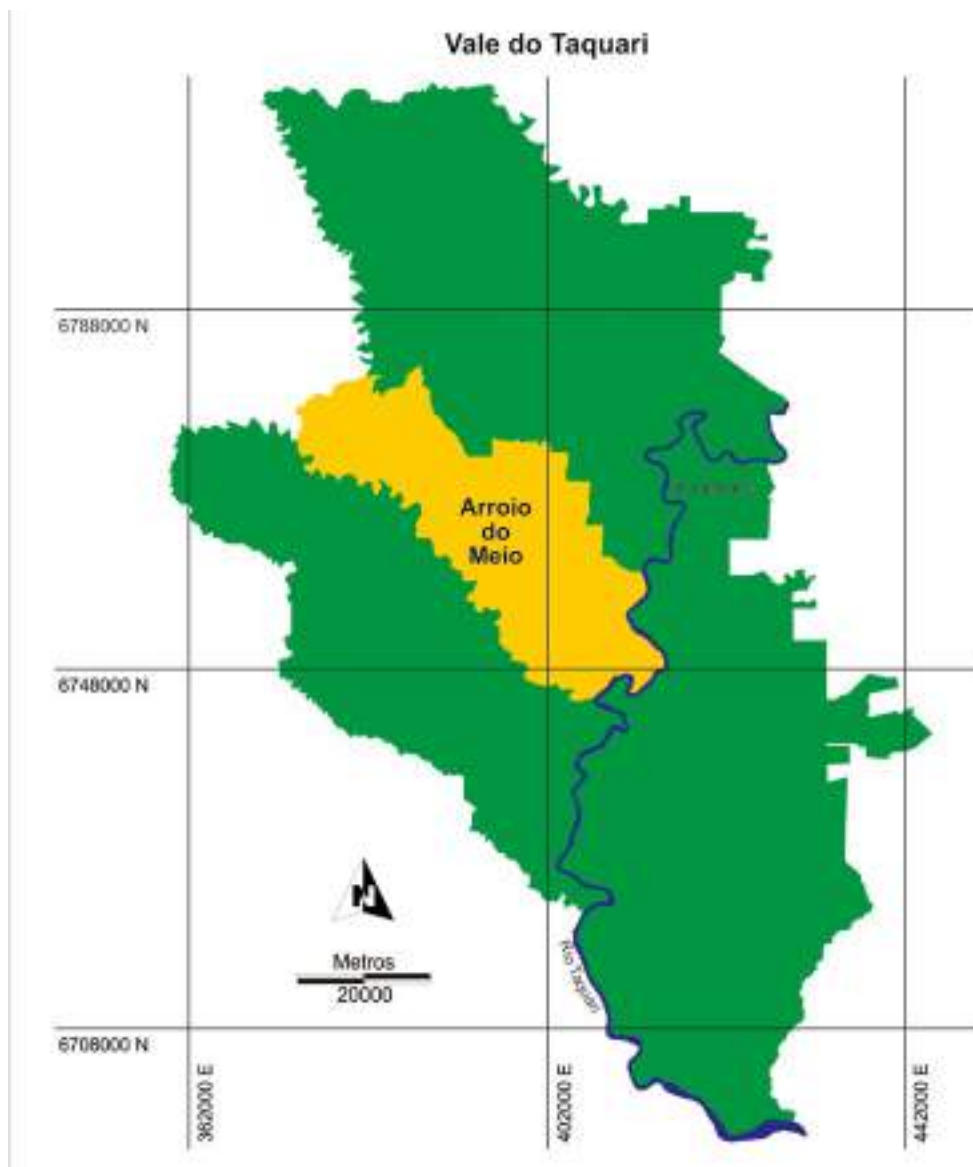


FIGURA 51: Mapa do Vale do Taquari com o território de Arroio do Meio quando se emancipou em 1934.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Eckhard (2005).

### 7.6.1 Nova Bréscia

Nova Bréscia foi o primeiro distrito a se emancipar a partir do município-mãe Arroio do Meio (FIGURA 52). Na ocasião o distrito de Coqueiro Baixo foi anexado ao novo município.

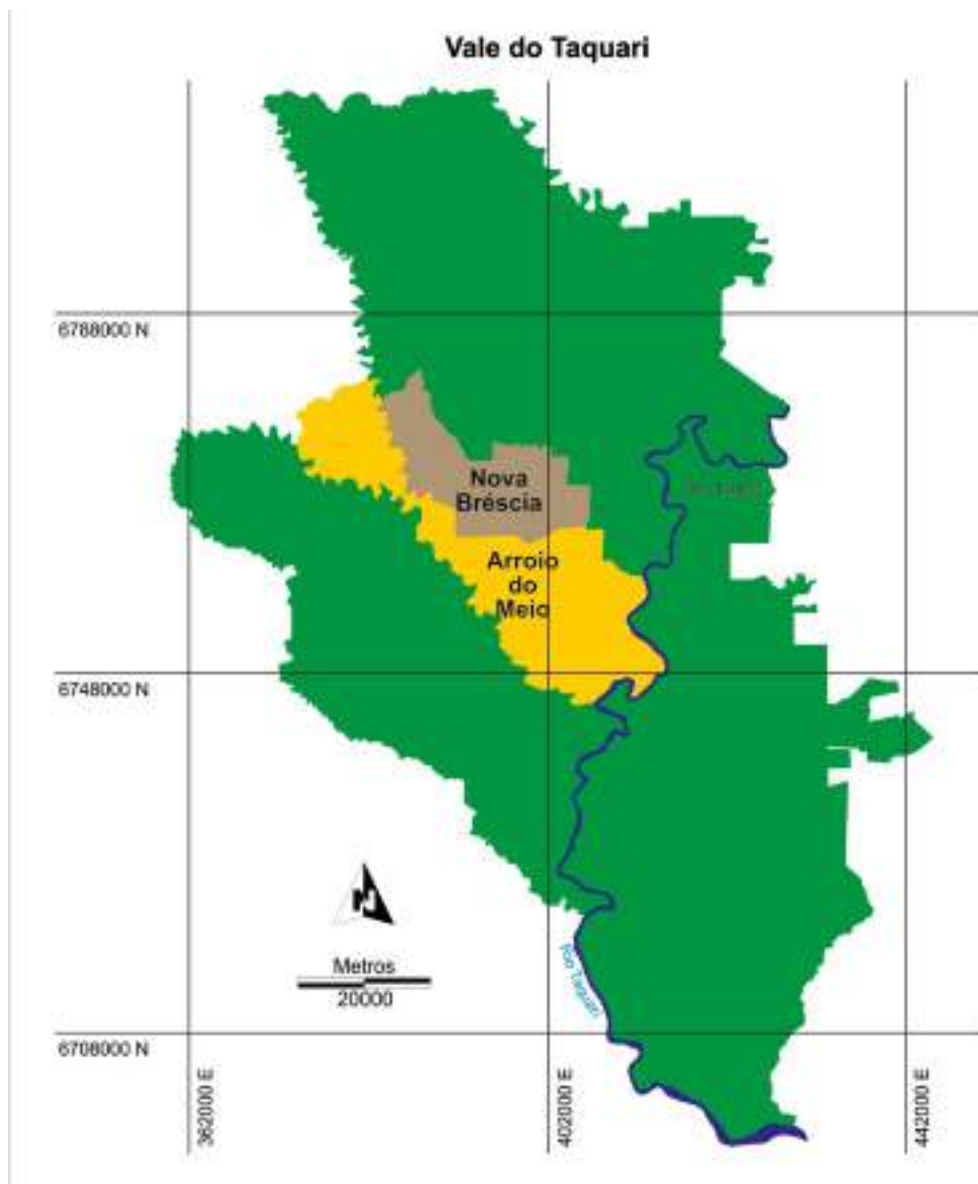


FIGURA 52: Mapa do Vale do Taquari com o território de Arroio do Meio em 1964 com a emancipação de Nova Brésia.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Eckhardt (2005).

O então governador do Rio Grande do Sul, Ildo Meneghetti, assinou a Lei nº 4.903, de 28 de dezembro de 1964, emancipando os distritos. Dita a referida lei

LEI Nº 4.903, DE 28 DE DEZEMBRO DE 1964

Cria o Município de Nova Brésia.

ILDO MENEGHETTI, Governador do Estado do Rio Grande do Sul.

Faço saber, em cumprimento ao dispositivo nos artigos 87, inciso II e 88, inciso I, da Constituição do Estado, que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte:

ART. 1º - É criado o município de Nova Bréscia, com sede na localidade do mesmo nome, constituído dos Distritos de Nova Bréscia, Coqueiro Baixo e parte dos de Travesseiro e distrito-sede de Arroio do Meio, pertencentes ao município de Arroio e parte dos Distritos de Relvado e Encantado (Distrito-sede), pertencentes ao Município de Encantado. [...]

O segundo artigo da lei trata dos limites políticos do novo município. Os artigos terceiro e quarto relacionam-se aos mandatos dos vereadores, prefeito e vice. A lei estabelece que a Câmara de Vereadores seria formada por sete membros. Quanto ao mandato dos vereadores, prefeito e vice, foi estipulada a data de 31 de dezembro de 1967.

Nova Bréscia teve como primeiro prefeito João Alindo Dewes e como vice Alfredo Macagnan, entre 1965 e 1968. Na época, a Câmara de Vereadores do recém-emancipado município era formada pelos vereadores Alcides Armando Laste, Alcides Césare Zambiasi, Arlindo Simonetti, Benjamin Giongo, Guido Dalpian, Isidoro Berti e João Sbradelotto (LAGEMANN; ALBERTON, [19-]).

## 7.6.2 Pouso Novo

Desmembrado de Arroio do Meio, o distrito de Pouso Novo (FIGURA 53) foi elevado a município em 29 de abril de 1988. Nessa data o governador Pedro Simon assinou a Lei Nº 8.581, que estabelece (Lei nº 8.581, 1988):

LEI Nº 8.581, DE 29 DE ABRIL DE 1988.

Cria o Município de Pouso Novo.

PEDRO SIMON, Governador do Estado do Rio Grande do Sul.

Faço saber, em cumprimento ao dispositivo no artigo 66, item IV, da Constituição do Estado, que a Assembléia Legislativa decretou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte:

Art. 1º - É criado o Município de POUSO NOVO, constituído por área do Distrito de Pouso Novo, pertencente ao Município de Arroio do Meio.

Art. 2º - O território do novo município fica com os seguintes limites:

A LESTE: Rio Forqueta, desde a foz do Arroio Modesto, até a do Rio Fão. Corresponde ao limite com os municípios de Putinga, Nova Bréscia e Arroio do Meio.

AO SUL: Rio Fão, desde sua foz no Rio Forqueta, até a do Arroio Dudulha, que é o atual limite com o município de Lajeado.

A OESTE: Arroio Dudulha, águas acima, até a foz do Arroio Lajeado Leão, por este, águas acima, até sua nascente norte; deste ponto por linha seca e reta, passando pela divisa das propriedades de Arlindo Marchetti e José Antônio Rossi (ambas inclusive) com José Mayer e Arlindo Castoldi (exclusive); segue pela referida divisa até o seu fim e daí em linha seca e reta até a nascente norte do Arroio Modesto. Toda esta divisa coincide com o atual limite entre Arroio do Meio e Fontoura Xavier.

AO NORTE: Nascente norte do Arroio Modesto, até sua foz no Rio Forqueta (limite com Fontoura Xavier).

Art. 3º - Esta lei entra em vigor na data da sua publicação.

Art. 4º - Revogam-se as disposições em contrário.

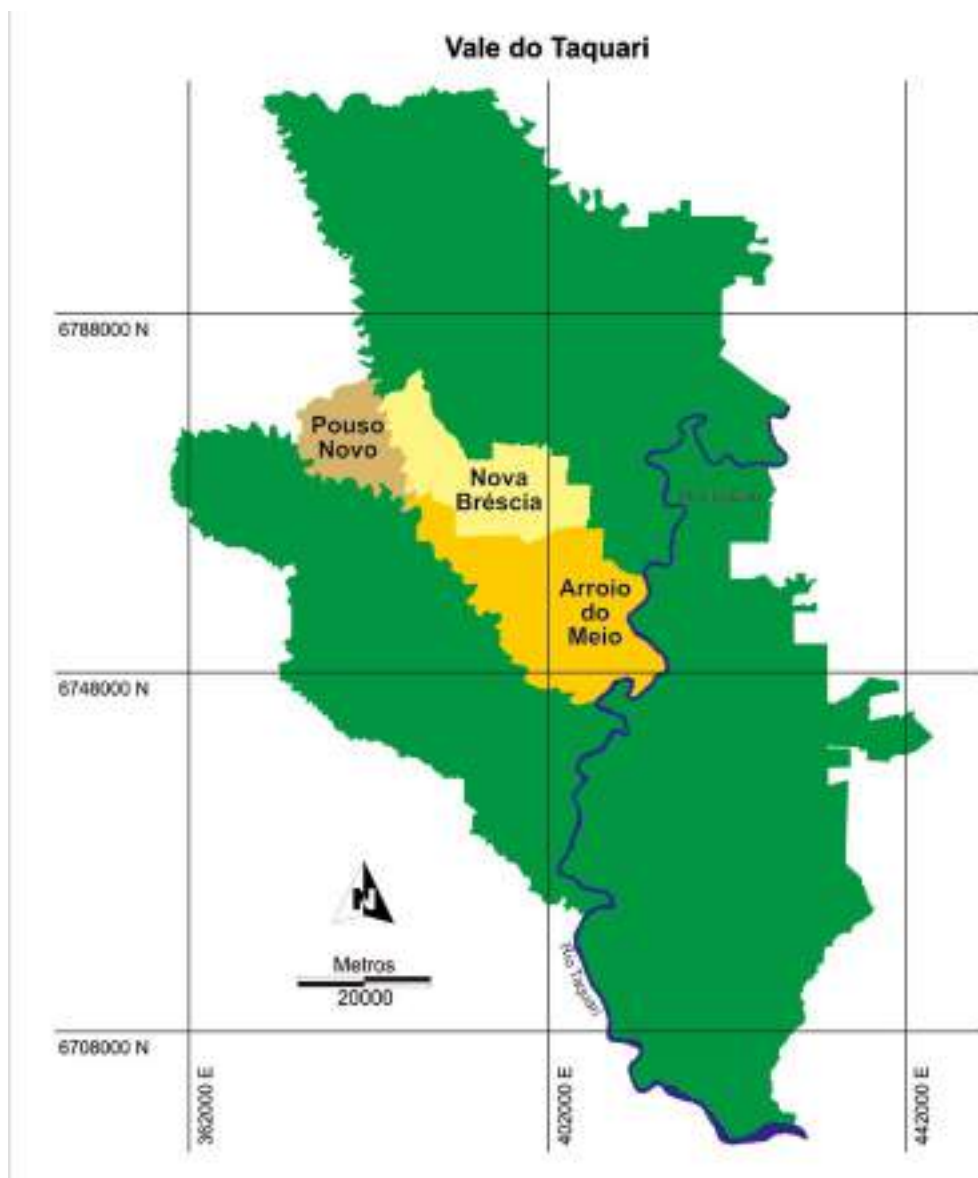


FIGURA 53: Mapa do Vale do Taquari com o território de Arroio do Meio em 1988. Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Eckhardt (2005).

Entre 1989 e 1992, dirigiu o Executivo do novo município Adilvo Buffé. Seu vice-prefeito foi Henrique Sella. E a Câmara de Vereadores foi assim constituída: Adilar Buffé, Ademir Luiz Vinhatti, Alves Antônio Casaril, Deomiro Passaia, Genuíno Gotardi, João Ireneo Mariani, Luiz Buttini, Nelson Dall’Agnol e Otávio Mânica.

### 7.6.3 Capitão

Em 10 de novembro de 1991, os eleitores do então distrito de Capitão votaram a favor ou contra a emancipação. Dos 1.835 eleitores, compareceram 1.384 para votar. Foram nove seções distribuídas em São Jacó, Bicudo, São Domingos, Cascata, Marinheira, Brasinha e na sede, sendo o resultado final a favor da emancipação (O INFORMATIVO DO VALE, 1991).

Assim, o distrito de Capitão emancipou-se em 20 de março de 1992. A Lei nº 9.561, assinada pelo governador Alceu Collares, dispõe (Lei nº 9.561, 20 mar 1992):

LEI Nº 9.561, DE 20 DE MARÇO DE 1992

Cria o município de Capitão.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Faço saber, em cumprimento ao disposto no artigo 82, inciso IV da Constituição do Estado, que a Assembléia Legislativa aprovou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte:

Art. 1º - É criado o município de Capitão, constituído pelo distrito do mesmo nome, pertencente ao município de Arroio do Meio, e parte do município de Nova Bréscia.

Parágrafo único - É sede do novo município a localidade de Capitão, e sua instalação será no dia 1º de janeiro de 1993. [...]

O artigo 2º da Lei 9.561 trata da divisa do novo município, cujo artigo foi alterado em 11 de abril de 1996, pela Lei nº10.734. A data da instalação do município de Capitão (FIGURA 51) é 1º de janeiro de 1993.

O primeiro chefe do Executivo de Capitão, entre 1993 e 1996, foi João Batista Gasparotto. Bertoldo Ames era o seu vice. Os vereadores da primeira legislatura foram: Aires Daldon, Gilberto Cadore, Guimar Fröhlich, Romualdo Rohr, Rui Bruxel, Sírio José Ziem, Valmor Farias, Valmor Siqueira e Wilibaldo da Costa (LAGEMANN; ALBERTON, [19-]).

### 7.6.4 Travesseiro

Da mesma forma que Capitão, os eleitores de Travesseiro decidiram em plebiscito, realizado em 10 de novembro de 1991, a favor da emancipação. Dos 1.940 eleitores, votaram 1.551, distribuídos nas seções de Picada Felipe Essig, Três Saltos Baixo, Três Saltos Alto, São João, Barra do Fão, São Miguel, Picada João Fucks e sede (O INFORMATIVO DO VALE, 1991).

Localizado na margem esquerda do Rio Forqueta, o município de Travesseiro foi emancipado (FIGURA 54) na mesma data do município de Capitão, 20 de março de 1992, pela Lei nº9.596, sancionada e promulgada pelo governador do Estado, Alceu Collares. O texto do primeiro artigo diz (Lei nº 9.596, 1992):

LEI: 9.596, DE 20 DE MARÇO DE 1992.

Cria o município de Travesseiro.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Faço saber, em cumprimento ao disposto no artigo 82, inciso IV da Constituição do Estado, que a Assembléia Legislativa aprovou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte:

Art. 1º - É criado o município de Travesseiro, constituído pelo distrito do mesmo nome, pertencente ao município de Arroio do Meio e parte do município de Nova Bréscia.

Parágrafo único - É sede do novo município a localidade de Travesseiro, e sua instalação será realizada no dia 1º de janeiro de 1993.[...].

O segundo artigo descreve os limites políticos do novo município. Este artigo foi alterado, em 17 de abril de 1996, pela Lei nº 10.767. Conforme o parágrafo único do Artigo nº 1, a data da instalação foi em 1º de janeiro de 1993.

O primeiro prefeito de Travesseiro foi Genésio Hofstaetter, tendo como vice Sérgio Valmor Ritter. A primeira Câmara de Vereadores foi composta por nove membros: Décio Bruxel, Dirceu Rockembach, Ereno Jommertz, Flávio Dertzbacher, Jorge Bettio, Nelson José Werner, Orlando Ahne, Sérgio Odilo Nied e Volnei Barcella. Os mandatos do Executivo e do Legislativo foram até 1996 (LAGEMANN; ALBERTON, [19-]).

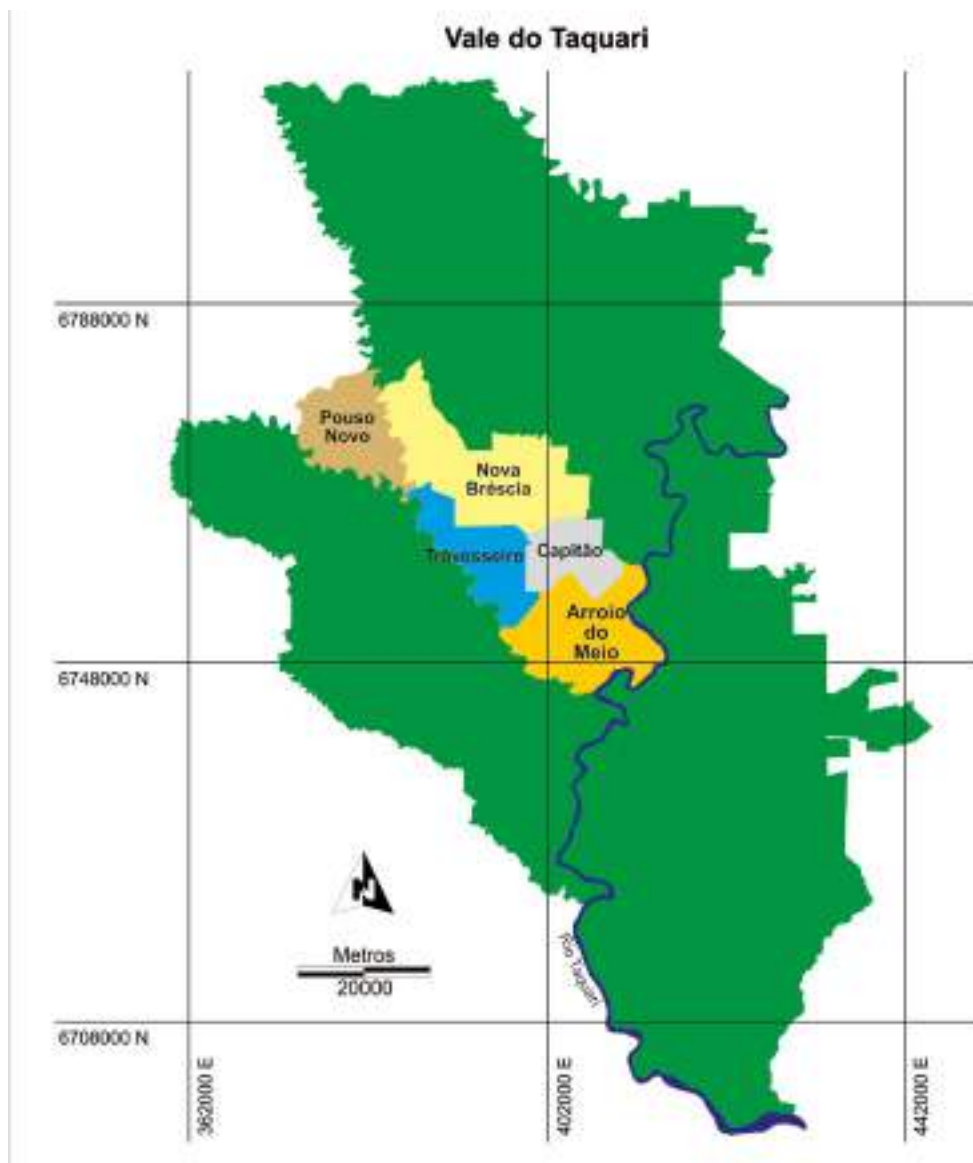


FIGURA 54: Mapa do Vale do Taquari com o território de Arroio do Meio em 1993.  
 Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Eckhardt (2005).

Esses foram os distritos desmembrados de parte do território de Arroio do Meio, desde a década de 1960.

Coqueiro Baixo (FIGURA 55) emancipou-se em 1996 (data da criação), a partir de Nova Brésia e Relvado (PERFIL..., 2011).

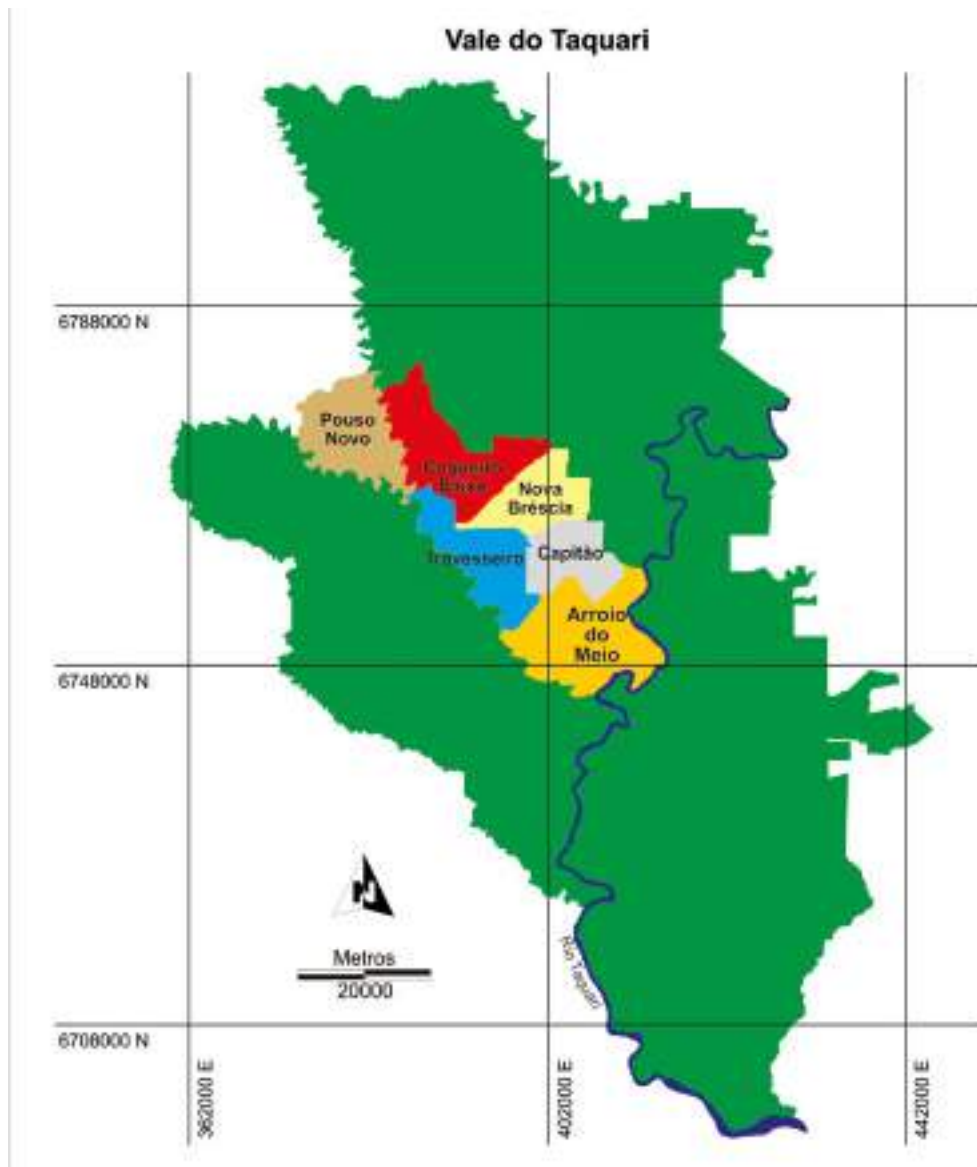


FIGURA 55: Mapa do Vale do Taquari com o território de Arroio do Meio e a emancipação de Coqueiro Baixo a partir de Nova Bréscia.

Fonte: Elaborado pelos autores a partir de Eckhardt (2005).

## 7.7 O cenário urbano

É possível referir que o cenário urbano é reflexo da experiência de sua população que, através dos tempos, vai construindo, colocando em prática todo o conhecimento assimilado. Apresenta uma conjugação do moderno com o antigo, por vezes em harmonia, outras não. Espaço que permite o acesso a todas as pessoas, sem distinção social. Em muitos, o ritmo acelerado, outros um

pouco mais tranquilo, grandes metrópoles ou pequenas cidades oferecem uma paisagem urbana.

A cidade pode ser imaginada como uma grande obra de arte, em espaço aberto, crescendo para diferentes direções, onde as possibilidades permitirem. O cenário urbano pode ser visto como um objeto a ser admirado e apreciado (LYNCH, 1986). A cidade é uma “construção no espaço e este seu construir no tempo desenvolve-se à maneira de uma teia ou encadeamento de fatos, indivíduos, objetos e funções” (SÁ, 2007, p. 02). A representação da cidade não é só física, mas social, institucional e simbólica.

Falar das práticas sociais e correlação entre os habitantes de uma cidade implica em falar da distinção entre centro e bairro. Assim, enquanto o centro é valorizado por ser receptivo a todo tipo de população, os bairros caracterizam-se por serem simbolicamente entendidos como próprios de determinadas populações, grupos de pessoas, ou funções (GONÇALVES, 1988).

Dar um significado para a palavra “bairro” não é tarefa fácil. De acordo com Houaiss (2001), “Bairro: 1. Porção de território povoado nas cercanias de uma cidade; povoado; arraial, distrito”. “2. Cada uma das partes em que se divide uma cidade ou vila, para facilitar a orientação das pessoas e possibilitar a administração pública mais eficaz”. Ou, ainda, “3. Área urbana geralmente ocupada por pessoas de uma mesma classe social”.

Profuso é o número de autores que definem bairro como um território político e administrativo, representado por características físicas e dimensionais. Entretanto, não se trata “de uma área demarcada, limitada, simples suporte físico-administrativo, de uma determinada população” (RAMOS, 2002, p. 68). O bairro torna-se uma “unidade morfológica espacial e morfológica social ao mesmo tempo”. Deve ser entendido como uma organização do espaço de multiplicidade social, não só para uma demarcação de ordem administrativa (BEZERRA, 2005, p. 54).

Para a maioria dos habitantes, para a identificação de um bairro não interessa o seu limite formal ou até onde se estendem suas linhas. Porém, segundo Bezerra (2005, p. 58), “os limites administrativos devem coexistir assim como os limites subjetivos [...] a divisão administrativa faz-se necessária, porque é a partir destes limites que aquele recorte é identificado oficialmente e planejado e assistido pelo órgão gestor”.

O bairro ainda pode ser definido por três elementos básicos: paisagem urbana, conteúdo social e função. Conforme Teixeira e Machado (1986, p. 66),

A paisagem urbana está refletida no tipo, estilo e idade das construções, no traçado de suas ruas, etc.; o conteúdo social é referente ao modo e ao padrão de vida de sua população; a função é a atividade básica que o bairro desempenha dentro do organismo urbano, isto é, função residencial, comercial ou administrativa, para a qual desenvolve um determinado equipamento funcional.

Como se percebe, os conceitos podem variar, englobando aspectos políticos e sociais. O bairro é um espaço público, movimentado pelas relações

mantidas entre as pessoas. Essas conexões podem ser observadas nas festas, nas associações, na igreja, na escola, entre outros. No bairro também se observa um ambiente privado, a exemplo da família.

Quanto aos distritos, para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), distritos são as unidades administrativas dos municípios. Têm sua criação norteada pelas Leis Orgânicas dos Municípios.

Nas últimas décadas, a cidade de Arroio do Meio experimentou diversas transformações urbanas. É fácil perceber essas modificações (FIGURA 56). Em 26 de setembro de 2004, o jornal O Alto Taquari publica, na página 03, reportagem sob o título “Crescimento segue margem direita da RS-130”. O jornal aponta inúmeros aspectos que demonstram as mudanças ocorridas na zona urbana do município.



FIGURA 56: Área central de Arroio do Meio, na década de 1980

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio, RS (2010).

Na década de 1980, 28% da população do município viviam na zona urbana, enquanto em 2004 o índice subiu para 75%, invertendo as posições. As razões que podem ser elencadas para tal crescimento urbano são o incremento de novos postos de trabalho, o que levou as pessoas a buscarem moradia mais próxima ao local de trabalho, e a emancipação dos distritos de Capitão e Traveseiro, além do aumento do volume de novas edificações. Em 2003 foram mais de 43 mil metros quadrados de área construída, enquanto, até agosto de 2004, foram mais de 22 mil metros quadrados.

Outro aspecto levantado pela reportagem é a questão da importância que desempenha a Rodovia ERS-130. Algumas das indústrias preferiram construir seus complexos industriais em áreas próximas à rodovia, pela sua localização estratégica, infraestrutura e sua facilidade no escoamento da produção.

Conforme o Jornal O Alto Taquari (2004, p. 03), o Centro de Arroio do Meio cresceu em direção ao Rio Taquari. Buscando depoimentos de servidores municipais de 2004, o jornal afirmou que as áreas disponíveis, naquele ano, “são inundáveis e construções são proibidas pela prefeitura num raio de três quilômetros a partir do leito do rio ou inferiores a 29 metros de altura quando próximo do rio ou arroio”. Mas sendo áreas de risco e tendo sido removidas famílias do local, o Bairro Navegantes, por exemplo, “continua sendo ocupado, principalmente por causa da proximidade com o Centro”.

Visualizando o cenário urbano, percebe-se que a cada dia acontecem alterações, aumento de construções e do número de automóveis circulando e o próprio crescimento demográfico, que alteram a paisagem urbana. Um exemplo disso aconteceu na Rua Dr. João Carlos Machado, no Bairro Centro. Na década de 1940, em frente à Casa Moesch (FIGURA 57), circulava um tropeiro com suas mulas carregadas de produtos, e, no ano de 2019, no mesmo cenário (FIGURA 58), o ambiente está alterado. A rua está asfaltada, mais pessoas circulando, automóveis, motocicletas, enfim, é um outro cenário urbano.



FIGURA 57: Rua Dr. João Carlos Machado na década de 1940, com o tropeiro transportando mercadorias e a Casa Moesch ao fundo.

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio, RS (2010).



FIGURA 58: Rua Dr. João Carlos Machado em 2019, onde se observa a transformação do cenário urbano, no entanto a fachada da antiga Casa Moesch continua intacta.

Fonte: Acervo fotográfico do CMDPU/MCN/Univates (2019).

As transformações no cenário urbano são percebidas similarmente em um espaço de vinte anos. Tendo a Casa Moesch como referência, notam-se as mudanças em parte do Centro de Arroio do Meio (FIGURA 59), que se alterou com o incremento de novas edificações (FIGURA 60).



FIGURA 59: Vista do Centro de Arroio do Meio, década de 1980, destacando a Casa Moesch

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2010).



FIGURA 60: Vista do Centro de Arroio do Meio em 2010, destacando a Casa Moesch  
Fonte: Acervo fotográfico do CMDPU/MCN/Univates (2019).

## 7.8 Os bairros

A atual configuração territorial do município de Arroio do Meio está dividida em quatro distritos e 12 bairros (FIGURA 61). Os distritos são: Sede, ou Arroio do Meio, Forqueta, Palmas e Vale do Arroio Grande. Os bairros são: Barra do Forqueta, Medianeira, São José, Navegantes, Centro, Bela Vista, Rui Barbosa, Dona Rita, Dom Pedro II, Aimoré, São Caetano e Novo Horizonte.



FIGURA 61: Bairros e distritos do município de Arroio do Meio  
 Fonte: Secretaria de Planejamento e Coordenação da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio (2011).

### 7.9 O início da estruturação urbana: a criação dos bairros

Na atual área urbana de Arroio do Meio, a criação dos bairros deu-se em razão da regulamentação da Lei Municipal nº 1.624/99, de 24 de junho de 1999. O prefeito em exercício, Ruy Dagoberto Bersch, sancionou a lei criando os bairros do município de Arroio do Meio.

O primeiro parágrafo da Lei menciona os bairros criados (Lei nº 1.624/99),

[...] Cria os bairros Barra do Forqueta, Medianeira, São José, Navegantes, Centro, Bela Vista, Rui Barbosa, Dona Rita, D. Pedro II, Aimoré, São

Caetano e Novo Horizonte, revoga disposições em contrário e dá outras providências.

RUY DAGOBERTO BERSCH, VICE-PREFEITO EM EXERCÍCIO NO CARGO DE PREFEITO MUNICIPAL, DE ARROIO DO MEIO, RS.

FAÇO SABER que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1o. - Ficam criados os seguintes bairros da cidade de Arroio do Meio:

01. Bairro Barra do Forqueta;
02. Bairro Medianeira;
03. Bairro São José;
04. Bairro Navegantes;
05. Bairro Centro;
06. Bairro Bela Vista;
07. Bairro Rui Barbosa;
08. Bairro Dona Rita;
09. Bairro D. Pedro II;
10. Bairro Aimoré;
11. Bairro São Caetano;
12. Bairro Novo Horizonte

Em junho de 1999, portanto, o prefeito sancionou a lei estabelecendo 12 bairros pertencentes à área urbana do município. O espaço de cada bairro obedece ao texto da Lei nº 1.624/99, estabelecendo os limites políticos de cada um. São mencionados os perímetros estabelecidos pela Lei aprovada pela Câmara de Vereadores e sancionada pelo Prefeito Municipal.

Os bairros do município de Arroio do Meio comportam a população urbana que, segundo o Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 2010, era composta por 13.957 habitantes, representando naquele ano, 86% da população do município. O bairro que apresentava a maior população urbana era Bela Vista, com 3.053 habitantes.

### **7.9.1 Bairro Barra do Forqueta**

O Bairro Barra do Forqueta experimentou nos últimos anos um crescimento considerável. Em uma área de 216 hectares, no ano de 2019, haviam 35 ruas registradas. O bairro é perpendicular ao Rio Forqueta, tendo como um dos pontos limítrofes a foz do Rio Forqueta no Rio Taquari. Segundo a Lei,

[...] 01. BAIRRO BARRA DO FORQUETA:

Ponto inicial: Foz do Rio Forqueta no Rio Taquari.

Descrição: Do ponto inicial, segue pelo Rio Forqueta, águas acima (divisa municipal com Lajeado) até 450 metros além da faixa de domínio da Rod. RS-130. Dai por linha seca, paralela e distante 450 metros da faixa de domínio da Rod. RS-130 até 100 metros aquém da Estrada Linha Umbú a Forqueta Baixa. Dai por linha seca, paralela e distante da referida estrada até encontrar a divisa das terras de Alvino Gräff (inclusive) com Cláudio Gabriel (inclusive), segue pela referida divisa até 100 metros além da Estrada Linha Umbú a Forqueta Baixa. Dai por linha seca paralela e distante 100 metros da referida estrada até 550 metros aquém da faixa de domínio da Rodovia RS-130. Dai por linha seca paralela e distante 550 metros da faixa de domínio da Rodovia RS-130 até a Estrada Vila Medianeira e Forqueta

Baixa, por esta até o eixo da Rodovia RS-130, por este até a Sanga Barra do Forqueta, por esta, águas abaixo até sua foz no Rio Taquari, por este águas acima (divisa municipal com Colinas e Estrela) até o ponto inicial [...].

Barra do Forqueta (FIGURA 62) apresenta uma mescla de áreas industriais, agrícolas e residenciais, possuindo fácil acesso pela Rodovia ERS-130. Empresas como a Rações Minuano, a Bremil e a Cooperativa de Transportes Vale Log estão instaladas no bairro, além da Sede Campestre do Arroio do Meio Piscina Clube.



FIGURA 62: Bairro Barra do Forqueta

Fonte: Imagem cedida pelo Jornal O Alto Taquari. Caderno Especial 85 anos. Crédito: Tax Imagens Aéreas (2019).

Barra do Forqueta foi e é referência entre a ligação de Arroio do Meio com Lajeado e região pela sua posição geográfica. Conforme Steiner (2009, p. 08), “nos primeiros tempos, o acesso era através de barca na foz do Rio Forqueta”. A barca (FIGURA 63) foi desativada em julho de 1939, com a inauguração da Ponte de Ferro. Com a conclusão das obras da ERS-130, em 1974, a Ponte de Ferro destinou-se apenas a carros de menor peso.



FIGURA 63: Barca de propriedade de Nicolau Käfer Sobrinho que fazia a travessia do Rio Forqueta

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2019).

Além da barca, que fazia a travessia do Rio Forqueta, a família de Nicolau Käfer Sobrinho também era proprietária de um armazém que recebia produtos oriundos de Forqueta, Capitão e Travesseiro, os quais eram posteriormente embarcados para a capital. Nesse sentido, a perspicácia e o tino comercial de Käfer auxiliou o desenvolvimento do então bairro (CADERNO ESPECIAL 85 ANOS, 2019).

Outros fatos também impactaram a história do bairro. Em 1985 foi fundada uma pequena escola que na época contava com apenas duas salas de aula. Com o passar dos anos, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Barra do Forqueta foi gradativamente ampliando seu espaço físico, para atender o crescimento do número de alunos da localidade. Assim, atualmente (2019), além do Ensino Fundamental, o educandário oferece EJA – Educação de Jovens e Adultos, bem como a Educação Infantil. A comunidade conta também com o Ginásio Municipal, o salão da Comunidade Católica Santos Reis, em cujo ambiente são realizadas celebrações religiosas e eventos sociais da comunidade e da escola (CADERNO ESPECIAL 85 ANOS, 2019).

Conforme o Censo Demográfico de 2010, a população residente no Bairro Barra do Forqueta, era formada por 802 pessoas. No local viviam 387 (48,3%) homens e 415 (51,7%) mulheres. No quesito Educação, 98,9% das pessoas com 10 anos ou mais, eram alfabetizadas no Bairro (IBGE, 2010).

### **7.9.2 Bairro Medianeira**

O Bairro Medianeira ocupa uma área de 286 hectares, sendo o quarto, do município, em extensão territorial. Localizado próximo ao Centro da cidade, o bairro (FIGURA 64) tem como limite os seguintes pontos:

[...] 02. BAIRRO MEDIANEIRA

Ponto inicial: Ponte sobre o Arroio do Meio na Rodovia RS-130.

Descrição: Do ponto inicial, segue pelo eixo da Rodovia RS-130 até a Estrada Vila Medianeira a Forqueta Baixa, por esta até se distanciar 550 metros da faixa de domínio da Rodovia RS-130. Dai por linha seca de 50 metros, paralela e distante 550 metros da faixa de domínio da Rodovia RS-130. Dai por linha seca, paralela e distante 50 metros da Estrada Vila Medianeira a Forqueta Baixa até a Rua João Antônio Rauber, por esta até o Arroio Rui Barbosa, por este, águas abaixo até sua foz no Arroio do Meio, por este águas abaixo até o ponto inicial [...].



FIGURA 64: Bairro Medianeira

Fonte: Imagem cedida pelo Jornal O Alto Taquari. Caderno Especial 85 anos. Crédito: Tax Imagens Aéreas (2019). A

O bairro caracteriza-se como um importante núcleo industrial, pois lá está instalada a Neugebauer, pertencente ao Grupo Vonpar, situada às margens da rodovia ERS-130. A denominação oficial da área partiu da própria comunidade, de cerca de 50 famílias que residiam no bairro em 1985. Nossa Senhora de Medianeira motivou a denominação do bairro, uma vez que a maioria dessas pessoas eram católicas.

Em 1987, a paisagem do bairro começa a ser alterada, pois até então era uma área rural. Naquele ano, a Administração Municipal desapropriou uma área, em torno de 85 mil metros quadrados, situada às margens da ERS 130,

para a instalação do Parque Esportivo Municipal. Em um primeiro momento foi construído o ginásio Polivalente, local que foi palco de grandes eventos como a Expofeira, shows de artistas nacionais como: Sandy e Junior, Jota Quest, Roupas Nova, Zezé di Camargo e Luciano, entre outros (CADERNO ESPECIAL 85 ANOS, 2019).

Passados alguns anos, em setembro de 2003, após intenso debates e várias negociações entre o Executivo, Legislativo e moradores, a prefeitura doou a área do parque para Wallerius do Brasil, já pertencente ao Grupo Ditrento de Flores da Cunha. Entre as razões para o repasse o fato que a maior parte do tempo o parque e o ginásio não eram utilizados, tornando-se ociosos. Além disso, o município atravessava um novo período de projeção de investimentos a indústrias, culminando com a diversificação de empregos e renda, o que também motivou a doação. Neste ano de 2019, funciona no complexo, a Neugebauer, empresa mais antiga no Brasil na fabricação de chocolates (CADERNO ESPECIAL 85 ANOS, 2019).

De acordo com o Censo de 2010, a população residente no Bairro Medianeira, compreendiam 272 pessoas. No bairro viviam 140 (51,5%) homens e 132 (48,5%) mulheres. O levantamento do IBGE (2010) constatou que dessa população, 98,4% das pessoas com 10 anos ou mais, eram alfabetizadas.

### **7.9.3 Bairro São José**

Fazendo “divisa” com o Rio Taquari, o bairro localiza-se bem próximo ao Centro da cidade de Arroio do Meio. Conforme consta na lei de criação, o

[...] 03. BAIRRO SÃO JOSÉ

Ponto inicial: Ponte sobre o Arroio do Meio na Rodovia RS-130.

Descrição: Do ponto inicial, segue pelo Arroio do Meio, águas abaixo até sua foz no Rio Taquari, por este (divisa municipal com Colinas), águas abaixo até a foz da Sanga Barra do Forqueta, por estas águas acima até seu cruzamento com a Rodovia RS-130, pelo eixo desta até o ponto inicial [...].

O Bairro São José foi, por anos, conhecido pelas olarias que produziam tijolos, propiciadas pela qualidade do barro encontrado nas planícies que margeiam o Rio Taquari. Funcionavam as olarias das famílias Röhrig, Theves e Casotti, entretanto, elas não fazem mais parte desse cenário, as três foram desativadas (CADERNO ESPECIAL 85 ANOS, 2019).

O bairro conta com uma área para prática de esportes mais radicais, onde está instalada uma pista de motocross e veloterra (FIGURA 65), palco de competições regionais e estaduais. Também no bairro está instalado, em uma área de 80 mil metros quadrados, o Parque Temático de Tradições Gaúchas, que abriga a sede do CTG Querência do Arroio do Meio. Em termos de indústrias, o bairro conta com a Clean Vale Indústria Química, responsável pela produção de produtos de limpeza para uso doméstico e industrial.



FIGURA 65: Bairro São José

Fonte: Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio . Crédito: Tax Imagens Aéreas (2019)

Conforme o Censo de 2010, a população residente no Bairro São José era composta por 581 pessoas. Destes, 300 (51,6%) eram homens e 281 (48,4%) mulheres. Em relação a Educação, 95,7% dessas pessoas com 10 anos ou mais, eram alfabetizadas (IBGE, 2010).

#### **7.9.4 Bairro Navegantes**

O Bairro Navegantes (FIGURA 66), antes da construção de estradas, representou um dos pontos de acesso ao povoado. Possui um acesso ao Rio Taquari por onde, diariamente, deslocam-se inúmeros pescadores, que buscam peixes para sua subsistência ou procuram um local para relaxar do estresse da vida urbana. No local, funcionava até por volta da década de 1980, o Balneário Municipal, que foi o principal ponto turístico do município na época. Havia inclusive uma escadaria que levava até o rio. No verão o espaço era muito disputado por moradores de Arroio do Meio e de outras cidades que aproveitam o local para tomar um banho de rio ou tomar sol (CADERNO ESPECIAL 85 ANOS, 2019).



FIGURA 66: Bairro Navegantes

Fonte: Imagem cedida pelo Jornal O Alto Taquari. Caderno Especial 85 anos. Crédito: Tax Imagens Aéreas (2019).

O nome do bairro, situado às margens do Rio Taquari, se dá em homenagem à padroeira Nossa Senhora dos Navegantes, protetora dos que navegam pelo rio em embarcações. A denominação de Bairro Navegantes deu-se em 1983, pois antes disso era conhecido como Praia (CADERNO ESPECIAL 85 ANOS, 2019). De acordo com a Lei nº 1.624/99, assim são delimitados os limites do bairro:

[...] 04. BAIRRO NAVEGANTES

Ponto inicial: Foz do Arroio do Meio no Rio Taquari.

Descrição: Do ponto inicial, segue pelo Arroio do Meio, águas acima até se defrontar com a divisa das terras do município de Arroio do Meio com terras do Estado do Rio Grande do Sul. Segue pela divisa das terras do Município de Arroio do Meio (inclusive) com terras do Estado do Rio Grande do Sul e terras de Cléria E. Jovanella e outros (ambos exclusive) até a Rua Tiradentes, por esta até fazer esquina com a Rua Sem Nome, segue pelo alinhamento da Rua Sem Nome até a esquina da Rua 4 com a Rua José Horn, segue pela Rua José Horn até a Rua Visconde do Rio Branco, por esta até se defrontar com a divisa dos lotes de Hélio Sandri (exclusive) e sucessores de Oscar Meyerhofer (inclusive), segue pela divisa dos lotes de Hélio Sandri, Pedro Gilberto da Costa e Telmo Kerner (todos exclusive) com lotes de sucessores de Oscar Meyerhofer e Giovani dos Santos (ambos inclusive) até a Rua Dr. João Carlos Machado, num ponto onde as divisas

anteriormente citadas coincidem com o limite noroeste do lote de Vanise Regina Hauschild (inclusive), por este limite e seu prolongamento até a Rua Gustavo Wienands, por esta até se defrontar com o limite noroeste da área verde do Loteamento Auri Damann (inclusive), segue pelo referido limite até a Rua Cel. Zimmermann, por esta até a esquina com a Rua Lourenço Gasotti, 60 metros aquém da Rua Campos Sales. Dai por linha seca, paralela e distante 60 metros da Rua Campos Sales até se defrontar com o ponto de captação de água da CORSAN no Rio Taquari. Dai por linha seca e reta até o Rio Taquari, por este, águas abaixo (divisa municipal com Colinas) até o ponto inicial [...].

Assim como em Porto Alegre e Lajeado, no Bairro Navegantes (FIGURA 67) acontece anualmente uma das mais interessantes manifestações religiosas, a Procissão e a Festa de “Nossa Senhora dos Navegantes”. Segundo Assumpção (2004, p. 11), as manifestações de religiosidade popular “são um reflexo das tradições culturais de um determinado grupo. Os festejos são uma forma de perpetuar estas tradições através de celebrações (procissões, missas) e da oralidade (orações, cânticos)”.



FIGURA 67: Capela no Bairro Navegantes

Fonte: Acervo fotográfico do CMDPU/MCN/Univates (2019).

A devoção à Nossa Senhora vem desde que os portugueses e espanhóis se lançaram ao mar. Os viajantes pediam proteção à Mãe dos Navegantes no momento em que se aventuravam ao oceano desconhecido. Tão logo chegou ao Brasil, a padroeira dos navegantes recebeu outros títulos, como Senhora dos Mares, da Boa Viagem e Nossa Senhora dos Navegantes. A invocação de Nossa Senhora dos Navegantes foi a mais utilizada. Assim a procissão e a festa surgiram, com o intuito de o povo louvar, pedir proteção e agradecer à Santa (HISTÓRIA..., 2010).

É nesse bairro que em finais da década de 1930 foi fundada uma das mais tradicionais indústrias de Arroio do Meio: tratava-se do Frigorífico Ardomé. No início de suas atividades, a empresa contava com apenas 10 operários que,

no primeiro dia de funcionamento, abateram 40 porcos. Em apenas um ano, o frigorífico chegou à soma de 26.000 suínos abatidos (ESTUDO..., 1961). A empresa encerrou suas atividades em 1950.

Em 02 de janeiro de 1980 aconteceu um fato inusitado no Bairro Navegantes. Banhistas se divertiam e se refrescavam do forte calor que fazia na cidade no Balneário Recreio Municipal quando uma moça, cuja a identidade não foi revelada, fez *top-less*. Na época, comentava-se que a moça teria sido pioneira no Alto Taquari a tirar a parte superior do biquíni. Algumas pessoas apenas lamentaram não ter nenhum fotógrafo no local para registrar o acontecimento (O INFORMATIVO DO VALE, 1980).

Segundo o IBGE (2019), em 2010, a população residente no Bairro Navegantes, compreendia 1.218 pessoas. Na época viviam 593 (48,7%) homens e 625 (51,3%) mulheres. Em relação a Educação, 96,2% das pessoas com 10 anos ou mais, estavam alfabetizadas.

## 7.9.5 Bairro Centro

Núcleo central da cidade de Arroio do Meio, no Centro situam-se a sede da Prefeitura, instituições financeiras e os principais estabelecimentos comerciais necessários para o dia a dia dos munícipes. A Lei prescreve:

[...] 05. BAIRRO CENTRO

Ponto inicial: Ponte sobre o arroio Arroio do Meio, na Rodovia RS-130.

Descrição: Do ponto inicial, segue pelo eixo da Rodovia RS-130 até o Arroio Grande, por este, águas abaixo até sua foz no Rio Taquari, por este (divisa municipal com Colinas) águas abaixo até se defrontar com o ponto de captação de água da CORSAN. Deste ponto, segue por linha seca, direção noroeste até 60 metros além da Rua Campos Sales, segue por linha seca, paralela e distante 60 metros da Rua Campos Sales até a esquina da Rua Lourenço Gasotti com a Rua Cel. Zimmermann, segue pela rua Cel. Zimmermann até a divisa noroeste da área verde do loteamento Auri Damann (inclusive), por esta divisa até a Rua Gustavo Wienands, por esta até se defrontar com o prolongamento do limite noroeste do lote de Vanise Regina Hauschild (exclusive), segue pelo prolongamento e após pelo referido limite até a Rua Dr. João Carlos Machado, num ponto onde coincide com a divisa dos lotes de Giovani dos Santos (exclusive) e Telmo Kerner (inclusive), segue pela divisa dos lotes de Giovani dos Santos e sucessores de Oscar Meyerhofer (ambos exclusive) e com lotes de Telmo Kerner, Pedro Gilberto da Costa e Hélio Sandri (todos inclusive) até a Rua Visconde do Rio Branco, por esta até a Rua José Horn, por esta até seu fim que coincide com o alinhamento da Rua Sem Nome, segue por este alinhamento até a esquina da Rua Sem Nome com a Rua Tiradentes, pela rua Tiradentes até encontrar a divisa das terras de Cléria E. Jovanella e outros (inclusive) com terras do município de Arroio do Meio (exclusive), segue pela divisa das terras de Cléria E. Jovanella e outros e terras do Estado do Rio Grande do Sul (ambos inclusive) com terras do município de Arroio do Meio (exclusive) até o Arroio do Meio, por este águas acima até o ponto inicial [...].

O Centro é o ponto de convergência do município, não só para as questões legais, mas para as várias manifestações políticas e sociais. Beneficiando a quem se dirige ao núcleo urbano, apresenta a “Rua dos Eventos”, ponto que possibilita a realização de eventos com qualquer tempo.

Como acontece em qualquer centro urbano, a paisagem vai alterando. Com o crescimento da cidade, existe a necessidade de alterar o espaço para que a população possa usufruí-lo da melhor maneira possível. Nos últimos 40 anos, o Bairro Centro teve sua paisagem urbana modificada (FIGURA 68; FIGURA 69).



FIGURA 68: Bairro Centro em 1980.

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (1980).



FIGURA 69: Bairro Centro em 2019

Fonte: Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio. Crédito: Tax Imagens Aéreas (2019).

De acordo com o Censo Demográfico realizado em 2010, a população residente no Bairro Centro, compreendia 2.374 pessoas. No bairro viviam 1.113 (46,9%) homens e 1.261 (53,1%) mulheres. Dessa população, 99,2% que estavam com 10 anos ou mais estavam alfabetizadas (IBGE, 2010).

### 7.9.6 Bairro Bela Vista

O Bairro Bela Vista (FIGURA 70) que abrange uma área de 432 hectares, conta com boa infraestrutura e é beneficiado pela proximidade com o Centro da cidade. O artigo que delimita o bairro estabelece:

[...] 06. BAIRRO BELA VISTA

Ponto inicial: Ponto sobre o Arroio do Meio na Rodovia RS-130.

Descrição: Do ponto inicial, segue pelo Arroio do Meio, águas acima até a Rua Antônio Rauber, por esta até o Arroio Grande, por este águas abaixo até seu cruzamento com a rodovia RS-130, pelo eixo desta até o ponto inicial [...].



FIGURA 70: Bairro Bela Vista

Fonte: Imagem cedida pelo Jornal O Alto Taquari. Caderno Especial 85 anos. Crédito: Tax Imagens Aéreas (2019).

O nome do bairro, Bela Vista, está ligado a um empreendimento idealizado por Emílio Kirst. Em 1920, comprou uma área de terras, onde construiu um prédio. As instalações serviram para Kirst fundar um sanatório de cura pela água, algo como uma clínica de medicina natural. Entretanto, a casa de saúde chamada de Bela Vista, não teve o sucesso esperado, e assim sendo, foi desativada. Mais tarde, em 1924, Emílio Kirst iniciou a fabricação de bebidas, com o mesmo nome, Bela Vista, que décadas depois transformou-se em Bebidas Fruki S.A., uma das maiores produtoras de bebidas do Rio Grande do Sul. A fábrica permaneceu no Bairro Bela Vista até 1971, quando transferiu-se para Lajeado (CADERNO ESPECIAL 85 ANOS, 2019).

Na década seguinte da saída da Fruki, o bairro presenciou fatos marcantes para a história do município, acompanhou o crescimento da indústria calçadista, tanto que a Incomex Calçados no auge de suas atividades chegou a ter mais de mil funcionários. A empresa encerrou a produção de calçados em 1994 (CADERNO ESPECIAL 85 ANOS, 2019). Assim o Bairro Bela Vista amargurou a crise do setor, com o fechamento de estabelecimentos de grande porte. Voltando às suas origens, em 2010 foi inaugurada uma indústria no ramo calçadista, a Crisbel Calçados.

No bairro funciona a Escola Municipal de Ensino Fundamental Bela Vista, uma das maiores do município. Bela Vista também conta com duas escolas infantis, a Escola Comunitária de Educação Infantil Professora Rita, localizada no Loteamento Glória e a Escola Comunitária de Educação Infantil Criança Esperança, próxima ao Salão Cinquentenário.

Considerado um bairro urbano, tem na indústria e no comércio boas perspectivas de desenvolvimento. Além das escolas, no bairro estão localizados três cemitérios, o presídio e outros estabelecimentos. De acordo com a Secretaria de Planejamento e Coordenação, em 2010, foi o segundo bairro mais procurado para edificação de novas casas.

Segundo o IBGE (2010), em 2010, a população residente no Bairro Bela Vista, compreendia 3.053 pessoas. No bairro viviam 1.538 (50,4%) mulheres e 1.515 (49,6%) homens. Conforme o mesmo instituto, 98,8% dessas pessoas com 10 anos ou mais eram alfabetizadas.

### **7.9.7 Bairro Rui Barbosa**

O Bairro Rui Barbosa localiza-se a cerca de 3 quilômetros do Centro da cidade de Arroio do Meio. A tranquilidade da sede do bairro se modifica nos fins de semana em que são realizados jogos de futebol no Esporte Clube Rui Barbosa, reunindo milhares de pessoas em busca de divertimento e alegria.

O limite político do bairro é:

[...] 07. BAIRRO RUI BARBOSA

Ponto inicial: Ponte sobre o Arroio Rui Barbosa na Rua João Antônio Rauber.

Descrição: Do ponto inicial, segue pela Rua João Antônio Rauber até 50 metros além da Estrada Vila Medianeira a Forqueta Baixa. Dai por linha seca, paralela e distante 50 metros da referida estrada até se distanciar 110 metros da Rua João Antônio Rauber. Dai por linha seca, paralela e distante 110 metros da rua João Antônio Rauber até o Arroio Rui Barbosa, por este águas acima até encontrar a divisa das terras de herdeiros de Aldino Reckziegel (inclusive) a Lauri Führ (exclusive). Dai segue pela divisa de Lauri Führ e Romaldo Führ (exclusive) com terras de Aldino Reckziegel e Mathias Huppes (inclusive) até o Arroio do Meio, por este, águas abaixo até 110 metros aquém da Rua João Antônio Rauber. Dai por linha seca, paralela e distante 110 metros da rua João Antônio Rauber até o Travessão que divide Rui Barbosa e Dona Rita, por este até a Rua João Antônio Rauber, por esta até o Arroio do Meio, por este, águas abaixo até o Arroio Rui Barbosa, por este, águas acima até o ponto inicial [...].

O bairro (FIGURA 71) é berço da Calçados Majolo, que iniciou suas atividades em 1959 e, quando estava em atividade, exportava calçados para os Estados Unidos e a Inglaterra, entre outros países da América e da Europa. A empresa oferecia uma grande oferta de empregos, a qual absorvia boa parte da população do bairro, encerrou suas atividades em 2009.



FIGURA 71: Bairro Rui Barbosa

Fonte: Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio. Crédito: Tax Imagens Aéreas (2019).

Os moradores do bairro, nas décadas de 1950, 1960 e 1970, divertiam-se nos finais de semanas nos bailes realizados nos salões Schmidt e Friedrich (este criado em 1953 e que funcionou até 1984).

Em 1961 foi inaugurada no bairro, a Escola Municipal de Ensino Fundamental Princesa Isabel. O educandário conta com boa estrutura, pois tem ao seu dispor o ginásio municipal. Em relação a Educação Infantil, as crianças são atendidas pela Escola Comunitária de Educação Infantil Pimpolho (CADERNO ESPECIAL 85 ANOS, 2019).

Em 2010, o IBGE, contabilizou uma população de 931 pessoas, residentes em Rui Barbosa. No bairro viviam 457 (49,1%) homens e 474 (50,9%) mulheres. Dessa população, 98,5% das pessoas com 10 anos ou mais, eram alfabetizadas.

### 7.9.8 Bairro Dona Rita

O Bairro Dona Rita abrange uma área de 144 hectares (ARROIO DO MEIO, 2019). Tem como limites, de acordo com a lei,

[...] 08. BAIRRO DONA RITA

Ponto inicial: Cruzamento do arroio Grande com a Rua João Antônio Rauber.

Descrição: Do ponto inicial, segue pela Rua João Antônio Rauber até encontrar o Travessão que divide Rui Barbosa e Dona Rita, por este até se distanciar 110 metros da Rua João Antônio Rauber. Dai por linha seca, paralela e distante 110 metros da Rua João Antônio Rauber até 100 metros além da Estrada Dona Rita. Dai por linha seca, paralela e distante 100 metros da Estrada Dona Rita até se defrontar com o entrocamento desta com a Rua D. Pedro II. Dai por linha seca e reta até o referido entrocamento, segue pela Rua D. Pedro II até encontrar a divisa das terras de herdeiros de Aloísio Spohr (inclusive), com terras do Município de Arroio do Meio (exclusive), segue pela divisa das terras de Aloísio Spohr e Osvino Dutra (ambos inclusive) com terras do Município de Arroio do Meio e Almiro Gerhardt (ambos exclusive) até o limite noroeste do lote de Almiro Gerhardt, segue

pelo referido limite até o Arroio Grande, por este, águas acima até o ponto inicial [...].

O Bairro Dona Rita (FIGURA 72) localiza-se bem próximo a um dos mais belos cartões postais do município, o Morro São José. O nome do bairro, segundo relatos históricos, teria ligação com Antônio Fialho de Vargas, detentor de extensa faixa de terras em Arroio do Meio. Sua filha, cujo nome era Rita, herdou terras do pai entre o Morro Gaúcho e o Arroio Grande e que mais tarde foram vendidas aos colonos alemães. Essa área era conhecida com as terras da Dona Rita (CADERNO ESPECIAL 85 ANOS, 2019).



FIGURA 72: Bairro Dona Rita

Fonte: Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio. Crédito: Tax Imagens Aéreas (2019).

Na “história do bairro”, um evento ocorreu em 1960 reunindo a população local. A prefeitura constrói uma ponte no bairro, sendo inaugurada (FIGURA 73) pelo então prefeito municipal Antônio Setembrino de Mesquita, acompanhado de comitiva.



FIGURA 73: Inauguração da ponte em Dona Rita

Fonte: Acervo fotográfico do Jornal O Alto Taquari (1994).

Outros acontecimentos marcaram o bairro. Um deles, foi o Encontro Intermunicipal de Ex-Integrantes de Clubes 4-S. Realizado em 17 de setembro de 2014, o encontro ocorreu no salão do Esporte Clube Esperança de Dona Rita. Promovido por ex-estencionistas e ex-integrantes do Conselho Arroio-Meense de Clubes 4-S, Secretaria Municipal da Agricultura e Emater/RS-Ascar, o encontro contou com exposições de fotografias, medalhas, troféus, camisetas e outros materiais dos Clubes 4-S.

O bairro conta com a Escola Municipal de Ensino Fundamental Dona Rita que atende as crianças em idade escolar. A trajetória da escola está registrada na obra dos autores Roque Danilo Bersch e Ruy Dagoberto Bersch, publicada em 2012 (CADERNO ESPECIAL 85 ANOS, 2019).

Conforme o Censo realizado em 2010, a população que residia no Bairro Dona Rita, compreendia 150 pessoas, 76 (50,7%) homens e 74 (49,3%) mulheres. Em relação à escolaridade, 99,3% das pessoas com 10 anos ou mais, eram alfabetizadas no Bairro (IBGE, 2010).

### 7.9.9 Bairro D. Pedro II

Localiza-se junto à Rodovia ERS-130, que permite fácil acesso para a sede do município, assim como o deslocamento para outras cidades, como Lajeado e Encantado. O bairro tem como limites:

[...] 09. BAIRRO D. PEDRO II

Ponto inicial: Foz da Sanga Sem Nome no Arroio Grande.

Descrição: Do ponto inicial, segue pelo Arroio Grande, águas acima até a divisa noroeste do lote de Almiro Gerhardt (inclusive), segue por este até o limite norte deste mesmo lote, segue pela divisa norte do lote de Almiro Gerhardt e Município de Arroio do Meio (ambos inclusive) e terras de Osvino Dutra e herdeiros de Aloísio Spohr (exclusive) até a Rua D. Pedro II, segue por esta até encontrar a divisa das terras que são ou foram de Frietold Laggemann (exclusive) com terras de Balduino Kautzmann (inclusive), segue pela referida divisa até a Rodovia RS-130, segue pelo eixo desta até a Sanga Sem Nome por esta águas abaixo até o ponto inicial [...].

O bairro teve uma mudança significativa na década de 1990. Antes disso, residiam poucos moradores que dependiam para viver da propriedade rural. Com o crescimento da indústria, um número crescente de migrantes, vindos de Três de Maio, Três Passos, São Martinho, Humaitá, entre outras localidades se estabeleceram em Arroio do Meio. Pais e filhos destas famílias encontraram emprego nas fábricas de calçados, de alimentos, rações e outras indústrias (CADERNO ESPECIAL 85 ANOS, 2019).

Assim como Dona Rita, o Bairro D. Pedro II (FIGURA 74) ainda tem atividades voltadas à produção primária. Porém, o bairro conta com empreendimentos de serviços, industriais e comerciais, como o Supermercado Dália, a Artefatos de Cimento Nilsson, a Júlia Calçados, a Hidroquim. Em dezembro de 2018, a RGE inaugurou a Subestação Arroio do Meio, empreendimento que possibilitou o aumento em 43%, a disponibilidade de energia elétrica da região (CADERNO ESPECIAL 85 ANOS, 2019).



FIGURA 74: Bairro D. Pedro II

Fonte: Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio. Crédito: Tax Imagens Aéreas (2019).

O Bairro D. Pedro II abriga o Parque de Máquinas e a sede da Secretaria Municipal de Obras. Nesse sentido, em 2018, a antiga estrutura foi removida e uma nova foi construída. Foi erguido um pavilhão de 285,13m<sup>2</sup> para o maquinário e banheiros para os servidores. Além disso, no local foi construído

a sede administrativa, de 63,06m<sup>2</sup>, da Secretaria. O espaço ocupado pelo Parque de Máquinas (FIGURA 75), também conta com oficina e depósito de materiais, como pneus, peças, óleos e graxas. (PREFEITURA, 2018).



FIGURA 75: Secretaria de Obras, Viação e Serviços de Arroio do Meio

Fonte: Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio. Crédito: Tax Imagens Aéreas (2019).

Conforme o Censo de 2010, a população residente no Bairro Dom Pedro II, compreendia 292 pessoas. No bairro viviam 147 (50,3%) homens e 145 (49,7%) mulheres. O bairro também apresentava um alto índice de alfabetização, 99,3% das pessoas com 10 anos ou mais eram alfabetizadas (IBGE, 2010).

### 7.9.10 Bairro Aimoré

Para se chegar ao Bairro Aimoré, um dos acessos pode ser feito, a partir do Centro, pela Rua Maurício Cardoso passando pela ponte sobre o Arroio Grande inaugurada em 1988. Também pode se chegar ao bairro pela rodovia ERS 130, em seguida pela Rua Helmuth Kuhn (CADERNO ESPECIAL 85 ANOS, 2019). O teor da Lei quanto aos limites do Bairro Aimoré estabelece:

[...] 10. BAIRRO AIMORÉ

Ponto inicial: Foz do Arroio Grande no Rio Taquari.

Descrição: Do ponto inicial, segue pelo Arroio Grande, águas acima até a foz da Sanga Sem Nome, por esta, águas acima até seu cruzamento com a Rodovia RS-130, segue pelo eixo desta até encontrar a divisa das terras de Lauro Schroeder (inclusive) com terras de Júlio Gasparotto Sobrinho (exclusive), segue pela divisa das terras de Lauro Schroeder (inclusive) com terras de Júlio Gasparotto Sobrinho, Júlio Diedrich, Clube Esportivo Sete de Setembro e Décio Barth (todos exclusive) até o entroncamento da Rua Presidente Vargas com a rua Arthur J. Schroeder, segue pela Rua Arthur

J. Schroeder até o Arroio Jararaca, por este águas abaixo até sua foz no rio Taquari, por este, águas abaixo (divisa municipal com Colinas) até o ponto inicial [...].

O nome Aimoré surgiu em função da empresa Aimoré Couros, que se instalou no bairro em finais da década de 1940. Outro fator que impulsionou o desenvolvimento, foi a instalação da rede de energia elétrica, a qual permitiu a instalação de novas indústrias, estabelecimentos comerciais e o aumento populacional (CADERNO ESPECIAL 85 ANOS, 2019).

Além de ser um bairro residencial (FIGURA 76), abriga um importante setor da economia arroio-meense, pois algumas das inúmeras indústrias do município, entre elas, BRF – Brasil Foods, Curtume Aimoré, Companhia Minuano de Alimentos, Cooperativa Dália, estão nele instaladas. Com isso o bairro é responsável por boa parte da arrecadação municipal.



FIGURA 76: Vista aérea parcial do Bairro Aimoré

Fonte: Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio. Crédito: Tax Imagens Aéreas (2019).

No Bairro Aimoré está localizada a Escola Municipal de Ensino Fundamental João Beda Körbes, instalada em 1984 em uma área que foi doada para a comunidade pelo morador que dá o nome à escola. Na mesma área também foram construídas a sede da Comunidade Católica, o ginásio comunitário e a ECEI Trenzinho da Alegria (CADERNO ESPECIAL 85 ANOS, 2019).

Como o bairro está situado às margens do Rio Taquari, em décadas passadas, eram realizados os famosos campeonatos de pesca promovidos pela Associação Atlética Taba Índia. Como exemplo, em janeiro de 1972, foi realizado o 4º Torneio de Pesca e Festa Popular, reunindo pescadores locais e oriundos de outros lugares do Estado.

De acordo com o IBGE, em 2010, a população residente no Bairro Aimoré era de 1.638 pessoas. Desse total, 809 (49,4%) eram homens e 829 (50,6%) mulheres. No quesito Educação, 98,9% das pessoas com 10 anos ou mais, eram alfabetizadas no Bairro.

### 7.9.11 Bairro São Caetano

O Bairro São Caetano tem um significado diferente para o município de Arroio do Meio, pois, provavelmente, foi o primeiro local onde imigrantes europeus e seus descendentes se estabeleceram. Com eles também estavam inúmeros escravos destinados para o trabalho nas lavouras. Pelos registros, o sesmeiro Ricardo José Villanova foi o primeiro a receber um lote de terras no município. A sesmaria era conhecida como Fazenda São Caetano.

Segundo o artigo da Lei, os limites do bairro são:

#### [...] 11. BAIRRO SÃO CAETANO

Ponto inicial: Foz do Arroio Jararaca no Rio Taquari.

Descrição: Do ponto inicial, segue pelo Arroio Jararaca, águas acima até a rua Arthur J. Schroeder, por esta até seu entrocamento com a Rua Presidente Vargas. Dai segue pela divisa das terras de Lauro Schroeder (exclusive) com terras de Décio Barth, Clube Esportivo Sete de Setembro, Júlio Diedrich e Júlio Gasparotto Sobrinho (todos inclusive) até a Rodovia RS-130. Dai continua na mesma direção, pela divisa das terras de Balduino Kautzmann (exclusive) com terras que são ou foram de Frietold Laggemann (inclusive) até a Rua D. Pedro II, segue por esta até seu entrocamento com a Rua Dona Rita. Dai por linha seca e reta de 100 metros no alinhamento da Rua D. Pedro II. Deste ponto, segue por linha, paralela e distante 100 metros da Rua Dona Rita até encontrar a divisa das terras de Helmuth Bergjohann (exclusive) com terras de sucessores de Pedro Drebes (inclusive), segue por esta até encontrar a divisa das áreas do Loteamento Sorriso (exclusive) e sucessores de Pedro Drebes (inclusive). Dai pela divisa das áreas do Loteamento Sorriso (exclusive) com terras de sucessores de Pedro Drebes, Alvin José Schneiders, Comunidade Católica São Caetano (todos inclusive) até encontrar a faixa de domínio da Rodovia RS-130, segue pela faixa de Domínio da Rodovia RS-130 até se defrontar com o alinhamento da divisa das terras de Bruno Bruxel, segue 100 metros por este alinhamento. Dai por linha seca, paralela e distante 100 metros da faixa de domínio da Rodovia RS-130, até encontrar a divisa das terras de Valdir Petry com terras de Frida Versteeg Hüther. Dai por linha seca, perpendicular à Rodovia RS-130, direção sul até o entrocamento desta Rodovia com a Rua Presidente Vargas. Deste entrocamento, continua por linha seca, direção sul até se distanciar 250 metros da Rua Presidente Vargas. Dai por linha seca, paralela e distante 250 metros da Rua Presidente Vargas até a Estrada Morro Vermelho. Por esta até a Rua Arthur J. Schroeder, por esta até a divisa das terras de Fritholdo Rameier (inclusive) e Luciano Bersch e herdeiros de

Alípio Gehardt (exclusive), segue pela referida divisa, direção sudoeste até o Rio Taquari, por este, águas abaixo (divisa municipal em Colinas) até o ponto inicial [...].

Ainda no século dezenove, no Bairro São Caetano foi fundada a atual escola Getúlio Vargas. Além dela, funciona a Escola Municipal de Ensino Fundamental São Caetano, uma das maiores do município. Em 2008, atendendo uma reivindicação dos moradores foi instalada a creche ECEI Raio do Sol.

Em termos esportivos, o Sport Clube Sete de Setembro, fundado em 1932, é considerado o clube de futebol mais antigo de Arroio do Meio. São Caetano conta também com importante ginásio em que são realizadas diversas promoções esportivas, o PA-Rural. O espaço foi construído em 1983 (CADERNO ESPECIAL 85 ANOS, 2019).

O bairro vem crescendo anualmente. Um dos fatores que proporciona o crescimento é o número de indústrias e, conseqüentemente, o número de postos de trabalho. As administrações municipais sempre procuraram conquistar novos empreendimentos para São Caetano (FIGURA 77). No mandato de Sidnei Eckert, o condomínio industrial permitiu a construção do complexo industrial da Girando Sol.



FIGURA 77: Bairro São Caetano

Fonte: Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio. Crédito: Tax Imagens Aéreas (2019).

Segundo o IBGE, em 2010, no Bairro São Caetano residiam 2.023 pessoas. No bairro viviam 995 (49,2%) homens e 1028 (50,8%) mulheres. Dessa população, 98,4% das pessoas com 10 anos ou mais, eram alfabetizadas.

### 7.9.12 Bairro Novo Horizonte

Ocupando uma área de 15 hectares, o Bairro Novo Horizonte surgiu com a unificação do Núcleo Habitacional São Caetano e do Loteamento Sorriso, em 1999. Com um certo “ar” de uma comunidade rural, o bairro combina também com crescimento urbano. O bairro está situado entre,

[...] 12. BAIRRO NOVO HORIZONTE

Ponto inicial: Faixa de domínio da Rodovia RS-130, num ponto junto à divisa das áreas do Loteamento Sorriso e da Comunidade Católica São Caetano.

Descrição: Do ponto inicial segue pela referida divisa e após pela divisa das áreas do Loteamento Sorriso (inclusive) com terras dos herdeiros de Albino Schneiders e Sucessores de Pedro Drebes (exclusive) até encontrar a divisa de terras de Helmuth Bergjohann (exclusive). Dai segue pela referida divisa com áreas do Loteamento Sorriso e Núcleo Habitacional Popular São Caetano até encontrar a divisa de terras de Marino Rohr, segue pela divisa das terras de Marino Rohr e Bruno Bruxel, direção sudeste, até a faixa de domínio da Rodovia RS-130, segue pela faixa de domínio da Rodovia RS-130, em direção de Lajeado, até o ponto inicial [...].

Em finais da década de 1980, o local onde se localiza o bairro, recebeu um importante incremento na área habitacional. Durante a gestão de Arnesto Dalpian foram firmados convênios com o governo federal possibilitando a construção de moradias populares. Assim, em 1987, foram entregues as primeiras 50 moradias para famílias que tinham como renda máxima de até três salários mínimos, residir no município por um período superior a um ano e ter filhos. No ano seguinte foram construídas mais 30 residências (CADERNO ESPECIAL 85 ANOS, 2019).

Localizado junto à Rodovia ERS-130, o Bairro Novo Horizonte (FIGURA 78) é uma área residencial que fica a cerca de 5 quilômetros do Centro de Arroio do Meio. A partir do bairro pode se acessar um dos pontos com maior altitude, o Morro São José, cuja vista permite visualizar a cidade e alguns bairros, como o Novo Horizonte.



FIGURA 78: Em primeiro plano o Bairro Novo Horizonte  
Fonte: Acervo fotográfico do CMDPU/MCN/Univates (2019).

Além de ser um bairro residencial, abriga algumas indústrias, como a Serraff, que, fundada em setembro de 1992, produz trocadores de calor para os segmentos de refrigeração, ar-condicionado e aquecimento. As crianças do bairro em idade escolar são atendidas pela Escola Municipal de Ensino Fundamental Tancredo Neves, inaugurada em 1988. As que frequentam a Educação Infantil são assistidas pela ECEI Turma da Mônica, instalada em 1989.

Conforme o Censo de 2010, a população residente no Bairro Novo Horizonte, compreendia 623 pessoas, das quais, 302 (48,5%) eram mulheres e 321 (51,5%) homens (IBGE, 2010). Em relação a Educação, 95,4% das pessoas com 10 anos ou mais, eram alfabetizadas.

Essa é a composição dos bairros do município de Arroio do Meio com os seus respectivos limites políticos. O texto da Lei finaliza com os artigos terceiro revogando as leis anteriores e o quarto, publicando-a, conforme está prescrito:

Art. 3º - Revogam-se as disposições em contrário, especialmente a Lei nº 9, de 17 de julho de 1953, Lei nº 02/83, de 24 de janeiro de 1983, Lei nº 725/92, de 20 de março de 1992, Decreto nº 160/85, de 05 de junho de 1985, e Decreto nº 371/87, de 28 de agosto de 1987.

Art. 4º. - A presente Lei entra em vigor na data de sua publicação.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE ARROIO DO MEIO, em 24 de junho de 1999.

REGISTRE-SE E PUBLIQUE-SE

Data Supra

RUY DAGOBERTO BERSCH

Vice-Prefeito em Exercício no Cargo de Prefeito Municipal

Em 24 de janeiro de 1999, o prefeito em exercício, Ruy Dagoberto Bersch, assinava e publicava, portanto, a lei, organizando os 12 bairros inseridos no perímetro urbano do município de Arroio do Meio.

## 7.10 Os distritos

O município de Arroio do Meio dispõe de quatro distritos, são eles: Sede, ou Arroio do Meio (primeiro distrito), Forqueta (segundo distrito), Palmas (terceiro distrito) e Vale do Arroio Grande (quarto distrito). Com exceção da Sede, a matriz econômica desses distritos está fixada na agricultura, cujas principais culturas são a soja e o milho, largamente utilizado na alimentação do rebanho bovino, especialmente na criação de gado leiteiro. A suinocultura e a criação de frangos de corte e de galinhas poedeiras também compõem o quadro.

Os distritos contam com as Subprefeituras que auxiliam o Executivo na sua administração, encaminhando pedidos e auxiliando a comunidade nos aspectos pertinentes à administração pública.

A Lei Orgânica do Município de Arroio do Meio, Título I – Da organização municipal, Capítulo I – Disposições Preliminares (1990, p. 01), prevê:

Art. 3º- É mantido o atual território do Município, cujos limites só podem ser alterados nos termos da legislação estadual.

1º - O território do Município divide-se em distritos. As circunscrições urbanas e rurais classificam-se em cidade, bairros, vilas e localidades, na forma da legislação vigente [...].

Seguindo os preceitos estabelecidos na Lei Orgânica, o território do Município divide-se em distritos. Para tanto, o Executivo promulgou leis criando os Distritos de Arroio do Meio.

### 7.10.1 O Distrito de Forqueta

Forqueta foi criado pela Lei nº 377/88, aprovada e sancionada pelo prefeito Arnesto Dalpian em 11 de abril de 1988. O decreto estabelecia, no Artigo 1º, os limites do distrito que, posteriormente, foram modificados devido às emancipações de outros distritos.

O Artigo 2º da lei previa, em decorrência da criação do Distrito de Forqueta, a correção da área do Distrito de Travesseiro, descrita na Lei nº 16, de 27 de setembro de 1958, além de parte da superfície do 1º Distrito, Arroio do Meio, que teve seu território reduzido. A Lei previa:

LEI Nº 377/88, de 11 de abril de 1988.

Cria o Distrito de Forqueta e dá outras providências.

ARNESTO DALPIAN, PREFEITO MUNICIPAL DE ARROIO DO MEIO,  
RS.

FAÇO SABER que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º – É criado o Distrito de Forqueta o qual será integrado pela localidade do mesmo nome que abrange o seguinte perímetro: [...].

Art. 2º – Em decorrência da criação do Distrito de Forqueta pelo artigo anterior, é corrigida a área do Distrito de Travesseiro, descrita na lei nº 16, de 27 de setembro de 1958, que agora fica abrangido pelo seguinte perímetro: [...].

Art. 3º – Além de parte do território do Distrito de Travesseiro, conforme ficou descrito nos artigos anteriores, o Distrito de Forqueta constituir-se-á de superfície do 1º Distrito, Arroio do Meio o qual fica automaticamente subtraído da área descrita no artigo primeiro e que lhe pertencia.

Art. 4º – São revogadas as disposições em contrário.

Art. 5º – A presente Lei entra em vigor na data de sua publicação.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE ARROIO DO MEIO, em 11 de abril de 1988.

*Arnesto Dalpian*

ARNESTO DALPIAN

PREFEITO MUNICIPAL

REGISTRE-SE E PUBLIQUE-SE DATA SUPRA

*Lúcio Roque Bersch*

LÚCIO ROQUE BERSCH

SECRETÁRIO DA ADMINISTRAÇÃO

Localizado na margem esquerda do Rio Forqueta, o distrito (FIGURA 79) está ligado com o Bairro Centro e com outros municípios por ligação asfáltica, a VRS-811, Rodovia Prefeito Arnesto Dalpian, com 11 quilômetros. Tem na agricultura a principal fonte de renda para seus moradores, bem como de retorno para o município.



FIGURA 79: Distrito de Forqueta

Fonte: Acervo fotográfico Assessoria de Imprensa de Arroio do Meio (2019). Créditos: Vitor Kalsing.

O Distrito de Forqueta recebeu, em setembro de 1989, um local para o funcionamento da subprefeitura e um posto de atendimento médico. O prédio da antiga escola Abreu Lima foi reformado e adaptado para disponibilizar tais serviços à comunidade. Na época, exercia o cargo de subprefeito Aloisio Weschenfelder.

Em relação ao Turismo, Forqueta vem se destacando pela encenação da Paixão de Cristo, que anualmente reúne um expressivo público. Na última edição, a 22ª, mais de seis mil pessoas assistiram a apresentação. Cerca de 100 atores participam voluntariamente, da comunidade local ou vizinhas, da encenação (CADERNO ESPECIAL 85 ANOS, 2019).

Forqueta ocupa uma área de 30 quilômetros quadrados e é formado pelas localidades de Forqueta Baixa, Esperança, Treze de Maio, Linha Bitsch e sede. Conforme informação da Secretaria de Planejamento e Coordenação da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio, em 2019, a Subprefeitura do Distrito de Forqueta é dirigida por Luis Arthur Schneider.

Conforme o Censo Demográfico realizado em 2010, a população que residia no Distrito de Forqueta, compreendia 918 pessoas. Desse total, viviam 466 (50,8%) homens e 452 (49,2%) mulheres. Em relação a Educação, 98,8% das pessoas com 10 anos ou mais, eram alfabetizadas no Distrito (IBGE, 2010).

### 7.10.2 O Distrito de Palmas

O nome Palmas, segundo fontes orais, teria surgido por conta da grande produção de palmitos. Palmas, na época em que a navegação era o principal elo com a Capital, tinha casas comerciais ao longo do Rio Taquari, como o armazém de Menno Trentini, que mandava em embarcações ovos, galinhas vivas, milho, feijão e batata a Porto Alegre.

Ocupando cerca de 10% da área do município, o Distrito de Palmas (FIGURA 80) foi criado pela Lei nº 1.094-94, de 20 de outubro de 1994, aprovada pela Câmara de Vereadores e sancionada pelo prefeito Nelson Paulo Backes. Além de estabelecer o território de Palmas, essa lei delimitou a área do 1º Distrito e de Forqueta, em função da criação dos municípios de Capitão e Travesseiro, e classificou os distritos pela ordem cronológica da data da criação das Leis. O distrito é composto pelas localidades de Bicudo, São José, São Roque, Morro Gaúcho e sede.



FIGURA 80: Vista de Palmas a partir do acesso à Comunidade São Roque  
Fonte: Acervo fotográfico do CMDPU/MCN/Univates (2019).

A lei, composta por nove artigos, estabelecia que:

LEI Nº 1.094/94, de 20 de outubro de 1994

Cria o Distrito de Palmas, constitui o seu território, delimita o 1º Distrito e Distrito de Forqueta, classifica Distritos e dá outras providências.

NELSON PAULO BACKES, PREFEITO MUNICIPAL DE ARROIO DO MEIO, RS.

FAÇO SABER que a Câmara Municipal de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º – É criado o Distrito de PALMAS, com sede no povoado do mesmo nome, formado por parte do 1º Distrito de Arroio do Meio.

Art. 2º – O território do novo Distrito fica assim constituído: [...].

Art. 3º – Em função do novo Distrito criado pelo Artigo 1º desta Lei e emancipações dos Distritos de Capitão e Travesseiro, o território do 1º Distrito de Arroio do Meio, fica assim constituído: [...].

Art. 4º – Em função da criação dos municípios e Capitão e Travesseiro, ambos formados por área do município de Arroio do Meio e Nova Bréscia, o território do Distrito de Forqueta, fica assim constituído: [...].

Art. 5º – A Zona Urbana do Distrito de Palmas, fica assim constituída: [...].

Art. 6º – Fica o Poder Executivo autorizado a abrir excessão ao Artigo 6º parágrafo 2º, da Lei nº 18-80, de 07 de novembro de 1980, não incidindo o IPTU nos imóveis localizados nas áreas urbanas dos Distritos de Forqueta e Palmas, cuja gleba de terras for efetivamente explorada em atividade agrícola, agro-industrial, pecuária e extrativismo vegetal, ressalvadas as áreas que apresentarem fracionamento com características de lotes urbanos.

Art. 7º – Pela ordem cronológica da data das Leis que os criaram, são classificados os Distritos do Município de Arroio do Meio como segue:

1º Distrito, Arroio do Meio;

2º Distrito, Forqueta;

3º Distrito, Palmas.

Art. 8º Revogam-se as disposições em contrário, especialmente as Leis Municipais número 549/89 e 551/89, de 21 de dezembro de 1989, e 479/89, de 09 de junho de 1989.

Art. 9º – Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE ARROIO DO MEIO, em 20 de outubro de 1994.

*Nelson Paulo Backes*

NELSON PAULO BACKES

Prefeito Municipal

REGISTRE-SE E PUBLIQUE-SE

Data Supra

*Alécio Weizenmann*

ALÉCIO WEIZENMANN

Secretário da Administração

Sendo assim, a partir de 1994, a área do município de Arroio do Meio passava a ter nova configuração política e territorial, que fora novamente alterada, em 2004, com a criação do Distrito Vale do Arroio Grande.

Em 24 de dezembro de 2008, a Câmara de Vereadores aprovou, e o prefeito Danilo José Bruxel sancionou e promulgou a Lei nº 2.696-2008, que “Dá nova redação ao art. 5º da Lei Municipal nº 1.094:94, de 20 de outubro de 1994, que descreve a zona urbana do Distrito de Palmas, e dá outras providências”, ou seja, delimita a Zona Urbana do distrito.

No final do ano de 2018, os moradores da localidade puderam contar com uma área para prática de atividades recreativas e de ginástica, uma vez que a academia ao ar livre de Palmas foi instalada. A academia conta com vários aparelhos, incluindo simuladores de remo, surf, cavalgada, esqui, caminhada, alongador, multi-exercitador, entre outros. Para construção da plataforma, os recursos financeiros foram oriundos do Ministério dos Esportes, por intermédio

pelo deputado federal Alceu Moreira, somado à contrapartida do Município (ASSESSORIA COMUNICAÇÃO, 2019).

O distrito tem sua matriz econômica baseada na agricultura, entretanto, indústrias estão instaladas em Palmas, a exemplo da Dália Alimentos. A Subprefeitura do Distrito de Palmas é atualmente coordenada por Adriano Lisboa. (SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, 2019).

Em 2010, segundo o IBGE (2010), a população que residia no Distrito de Palmas, compreendiam 779 pessoas. Dessa população, 406 (52,1%) eram homens e 373 (51,8%) mulheres. No quesito Educação, 95,1% das pessoas com 10 anos ou mais, eram alfabetizadas no Distrito.

### 7.10.3 O Distrito Vale do Arroio Grande

Um dos primeiros proprietários de terras do Distrito de Arroio Grande foi Joaquim Pereira Fialho de Vargas, que fez um loteamento na região, vendendo os lotes a imigrantes alemães, entre eles, Frederico Adolfo Moog, em 1873, e Paulo Mallmann e Jacob Schauen, em 1874.

O 4º Distrito foi criado pela Lei nº 2.271-2004, de 17 de setembro de 2004, aprovada pela Câmara de Vereadores e sancionada e promulgada pelo prefeito Danilo José Bruxel. A lei também previa, em função da criação, a zona urbana do novo Distrito de Arroio Grande, delimitou o território do 1º Distrito e classificou os Distritos de Arroio do Meio em ordem cronológica da data da Lei que os criaram. A lei sancionada pelo prefeito Bruxel previa:

LEI Nº 2.271/2004, DE 17 DE SETEMBRO DE 2004.

cria o 4º Distrito do Município denominado de DISTRITO VALE DO ARROIO GRANDE, e dá outras providências.

DANILO JOSÉ BRUXEL, PREFEITO MUNICIPAL DE ARROIO DO MEIO, RS.

FAÇO SABER que a Câmara Municipal aprovou e eu sanciono e promulgo a seguinte Lei:

Art. 1º – É criado o DISTRITO VALE DO ARROIO GRANDE, que passa a constituir-se o 4º (quarto) Distrito do Município de Arroio do Meio.

Art. 2º – A delimitação territorial do Distrito Vale do Arroio Grande é a seguinte: [...].

Art. 3º – A Zona Urbana do Distrito Vale do Arroio Grande fica assim delimitada: [...].

Art. 4º – Em função do novo Distrito criado pelo Artigo Primeiro desta Lei, o território do 1º Distrito Arroio do Meio fica assim delimitado: [...].

Art. 5º – Pela ordem cronológica da data das Lei que os criaram, são classificados os Distritos do Município de Arroio do Meio como seguem:

- 1º Distrito: Arroio do Meio;

- 2º Distrito: Forqueta;

- 3º Distrito: Palmas; e

- 4º Distrito: Vale do Arroio Grande.

Art. 6º Revogam-se as disposições em contrário.

Art. 7º – Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE ARROIO DO MEIO, em 17 de setembro de 2004.

DANILO JOSÉ BRUXEL  
Prefeito Municipal  
REGISTRE-SE E PUBLIQUE-SE  
Data Supra  
ALÉCIO WEIZENMANN  
Secretário da Administração

Em 2005 é inaugurada a subprefeitura do distrito, instalada na antiga Escola Municipal de 1º Grau Incompleto 11 de Junho. Apesar de não contar com subprefeito na época o então presidente da Associação dos Moradores do Vale do Arroio Grande, Arcidio Hemming, salientou que sua instalação era uma conquista para a comunidade. O posto de atendimento já contava com um caminhão e uma retroescavadeira para realizar trabalhos para a localidade.

Importantes investimentos pela Administração Municipal foram efetivados em Arroio Grande. Em março de 2019 a comunidade pôde desfrutar de melhorias viárias. A Avenida de Arroio Grande Central foi pavimentada com calçada de passeio (FIGURA 81). Esta inicia-se na estrada geral, passando pelo cemitério católico, Escola Municipal, até a Igreja São Felipe São Tiago, com extensão de 850 metros. Para a realização da obra, parte dos custos foi com recursos do Município, e a outra foi liberada pelo Ministério das Cidades, a partir de uma emenda da deputada federal Maria do Rosário (ASSESSORIA COMUNICAÇÃO, 2019).



FIGURA 81: Avenida pavimentada em Arroio Grande

Fonte: Prefeitura Municipal de Arroio do Meio. Crédito: Tax Imagens Aéreas (2019)

O distrito é formado pelas localidades de Picada Café, Arroio Grande Superior, Arroio Grande Central, Cascata, Sete Barulhos, Morro Tico-Tico, Morro Leão e parte do Morro Gaúcho. A Subprefeitura de Arroio Grande tem

como subprefeito, Gerson Werner, empossado em 2017. (SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, 2019).

No ano de 2018 a Subprefeitura de Arroio Grande foi revitalizada. O prédio da década de 1960, que sediou a Escola 11 de Junho, passou por uma ampla reforma. A estrutura foi modernizada, recebendo novos banheiros, construção de rampa de acessibilidade, reforma do assoalho, pintura e readaptação dos espaços. No local também foram instalados consultórios médico e odontológico, cujos espaços receberam divisórias e pisos adequados. Para a reforma, compra de mobiliário e equipamentos, a prefeitura investiu R\$ 35 mil, em recursos próprios, sendo que a mão de obra foi executada pelos servidores da subprefeitura.

No Distrito de Arroio Grande foram e são realizados inúmeros eventos. Jogos de futebol, bailes, encontros de família, entre outros, e uma promoção que marcou ocorreu na década de 1980. Em 25 de abril de 1981, apresentava-se, em Arroio do Meio, no salão do Esporte Clube União de Arroio Grande, o cantor Roberto Leal. O artista, natural de Portugal, fazia muito sucesso no Brasil com a música “Bate o pé”. Na época, o show era considerado um dos mais caros, levando grande público em suas apresentações. Antes do evento, o artista foi recebido pela rainha das piscinas de Arroio do Meio, Karin Elizabeth Führ. Além de Arroio do Meio, o cantor fez apresentação em Lajeado (O ALTO TAQUARI, 1981).

Segundo o Censo de 2010, a população do Distrito Vale do Arroio Grande, era constituída por 853 pessoas. No distrito viviam 442 (51,8%) homens e 411 (48,2%) mulheres. No quesito Educação, 98,8% das pessoas com 10 anos ou mais, eram alfabetizadas (IBGE 2010).

#### **7.10.4 O Centro**

O Centro de Arroio do Meio concentra as principais atividades comerciais, sociais e de serviços, abrigando também os órgãos públicos. Apresenta formação típica de locais de imigração. A construção de igreja, escola, hospital, o início das casas de comércio e de pequenas indústrias privilegiaram um pequeno espaço do território, centralizando boa parte da economia, favorecendo uma urbanização maior.

Por volta de 1870, iniciou-se o povoamento do que hoje é o Centro da cidade. Conforme o Estudo da Comunidade de Arroio do Meio (1961), a formação do “Centro” despertou uma certa animosidade entre dois grupos. Os habitantes da colônia de São Caetano, liderados pela família de Custódio Silvestre, pretendiam a formação do povoado nessas terras, enquanto os moradores da colônia Barra do Arroio do Meio, capitaneados pela família Fialho de Vargas, desejavam igualmente o povoado. O embate acabou quando Joaquim Fialho de Vargas loteou terras e doou um terreno para a construção da capela e da praça pública, ficando assim constituído o início do povoado.

Segundo o Estudo...(1961), consta que, na ata de lançamento da Pedra Fundamental da capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em 29 de junho de 1882, escrito em latim e alemão, foi mencionado um perfil do povoado.

Conforme o Estudo da Comunidade de Arroio do Meio (1961, p. 03), a situação da vila era a seguinte:

[...] existem até esta data duas casas, uma comercial de Felipe Christ e outra residencial que também serve de escola, do Sr. Adolfo Marder. Faz quase seis anos, que o mesmo senhor, Adolfo Marder, abriu uma escola pública (1876), Além de três ranchos de ervateiros.

O incipiente povoado apresenta poucas casas, e uma delas era a casa comercial de Felipe Christ. Este chegou em 1873, vindo do Rio de Janeiro, e organiza, com o auxílio de Joaquim Fialho de Vargas, o estabelecimento comercial.

Após a construção da capela, em 1886, no mesmo ano é fundada a Sociedade de Cantores Germânia, cujos membros eram todos os habitantes do povoado, sem distinção de credo religioso. Os membros dessa Sociedade construíram uma casa como sede, que servia para a realização dos cultos da comunidade luterana.

Com a emancipação de Lajeado em 1891, Arroio do Meio passou a ser distrito desta cidade, sendo o primeiro subprefeito do Distrito o Sr. Reinoldo Christ, e o escrivão distrital o Sr. Carlos Gravina.

Em janeiro de 1927 foi fundada a Aliança Católica. Segundo o Estudo da Comunidade de Arroio do Meio (1961, p. 46),

A idéia de fundação de uma entidade social do gênero da Aliança Católica atual, teria surgido nos anos de 1925 e 1926, quando era pároco em Arroio do Meio, o jesuíta Ernesto Vosskünler S. J., época em se fazia sentir a necessidade de criação de uma entidade desse gênero, que no entender dos católicos pudesse oferecer maiores garantias de salvaguarda dos princípios religiosos e morais de uma sociedade cristã.

Assim sendo, no início do ano de 1927 foi iniciada a construção da sede da Aliança, que teve como primeiro presidente Frederico Waldemar Moesch e como vice Wendelino Bruxel. Após 11 meses de construção, é inaugurada, em 06 de novembro de 1927, a sede da sociedade.

Entre 1940 e 1943, época em que se desenrolava a Segunda Guerra Mundial, conforme o Estudo da Comunidade de Arroio do Meio, os livros da Biblioteca da Aliança Católica e o Primeiro Livro de Atas, redigidos em alemão, foram queimados porque o Brasil decretou guerra aos países do Eixo.

Como a sede da Aliança tinha uma cancha para a prática do bolão, diversos clubes foram criados em Arroio do Meio para a prática desse esporte, todos filiados à Aliança. Entre 1927 a 1958 foram constituídas quatro equipes: Grupos de Bolão 07 de Setembro e 15 de Novembro, fundados em 1927; Grupo de Bolão Guarany, fundado em 1941, e Grupo de Bolão 1º de Maio, equipe feminina fundada em 1958.

Com o decorrer dos anos, o Centro recebe melhorias. Em 1953, começa a ser feito o calçamento nas ruas de Arroio do Meio. A Rua Dr. João Carlos Machado é a primeira a recebê-lo (O ALTO TAQUARI, 2004). Naquela época,

a Praça Flores da Cunha era diferente, bem menos arborizada (FIGURA 82). Atualmente (FIGURA 83), encontra-se com belas flores e árvores embelezando a cidade.



FIGURA 82: Praça Flores da Cunha, no centro da cidade de Arroio do Meio, nas comemorações de 7 de Setembro de 1940

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2010).



FIGURA 83: Vista da Praça Flores da Cunha de Arroio do Meio em 2019  
Fonte: Prefeitura Municipal de Arroio do Meio). Crédito: Tax Imagens Aéreas (2019)

Na década de 1950 o Centro foi “agitado” com a inauguração de uma casa de espetáculos, o Cine Teatro Real, onde foram reproduzidos filmes nacionais e internacionais de grande repercussão. O local também serviu para apresentações teatrais, espetáculos de música e dança.

Outra entidade que agitou o Centro de Arroio do Meio foi o Clube Esportivo Arroio do Meio, local das tradicionais boates de domingo à noite, que movimentou os jovens na década de 1980. O Clube foi fundado em 1913, tendo sua sede no povoado. O estatuto do Clube dispõe de “dias obrigatórios” de festas, que deverão ser comemorados com bailes. Os dias para esses eventos são: Carnaval, Festa Joanina, Kerbs de Outubro, Aniversário do Clube (15 de novembro) e São Silvestre (31 de dezembro).

Ao longo dos anos, o Centro foi palco das principais manifestações políticas e sociais. Acompanhou grandes festas, assistiu a grandes conquistas.

Sendo assim, a construção dos “espaços” é um sistema natural do homem, no qual ele ocupa e transforma determinada região geográfica. Para que a ocupação aconteça, são necessários deslocamentos, ou seja, grupos que se movimentam de um lugar para outro. Esse fenômeno aconteceu com as primeiras sociedades que ocuparam a área do atual Município de Arroio do Meio e que contribuíram para a construção do cenário contemporâneo.

## 7.11 Arroio do Meio: 85 anos de emancipação política

Transcorridos 85 anos da emancipação política, Arroio do Meio acompanhou momentos decisivos na história do Brasil e do mundo. Teve sua emancipação durante o governo de Getúlio Vargas. Acompanhou um período conturbado quando João Goulart deixou a presidência, assumindo os militares. Presenciou a volta de um presidente civil e uma grave crise financeira que se instalou no Brasil em 1985/1986 e conviveu com a estabilização da economia brasileira, a partir de 1995. Arroio do Meio também superou algumas “crises”. O ex-prefeito Sidnei Eckert falou sobre o assunto, em entrevista concedida em 31 de agosto de 2010:

[...] nos últimos governos o crescimento do país como um todo vem acontecendo, tanto no Estado do Rio Grande do Sul, bem como na região do Vale do Taquari. Isto já em função do seu povo, pela sua maneira empreendedora que já era diferenciada antes. E, a partir do momento que se abrem as portas do crescimento do país, evidente que a região aproveitou isto. Nós também temos a questão da BR 386, e da nossa RS 130. Tudo isto são fatores que agregam ao desenvolvimento. E Arroio do Meio, com todas estas conjunturas favoráveis, cresceu muito nestes últimos anos e vai crescer bastante ainda nos próximos [...].

Plenamente engajado em uma nova conjuntura política, social e econômica, o município de Arroio do Meio e seus representantes enfrentam ainda alguns problemas. Principalmente graças ao seu povo, Arroio do Meio tem capacidade de superá-los e de dar para a região plenas condições de uma vida estável para a população, considerando suas características históricas e ambientais.

O prefeito Klaus W. Schnack (2019) considera que nos últimos anos pode-se falar de evolução no município. Se no passado a busca por atrair empresas para ofertar empregos era uma questão primordial, nos últimos anos todos os investimentos feitos, pela Administração Pública e iniciativa privada, buscam a modernização da gestão pública, com o objetivo final de melhorar a qualidade de vida das pessoas que aqui estão, não só no quesito emprego, mas em infraestrutura, saúde, educação e cultura.

O prefeito destaca alguns pontos, dos últimos 10 anos, como a modernização do parque industrial, a diversificação na economia, o aumento no padrão salarial e de consumo das pessoas. O setor primário que é um setor importante, apesar de ter sofrido com a redução no número de famílias envolvidas na atividade, conseguiu uma produção maior, devido à automação, à tecnologia, à organização e ao planejamento.

## 7.12 Os prefeitos nomeados de Arroio do Meio

Com a implantação do município em 02 de janeiro de 1935, os prefeitos foram nomeados. Foram no total oito prefeitos nomeados que conduziram o Executivo arroio-meense, tendo Werner Bruno Fritz ocupado o cargo por duas vezes.

As fontes para a construção da biografia dos prefeitos nomeados foram: o Estudo da Comunidade de Arroio do Meio de 1961; o acervo do Jornal O Alto Taquari; informações cedidas pela Secretaria de Administração da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio; Revista Conheça; e os referenciais Lagemann e Alberto ([s.d.]), Bersch (2006), Dias (2012) e Cadore (2016).

### 7.12.1 Walmor Franke

O primeiro prefeito do município de Arroio do Meio foi Walmor Franke (FIGURA 84). Natural de São Leopoldo/RS, nasceu em 1907. Ingressou na Faculdade de Direito em 1926, formando-se em 1930. Casado com a senhora Olinda, foi nomeado pelo então governador do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, e, antes de ser prefeito, Franke foi Promotor Público da Comarca do Alto Taquari com sede em Lajeado. Esteve à frente do Poder Executivo entre 1935 e 1937. Ao longo de seu mandato, conseguiu verbas estaduais para a conclusão da estrada que ligava Arroio do Meio a Nova Bréscia.



FIGURA 84: Walmor Franke, primeiro prefeito de Arroio do Meio  
Fonte: Acervo da Câmara de Vereadores de Arroio do Meio (2019).

Não chegou ao final do seu mandato, passando o cargo para seu vice, Gustavo Weinandts. A decisão de deixar a prefeitura deu-se por razões pessoais. Ele disse que não nascera para a política. Em 1937 retornou a Porto Alegre para retomar a carreira de advogado e juiz.

Foi convidado ao cargo de subchefe para Assuntos Sociais do Gabinete Civil do Presidente da República, quando o General Emílio Garrastazu Médici era presidente. Amigo pessoal do presidente Médici, voltou a Porto Alegre após este deixar a presidência. Walmor Franke faleceu em 13 de maio de 1999.

### 7.12.2 Gustavo Weinandts

O segundo prefeito foi Gustavo Weinandts (FIGURA 85), que administrou entre 1937 e 1938 representando a coligação PTB/PRA. Nasceu em 1887 no município de Taquari e, aos 18 anos, mudou-se para Arroio do Meio. Casou com Erna Fleck, filha de Cristiano Fleck. O casal teve três filhos.



FIGURA 85: Prefeito Gustavo Weinandts

Fonte: Acervo da Câmara de Vereadores de Arroio do Meio (2019).

Além da vida política, Gustavo Weinandts foi um dos que mais trabalhou em favor da emancipação política de Arroio do Meio. Atuou também como gerente na Companhia de Navegação Arnt, sendo inclusive acionista da empresa.

Ao deixar a vida pública, dedicou-se ao trabalho em sua tipografia, a primeira de Arroio do Meio. Com a saúde debilitada, faleceu no Hospital Moinhos de Vento, em Porto Alegre. Em reconhecimento pelo seu trabalho e sua dedicação pelo município, a partir da Lei 14 de 12 de maio de 1971, uma das principais ruas da cidade recebeu seu nome.

### 7.12.3 Aristides Hailliot Tavares

Aristides Hailliot Tavares (FIGURA 86) nasceu em Porto Alegre no dia 29 de agosto de 1891, filho de Julia Malvina Hailliot e José Joaquim Tavares. Casou-se com Olivia Freitas no dia 28 de julho de 1923 em Encantado.



FIGURA 86: Prefeito Aristides Hailliot Tavares

Fonte: Acervo fotográfico de Aristides de Mello Tavares (2019).

Desempenhou cargos como escrivão civil, coletor estadual e juiz. Foi nomeado prefeito de Arroio do Meio pelo interventor federal Osvaldo Cordeiro de Farias, a partir do Ato 7.397, cumprindo seu mandato entre 02 de agosto de 1938 e 1º de março de 1941. Um dia após o término do mandato de prefeito, assumiu a função de coletor estadual em Lajeado.

Durante sua gestão foi inaugurada uma das obras mais importantes para a região, a Ponte de Ferro, ligando Arroio do Meio a Lajeado, evento que foi muito comemorado (FIGURA 87). Aristides Hailliot Tavares faleceu em 30 de dezembro de 1950.



FIGURA 87: Prefeito Aristides Tavares discursando no almoço realizado no dia seguinte à inauguração da Ponte de Ferro com participação do interventor do Estado em 1939

Fonte: Acervo fotográfico de Aristides de Mello Tavares (2019).

#### 7.12.4 Jaime Trindade Coimbra

Enquanto se desenrolava a Segunda Guerra Mundial, Jaime Trindade Coimbra (FIGURA 88) sucedeu Tavares na administração do município de Arroio do Meio. Natural de Porto Alegre, foi nomeado pelo interventor Osvaldo Cordeiro de Farias. Ocupou a administração entre 26 de março de 1941 e 31 de dezembro de 1942. Deixou o cargo ao ser convocado para servir como oficial, primeiro tenente, em Santa Maria, no 7º Regimento de Infantaria de Santa Maria. Faleceu em 1981, aos 69 anos de idade.



FIGURA 88: Jaime Trindade Coimbra

Fonte: Acervo da Câmara de Vereadores de Arroio do Meio (2019).

Em dezembro de 1941, durante a administração de Coimbra, a prefeitura adquiriu o prédio onde atualmente funciona o Museu Público Municipal, que serviria como sede do Executivo arroio-meense por 33 anos. Na época o município comprou o imóvel de Edgar Jung.

#### 7.12.5 João Theobaldo Moesch

O quinto prefeito, João Theobaldo Moesch (FIGURA 89), era filho de Augusto Moesch e Augusta Endler. João Theobaldo nasceu em Arroio do Meio em 23 de outubro de 1891. Casou em 1915, com Constantina Lucca, filha do subdelegado Guerino Lucca.



FIGURA 89: Prefeito João Theobaldo Moesch

Fonte: Acervo da Câmara de Vereadores de Arroio do Meio (2019).

Começou sua vida profissional como estafeta, levando, por algum tempo, documentos entre Encantado<sup>39</sup> e Lajeado, cujas viagens realizava diariamente a cavalo. Moesch gostava demasiado de futebol, tanto que em 1914 comprou uma bola na empresa Alfredo Closs & Cia Ltda. de Lajeado e, juntamente com um grupo de amigos, fundou o Encantado Foot-Ball Club.

João Theobaldo Moesch, entre 1º de março e 31 de dezembro de 1934, foi subprefeito nomeado do Distrito de Nova Brésia. Em 1937, foi fundador e membro da Associação Rural de Encantado.

João Theobaldo Moesch foi nomeado prefeito municipal de Arroio do Meio entre 1º de janeiro de 1943 e 12 de agosto de 1944. Após exercer seu mandato, retornou para Encantado exercendo o cargo de subprefeito da Figueira, 6º distrito do município, por um curto período. Em setembro de 1946 é eleito presidente da Associação dos Agricultores. Faleceu no dia 04 de julho de 1986, com 95 anos de idade.

### 7.12.6 Armando Octávio de Oliveira

Substituindo Moesch, assumiu a prefeitura Armando Octávio de Oliveira (FIGURA 90), natural de Porto Alegre. Antes de conduzir a prefeitura, entre 12 de agosto de 1944 e 26 de junho de 1945, trabalhou no Tribunal de Contas, na Capital gaúcha.

---

39 Encantado era distrito de Lajeado.



FIGURA 90: Prefeito Armando Octávio de Oliveira

Fonte: Acervo da Câmara de Vereadores de Arroio do Meio (2019).

Lagemann e Alberton ([19-] p. 240) relatam um depoimento do ex-prefeito: “diz ele que, em função de um problema surgido com o pároco da época, que tinha força de decisão na comunidade, foi exonerado do cargo”. O padre, naquele período, era Jacob Seger.

#### **7.12.7 Werner Bruno Fritz**

Werner Bruno Fritz (FIGURA 91) foi prefeito nomeado por duas ocasiões, entre 29 de junho de 1945 e 23 de novembro de 1945 e entre 18 de fevereiro de 1946 e 06 de dezembro de 1947. Werner nasceu em 14 de abril de 1905, em Arroio do Meio.



FIGURA 91: Prefeito Werner Bruno Fritz

Fonte: Acervo da Câmara de Vereadores de Arroio do Meio (2019).

Além de prefeito, teve destacada atuação no município (FIGURA 92), pois desempenhou funções na Associação Comercial e Industrial de Arroio do Meio, sendo presidente da entidade entre 1943 e 1944. Também exerceu a presidência do Clube Esportivo Arroio do Meio.



FIGURA 92: Prefeito Werner B. Fritz, o quarto da esquerda para direita, na Semana da Pátria em 1945, na Praça Flores da Cunha, em Arroio do Meio

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2010).

Werner Bruno Fritz era primo-irmão do ex-presidente da República, Ernesto Geisel. Como político, candidatou-se a deputado estadual, ficando na suplência. Foi o último prefeito nomeado de Arroio do Meio desde a criação do município. Faleceu em 07 de agosto de 1988.

### 7.12.8 Affonso Brod

Entre os dois mandatos de Werner Bruno Fritz, assumiu a prefeitura Affonso Brod (FIGURA 93), que governou Arroio do Meio de 23 de novembro de 1945 até 18 de fevereiro de 1946, nomeado pelo interventor Ernesto Dornelles.



FIGURA 93: Prefeito Affonso Brod

Fonte: Acervo da Câmara de Vereadores de Arroio do Meio (2019).

Affonso Brod nasceu em Arroio do Meio no dia 02 de agosto de 1907. Filho de João Brod Sobrinho e Luísa Eleonora Rüdell, casou em 03 de setembro de 1930 com Maria Jacy Fornari. Quando jovem, trabalhou na casa comercial de Frederico Waldemar Moesch e, anos depois, abriu com Bruno Bersch uma fábrica de queijos, cuja cota na sociedade vendeu para Reinoldo Francisco Link.

Participou da fundação da Sociedade Aliança Católica e Clube Esportivo Arroio do Meio, presidiu a Associação de Pais e Mestres do Colégio São Miguel e participou de outras entidades, como a Associação Comercial e Industrial de Arroio do Meio e Tiro de Guerra. Faleceu em Arroio do Meio no dia 25 de maio de 1975.

Estes foram os prefeitos nomeados do Município de Arroio do Meio. Nesse período, já havia acabado a Segunda Guerra Mundial, e os Estados Unidos e a União Soviética disputavam a hegemonia mundial. Mas até chegar a isso, o que aconteceu antes de 1945? E depois?

### 7.13 Como estava o Brasil e o mundo: antes e depois de 1945

No final da década de 1930, o mundo via com apreensão o desenrolar dos acontecimentos na Europa. Em 1939, inicia-se um conflito sem precedentes, a Segunda Guerra. O episódio vitimou milhões de pessoas e arrasou algumas nações, entre elas o Japão e a Alemanha. No Brasil, os descendentes de imigrantes alemães e italianos radicados no Rio Grande do Sul, sobretudo em Arroio do

Meio, ficaram inquietos e com medo das represálias que poderiam sofrer do governo brasileiro pela sua ligação com esses países.

Essa preocupação ficou mais latente tendo em vista que em determinadas regiões a população era, em sua maioria, descendente de imigrantes, e o idioma mais falado era o de origem de seus antepassados. Além disso, nas escolas da região era comum, por exemplo, o ensino de alemão. Com a aproximação do Brasil com os aliados, a tensão aumentou, e a população do município de Arroio do Meio acompanhava os fatos.

O conflito vinha sendo desenhado logo após a Primeira Guerra, de 1914 a 1918, em função das tensões provocadas pela competição entre os interesses estratégicos e econômicos das principais potências capitalistas, além da luta entre os defensores do comunismo e os que queriam sua contenção (AZEVEDO, 1999).

A Alemanha passou por grave crise financeira, uma vez que o país teve que assumir o ônus da derrota. Teve que pagar as “reparações de guerra”, perdeu parte do seu território e teve que reduzir as suas Forças Armadas, bem como a fabricação de novos armamentos bélicos.

Grande parte da população alemã ficou ressentida com os desdobramentos da guerra, e, combinado a isso, a crise econômica da década de 1930 agravou a situação. No período, cresce o Partido Nacional-Socialista Alemão dos Trabalhadores, conhecido como Partido Nazista de extrema-direita. Com a ascensão ao poder, em 1933, de Adolf Hitler, a Alemanha desenvolveu uma política de exaltação da nacionalidade. Houve perseguições aos comunistas-alemães que teriam traído o país na Primeira Guerra, além da perseguição aos judeus.

Hitler também tinha planos de tornar a Alemanha a principal nação da Europa e do mundo pela superioridade racial de seu povo. Para alcançar tal feito, os alemães deveriam desenvolver-se internamente, recuperar os territórios perdidos na Primeira Guerra e conquistar novas terras dos povos considerados inferiores, especialmente no Leste da Europa (KERSHAW, 1993).

Apesar dos tratados de paz assinados após a Primeira Guerra, entre eles o Tratado de Versalhes, limitando a construção de novos armamentos, a Alemanha fortaleceu-se militarmente. A economia aos poucos se recuperava, conquistando assim a admiração de vários países espalhados pelo planeta, sendo um deles o Brasil. Além da admiração pela recuperação, vale lembrar que a Alemanha, na época, combatia o comunismo e controlava os conflitos sociais, aumentando a credibilidade perante a comunidade internacional.

Com a invasão da Polônia pelos alemães em 1939, foi declarada a Guerra. A Alemanha começou o enfrentamento no primeiro momento com a França e a Inglaterra. Hitler obteve vitórias em vários conflitos, usando a tática do “Blitzkrieg”, ou seja, a “guerra-relâmpago”. Essa tática baseava-se no ataque de blindados e ataques aéreos, destruindo a defesa inimiga, suas linhas de comunicação e fontes de suprimentos, permitindo a chegada da Infantaria para dominar o terreno.

Em 1940 a Alemanha ataca a França, invadindo o seu território. Ingleses que estavam auxiliando franceses retiraram-se, preparando-se para um possível ataque alemão à Inglaterra, que pouco depois aconteceria. Entre 1940 e 1941 a aviação alemã bombardeou o sul da Inglaterra, preparando o terreno para uma possível invasão.

Os Estados Unidos e o Canadá forneciam armas e suprimentos para os aliados, mas os navios com esses carregamentos sofriam constantes ataques dos submarinos alemães. Até esse momento, os americanos apoiavam abertamente os ingleses, sem participar no conflito propriamente dito. Com o ataque japonês à base americana de Pearl Harbor, no Oceano Pacífico, os americanos declararam guerra contra os países do Eixo e exigiram uma posição mais firme das nações do continente americano. Pressionados pelos Estados Unidos, a maioria dos países latino-americanos rompeu relações diplomáticas com o Japão, Alemanha e Itália.

Segundo Ferraz (2005, p. 15), o rompimento “desnudou o que restava de neutralidade brasileira”. Os americanos pretendiam mandar tropas para o Nordeste Brasileiro, mas, a princípio, o governo brasileiro era contrário à instalação de uma base americana no Brasil, apenas queria recursos financeiros e equipamento bélico para montar sua própria defesa frente ao avanço do Eixo na América. Mas em 1942 o governo brasileiro cedeu e autorizou o uso das bases do Norte e do Nordeste pelas Forças Armadas norte-americanas.

Antes da guerra, o Brasil tinha uma relação diplomática com a Alemanha. Getúlio Vargas, interessado na construção de uma siderúrgica e no fornecimento de equipamento bélico para as Forças Armadas, favoreceu a política exterior. A Alemanha acenava com a possibilidade de construir a siderúrgica, além de fornecer armas para uso militar, querendo em troca exclusividade de fornecimento de certos materiais. Os norte-americanos, também interessados na siderúrgica, viam com preocupação a aproximação do Brasil com a Alemanha.

O governo brasileiro estava dividido, alguns ministros e deputados eram favoráveis aos alemães e outros eram favoráveis a um acordo com norte-americanos. Entre os partidários de uma aproximação com a Alemanha estavam os generais Eurico Gaspar Dutra e Pedro Aurélio de Góes Monteiro. Do lado contrário, favorável ao apoio dos Estados Unidos, em nome do “liberalismo e da unidade pan-americana, contra o crescimento da influência germânica, especialmente no Sul do país”, estava o ministro das Relações Exteriores, Oswaldo Aranha (FERRAZ, 2005, p. 17).

Getúlio Vargas preferiu manter-se equidistante, em outras palavras, “em cima do muro”, até que a aproximação com os Estados Unidos se tornasse inevitável. Mas os norte-americanos, no contexto da guerra, acreditavam que um possível ataque alemão nas posições estratégicas do Norte e Nordeste do Brasil era real.

Os Estados Unidos também adiaram a questão da construção de uma siderúrgica no Brasil. O presidente americano Franklin Roosevelt era favorável que um apoio ao Brasil deveria partir da iniciativa privada norte-americana.

Mas as empresas americanas não se interessaram em siderúrgicas num país que exportava minério de ferro para suas próprias usinas.

Em setembro de 1940, os norte-americanos resolvem financiar a construção de uma siderúrgica no Brasil, assinando o acordo. A usina foi construída em Volta Redonda, no Rio de Janeiro, e, pelo convênio, os Estados Unidos liberaram inicialmente U\$ 20 milhões, e mais U\$ 20 milhões seriam liberados posteriormente. Portanto, a construção da Companhia Siderúrgica Nacional tornou-se um símbolo do início de uma industrialização nacional e do apoio do Brasil aos países aliados na Segunda Guerra.

Navios brasileiros foram destruídos, entre eles, o *Baependi*, em 15 de agosto de 1942, que navegava na costa do Estado do Sergipe quando foi torpedeado pelo submarino alemão U-507. Das 306 pessoas a bordo, perderam a vida 215 passageiros e 55 tripulantes. Dias depois, outras embarcações foram vítimas de ataques em plenas águas territoriais brasileiras. Vargas, em 22 de agosto de 1942, decide reconhecer a existência de um estado de beligerância com a Alemanha e a Itália. Em correspondência enviada pelo Itamaraty a Berlim e Roma, o Brasil declara que, em função dos ataques aos navios brasileiros e da morte de pessoas, é forçado a reconhecer a dignidade, a soberania e a segurança do país e da América e que existe uma “situação de beligerância”. A 31 de agosto, “a beligerância se transforma em estado de guerra entre o Brasil, a Alemanha e a Itália”. Porém, em relação ao Japão, o Brasil apenas rompe relações diplomáticas e comerciais, porque não o teria atacado em momento algum (SEITENFUS, 2000, p. 316).

O Brasil participou da guerra enviando tropas para a Europa. Em 1944, seguiu a Força Expedicionária Brasileira – FEB com um efetivo de 26.000 homens sob o comando de Mascarenhas de Moraes.

A situação de Getúlio Vargas, a partir daquele momento, torna-se “desconfortável”. O presidente combate “oficialmente contra o Eixo pela liberdade e pela democracia, ao mesmo tempo em que mantém o país sob um regime ditatorial, cópia empalidecida das ditaduras européias” (SEITENFUS, 2000, p. 317).

Com as eleições para a Presidência da República em 1945, concorrem os candidatos Eurico Gaspar Dutra, que ocupava o cargo de ministro da Guerra na época, o brigadeiro Eduardo Gomes e o engenheiro Yedo Fiúza. O general Eurico Gaspar Dutra foi vitorioso, assumindo a presidência após a renúncia de Getúlio Vargas.

Em 1945, após 15 anos, Getúlio Vargas deixa o poder. No mesmo ano, os países aliados são os vitoriosos da Segunda Guerra. Três anos depois, o mundo se depara com outra guerra, porém, nesse combate, não acontece nenhum confronto militar direto, tampouco há vítimas. É nesse período que se inicia a

chamada Guerra Fria<sup>40</sup>, cujo fim se dá na década de 1990 com a superação da bipolaridade, Estados Unidos, capitalista, e União Soviética, socialista. Como a Guerra Fria foi uma guerra de “bastidores”, não teve vencedor no campo de batalhas, mas sim a derrocada da União Soviética e do socialismo na Europa Central e Oriental, em razão das contradições do próprio regime socialista.

De 1945 até 1964, ano que marca o início da Ditadura Civil-Militar, o Brasil teve seis presidentes cujos mandatos foram mais longos, uma vez que cinco presidentes assumiram por um curto período, o que pode se chamar período de transição entre a saída de um até a posse do outro, como é o caso de Café Filho, que esteve na presidência entre 24 de agosto de 1954 e 08 de novembro de 1955, ou de Nereu Ramos, que fora chefe do Executivo de 11 de novembro de 1955 a 31 de janeiro de 1956.

Nesses 20 anos, considerados boa parte deles como os “Anos Dourados”<sup>41</sup>, os presidentes tiveram uma trajetória marcante no poder. O general Eurico Gaspar Dutra assumiu a presidência em 1946, permanecendo até 1951, quando Getúlio Vargas foi eleito. Durante o seu segundo mandato, Vargas criou a Petrobras, atualmente uma das maiores empresas do mundo. Porém, o presidente não foi até o final do seu mandato; suicidou-se em agosto de 1954. O Brasil não atravessava uma situação econômica positiva. Talvez pela pressão política, da imprensa e dos militares tenha cometido tal ato.

Juscelino Kubitschek foi eleito em 1955, tendo como vice João Goulart. Ficou marcado pela construção de Brasília, inaugurada em 21 de abril de 1960 - até aquele ano a capital era o Rio de Janeiro. Além da mudança da capital da região Sudeste para o Centro-Oeste, Kubitschek abriu a economia para o capital estrangeiro - montadoras como a Volkswagen e a Ford se instalaram no Brasil.

Sucedendo Juscelino, assumiu a presidência Jânio Quadros. No curto período em que esteve no poder, sete meses, ficou conhecido por alguns atos que, na época, foram muito polêmicos. Entre eles, Jânio proibiu o uso do biquíni nos concursos de miss, condecorou Ernesto Che Guevara com a ordem Grã Cruz da Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul, o que causou forte repercussão, pois a oposição aproveitou para criticar tal atitude, descreveram o episódio como um apoio de Jânio ao governo ditatorial de Fidel Castro.

Jânio Quadros renunciou. A Constituição previa que seu vice assumiria a presidência. João Goulart era, então, o vice que deveria assumir. Porém, o processo foi disputado, pois a oposição e alguns militares não queriam que Jango (apelido de João Goulart) assumisse. Jango estava em viagem pela China quando

---

40 Guerra Fria: expressão empregada para caracterizar o estado de constante hostilidade nas relações internacionais entre países sem assumir a forma de conflito aberto ou de luta propriamente dita. A designação assumiu particular relevo a partir de 1948, por força do agravamento do antagonismo político entre os Estados Unidos e a União Soviética.

41 Anos Dourados foi um período dos anos 50 marcado no Brasil e no mundo por grandes avanços científicos, tecnológicos e mudanças culturais. No Brasil a televisão começa suas transmissões, revolucionando as comunicações. A TV Tupi é inaugurada em setembro de 1950. A URSS lança ao espaço o Sputnik II em 1957, a bordo, o primeiro ser vivo em órbita, a cadela Laika. Na música, o rock começa a fazer sucesso, estando entre os principais ícones Elvis Presley.

Jânio renunciou e os ministros militares foram contra a sua posse. Seus opositores diziam que representaria uma ameaça ao país, estaria ligado aos “comunistas”. Uma vez resolvidas as questões políticas, Jango assume a presidência.

Essa foi uma das razões usadas pelos opositores, militares, governadores, empresários e parlamentares, quando Jango foi deposto em 1964: a de que ele teria tendências esquerdistas, bem como incompetência para governar o Brasil (FICO, 2004). Após a sua deposição, exilou-se no Uruguai e posteriormente na Argentina, onde faleceu em 1976.

## 7.14 O Regime Civil -Militar no Brasil

Ao longo de 20 anos o Brasil viveu um período de forte repressão política, a Ditadura Civil-Militar. Entre 1964, quando o então general Castelo Branco foi conduzido ao cargo, até março de 1985, no fim do mandato do general João Batista de Figueiredo, o país foi administrado pelos militares. Entre Castelo Branco e João Figueiredo, o Brasil teve três presidentes gaúchos. São eles: Artur da Costa e Silva, Emílio Garrastazu Médici e Ernesto Geisel. Mesmo não havendo uma abertura política, os prefeitos do município de Arroio do Meio eram eleitos pelo povo.

Esse período é marcado pela contradição. Muitas pessoas, inclusive em Arroio do Meio, consideram uma fase “boa” vivida pelo país, época do “milagre econômico”. Boa parte da população não estava inteirada, isto é, não “sabia” o que estava acontecendo, apenas afirmava que os militares poderiam livrar o Brasil do comunismo. Mas uma parcela da sociedade viveu e sentiu a Ditadura de uma forma diferente. O período também ficou marcado pela forte censura, prisão, tortura e assassinatos de vários políticos, artistas e pessoas que protestavam contra o regime.

Na época, o governo usava a propaganda como meio de propagar ideais políticos. Slogans ficaram marcados, as pessoas mais velhas vão lembrar: “Pra frente Brasil”, ou “Brasil, ame-o ou deixe-o”. É época em que artistas compunham músicas se opondo ao regime. Chico Buarque de Hollanda compôs músicas como “Cálice”, “Apesar de você”, “Construção”, numa clara alusão contrária à Ditadura Civil-Militar.

O primeiro presidente militar foi o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, governando o Brasil entre 1964 e 1967. No seu mandato foi criado o bipartidarismo, ou seja, existiam apenas dois partidos políticos, a situação, representada pela Aliança Renovadora Nacional, ARENA, e o Movimento Democrático Brasileiro, MDB, representando a oposição.

Substituindo Castelo Branco, assumiu a Presidência da República o general Artur da Costa e Silva, natural da cidade de Taquari/RS, que permaneceu no poder até 1969. Costa e Silva promulgou o AI-5<sup>42</sup>, decreto pelo qual poderia suspender os direitos políticos de qualquer cidadão por 10 anos, cassar mandatos eletivos federais, estaduais e municipais, entre outros.

---

42 Atos Institucionais

Durante o governo de Ernesto Geisel, o Brasil começa a passar por maior abertura política. Segundo Ferreira e Delgado (2007), uma das razões que levaram à abertura foi o crescimento econômico atingido no governo de Médici. Para os autores (2007, p. 254),

[...] na sua origem, não é crise que condiciona a abertura; ao contrário, foi a eficiência econômica do governo Médici que favoreceu a sucessão Geisel-Golbery e, portanto, o projeto de abertura do regime. A crise econômica irá, isso sem dúvida, condicionar o ritmo da abertura, levando a opinião pública a voltar-se em sua maioria contra o regime militar.

Geisel tinha forte ligação com o Vale do Taquari, pois sua esposa, Lucy Geisel, era natural de Estrela. E, em uma de suas vindas ao Estado, o presidente participou, em 13 de novembro de 1975, das festividades pelo 20º aniversário da Cooperativa Languiru de Teutônia. A visita do presidente e da primeira dama está registrada em uma publicação da Cooperativa alusiva ao evento. E uma das reportagens da revista retrata a alegria da primeira-dama (REVISTA..., 1975, p. 18):

D. Lucy Geisel, Primeira-Dama do País, viveu com seu esposo, as grandes emoções nascidas no fundo do coração de quem, estando longe, revê a terra natal. Ela é filha de Estrela, cada presença – uma fisionomia que sorri, um gesto típico da gente da terra, a própria terra, sua paisagem, os animais e as coisas – tudo lembra, tudo faz recordar os tempos de menina e de moça, no círculo da família e de tantos bons amigos.

Conforme Lagemann e Alberton ([19-]), Ernesto Geisel veio algumas vezes para Arroio do Meio, especialmente para visitar seu primo, Werner Bruno Fritz, ex-prefeito do município. Uma dessas visitas Geisel fez em março de 1985 (FIGURA 94).



FIGURA 94: Visita do ex-presidente Ernesto Geisel em abril de 1985  
Fonte: Acervo fotográfico do Jornal O Alto Taquari (1985).

O último presidente militar do Brasil foi o general João Batista de Figueiredo, que governou o Brasil entre 1982 e 1986. Na administração do prefeito João Batista Gasparotto, Figueiredo visitou o município de Arroio do Meio. De acordo com o Jornal O Alto Taquari (2004, p.4), “Em 1981, a visita de um presidenciável marcou a gestão de Gasparotto, João Batista Figueiredo, então em plena campanha política para eleições presidenciais, veio a Arroio do Meio e participou da inauguração da Coopave” (FIGURA 94).



FIGURA 95: Presidente João Batista Figueiredo fazendo o discurso na inauguração da COOPAVE

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (1981).

### 7.15 O Rio Grande do Sul na década de 1940

Segundo Kühn (2007, p. 129), “no período posterior ao Estado Novo, o Rio Grande do Sul foi governado alternadamente por dois partidos, o Partido Social Democrata - PSD e o Partido Trabalhista Brasileiro - PTB, que tinham uma origem comum de apoio ao getulismo, mas, também diversas diferenças entre si”. Em 1947, o vitorioso foi Walter Jobim, do PSD, com 41% dos votos. Entre 1951 e 1955, Ernesto Dornelles governou o Estado, apoiado por Getúlio Vargas. Na verdade, o candidato do PTB seria Salgado Filho, porém, ele foi vítima de um acidente aéreo. Dornelles era do PSD, mas era líder de uma dissidência do próprio partido que apoiava o PTB. O final de seu governo ficou marcado pela morte de Getúlio Vargas, causando uma forte comoção no Estado.

Ildo Meneghetti, do PSD, sucedeu Ernesto Dornelles em 1955. Pela primeira vez na história do Rio Grande do Sul um descendente de italianos, filho de alfaiate, se tornava governador. Fazia oposição a Juscelino Kubistchek. Por isso, o Estado foi pouco beneficiado pelos investimentos públicos federais (HISTÓRIA..., 1998).

Entre 1959 e 1963, uma figura exponencial da política gaúcha e brasileira, Leonel Brizola, foi eleito governador. Brizola foi o responsável pela construção da BR-386, antiga Presidente Kennedy, que atualmente se chama Rodovia Leonel

Brizola. A “estrada da produção” fez parte do projeto do governador servindo para escoar a produção agropecuária, especialmente da região do Alto Uruguai.

No seu mandato, encampou a Companhia de Energia Elétrica Rio-Grandense, controlada pela companhia norte-americana Bond and Share, e criou a Companhia Riograndense de Telecomunicações - CRT em 1962 (PESAVENTO, 2002).

Para muitos, o maior feito de Leonel Brizola foi no campo político. A “Campanha da Legalidade”, episódio que “acabou adiando por quase três anos o desfecho do golpe militar que naquela ocasião se intentou”, foi o apoio ao então vice-presidente João Goulart. Militares e oposição não queriam que Goulart assumisse a presidência quando Jânio Quadros renunciou. Mas a habilidade de Brizola e o apoio do comandante do III Exército fizeram com que Jango assumisse, adiando a tomada do poder pelos militares (KÜHN, 2007, p. 18).

Vitorioso nas eleições de 1963, Ildo Meneghetti assumiu novamente o Rio Grande do Sul às vésperas do Golpe Civil-Militar em 1964. Meneghetti apoiava os militares, tanto que, em 1º de abril de 1964, transferiu a capital Porto Alegre, cidade com forte resistência ao golpe, para Passo Fundo. Como as eleições passaram a ser indiretas<sup>43</sup>, Ildo Meneghetti, mantido no governo pelos militares, teve participação na escolha do novo governador, o coronel da Brigada Walter Peracchi Barcellos. Como a escolha era realizada pela Assembleia, o governador cassou deputados da oposição, garantindo a maioria da bancada governista, facilitando a eleição de Walter Peracchi Barcellos (HISTÓRIA..., 1998).

De 1975 a 1979, o governador do Rio Grande do Sul foi Sinval Guazzelli, da ARENA, que teve que governar o Estado com a minoria dos deputados da situação. Nesse período, o MDB estava em ascensão no Estado, elegendo inclusive, em 1974, Paulo Brossard para o Senado (HISTÓRIA..., 1998).

Com a abertura política, de forma moderada, no governo do presidente Ernesto Geisel, foi permitida a criação de novos partidos políticos. O MDB, por exemplo, se dividiu, formando vários partidos, entre os quais o Partido do Movimento Democrático Brasileiro, PMDB, Partido Trabalhista Brasileiro, PTB, Partido Democrático Trabalhista, PDT, e o Partido dos Trabalhadores, PT. A ARENA mudou a sigla para PDS, Partido Democrático Social.

O último governador eleito pelo voto indireto foi Amaral de Souza, que esteve à frente do Executivo gaúcho entre 1979 e 1983. Mesmo com a volta do pluripartidarismo, ou seja, de vários partidos políticos, e o retorno das eleições diretas para governadores do Estado, a oposição não conseguiu eleger o governador nas eleições de 1982. Jair Soares, do PDS, sagrou-se vitorioso com uma pequena margem de votos, 0,6%, do seu oponente, Pedro Simon, do PMDB, que, após o fim do regime militar, eleger-se-ia governador em 1987.

---

43 “Em fevereiro de 1966, o AI-3 foi decretado, estabelecendo eleições indiretas também para governadores de estado e para os municípios considerados de segurança nacional” (KÜHN, 2007, 143).

## 7.16 A Nova República

O período conhecido como Nova República consolidou-se com a redemocratização brasileira. O presidente eleito, ainda pelo voto indireto, após o regime militar no Brasil, foi Tancredo Neves, do PMDB. Ele não chegou a tomar posse, uma vez que foi vítima de graves problemas de saúde, falecendo dias após o dia que seria o da sua posse. Com o acontecimento, em 1985, José Sarney, do PFL, vice da chapa de Tancredo Neves, assumiu a presidência.

Com a nova Constituição, promulgada em 1988, as eleições passaram a ser diretas e em dois turnos. Em 1989 foi eleito pelo voto popular Fernando Collor de Mello, que assumiu em março de 1990. Vale lembrar que, desde 1961, não havia mais eleições diretas para presidente (ARTURI, 2001).

Collor de Mello, quando assumiu o governo, em março de 1990, anunciou o Plano Collor I, que provocou um alvoroço na economia brasileira. Conforme Arturi (2001), com o processo de *impeachment* de Fernando Collor de Mello em 1992, assumiu, em dezembro, Itamar Franco, vice do então presidente.

Em 1994 formou-se, com o Partido da Social Democracia Brasileira – PSDB, a aliança com o PFL. Foram eleitos Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e Marco Maciel (PFL) para presidente e vice, respectivamente (ARTURI, 2001). Fernando Henrique foi, entre 1993 e 1994, Ministro da Fazenda no governo de Itamar Franco e começou a implantar o Plano Real, plano econômico de estabilização da economia. Assumiu a presidência em 1º de janeiro de 1995, sendo reeleito em 1998.

Sucedendo Fernando Henrique Cardoso, assumiu Luiz Inácio Lula da Silva, o presidente Lula, do Partido dos Trabalhadores, sendo seu vice José Alencar. Lula foi eleito pela primeira vez em 2002, assumindo em 1º de janeiro de 2003, sendo reeleito em outubro de 2006 para mais um mandato. De acordo com o Jornal O Globo (2010), Lula, em 2010, recebeu, no Fórum Econômico Mundial realizado em Davos, na Suíça, o prêmio de Estadista Global pela sua atuação no meio ambiente, erradicação da pobreza, redistribuição de renda e outras ações para melhorar a condição de vida das pessoas.

Sucessora de Lula, Dilma Rousseff igualmente integrante do Partido dos Trabalhadores, foi a primeira mulher eleita à presidência na história do Brasil. Seu primeiro mandato foi entre 2011-2014. Manteve as propostas do Estado do Bem-Estar Social implementadas por Lula, ampliando programas como o “Minha Casa Minha Vida”, “Bolsa Família”, Prouni e Fies. Na tentativa de montar seu governo com grande base de apoio no Congresso, buscou a manutenção da aliança entre PT e PMDB, incluindo o vice-presidente, Michel Temer, membro do partido aliado. Um dos marcos do seu mandato foi os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade, que buscou resgatar os direitos individuais suprimidos na Ditadura Militar brasileira, com investigações sobre crimes do período, cometidos por militares ou opositores.

O segundo mandato teve a duração de um ano (2015-2016) e foi conturbado desde o princípio, com grandes protestos em nível nacional, devido a escândalos de corrupção nas diversas esferas de poder. Junto a esse contexto

político, o Brasil passa por uma crise econômica, evidenciando algumas debilidades do seu governo que vão “manchando” a figura da presidenta. Deflagrada a Operação Lava Jato, a aliança entre PT e PMDB se rompe, deixando Dilma sem base de apoio. Protocolado o pedido de impeachment, com a acusação de cometer crime de responsabilidade, com a execução de “pedaladas fiscais”, a presidenta é deposta, assumindo seu vice, Michel Temer.

Com duração de dois anos (2016-2018), Michel Temer vivenciou um período conturbado à frente da presidência do país. Adotou medidas extremas, como a PEC (Proposta de Emenda à Constituição) do teto dos gastos públicos, que previa o “congelamento” do investimento do governo por 20 anos. É também no seu governo que medidas com relação à reforma trabalhista foram tomadas, bem como a reforma do ensino médio, mudança na exploração do pré-sal, entre outras. Com baixa popularidade e a pressão de finalizar o mandato até as próximas eleições, Temer é denunciado duas vezes pela Procuradoria-Geral da República (PGR) por envolvimento nos desvios de recursos da Petrobras e obstrução de Justiça. Indiciado por corrupção, Temer finaliza seu mandato com a eleição de Jair Bolsonaro (PSL - Partido Social Liberal) no ano de 2018 para a gestão 2019-2022.

### **7.17 Voto Direto: os governadores eleitos no Rio Grande do Sul**

Após o fim da Ditadura Civil-Militar no Brasil e a volta das eleições diretas, nenhum governador do Estado do Rio Grande do Sul, entre 1983 e 2018, foi reeleito. Talvez a não reeleição de nenhum governador seja em função de o eleitor gaúcho ser considerado um dos mais politizados do Brasil.

No Rio Grande do Sul, o primeiro governador eleito pelo voto direto após a Ditadura Civil-Militar foi Jair Soares, que esteve no cargo entre 1983 e 1987. Soares concorreu pelo PDS/PFL, partidos originários da antiga ARENA.

Sucedendo Soares, foi eleito Pedro Simon, do PMDB, governando o Estado entre 1987 e 1990. Simon renunciou para concorrer a uma vaga no Senado. Seu substituto, Sinval Guazzeli, concluiu o mandato até março de 1991.

Estando à frente do Piratini, Alceu de Deus Collares, do PDT, governou entre março de 1991 e janeiro de 1995. Nessa data, assumiu Antônio Britto, do PMDB. O jornalista Antônio Britto foi deputado federal, assim como portavoza do presidente Tancredo Neves, que, em abril de 1985, deu a notícia do falecimento do presidente, deixando a população brasileira estupefata. Brito esteve visitando várias vezes Arroio do Meio, uma delas em 11 de setembro de 1989 (FIGURA 96), quando esteve reunido com o prefeito Paulo Steiner, vereadores e ex-prefeito Arnesto Dalpian. Na ocasião, o prefeito agradeceu o empenho de Brito em Brasília na questão do retorno do Fundo de Participação dos Municípios.



FIGURA 96: Brito esteve em Arroio do Meio em 11 de setembro de 1989  
Fonte: Acervo fotográfico Particular de Helena Dalpian (1989).

Entre janeiro de 1999 e janeiro de 2003, Olívio Dutra, do PT, governou o Estado. Dutra foi também prefeito de Porto Alegre, derrotado naquela eleição (1988) justamente por Antônio Brito e Carlos Araújo que concorriam pelo PDT.

Em janeiro de 2003, o PMDB assume novamente o Executivo gaúcho, pois Germano Rigotto vence as eleições de 2002, ficando até janeiro de 2007. Depois de Rigotto é eleita a primeira mulher como governadora, Yeda Crusius, do PSDB.

Após o governo de Yeda, ficou à frente do Estado, Tarso Genro, do PT. Cumpriu o mandato entre 2011 e 2015. O governador seguinte foi o ex-prefeito de Caxias do Sul e deputado, José Ivo Sartori, do PMDB, cujo governo foi de janeiro de 2015 a janeiro de 2019.

Para governar o Estado do Rio Grande do Sul a partir de 1 de janeiro de 2019, assumiu Eduardo Leite, do PSDB. Como político, Leite foi prefeito da cidade de Pelotas. O vice-governador do Estado é Ranolfo Vieira Júnior.

## 7.18 Os prefeitos de Arroio do Meio eleitos pelo voto direto

Até 1947 os prefeitos do município de Arroio do Meio foram nomeados e, a partir dessa data, passam a serem eleitos. As fontes para a construção da biografia dos prefeitos (FIGURA 97) eleitos foram o Estudo da Comunidade de Arroio do Meio; os acervos dos jornais O Alto Taquari; Jornal de Lajeado; O Informativo do Vale; Revista Conheça; informações cedidas pela Secretaria de Administração da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio; Revista “Arroio do Meio: é bom viver aqui”; Tribunal Superior Eleitoral – TSE; Tribunal Regional Eleitoral – TRE; FAMURS; AMVAT; CODEVAT; os referenciais Lagemann e Alberto ([s.d]) e Steiner (2008, 2009, 2014).



FIGURA 97: Encontro de nove prefeitos de Arroio do Meio por ocasião das festividades de 50 anos de emancipação política. Na foto estão, da esquerda para direita, Walmor Franke, Armando de Oliveira, Theobaldo Moesch, Werner Fritz, Adolfo Poletto, Antônio de Mesquita, Benito Johann, Arnesto Dalpian e João B. Gasparotto

Fonte: Acervo fotográfico Particular de Helena Dalpian, [s.d.].

Em relação à Câmara de Vereadores, são elencados os que foram eleitos a partir da administração do prefeito Danilo José Bruxel.

### 7.18.1 Antônio Fornari

O primeiro prefeito eleito do município de Arroio do Meio foi Antônio Fornari (FIGURA 98), que, entre 06 de dezembro de 1947 e 1º de janeiro de 1952, ocupou o Executivo pela primeira vez. Natural de Triunfo, Antônio Fornari foi eleito para um segundo mandato entre 31 de janeiro de 1955 e 31 de dezembro de 1959.



FIGURA 98: Prefeito Antônio Fornari

Fonte: Acervo da Câmara de Vereadores de Arroio do Meio (2019).

Quando se estabeleceu em Arroio do Meio, Fornari era titular dos Cartórios Reunidos de Arroio do Meio e, a partir da emancipação do município, os cartórios distritais tiveram que ser desmembrados. Na oportunidade, Fornari optou pelo tabelionato, passando a função de oficial do registro de imóveis para sua esposa Nicolina.

Conforme Lagemann e Alberton ([19-], p. 189), “entrou no campo político praticamente ‘empurrado’ pelo povo, com o aval do Monsenhor Seger, que o queria como primeiro prefeito do já município de Arroio do Meio”. Em sua administração, a prefeitura possuía apenas um caminhão para colocar cascalhos ao longo das estradas e realizar outros trabalhos.

Em 1947, ano em que foi eleito, foi instalado em Arroio do Meio o Legislativo. A primeira Câmara de Vereadores do Município foi formada por Albério João Ritter, Pedro Edmundo Brentano, Rainoldo Heumann, José Cella, Carlos Ritt, Cláudio Kerbes, Júlio Schnorr, José Arthur Weizenmann e João Arlindo Deves.

### 7.18.2 Theobaldo Käfer

Theobaldo Käfer sucedeu Fornari na prefeitura. Seu mandato foi entre 1º de janeiro de 1952 e 31 de dezembro de 1955. Filho de Ana e Nicolau Käfer Sobrinho, nasceu no dia 1º de agosto de 1900. Casou com Erna Elydia Diesel no dia 16 de novembro de 1921 (FIGURA 99).



FIGURA 99: Casamento de Theobaldo Käfer, 1921

Fonte: Acervo do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2019).

Antes de ingressar na vida pública, tinha um comércio na localidade de Barra do Forqueta. Theobaldo Käfer (FIGURA 100) foi subprefeito de Arroio do Meio, quando este pertencia ainda a Lajeado, e foi presidente do Partido Trabalhista Brasileiro em Arroio do Meio.



FIGURA 100: Prefeito Theobaldo Käfer

Fonte: Acervo da Câmara de Vereadores de Arroio do Meio (2019).

Em 1954, Käfer recebeu a visita do Governador Leonel Brizola para colocar a pedra fundamental da Corsan (FIGURA 101). Após cumprir seu mandato como prefeito, concorreu a uma cadeira na Câmara de Vereadores, sendo o vereador mais votado. Durante o seu mandato na Casa Legislativa, Käfer acabou falecendo em 08 de janeiro de 1958, vítima de derrame cerebral.



FIGURA 101: Colocação da pedra fundamental da hidráulica municipal de Arroio do Meio, em 22 de maio de 1954, com a presença de Leonel Brizola, governador do Rio Grande do Sul entre 1959 e 1963

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2010).

### 7.18.3 Antônio Setembrino de Mesquita

Para substituir Käfer, foi eleito Antônio Setembrino de Mesquita (FIGURA 102). Nasceu em 1926 na localidade de São Simão, município de Mostardas. Em 1940, mudou-se para Hamburgo Velho e, mais tarde, para Porto Alegre para concluir seus estudos no Colégio Nossa Senhora das Dores. Em seguida, ingressou na faculdade para cursar Direito.



FIGURA 102: Prefeito Antônio S. de Mesquita

Fonte: Acervo da Câmara de Vereadores de Arroio do Meio (2019).

Antônio Setembrino de Mesquita foi prefeito entre 31 de dezembro de 1959 e 11 de fevereiro de 1963, porém, não concluiu o seu mandato, pois renunciou ao cargo para assumir uma cadeira de deputado na Assembleia Legislativa. Quem ocupou o cargo de prefeito foi seu vice, Adolfo Poletto.

Mesquita participou, em 1961, da fundação da Associação dos Municípios do Vale do Taquari - AMVAT, ocupando, na época, o Conselho Fiscal da entidade. No mesmo ano, participou da abertura da I Exposição Histórica de Arroio do Meio<sup>44</sup> (FIGURA 103). No seu governo, remodelou a Praça Flores da Cunha e, para não onerar os cofres públicos, conclamou a população para ajudar.



FIGURA 103: Prefeito Mesquita inaugurando a I Exposição Histórica de Arroio do Meio, em 1961

Fonte: Estudo da Comunidade de Arroio do Meio (1961).

#### 7.18.4 Adolfo Poletto

Adolfo Poletto (FIGURA 104) governou Arroio do Meio por um curto período, entre 11 de fevereiro de 1963 e 31 de dezembro de 1963, em função da renúncia de Antônio Setembrino de Mesquita. Casado com Carolina Cenfra, era pai de Maria Helena, Paulo Sérgio e Leda Mari.

---

44 A I Exposição Histórica do Município de Arroio do Meio foi organizada pelas alunas da 1ª Série - Escola Normal São Miguel nos dias 8 e 9 de julho de 1961. A Exposição contou com uma mostra de objetos e utensílios dos primeiros moradores do município, bem como, contou com estandes do comércio e indústria local. O evento foi realizado na Sociedade Aliança Católica.



FIGURA 104: Prefeito Adolfo Poletto

Fonte: Acervo da Câmara de Vereadores de Arroio do Meio (2019).

Filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro, Poletto, durante sua gestão, executou importantes obras, entre elas, a colocação de calçamento em trechos fora do eixo urbano, como a estrada do Morro da Marinheira, principal acesso a Capitão, Nova Bréscia e Coqueiro Baixo. No final do seu mandato, participou das festividades de inauguração de ponte sobre o Arroio Grande, em Arroio Grande Superior.

#### **7.18.5 Arnesto Dalpian**

Em 31 de dezembro de 1963, assumiu a Prefeitura de Arroio do Meio Arnesto Dalpian (FIGURA 105). Foi chefe do Executivo em três legislaturas. O primeiro mandato foi até 31 de janeiro de 1969. O segundo foi de 31 de janeiro de 1973 até 31 de janeiro de 1977. Seu terceiro mandato como prefeito ocorreu entre 31 de janeiro de 1983 e 31 de dezembro de 1988.



FIGURA 105: O prefeito Arnesto Dalpian em seu primeiro mandato

Fonte: Acervo fotográfico Particular de Helena Dalpian (1965).

Entre 1946 e 1947, foi professor particular na Escola Sagrado Coração de Jesus, na localidade de Pedras Brancas, município de Arroio do Meio. Casou-se em 1950 com Helena Caumo, com quem teve nove filhos, três rapazes e seis moças.

Além do destaque na vida política, exerceu funções na iniciativa privada, entre elas, em 1947, ingressou na Cooperativa Mista Flor da Serra Ltda., de Coqueiro Baixo, sendo que em 1950 passou a ser Diretor-Gerente da Cooperativa. Nessa função, permaneceu até 1963, quando foi eleito prefeito. Foi membro do Conselho Fiscal da Cooperativa dos Suinocultores de Encantado, Dália, e mais tarde integrou o Conselho Fiscal da Cooperativa São João de Bom Retiro Ltda. Foi fundador da tradicional fábrica de mandolates Helda, atualmente ainda em operação.

Em 1959 foi eleito o vereador mais votado pelo Partido Trabalhista Brasileiro, com 399 votos. Em 1962 foi o presidente da Câmara de Vereadores e, em 1963, assumiu a prefeitura, a qual governaria por um período de quatro anos. Entretanto, a partir do Ato Complementar nº – 37, editado pelo Governo Federal, teve seu mandato prorrogado por mais um ano e um mês, totalizando cinco anos à frente do Executivo.

No seu primeiro mandato, ampliou as ruas pavimentadas (20.442 m<sup>2</sup>), construiu escolas, fez um convênio com a COHAB, no qual o município doou uma área de terras de 22.000 m<sup>2</sup> para a criação de um Núcleo Habitacional, entre outras realizações.

Em seu segundo mandato, Dalpian concorreu pelo antigo Movimento Democrático Brasileiro, MDB, sendo vitorioso com 4.005 votos. O candidato da ARENA era Aldo Thomé, que perdeu as eleições somando 3.402 votos. Dalpian assumiu o cargo em 31 de janeiro de 1973. Nesse mandato, construiu e inaugurou o prédio onde funciona a Prefeitura Municipal (FIGURA 106), cujo processo para a construção se iniciou no governo de Benito Johann. Foi na administração de Arnesto Dalpian que Arroio do Meio comemorou os 50 anos de emancipação política.



FIGURA 106: Solenidade de inauguração da nova Prefeitura de Arroio do Meio, em 1974

Fonte: Acervo fotográfico Particular de Helena Dalpian (1974).

Nas eleições de 1982, Arnesto Dalpian e seu vice, Paulo Steiner, sagraram-se vitoriosos com 48,2% dos votos, com uma vantagem de 1.038 votos sobre Benito Johann, do PDS, que ficou em segundo com 38,6%. Os candidatos do PDT, Ademar Wallerius, assim como do PT, Adriano Schneider, fizeram votação não expressiva.

Para melhorar a infraestrutura dos distritos, em 14 de março de 1985, o prefeito inaugurou o monocal telefônico do distrito de Pouso Novo. Dalpian disse que se tratava de um equipamento moderno e que “Agora Pouso Novo tem condições de se comunicar para qualquer distância, inclusive fora do país através de discagens automáticas” (O ALTO TAQUARI, 1985, p. 03).

No final de 1983, por ocasião do Seminário para Professores do Ensino Rural, a Administração Municipal resolveu homenagear o padre jesuíta Arnaldo

Bruxel, que se projetou nas pesquisas históricas tratando sobre os Guarani no Sul do Brasil, parte da Argentina e do Paraguai. Arnaldo Bruxel nasceu em Arroio do Meio em 13 de julho de 1909, saindo de casa quando tinha 14 anos e ingressando no Seminário de São Leopoldo. Estudou Filosofia e Teologia tornando-se sacerdote. Realizou pesquisas na Europa e América do Sul sobre os povos Guarani e publicou o livro “Os trinta povos Guarani”. Bruxel faleceu, em março de 1985, vítima de câncer.

No terceiro mandato de Arnesto Dalpian, Arroio do Meio comemorou os 50 anos de emancipação política. Período em que procurou estreitar ligações com outros líderes políticos (FIGURA 107).



FIGURA 107: Arnesto Dalpian com o governador Jair Soares (no centro)  
Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (1983).

Em abril de 1985, o ex-presidente Ernesto Geisel visitou o prefeito Arnesto Dalpian em Arroio do Meio. Na conversa, um dos assuntos abordados foi o desfecho da Coopave. O prefeito afirmou que o caso havia sido solucionado com a instalação da Avipal. Dalpian também fez um relato da economia do município.

No terceiro mandato, Dalpian teve a oportunidade de construir e inaugurar importantes obras, como o Ginásio Polivalente e a ponte que liga o Bairro Centro ao Bairro Aimoré.

Quanto ao Polivalente, a prefeitura, na época, teve que adquirir terras de vários proprietários para a construção do ginásio e do parque de eventos. No total, foram adquiridos oito hectares (FIGURA 108).



FIGURA 108: Área onde se localizava o Polivalente que contava com local para a realização de competições de MotoCross, além de CTG com pista de rodeio [s.d.]  
Fonte: Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio (2019).

Durante os seus mandatos, Arnesto Dalpian procurou manter um diálogo com as comunidades do interior. Em 15 de março de 1984, o prefeito visitou o Distrito de Pouso Novo, onde se reuniu com funcionários da prefeitura e membros da comunidade local. Um dos assuntos tratados foi a ampliação da telefonia rural, administrada na época pela Companhia Riograndense de Telecomunicações - CRT. No mesmo dia, seguiu para o Distrito de Travesseiro, onde se reuniu com colaboradores da prefeitura e moradores locais.

No período em que fora prefeito, os distritos de Pouso Novo, Travesseiro e Capitão ainda pertenciam a Arroio do Meio - havia mais de mil quilômetros de estradas a serem conservados.

### 7.18.6 Benito Jacob Johann

Em 15 de novembro de 1968, foi eleito Benito Johann, da ARENA, para governar Arroio do Meio a partir de 1969. De acordo com a Revista Conheça (1969, p. 06), “o governo municipal estava de posse do MDB na pessoa do Sr. Arnesto Dalpian. A ARENA, conseguindo reunir todos os ex-partidos em torno do candidato Benito Johann, conquistou uma vitória que pode ser considerada expressiva, muito embora a diferença de votos tenha sido de apenas 314”.

Benito Jacob Johann assumiu a prefeitura em 31 de janeiro de 1969 e governou até 31 de janeiro de 1973 (FIGURA 109), tendo como vice Júlio

Francisco Schnack. Johann, em sua gestão, fundou a Biblioteca Pública Municipal, beneficiando a população arroio-meense.



FIGURA 109: O prefeito Benito Jacob Johann passando o cargo para Arnesto Dalpian  
Fonte: Acervo fotográfico Particular de Helena Dalpian (1973).

Em seu governo, foi realizada a 3ª Exposição de Clubes 4-S e 1ª Mostra Industrial e Comercial. O evento foi inaugurado em 29 de agosto de 1971 pelo então governador do Estado, Euclides Triches, acompanhado pelo deputado Antonino Fornari. A exposição contou com a presença dos 22 Clubes 4-S de Arroio do Meio, que expuseram os seus melhores trabalhos em diversas áreas.

Em seu mandato, o prefeito Benito Johann lançou a pedra fundamental para a construção do atual prédio da prefeitura, uma vez que a planta da nova edificação já estava pronta. Natural de Arroio do Meio, faleceu em outubro de 1988.

### **7.18.7 João Batista Gasparotto**

João Batista Gasparotto (FIGURA 110) nasceu em 04 de julho de 1935 na localidade de Três Lagoas, Lajeado. Ainda criança, foi morar com seus pais na localidade de Marinheira, onde cursou o antigo primário na Escola Municipal de Marinheira. Dando sequência a seus estudos, foi para o Seminário na cidade de Guaporé.



FIGURA 110: João Baptista Gasparotto foi prefeito entre 1977 a 1983

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2019).

Em 1965, na administração de Arnesto Dalpian, Gasparotto foi responsável pela construção das casas populares da COHAB. Em 1972 foi o vereador eleito mais votado do MDB, com 663 votos. Em 1973 foi secretário de Obras, no segundo mandato de Arnesto Dalpian.

Nas eleições de 1976, Gasparotto candidatou-se a prefeito, quando foi eleito com 3.581 votos. Teve como vice Rubino Rahmaier. Governaram entre 31 de janeiro de 1977 e 31 de janeiro de 1983.

Com a autorização para a criação de novos partidos políticos pelo Governo Federal, em 1979, o prefeito, em entrevista ao jornal *O Informativo do Vale*, em janeiro de 1980, falou sobre o assunto,

O entrevistado revelou que em seu município ainda não há uma movimentação maior em torno da adesão a novas siglas partidárias. Na sua opinião, deveriam desaparecer tanto o PTB como o PMDB, para darem lugar ao Partido Trabalhista Renovador, no qual todas as lideranças da Oposição seguissem uma linha de trabalhos e de objetivos comuns, ou seja, alcançar a democracia plena no Brasil (*O INFORMATIVO DO VALE*, 1980, p. 8).

Em seu mandato, Arroio do Meio recebeu importantes investimentos, como a Cooperativa Avícola Vale do Taquari - Coopave, a Fábrica de Rações Minuano, inaugurada no final de 1980 (FIGURA 111), e a Incomex. Na época, proporcionaram cerca de mil empregos, tanto que recebeu o apelido de prefeito “papa-indústrias”.



Figura 111: Inauguração da Fábrica de Rações da Minuano

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (1980).

Na sua administração, Arroio do Meio recebeu importantes autoridades, entre elas, o Presidente da República, João Batista Figueiredo (na época era candidato), que participou da inauguração da Coopave em 1981. Em 11 de outubro de 1980, o então ministro da Previdência e Assistência Social, Jair Soares, também visitou o município. Conforme o jornal *O Alto Taquari* (1980, p. 04), na ocasião, o ministro “instalou oficialmente a Representação do Funrural, o que representa um grande acontecimento para todos agricultores”. A partir da instalação desse serviço em Arroio do Meio, os agricultores não tinham mais a necessidade de se deslocar para Lajeado em busca de seus benefícios.

Uma das preocupações de João Baptista Gasparotto foi com relação à água potável para as comunidades do interior. Em razão das secas, a água tornava-se escassa para as pessoas em determinados anos. Sendo assim, Gasparotto empenhou-se para a instalação de redes de água. Travesseiro, por exemplo, em 1980, teve a perfuração de um poço artesiano que beneficiou cerca de 200 moradores. Já o Distrito de Capitão, que contava com um poço artesiano, obra realizada e doada pela Coopave, tinha a necessidade de construir um reservatório com capacidade de 100 mil litros, beneficiando 85 moradores da localidade.

Em 1982, as comunicações eram bem diferentes dos sistemas atuais. Não havia empresas privadas explorando a telefonia. No Rio Grande do Sul, a Companhia Riograndense de Telecomunicações era a estatal responsável pelo serviço. Em 22 de outubro de 1982, o jornal *O Informativo do Vale* publica uma notícia destacando que o prefeito Gasparotto se sentia feliz pela expansão dos serviços em Arroio do Meio. Na matéria de capa constava:

O prefeito Gasparotto estava muito satisfeito com o funcionamento dos novos aparelhos telefônicos, ativados a cerca de uma semana, pela CRT. Ele salientou que se trata de um grande passo nas comunicações do município e uma conquista importante para o desenvolvimento em todos os setores.

No final, o prefeito disse que não houve problemas maiores para o bom funcionamento dos 250 aparelhos, nos sistemas DDD e DDI.

Em 1979, foi presidente da Associação dos Municípios do Vale do Taquari - AMVAT. Mais tarde, quando da emancipação do Distrito de Capitão, foi o primeiro prefeito do recém-criado município, ocupando o cargo entre 1993 e 1996. Sucedeu Gasparotto, Arnesto Dalpian, para cumprir o terceiro mandato em Arroio do Meio.

### 7.18.8 Paulo Steiner

Paulo Steiner, catarinense de Criciúma, dirigiu o município, no primeiro mandato, entre 1º de janeiro de 1989 e 31 de dezembro de 1992, sendo seu vice o professor Laurindo Dalpian. Steiner teve a oportunidade de integrar o governo de Arnesto Dalpian como vice-prefeito, entre 1983 e 1988, e como secretário da Agricultura, em 1987. Durante esse mandato, foi presidente da Associação dos Municípios do Vale do Taquari - AMVAT.

Steiner (FIGURA 112) formou-se em Agronomia em 1965 pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, iniciando profissionalmente suas atividades no escritório municipal da ASCAR (atual EMATER) em maio de 1966. Em 1968, retorna a Santa Catarina para dirigir a Fundação 25 de Julho, órgão da Prefeitura de Joinville. Ao retornar para Arroio do Meio, em 1973, trabalhou na iniciativa privada até 1986.



FIGURA 112: Paulo Steiner cumpriu dois mandatos como prefeito

Fonte: Acervo fotográfico particular de Paulo Steiner (2010).

Paulo Steiner foi presidente da Comissão dos 50 anos de emancipação política de Arroio do Meio. E, para celebrar a data, foi criado o logotipo (FIGURA 113) da campanha e do evento, cuja concepção foi de Adelino Machado de

Souza, de Porto Alegre. Entre os eventos, realizaram-se a Exposição Feira Arroio do Meio Ano 50, que contou com a presença do governador Jair Soares, baile para escolha da rainha do Cinquentenário e desfile.



FIGURA 113: Logotipo em comemoração aos 50 anos de emancipação política  
Fonte: Cinquentenário de Arroio do Meio (1984).

Muitas escolas particulares em Arroio do Meio foram fundadas pelos imigrantes e seus descendentes que, ao longo dos anos, lutavam com dificuldades para a sua manutenção. Para resolver a situação, o prefeito Paulo Steiner encaminhou, no início de 1989, projeto de lei para a Câmara Municipal de Vereadores solicitando autorização para que a prefeitura pudesse repassar, mensalmente, recursos para custear salários de professores e serventes dessas escolas. Em 12 de abril de 1989 foi realizado o primeiro pagamento de salários e encargos a 13 escolas particulares, beneficiando 21 professores. Os educandários contemplados foram: Afonso Celso (Picada Arroio do Meio), Bento Gonçalves (Três Saltos Baixo), D. Pedro I (Linha 32), Dona Rita, General Osório (Forqueta), Itororó (Palmas), São João, Tiradentes (Três Saltos Alto), Escola Luterana São Paulo, Abreu Lima (Forqueta), São Miguel Navegantes, São Caetano e AMAM.

Na mesma época, a Câmara aprova o projeto de lei encaminhado pelo Executivo solicitando subvenção de recursos para custear passagens escolares para alunos que dependessem de ônibus. Na ocasião, 490 alunos receberam parcial ou integralmente o valor da passagem. Para o vice-prefeito, Laurindo Dalpian, e para a secretária de Educação, Rosali Mantelli, essa ação motivou a diminuição da evasão escolar, especialmente de alunos de 2º grau (Ensino Médio), que, por falta de recursos, preferiam trabalhar em vez de estudar.

Em maio de 1989, Arroio do Meio planejou seu primeiro Plano Diretor. Executivo e Legislativo se reuniram para a elaboração de um plano que beneficiasse o desenvolvimento e o bem-estar da comunidade. Para traçar os primeiros estudos, foram contratados os arquitetos Antônio Filippini e Iracilde Bagatini.

Em 03 de maio de 1989, os arquitetos apresentaram para o prefeito, vice, secretário de Planejamento, Jorge Comandulli, e vereadores mapas e um levantamento aerofotogramétrico, realizado em outubro de 1988. Essas imagens aéreas permitiram a visualização da zona urbana, a identificação de áreas

alagadiças, o parcelamento do solo, a estrutura viária, entre outros aspectos. Entre os assuntos abordados, os técnicos salientaram que a área urbana de Arroio do Meio era marcada profundamente pela ERS-130, pois existiam cerca de 50 acessos entre Barra do Forqueta até São Caetano, mesmo ainda sendo uma via tranquila. Sem um planejamento, o problema poderia se agravar, tornando-se um “matadouro humano”.

Outro aspecto abordado pelos arquitetos foi quanto à densidade demográfica. Em 1989, a densidade era de apenas seis habitantes por hectare. Conforme Antônio Filippini, o ideal, segundo estudos da época, seriam 240 habitantes por hectare, para facilitar o atendimento da população em relação à limpeza, iluminação pública, educação, lazer, etc. Na época, entre as propostas discutidas, o prefeito lembrou do *déficit* habitacional de Arroio do Meio, pois logo deveria ser escolhida uma área para loteamentos populares. O primeiro Plano Diretor aprovado em Arroio do Meio foi em 1995.

Paulo Steiner cumpriu seu segundo mandato como prefeito entre 1º de janeiro de 1997 e 31 de dezembro de 2000, sendo vice-prefeito Ruy Dagoberto Bersch, do Partido dos Trabalhadores, PT. Steiner, do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, PMDB, nessa eleição, foi eleito com 4.954 votos.

No segundo mandato, seu principal desafio foi a geração de empregos, uma vez que, quando assumiu, havia uma sucessão de pedidos de concordata de indústrias do ramo calçadista, contabilizando a perda de mais de mil postos de trabalho. Steiner investiu em infraestrutura para a instalação ou expansão de novas empresas.

Nesse período, inaugurou 48 residências no núcleo habitacional do Bairro Bela Vista, além de asfaltar e pavimentar (paralelepípedos) ruas - foram mais de 70 mil metros quadrados.

Após cumprir o segundo mandato, Paulo Steiner foi, entre 2001 e 2008, assessor da Reitoria da UNIVATES e secretário Executivo do Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari - CODEVAT. Em 2009, assumiu a função de assessor técnico da Secretaria da Agricultura de Arroio do Meio.

Para demonstrar toda a competência de Arnesto Dalpian, que cumpriu três mandatos à frente da Prefeitura de Arroio do Meio, Paulo Steiner, em 2014, produziu o livro “Arnesto Dalpian: história, vida, realizações”. A obra trata da trajetória do ex-prefeito como político, trabalhador, empresário e pai de família.

### **7.18.9 Nelson Paulo Backes**

Nelson Paulo Backes (PDT) e Arno Roque Neumann (PDS) foram eleitos, respectivamente, prefeito e vice nas eleições de outubro de 1992. A coligação PDT-PDS-PTB alcançou 5.496 votos, enquanto o candidato do PMDB, Arnesto Dalpian, somou 3.921 votos. Backes (FIGURA 114) dirigiu a administração entre 1º de janeiro de 1993 e 31 de dezembro de 1996.



FIGURA 114: Prefeito Nelson Paulo Backes

Fonte: Acervo da Câmara de Vereadores de Arroio do Meio (2019).

Natural do município de Arroio do Meio, Backes exerceu a docência em escolas como a D. Pedro I, de Linha 32; o Colégio São Miguel; CNEC; e a Escola Abreu Lima, de Forqueta. Foi sócio-fundador do Esporto Clube de Linha 32 e Clube 4-S Alvorada. Atuou como secretário de Administração e como secretário de Obras na administração de Arnesto Dalpian (no terceiro mandato).

Dando uma atenção especial para a Educação (FIGURA 115), para a qual destinou, em 1993, 35% de recursos do orçamento, a administração municipal construiu e inaugurou novas escolas no município, entre elas, o prédio da Escola Princesa Isabel, inaugurada em novembro de 1993, na Semana do Município. O educandário conta com mais de 1.500 metros quadrados de área de construção. Em março de 1994, Backes inaugurou o novo prédio da Escola Municipal Bela Vista, cuja obra contou com mais 744 metros quadrados de área construída.



FIGURA 115: O prefeito Nelson Paulo Backes reunido com a secretária estadual de Educação, Neusa Canabarro, para entrega do pedido de verbas para a Educação Municipal

Fonte: Acervo fotográfico do Jornal O Alto Taquari (2004).

Em seu mandato, o prefeito Backes assinou contratos para a pavimentação asfáltica de diversas ruas, como a rua João Carlos Machado, no Centro. Segundo o jornal O Alto Taquari (1994, p. 01), “[...] o prefeito municipal de Arroio do Meio assinou o segundo contrato com as empresas vencedoras da licitação com tomada de preços para fazer a pavimentação asfáltica em parte das ruas da cidade e bairros”. Além da rua localizada no Centro, foram pavimentados trechos da Presidente Vargas até a Rua Helmuth Kühn, incluindo a ciclovia, entre outras.

Na sua administração foi elaborado um novo Plano Diretor, “a partir de um projeto já existente e rejeitado pela Câmara na legislatura passada”. A nova proposta foi elaborada com a participação da comunidade “e foi ampliada com o acréscimo de um novo projeto de Código de Obras”. O Plano Diretor foi encaminhado para a Câmara de Vereadores, sendo aprovado em dezembro de 1995. A partir de então, o Plano tornou-se um “documento imprescindível para o crescimento da cidade de forma harmoniosa” (ARROIO..., 1996, p. 28).

Durante o seu mandato, a telefonia celular chega a Arroio do Meio - final de 1994. Das primeiras 200 linhas telefônicas para a região, foram destinadas a Lajeado 100, para Estrela 80, para Cruzeiro do Sul 10, e Arroio do Meio recebeu apenas 10 linhas. Essas linhas de telefones celulares foram sorteadas entre as pessoas que previamente se inscreveram para participar da “disputa”.

Em 1995, no dia 19 de novembro, o prefeito Nelson Paulo Backes participou da inauguração do prédio da Subprefeitura de Forqueta. O evento também contou com a participação do vice, Arno Roque Neumann (FIGURA 116).



FIGURA 116: Inauguração do prédio da Subprefeitura de Forqueta  
Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (1995).

Em janeiro de 2015, o ex-prefeito Backes assumiu a coordenação da 3ª Coordenadoria Regional de Educação - CRE, com sede em Estrela. Ficou à frente da 3ª CRE até fevereiro de 2016, quando se aposentou.

### 7.18.10 Danilo José Bruxel

Natural da localidade de Forqueta Baixa, Danilo José Bruxel (FIGURA 117) foi eleito prefeito, pela primeira vez, com 39 anos de idade. Antes de ocupar o Executivo, foi secretário municipal da Saúde e vereador, experiências que foram fundamentais para a sua candidatura à prefeitura em 2000.



FIGURA 117: Prefeito Danilo Bruxel

Fonte: Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio (2008).

Bruxel, do Partido Progressista - PP, foi eleito pela primeira vez para o Executivo arroio-meense nas eleições de 2000, com 5.779 votos. Norberto Roque Dalpian, do PMDB, foi seu vice. O mandato contemplou o período de 1º de janeiro de 2001 a 31 de dezembro de 2004.

Danilo foi reeleito em 2004, totalizando 7.290 votos. Desempenhou suas funções no segundo mandato de 1º de janeiro de 2005 a 31 de dezembro de 2008, tendo como vice Lúcia Schmidt Horn.

Em junho de 2005, o prefeito Danilo José Bruxel inaugurou o posto de saúde de Palmas. A unidade proporcionou mais comodidade para os moradores do distrito, pois os serviços médicos são oferecidos no local. Entre as autoridades presentes, a representante do governo do Estado observou que 85% dos problemas de saúde poderiam ser resolvidos nas unidades básicas. O subprefeito de Palmas, Locildo Wusnch, também agradeceu a atenção que a administração estava dispensando à localidade. Bruxel, em seu discurso, salientou que, “Se Arroio do Meio tem a melhor Saúde do Estado, é um mérito de toda população, que aprovou os investimentos e participa dessa proposta” (O ALTO TAQUARI, 2005, p. 05).

No seu segundo mandato, realizou-se a segunda edição da Frangofest - Festa Estadual do Frango. O evento contou com a presença do governador do

Estado, Germano Rigotto, no dia 12 de julho de 2005 - a primeira vez que esteve em Arroio do Meio como governador. Em seu discurso, salientou a importância do setor avícola para a região e para o Rio Grande do Sul e comentou sobre as denúncias de corrupção envolvendo o governo federal. Além de participar da festa, Rigotto assinou convênios com municípios da região para a liberação de novos poços artesianos.

Desde 2001, a prefeitura passa por diversas modificações para melhor atender aos munícipes. No prédio foram realizadas reformas. No primeiro piso do Centro Administrativo, instalou-se sistema de climatização de ar, adquiriu-se nova central telefônica e foi instituído serviço de recepção e informações. O funcionalismo igualmente mereceu atenção com a realização de cursos, palestras e encontros de motivação e profissionalização do quadro, para busca constante da qualificação dos serviços oferecidos à população. Para Bruxel (O ALTO TAQUARI, 2005, p. 04),

O nosso objetivo é que a Prefeitura não seja mais vista como um órgão público atrasado, onde as pessoas ficam horas em filas e são mal atendidas. Queremos que todos sintam-se bem procurando nossos serviços e que os colaboradores trabalhem num ambiente bom, de crescimento constante.

No final do seu segundo mandato, Bruxel inaugurou a “Rua dos Eventos”. Fazendo parte das comemorações alusivas aos 74 anos de emancipação política, a rua coberta foi inaugurada em 23 de novembro de 2008 (FIGURA 118).



FIGURA 118: Rua do Eventos inaugurada durante a administração de Danilo José Bruxel

Fonte: Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio (2019).

### 7.18.10.1 Composição da Câmara de Vereadores

Os vereadores são eleitos pelo voto direto, podendo concorrer a cada eleição, ou seja, para eles a reeleição é ilimitada. O mandato de cada legislador é de quatro anos. São responsáveis pela elaboração de leis, dentro de sua competência, assim como por analisar e aprovar as leis que são de competência do Executivo. Os vereadores têm como função a fiscalização dos atos do Executivo relacionados com a administração dos recursos do município expressos no orçamento<sup>45</sup>.

Os vereadores eleitos em 2004 que cumpriram o mandato 2005-2008, na administração do prefeito Danilo Bruxel, foram: do Partido dos Trabalhadores: Valdir Fahl; do Partido Democrático Trabalhista, Delmar Kuhn e Luiz Carlos Kalsing; do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, Sidnei Eckert, Paulo Volk e Nestor Matte; e do Partido Progressista, Meri Schmidt, Roque Haas e Vanderlei Majolo.

### 7.18.11 Sidnei Eckert

Sidnei Eckert foi prefeito de Arroio do Meio por dois mandatos. Assumiu seu primeiro em 1º de janeiro de 2009. Nas eleições realizadas em 2008, foi eleito com 7.735 votos, concorrendo pela coligação “Arroio do Meio para todos”. Sidnei Eckert (FIGURA 119), do PMDB, teve como vice Klaus Werner Schnack, também do PMDB.



FIGURA 119: Sidnei Eckert tinha como marca a interação com a comunidade  
Fonte: Acervo fotográfico da Assessoria de Imprensa da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio (2011).

Natural de Bicudo Alto, Eckert nasceu em 07 de julho de 1965. Antes de assumir o Executivo, foi vereador, presidente da Câmara de Vereadores, líder da bancada na Câmara e líder do Governo.

<sup>45</sup> Disponível on-line: <<http://www.cmj.sc.gov.br>>. Acesso em 30 mai. 2019.

Durante o seu mandato, na área da saúde, além de dar continuidade às ações voltadas à saúde preventiva, a Administração incrementou e colocou em prática outras iniciativas. Entre elas (O ALTO TAQUARI, 2010, p. 04):

A Carreta Odontosc, disponibilizada pela secretarias da Indústria, Comércio e Turismo e Saúde e com apoio da CDL – Arroio do Meio e Sindilojas; projeto de orientação a adolescentes e jovens em escolas, abordando os temas Sexualidade, Combate à Drogadição e DST; cursos e orientações sobre alimentação saudável, ministrados em parceria com a nutricionista da Secretaria Municipal de Educação e Cultura; encontros informativos e práticos realizados com grupos variados em diferentes localidades, abordando os mais variados assuntos de interesse local e levando profissionais (médicos, enfermeiros, agentes de saúde, entre outros assessores) ao encontro a comunidade; entre outras ações voltadas à terceira idade, saúde da mulher, violência contra mulher e comunidade geral.

Outras metas projetadas e implantadas por Eckert em seu programa de governo foram o Plantão Médico 24 Horas e o SAMU, as Estratégia Saúde da Família - ESF (FIGURA 120) e Unidade Móvel, a pediatria nas ESF e o aumento e a variedade de medicamentos oferecidos na Farmácia Básica do Posto de Saúde Central.



FIGURA 120: ESF Aimoré

Fonte: Acervo fotográfico da Assessoria de Imprensa da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio (2010).

Em seu primeiro mandato, tinha como preocupação a qualificação dos recursos humanos e da estrutura organizacional para oferecer aos munícipes um serviço de qualidade. Em 2010, Sidnei Eckert afirmava, “Como diz nosso *slogan*, queremos um Arroio do Meio para todos. Estamos trabalhando para todos, envolvendo todos os setores de nossa sociedade, buscando o crescimento de Arroio do Meio”. Com essas palavras, dizia que, em seu Plano de Governo,

a administração municipal pensava na coletividade, no centro da cidade, nos bairros, no interior e principalmente nas crianças, jovens, idosos e no povo trabalhador da comunidade.

Sidnei Eckert (PMDB) foi reeleito nas eleições de outubro de 2012, com 6.641 votos, para o mandato 2013-2016. No seu segundo mandato, teve como vice-prefeito Áurio Scherer, do PT (TRE, 2019).

O ano de 2014 marcou o aniversário de 80 anos de emancipação política. Muitos eventos foram realizados na época: desfile, rodeio crioulo, concurso fotográfico, encontro de soberanas do município e muitas outras atrações. Para comemorar a data, a prefeitura lançou o selo de aniversário do município (FIGURA 121).



FIGURA 121: Selo alusivo aos 80 anos de emancipação política

Fonte: Acervo da Assessoria de Imprensa de Arroio do Meio (2014).

Para comemorar o Natal de 2015, em dezembro daquele ano, Arroio do Meio cumpria extensa programação em alusão à data. No evento, Paulo Steiner lançou uma biografia do ex-prefeito Arnesto Dalpian. Na ocasião, Sidnei Eckert parabenizou o autor e toda equipe que colaborou para a elaboração da obra. Exaltou, também, a presença dos familiares de Dalpian, ex-prefeitos presentes e especialmente a comunidade, que sempre prestigiava todos os eventos que a prefeitura organizou.

Além da administração do município, Eckert participou de instituições regionais. Em 2014 ocupou a presidência da Associação dos Municípios do Vale do Taquari, AMVAT. Entre 2016-2018 foi vice-presidente do Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari, CODEVAT.

Em 31 de dezembro de 2016 passou o cargo de prefeito para Klaus Werner Schnack. Em seu discurso de despedida fez uma explanação sobre as principais realizações durante seu mandato. Disse que tudo o que foi feito, foi pensando no bem maior, a população. Agradeceu o apoio de todos: da sua equipe de trabalho, do Legislativo e Judiciário, da comunidade e, principalmente, da sua família. Disse que o sucesso de sua administração foi possível graças ao engajamento de todos (O ALTO TAQUARI, 2016).

Ao deixar a prefeitura, Sidnei Eckert, além de atuar no ramo farmacêutico, foi superintendente do Departamento Nacional de Produção Mineral, DNPM, no Rio Grande do Sul, entre 2017 e 2018. Mais tarde, em março de 2019, assumiu a Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo do município de Teutônia.

### **7.18.11.1 Composição da Câmara de Vereadores**

Tendo como função a criação de leis, o vereador elabora e redige projetos apresentando-os em Plenário. “Este projeto é declarado objeto de deliberação pelo presidente que manda abrir o processo. Em seguida, o projeto vai para as diversas comissões da Câmara e passa por duas votações”. Após a sua aprovação, o projeto segue para o prefeito que pode sancioná-lo ou vetá-lo, ou ainda nem um nem outro<sup>46</sup>.

Os vereadores eleitos em 2008, mandato 2009-2012, para a Câmara Municipal de Vereadores são: Partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB, Fernando Eneias Bruxel, Nestor Matte, Paulo Volk e Romano Kunzler; do Partido Democrático Trabalhista - PDT, Darci Hergessel e Delmar Kuhn; do Partido Progressista - PP, Aldemir Gregori, Gustavo Kasper e Roque Haas.

Os vereadores eleitos em 2012, mandato 2013-2016, para a Câmara Municipal de Vereadores são: Partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB, Paulo Volk, Adiles Meyer, Romano Kunzler, Airton Schmitt; do Partido Democrático Trabalhista - PDT, Darci Hergessel e Aloisio Schwarzer; do Partido Progressista - PP, Carlos Jacó Hollmann, Roque Haas, Aldemir Gregori; do Partido dos Trabalhadores - PT, Paulo Roberto Grassi e Cloe Agostini Scheid.

### **7.18.12 Klaus Werner Schnack**

Klaus Werner Schnack (MDB) tomou posse solenemente para cumprir seu mandato, para o período 2017-2020, no dia 31 de dezembro de 2016. Foi eleito em outubro de 2016, com 7.247 votos, pela coligação Arroio do Meio Para Todos. Tem como vice-prefeita Eluise Hammes (PT), que na Administração de Sidnei Eckert, foi secretária de Educação e Cultura.

Filho de Emílio Arnaldo e Nelsi Maria Schnack, Klaus (FIGURA 122) nasceu em 08 de fevereiro de 1974, é casado com Ilvane Cristina, sendo Engenheiro Civil de formação. Ocupou o cargo de vice-prefeito no primeiro mandato de Sidnei Eckert, entre 2009 e 2012.

---

46 Disponível on-line: <<http://www.cmj.sc.gov.br>>. Acesso em 30 mai. 2019.



FIGURA 122: Prefeito de Arroio do Meio Klaus Werner Schnack  
Fonte: Acervo fotográfico da Assessoria de Imprensa de Arroio do Meio (2018). Crédito: Maica Viviane Gebing.

Em sua gestão, atua tendo o *slogan* “Arroio do Meio - Comunidade e Família” (FIGURA 123) como princípio norteador, assim como foi o carro-chefe da campanha durante o processo eleitoral de 2016.



FIGURA 123: “Marca” da gestão da atual Administração  
Fonte: Acervo da Assessoria de Imprensa de Arroio do Meio (2019).

A vice-prefeita Eluise Hammes (FIGURA 124), igualmente, enfatiza o princípio que norteia as ações da Administração Municipal. Para Eluise (2019),

A mão estendida, que forma a nossa terra formosa e gentil, é banhada por rios e arroios simbolizando vida e fertilidade. Os círculos representam nosso município, as comunidades e as famílias. É com muitas mãos que construímos o nosso município com o envolvimento de nossas comunidades e participação das famílias tendo como base valores que ultrapassam gerações.



FIGURA 124: Vice-Prefeita de Arroio do Meio Eluise Hammes

Fonte: Acervo fotográfico da Assessoria de Imprensa de Arroio do Meio (2019). Crédito: Maica Viviane Gebing.

Para a Administração Municipal, nos últimos anos o crescimento da cidade de Arroio do Meio tem sido notório, apesar das dificuldades econômicas ocorridas em nível nacional e estadual e os reflexos sentidos na economia regional. Nesse sentido, Schnack (2019) diz que os tempos mudaram e o planejamento do setor público precisa enxergar o caminho a seguir. A gestão trabalha com a ideia de continuidade em relação ao que já foi efetivado no passado, e o futuro é pensado na mesma linha, a longo prazo. Para o prefeito, um gestor público está à frente do município para “abrir possibilidades e mercados. E para isso, temos que criar políticas públicas para que se possa trazer soluções e perspectivas”.

A vice-prefeita Eluise Hammes (2019) complementa dizendo que investir no futuro é “acreditar no ser humano e num mundo integrado e de possibilidades individuais e coletivas”.

Conforme o prefeito, o plano de Governo é elaborado em parceria com a comunidade, cujo foco prioritário estão as áreas de Saúde, Educação, geração de emprego e renda. E, para qualificar o trabalho, a Administração reorganizou a estrutura da máquina pública, otimizando e qualificando o quadro de servidores, visando economia e eficiência na prestação de serviços.

Na área da Educação, Klaus diz que a administração destina 34% do orçamento para a pasta. O município investe na formação das crianças e adolescentes, pois acredita no seu papel transformador na sociedade. Nesta gestão, busca resgatar a educação no sentido mais amplo, embasado nas raízes e valores da família. Nesse sentido, Eluise (2019) afirma,

Ao longo da trajetória do nosso município a educação é um bem precioso e imensurável pela qual primamos desde os nossos antepassados longínquos. Como gestores estamos reafirmando a importância vital da educação integrada com nossas famílias e comunidades.

Assim, foi elaborado um planejamento estratégico, visando a ampliação do número de vagas para o atendimento infantil e turno integral, nas redes municipal e comunitário, nos diferentes bairros e interior.

Quanto à Saúde, Klaus (2019) afirma: “Em relação à saúde local, nós também trabalhamos com prevenção, melhorias nas estruturas, ampliação dos atendimentos e especialidades da rede básica e parcerias. Nesse sentido, uma parceria que apresenta bons resultados é com o Hospital São José. Para Klaus (2019),

O hospital é um parceiro grande. Nós tivemos sucesso na ampliação dos serviços, hoje com a microrregião definida, o nosso hospital atende especialidades, era essa uma das nossas propostas também, de trazer e aproximar a saúde de Arroio do Meio de forma regionalizada. Se antes nós íamos até outros municípios, hoje os municípios vêm até Arroio do Meio em busca de atendimento.

O prefeito afirma que todas áreas são muito importantes para a Administração. A gestão e o cuidado com o patrimônio público, a segurança, o meio ambiente, a mobilidade urbana e outros aspectos na infraestrutura do município merecem a atenção.

Em relação à administração, em julho de 2019 o prefeito fez um “balanço” dos 31 meses da administração, quando participou de evento promovido pela Associação Comercial, Industrial e Serviços de Arroio do Meio, ACISAM. Na reunião-almoço, Klaus Schnack apresentou, para empresários, autoridades, representantes de instituições bancárias e de entidades, servidores municipais e comunidade, as ações que vêm sendo executadas pela Administração. Schnack apontou investimentos, falou sobre as prioridades da gestão e destacou os avanços obtidos nesse período.

No evento, o prefeito falou de várias áreas, a exemplo da Educação. Destacou a aproximação com a Escola Estadual de Ensino Médio Guararapes, cujo educandário recebeu investimentos de mais de R\$ 1 milhão em melhorias e a abertura da escola infantil em Forqueta, uma demanda antiga da comunidade local. Outra área que demanda bastante atenção é a Saúde. Citou a parceria com o Hospital São José. Na Assistência Social disse que o foco tem sido o enfrentamento a situações de vulnerabilidade que envolvem os mais jovens. Mais de 80 jovens já foram capacitados e mais de 1,8 mil crianças e adolescentes estão envolvidos em projetos de turno oposto ao da escola.

No âmbito do meio ambiente e setor primário, Schnack destacou os avanços alcançados, como a habilitação de agroindústrias para o comércio em todo Estado. Na sua explanação, ressaltou que a prefeitura vem honrando os compromissos de incentivo a empresas, assim como as parcerias que vem fazendo com instituições como Corsan, RGE e Daer, que, em 31 meses, somaram mais de R\$ 50 milhões em investimentos. Outros pontos foram destacados pelo prefeito, como infraestrutura, pavimentações, recolhimento de lixo, estacionamento Rotativo Gratuito na cidade e eventos culturais (O ALTO TAQUARI, 2019).

Para a gestão Klaus W. Schnack e Eluise Hammes, o ano de 2019 foi muito especial, uma vez que Arroio do Meio recebeu o Prêmio Gestor Público 2019, a partir do programa ambiental “Nossa Cidade, Meu Lar”. O prêmio é oferecido pelo Sindicato dos Servidores Públicos da Administração Tributária do Rio Grande do Sul e pela Associação dos Auditores-Fiscais da Receita Estadual - RS.

Segundo a Prefeitura (2019),

O programa nasceu em 2017, com o objetivo de englobar a limpeza urbana e rural, embelezamento, conservação do meio ambiente e conscientização, buscando promover saúde e conforto à população, resgatando a importância do engajamento das famílias e comunidades em fazer parte para uma cidade mais limpa, bonita e organizada, impulsionando assim o desenvolvimento nos aspectos ambientais, sociais e turísticos de Arroio do Meio.

O programa vai além, pois engloba diversos projetos e ações de conscientização, limpeza urbana e rural, como: Abrace um Jardim; Controle de Natalidade de Animais; Nossa Praia é Aqui; Jogue Limpo com sua Rua; Jogue Limpo com Arroio do Meio; Controle de Borrachudo.

O prêmio foi entregue 05 de novembro de 2019 na Assembleia Legislativa, em Porto Alegre, consagrando Arroio do Meio com o Prêmio Especial, com a maior pontuação entre 147 projetos inscritos.

Em 2019, o município de Arroio do Meio comemora o aniversário de 85 anos de emancipação político-administrativa. Para lembrar a data, a Administração Municipal criou e instituiu o selo comemorativo (FIGURA 125), que é utilizado na expedição de documentos oficiais e em eventos relacionados à data.



FIGURA 125: Selo comemorativo de aniversário dos 85 anos de emancipação política  
Fonte: Acervo da Assessoria de Imprensa de Arroio do Meio (2019).

Essa foi a trajetória dos prefeitos do município e de seus respectivos partidos na administração de Arroio do Meio, entre a emancipação política ocorrida em 1934 até 2019, ano do 85º aniversário. Ao longo desse período, a população do município pôde presenciar e viver fatos marcantes. São 85 anos de história. História feita por aqueles que nasceram ou elegeram Arroio do Meio para viver.

### **7.18.12.1 Composição da Câmara de Vereadores**

A Câmara de Vereadores é composta pelos representantes eleitos no ano de 2016 para a gestão 2017-2020, sendo do Partido Progressista - PP, Roque Haas, Vanderlei Majolo e José Elton Lorscheiter; representando o Partido Trabalhista Brasileiro - PTB, o vereador Pedro Volmir de Freitas Noronha; vinculado ao PDT - Partido Democrático Trabalhista, Darci Hergessel; e representando o Movimento Democrático Brasileiro - MDB, os vereadores Luiz Both, Adiles Mayer, Helena Matte, Marcelo Schneider, Paulo Volk e Rodrigo Kreutz.

A partir da criação do município, dos distritos, dos bairros e da organização administrativa, foram criados os símbolos de Arroio do Meio, o hino, a bandeira, o brasão e a flor, identificando e representando o município em eventos, cerimônias, documentos e missões oficiais.

## **7.19 Os símbolos que representam o município**

O símbolo é a representação convencional de algo. É convencional por ser o seu sentido, acordado pela comunidade que adota o referido símbolo. Segundo Berg (2013, p. 88), por meio dos símbolos: o hino nacional, a bandeira e o brasão de armas, um país independente expressa,

[...] sua identidade e soberania; eles são signos que carregam uma afinidade especial para as nações que representam, distinguindo-as umas das outras, e reafirmando suas fronteiras de identidade. Eles projetam valores culturais associados a uma identidade política e à idéia de pertencimento a uma nacionalidade.

As formas de apresentação do hino, da bandeira e do brasão de armas enquanto símbolos nacionais estão previstas na Constituição Federal, Lei nº 5.700, de 1º de setembro de 1971, pois como símbolos de uma nação, estado ou município devem ser respeitados, sendo considerado crime qualquer ato que os desonrem.

### **7.19.1 A canção de um lugar: Hino do Município**

Em 10 de outubro de 1953, o prefeito Theobaldo Käfer assina a Lei nº 30, de 10 de outubro de 1953, aprovada e sancionada pela Câmara Municipal de Vereadores, oficializando o Hino de Arroio do Meio. O artigo 1º da lei estabelece: “É oficializado o ‘Hino de Arroio do Meio’ que deverá ser entoado nas escolas municipais e particulares na ocasião de festas cívicas”.

O hino do município foi criado com a participação de alunos do Seminário Coração de Jesus. Foram elaboradas poesias, que, adaptadas, deram origem à letra do hino. A finalização da letra ficou a cargo dos padres João Alberto Hickmann e Heitor Rossato. A música é de autoria do compositor Cláudio Kerbes (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO..., 2010).

A letra do hino municipal trata a cidade como única e especial, “Salve flor, dentre as flores queridas”; contempla a religião do povo “O teu povo se imola ditoso; Pela Pátria, por Deus e por ti”; o povo incansável, o trabalho e a luta para tornar Arroio do Meio “mais rica e melhor”, assim como prevê um futuro “gigante” e integrado ao Brasil, onde “no trabalho faz grande o Brasil”.

Salve flor, dentre as flores queridas  
Terra moça, formosa e gentil  
Salve Arroio do Meio em que a vida  
No trabalho faz grande o Brasil

Salve Arroio do Meio brilhante  
Como a luz no esplendor do arrebol,  
Teu porvir é porvir de gigante  
D’ um futuro ridente de sol!

Salve Arroio do Meio formoso  
Terra nobre, que encanta e sorri,  
O teu povo se imola ditoso  
Pela pátria, por Deus e por ti!

No trabalho teu povo incansável,  
Generoso derrama suor  
A regar esta Terra adorável  
E a fazê-la mais rica e melhor!

### 7.19.2 A marca de um povo: Brasão do Município

Em 03 de outubro de 1968, o prefeito Arnesto Dalpian sancionou a lei que definiu o Brasão de Armas do Município (FIGURA 126). A Lei nº 21, aprovada pela Câmara Municipal de Vereadores, engloba em seu *layout* aspectos geográficos, políticos e econômicos:

ARNESTO DALPIAN, PREFEITO MUNICIPAL DE ARROIO DO MEIO.  
FAÇO SABER, que a Câmara Municipal de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º - É promulgado e definido o BRAZÃO DE ARMAS DO MUNICÍPIO DE ARROIO DO MEIO: um Escudo Português clássico, dividido em duas partes; a primeira parte, o campo em goles, 3 (três) linhas sinuosas em prata representando os três arroios – afluentes do Rio Taquari; na linha central, sobre-posta uma estrela em prata, símbolo em razão de ser geográfica do nome deste Município; dividindo os campos, um listel em prata simbolizando o Rio Taquari. Na ponta, em sinople, um ramo de soja e uma espiga de milho, em ouro, representando as principais culturas do Município. Um listel em sinople, a palavra ARROIO DO MEIO e as

datas: 1853 – da fundação da colônia de Arroio do Meio, - e 1934 – da emancipação política do Município; e em cima, uma coroa mural com quatro castelos fortes, representando os poderes: Executivo, Legislativo, Judiciário e Eclesiástico [...].

A partir da lei, o brasão começou a ser usado nos documentos emitidos pela prefeitura. Também determinava que o símbolo poderia ser usado por pessoas jurídicas ou físicas, mediante autorização da prefeitura.



FIGURA 126: Brasão do município, sancionado em 1968.  
Fonte: Acervo Assessoria de Imprensa de Arroio do Meio (2019).

### 7.19.3 As cores de um povo: a Bandeira do Município

A lei que institui o uso da Bandeira do Município (FIGURA 127) foi aprovada pela Câmara Municipal de Vereadores e sancionada pelo prefeito Benito Jacob Johann em 12 de abril de 1972. O artigo número um descreve a bandeira:

[...] ART. 1º - Fica instituída a Bandeira do Município de Arroio do Meio, em forma retangular, em pano de cor verde e branco, tendo um triângulo verde na parte inferior do lado esquerdo e na parte superior do lado direito e uma faixa branca, em diagonal, partindo da parte superior do lado esquerdo para o inferior do lado direito, e tendo estampado, no centro, sobre a faixa branca, o Braço de Armas do Município [...].

A Lei prevê que “este símbolo poderá ser hasteado nas repartições públicas, educacionais, casas comerciais, indústrias e particulares”. A criação da bandeira foi das irmãs Eda e Amélia, da Congregação das Irmãs da Divina Providência, que atuavam no Colégio São Miguel.



FIGURA 127: Bandeira do município de Arroio do Meio, seu uso foi sancionado em 1972.

Fonte: Acervo fotográfico da Assessoria de Imprensa de Arroio do Meio (2019).

#### 7.19.4 Hibisco: flor oficial do município

Adotada como flor oficial de Arroio do Meio, o Hibisco (FIGURA 128), pertencente à família das Malváceas, é popularmente conhecida como Mimo-de-Vênus, Hibisco-da-China ou Graxa-de-Soldado. O Decreto nº 1.198, de 25 de novembro de 1999, foi assinado pelo prefeito Paulo Steiner, que determinou,

[...] Art. 1º - Fica o “Hibisco” declarado a flor oficial do Município de Arroio do Meio, flor popularmente também conhecida por Mimo-de-vêus, Hibisco-da-china ou Graxa-de-soldado, da família das Malváceas, constituída em arbusto, de origem da Ásia-China, com porte adulto até três metros.

Art. 2º - As flores são grandes e vistosas, em cores variadas, florescendo quase o ano inteiro, tendo como polinizadores especialmente os beija-flores.

Art. 3º - As folhas mantêm-se sempre verdes, formato oval, no tamanho de até dez centímetros [...].

Essa flor é encontrada em abundância em Arroio do Meio e, conforme o decreto, “[...] o HIBISCO poderá ser adotado pelos arroio-meenses como flor símbolo de seu amor ao município”.



FIGURA 128: Hibisco, adotada como flor oficial do município.  
Fonte: Acervo fotográfico da Assessoria de Imprensa de Arroio do Meio (2019).



# Capítulo 8 – A religiosidade em Arroio do Meio

Bem antes do surgimento do Cristianismo, o homem já lidava com divindades. Povos de todos os continentes cultuavam algo “sagrado”, veneravam a natureza, os animais, buscando algo para se proteger, para ter boas colheitas, enfim, para se sentirem protegidos das dificuldades que lhe eram impostas.

A religiosidade, na sua condição de característica exclusivamente humana, revela um atributo do homem: a busca pelo sagrado. Sem especificar o que seja esse sagrado, tanto como fuga quanto como explicação para o real vivido, ou, ainda, para negociações e entendimentos com a ou as divindades na procura de resoluções de problemas cotidianos. Esse atributo humano não está referido a nenhuma religião específica, e é um domínio mais pertinente aos antropólogos e psicanalistas do que ao historiador (MANOEL, 2010).

Desde o Período Pré-Colonial, as crenças ou os ritos fazem parte do homem que habitou o Vale do Taquari. Na região de Arroio do Meio, as sociedades indígenas em suas aldeias cultivavam suas tradições e seus rituais. Após o século dezesseis, os europeus e, posteriormente, os africanos que aportaram em terras brasileiras, fizeram o mesmo: cultuavam as suas religiões e divindades.

Em pleno século vinte e um, a maioria dos cultos praticados tem base no Cristianismo, subdivididos em católicos, protestantes históricos, pentecostais e neopentecostais. Há igualmente no município, em menor número, seguidores da Doutrina Espírita, bem como os que seguem as crenças Afro-Brasileiras.

Este livro aborda as principais manifestações de fé da população do município, podendo haver pessoas de outras religiões aqui não relacionadas, ou pessoas que, em sua concepção, não praticam a crença em divindades. Algumas dessas manifestações não possuem sedes no município, dirigindo-se os seguidores delas para cidades próximas, a fim de praticá-las.

Em relação às principais manifestações religiosas em Arroio do Meio, no ano de 2016, o professor Roque Danilo Bersch organiza a obra: “Cultura, sociedade e igrejas: a comunidade de Arroio do do Meio escreve sua história”. De acordo com Bersch (2016, p. 19), a temática do livro aborda,

- a) A história da atuação mais que secular das três organizações religiosas presentes, desde o início, na comunidade do atual município de Arroio do Meio-RS.
- b) A leitura crítica: relação entre as atividades das comunidades de fé e o desenvolvimento da sociedade global, na visão da população em geral, de lideranças locais das três igrejas e de especialistas.

A equipe que elaborou o livro foi composta por: Roque Danilo Bersch, Alfonso Antoni, Carla Jaqueline Schroeder, Egídio Valdir Grün, Maria Dolores Bersch, Milton Schmidt, Euclides Scheid, Paulo Steiner, Paulo Alécio

## 8.1 A religiosidade no período pré-colonial: as crenças e os rituais

Desde os primórdios da humanidade, as sociedades indígenas se deslocam de um lugar ao outro. Um desses grupos que tinha como prática a migração era os indígenas Guarani. Essa infinita movimentação indígena tinha por objetivo a busca pelo paraíso terrestre, a “Terra do sem mal”. Conforme Bittencourt (2008), esse assunto é comentado em literaturas desde o século dezanove até os dias atuais.

Segundo Ladeira (2007, p. 81), “a busca da ‘terra sem mal’ motivou grandes migrações religiosas guaranis”. A pesquisadora tomou o depoimento de um indígena Guarani contemporâneo em 1999 que revela:

Em *yvy marãey* [terra sem mal], todos se levantavam bem e se cumprimentavam com alegria, ninguém fica bravo nem briga. Em *yvy marãey*, tudo é bom e se vive feliz, porque não existe o mal, só se vê o bem. Lá, a alegria também é eterna. Isso eu ouvi dos antigos avós (LADEIRA, 2007, p. 81).

Ainda não são conhecidas as razões para esses deslocamentos de grupos familiares Guarani. Mesmo antes da chegada do europeu e ao longo da colonização, a mobilidade Guarani deve ser compreendida no conjunto de seus movimentos, envolvendo motivações religiosas e a dinâmica do parentesco, bem como a pressão sofrida, motivada pelo homem que chegou aqui e tomou suas terras (LADEIRA, 2007).

Os Guarani acreditavam na sobrevivência da alma, assim como num Ser Supremo e em divindades menores. Tinham seus líderes religiosos, os xamãs ou pagés, que podiam ser tanto homens como mulheres. Estes possuíam o dom de se comunicar com os “espíritos, interpretavam sonhos, afastavam maus olhados e eram consultados pela tribo quanto ao destino das excursões guerreiras, na caça e na agricultura” (LAROQUE, 2002, p. 139).

Outro grupo que habitou o Vale do Taquari foram indígenas Jê Meridionais, que acreditavam também na sobrevivência da alma. As funções religiosas eram realizadas pelo Xamã ou feiticeiro, que desempenhavam o papel de mediadores nos diferentes aspectos da vida grupal. As mulheres velhas da tribo, assim como os Xamãs, tinham atribuições importantes e se encarregavam de certos segredos relacionados à saúde e à procriação (LAROQUE, 2002).

Esse grupo praticava rituais de iniciação para ambos os sexos e o culto aos mortos. Em relação aos mortos, é preciso destacar o profundo respeito que tinham com eles e o apego às terras onde estão enterrados seus umbigos, locais usados como referência de sua ocupação e reocupação. Outro aspecto

importante é o mito de origem, baseado em uma visão de dualidade, metades que se completam. São as parcialidades Kaingang.<sup>47</sup>

## 8.2 As igrejas cristãs

A partir da cisão do Cristianismo, a igreja cristã dividiu-se em numerosos credos religiosos. Para Azevedo (1999, p. 135), entende-se como Cristianismo “religião fundada por Jesus Cristo cujos dogmas e princípios gravitam em torno de sua vida, da interpretação de seus postulados e dos seus milagres”. O ensinamento cristão está descrito em uma das partes da Bíblia, o Novo Testamento, sendo considerada uma revelação definitiva e necessária aos homens. O Cristianismo tem suas origens buscadas na tradição judaica, em especial, no milenarismo e em documentos de caráter missionário, os evangelhos.

Segundo Bueno (2009, p. 143), a Igreja católica-romana se organiza alguns anos após a morte de Cristo, “é floresce como religião estruturada, organizada em uma hierarquia sacerdotal, durante séculos, ganhando poder e supremacia quando de sua aproximação dos monarcas”. Entretanto, a hierarquia e a obediência à Igreja de Roma e seus dogmas começam a encontrar críticos ao longo dos tempos, que se rebelam contra ela e seu apostolado, gerando rupturas. Foi o caso do Cisma do Oriente em 1054, que dividiu as igrejas cristãs do oriente e do ocidente, sendo a primeira chefiada pelo imperador e a segunda, pelo papa.

Outra ruptura foi a Reforma Protestante iniciada pelo monge Martinho Lutero, por volta de 1517. A Reforma cria outros caminhos para a fé, rompendo igualmente com a obediência ao clero de Roma. Lutero se insurgiu contra a venda de indulgência escrevendo “As 95 teses”, nas quais criticava abertamente a Igreja quanto à adulteração dos sentidos das palavras sagradas, sem poupar críticas ao próprio papa Leão X. Em 1520, o papa condena-o como herege na Bula *Exsurge Domine*, ordenando aos cristãos que queimassem os livros de Lutero. A resposta de Lutero foi queimar a Bula, um documento papal, diante da multidão atônita (BUENO, 2009).

Sendo assim, segundo Azevedo (1999, p. 135), “a fidelidade cristã costuma ser abrangida por três Igrejas, a Católica, a Ortodoxa e a Protestante”. Como Catolicismo, entende-se a modalidade do Cristianismo exercida pela Igreja Católica Romana. Os ortodoxos são os seguidores da Igreja Ortodoxa, conhecida também como Igreja Oriental, a qual resultou do cisma, divisão ocorrida no catolicismo em 1054. Para o autor, o Protestantismo “é um dos três ramos do cristianismo, sua história está intimamente vinculada à Reforma” (AZEVEDO, 1999, p. 369).

Como consequência do Cisma do Oriente e da Reforma Protestante, surgiram outras tradições cristãs. Todas se assemelham quanto à crença nos Evangelhos e em Jesus Cristo como único Deus, divergindo quanto às

---

47 Disponível on-line em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaingang>>. Acesso em 30 mai. 2019.

interpretações e outros temas de caráter comportamental, como a obediência ao papa, guardar o sábado, entre outros (BUENO, 2009).

No mundo ocidental, na América Latina, particularmente, o predomínio religioso se encontra na Igreja Católica Romana. O termo evangélico abrange as igrejas protestantes históricas, Luterana, Anglicana, Presbiteriana, Metodista, Batista, Adventista, as pentecostais, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Congregação Cristã no Brasil, Brasil para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção, entre outras, e as neopentecostais, Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça de Deus, Renascer em Cristo, Sara Nossa Terra (MARIANO, 2004).

O pentecostalismo distingue-se do protestantismo histórico, do qual é herdeiro, por pregar a crença na contemporaneidade dos dons do Espírito Santo, entre os quais se destacam os dons de línguas (glossolalia), cura e discernimento de espíritos, e por defender a retomada de crenças e práticas do cristianismo primitivo, como a cura de enfermos, a expulsão de demônios, a concessão divina de bênçãos e a realização de milagres (MARIANO, 2004).

Formado no início do século vinte nos Estados Unidos, o pentecostalismo vem crescendo em vários países em desenvolvimento do Sul do Pacífico, da África, do Leste e do Sudeste da Ásia, sobretudo da América Latina, onde o Brasil se destaca abrigando cerca de trinta milhões de evangélicos (MARIANO, 2004).

### 8.3 Espiritismo

A Doutrina Espírita ou Espiritismo é o conjunto de princípios e leis a partir da codificação de mensagens atribuídas a diversos espíritos, contidas nas obras de Allan Kardec. O Espiritismo surgiu na França em 1857 (MIGUEL, 2009).

As obras de Kardec, que viriam a expor e compor a teoria científico-filosófica do espiritismo, entre elas “O livro dos espíritos”, traziam, conforme Lima (2009, p. 112), entre outras questões,

[...] a possibilidade de novas interpretações sobre as leis morais, as leis da justiça divina, o direito natural, a possibilidade de evolução dos espíritos, a diversidade dos mundos habitados, a relação dos espíritos com os homens, bem como a proposta da fé raciocinada, sugerindo que não havia a necessidade da presença de um padre ou pastor a intermediar a relação criatura-criador, retomando a noção filosófica do *religare*, como sentido primordial da religião.

O conjunto de obras de Allan Kardec e que compõe a Doutrina Espírita chegou aos leitores brasileiros, ainda no original francês, em 1875. As primeiras traduções brasileiras foram atribuídas ao médico Joaquim Carlos Travassos, no Rio de Janeiro, para “O livro dos espíritos”.

A partir do conteúdo das obras de Kardec, o homem seria capaz de se conhecer e, para se conhecer, deveria contemplar-se e observar-se como criatura. Seu criador deixou-lhe gravado na consciência suas leis, isto é, semelhante a um

mapa de sua trajetória evolutiva. O pensamento filosófico kardecista incentiva o uso da razão frente ao sentimento de fé, discernindo o certo e o errado grafado nas consciências (LIMA, 2009).

#### **8.4 As religiões afro-brasileiras**

Religiões afro-brasileiras referem-se a práticas e concepções religiosas trazidas pelos escravizados africanos, voltadas a antigas tradições, que, ao longo dos anos, incorporaram elementos das cosmologias e práticas indígenas, bem como do catolicismo (BANAGGIA, 2008).

Segundo Prandi (2004, p. 05), as religiões afro-brasileiras são uma espécie de “instituição de resistência cultural, primeiramente dos africanos, e depois dos afro-descendentes, resistência à escravidão e aos mecanismos de dominação da sociedade branca e cristã que marginalizou os negros e os mestiços [...]”. As mais antigas religiões afro-brasileiras foram concebidas no século dezenove, pois o catolicismo era a religião oficial no Brasil até a Proclamação da República, em 1889.

Mesmo enquanto escravizado, e especialmente depois da abolição, era premissa básica ser católico. Sendo assim, os negros recriaram no país as religiões africanas dos orixás, voduns e inquices, apesar de dizerem serem católicos. Além dos “rituais de seus ancestrais, frequentavam também os ritos católicos” (PRANDI, 2007, p. 16).

Desde a sua constituição, as religiões afro-brasileiras se fizeram sincréticas, isto é, estabeleceram paralelismos entre divindades africanas e santos católicos. Valorizavam a frequência aos ritos e sacramentos da igreja. Segundo Prandi (2007), isso aconteceu com o candomblé na Bahia, o xangô de Pernambuco, o batuque do Rio Grande do Sul e outras denominações. Porém, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, todas elas foram catalogadas como candomblé. Ainda é comum, mesmo com a liberdade da escolha religiosa no Brasil, seguidores das religiões afro-brasileiras se declararem católicos.

A estruturação do batuque no Estado do Rio Grande do Sul presume-se que tenha ocorrido desde o início do século dezenove na região de Rio Grande e Pelotas, locais onde teriam sido fundados os primeiros terreiros. O batuque é uma religião que cultua doze orixás, divide-se em lados ou nações, tendo sido, historicamente, as mais importantes Oyó, Jeje, Ijexá, Cabinda e Nagô (ORO, 2002).

Há até bem pouco tempo as religiões afro-brasileiras eram proibidas, perseguidas pelos órgãos oficiais. Ainda continuam sofrendo agressões, seguem sob forte preconceito, o mesmo preconceito que se volta contra os negros, independentemente de religião (PRANDI, 2007).

## 8.5 A religião entre os imigrantes alemães e italianos e seus descendentes

Os imigrantes eram pontuados por homogeneidade étnica, e, pelo isolamento geográfico, mantiveram costumes reconhecidos como próprios. Conservavam práticas de leitura e uma relativa taxa de alfabetização. Outro aspecto para a manutenção de uma identidade imigrante foi a religião. A construção de capelas foi fundamental, pois essas passaram a ser locais de organização da vida social das comunidades (SEIDEL, 2003).

Para os primeiros imigrantes alemães que se instalaram no município de Arroio do Meio, a participação nas celebrações religiosas e missas era esporádica, pois dependia da vinda de sacerdotes de outras localidades. Ainda assim, a maioria dos imigrantes não deixou as práticas religiosas de lado - a reza do terço era comum entre as famílias.

A ausência de um agente oficial da Igreja fez com que surgisse, nas colônias, a figura do padre leigo, indivíduo com alguns conhecimentos em latim e em liturgia que realizava algumas celebrações (SEIDEL, 2003).

Para os imigrantes italianos, “na perspectiva católica cristã”, não só o corpo deveria ser alimentado, mas especialmente o espírito. Segundo Santos e Zanini (2008, p. 261), “mesmo pobres, aqueles emigrados construíram suntuosas capelas e igrejas em todo o Rio Grande do Sul e as adornaram de uma forma enriquecida, com beleza e requinte, coisa que a grande maioria não tinha em suas próprias casas”.

Imigrantes católicos e luteranos tinham, porém, suas “diferenças”. Conforme Bersch *et. al.* (2006, p. 61),

No Brasil, o Príncipe Regente Dom Pedro I, católico como os reis de Portugal, determinara no Decreto sobre Colonização de 1820, que as pessoas que quisessem estabelecer-se no Brasil deviam adotar essa religião. [...] Em 1824, ela foi corrigida parcialmente pelo Parlamento que passou a assessorar Dom Pedro I quando este assumiu o governo como imperador. Uma constituição, aprovada em março daquele ano, implantou a liberdade religiosa no Brasil. Permaneciam, porém, empecilhos para os imigrantes de outros credos, como, por exemplo, o de que somente os matrimônios celebrados na Igreja Católica eram oficialmente reconhecidos. Somente a Constituição da República, em 1890, modificou essa situação.

Na Europa, a questão religiosa, principalmente para aquelas pessoas mais humildes, distantes do poder, “influenciava suas convicções pessoais e, muitas vezes, estas passavam a assumir a guerra como uma causa santa” (BERSCH *et. al.*, 2006, p. 62).

Para o autor, no Brasil, em meados do século vinte,

[...] quando teólogos jesuítas de São Leopoldo promoviam estudos sobre o ecumenismo, “com os teólogos luteranos estabelecidos na mesma cidade, os sacerdotes formados segundo a antiga orientação da mesma ordem religiosa ainda mantinham o zelo por afastar seus paroquianos das ‘nefastas influências de outras crenças’, recomendando distância entre jovens

e famílias de outras religiões durante as atividades de lazer, medida que diminuiria o risco de casamentos mistos (BERSCH *et. al.*, 2006, p. 63).

Essa situação permaneceu na região. Eram evitados casamentos entre pessoas de credos diferentes, isto é, os jovens eram aconselhados a não se relacionar com outros jovens que seguiam alguma outra religião.

## **8.6 As comunidades religiosas do município de Arroio do Meio**

Neste subcapítulo estão arroladas algumas das principais comunidades religiosas do município. Observa-se que as Comunidades Luteranas, bem como a Católica, contam com mais membros. Para a pesquisa, foram utilizados os Livros Tombos das Igrejas Católicas de Estrela, Lajeado e Arroio do Meio, informações dos pastores luteranos e de outros membros das comunidades, assim como depoimentos dos pastores das Igrejas Pentecostais. Foram utilizadas também reportagens veiculadas em jornais da região, para descrever a religiosidade do povo de Arroio do Meio.

## **8.7 Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro**

Em 1849, chegaram os primeiros jesuítas alemães ao Estado. O objetivo era trabalhar com os imigrantes alemães, pois, desde a vinda dos primeiros colonos, em 1824, estavam sem o devido “atendimento religioso”. Dedicaram-se às missões populares, atendendo diversas regiões onde imigrantes alemães haviam se instalado (PROVÍNCIA..., 2009).

Mais tarde, antes da criação da Paróquia Santo Antônio de Estrela, os católicos da antiga colônia de Arroio do Meio recebiam assistência religiosa dos padres que se deslocaram eventualmente de São Leopoldo e Santa Cruz do Sul (ESTUDO..., 1961).

Com a criação da Paróquia de Estrela, em 02 de abril 1873, os padres desta instituição passaram a atender os imigrantes católicos e seus descendentes do atual município de Arroio do Meio. Entre esses padres, o vigário Padre Francisco Schleipen (LIVRO, 1873).

A área que o Padre Schleipen atendia era extensa. Registro do sacerdote no Livro Tombo da Paróquia Santo Antônio de Estrela (1873, p. 01v - 02), com o título de “Portaria Limites”, demarca a atuação da referida instituição. Entre esses limites enquadrava-se o atual município de Arroio do Meio. O texto da Portaria estabelece que,

No mez de Agosto de mil oitocentos setenta quatro comunicou se ao R. P. Vigario Francisco Schleipen com o fim de ser registrado no livro de Tombo a portaria seguinte: Bispado de S. Pedro do Sul em Porto Alegre 24 de Agosto de 1874. Attendendo ao que Nos requererão digo representarão os moradores do arroio castelhano pertencente a Freguesia de Santo Amaro, e de conformidade com as informações que temos a vista, Havemos por bem desmembrar da dita Freguesia, de Santo Amaro, e incorporar a Freguesia de Santo Antonio da Estrela o territorio determinado pelas divisas seguintes: a

partir da foz do arroio Castelhana e por elle acima ate encontrar o travesão da sesmaria do Desterro e por este até o arroio Sampaio e seguindo este até as suas vertentes, e secortará ao rumo do oeste até cahir na estrada de Santa Cruz, e d'ahi acompanhando esta até o lugar denominado – Quatro leguas – continuará o rumo de leste a encontrar o arroio Fan e por este abaixo até sua barra na Forqueta e d'este lugar em linha recta até encontrar o Taquaral na picada que do Forqueta Bravo vae ao Campo do Meio e d'ahi a rumo de leste a encontrar o arroio Carreiro e cruzando este até o lugar denominado – Estiva, e dahi a rumo de leste a ir ter ao arroio Feliz, e por elle abaixo até o rio das Antas. Mandamos portanto que assim se cumpra, transmittindo-se copia da presente aos Rev<sup>do</sup> Vigario das Freguesias de Santo Amaro e de Santo Ant<sup>o</sup> da Estrella, bem como ao R<sup>do</sup> Conego Vigario da Vara da Villa de Taquari para sua intelligencia e governo. - + Sebastião Bispo o Rio Grande do Sul. Camra Eclesiastica do Bispado em Porto Ale 25 d' Agosto de 1874. Conforme o secretario do Bispado Conego Francisco Ant<sup>o</sup> [ilegível] d' Oliv<sup>ra</sup>, conforme copia enviada – ia fidem Parochia O Vig<sup>o</sup> P. Eug<sup>o</sup> Steinhart.

A partir de maio de 1881, com a fundação da Paróquia Santo Inácio de Conventos (hoje Lajeado), os padres desta foram encarregados de fazer o atendimento aos cristãos católicos do atual município de Arroio do Meio. Uma vez criada a Paróquia Santo Inácio, seus limites alteraram-se. Entretanto, as comunidades da margem direita do Rio Taquari permaneceram como estavam anteriormente, segundo o texto do Padre Eugênio Steinhorst, vigário e administrador da paróquia. Como o atual município de Arroio do Meio estava sob jurisdição de Lajeado, o sacerdote ia frequentemente atender aos fiéis.

Por não haver capela, as missas eram rezadas no salão comercial de propriedade de Felipe Christ, morador da sede do povoado. Atualmente, esse prédio localizar-se-ia na Rua Dr. João Carlos Machado, quase defronte à Rua Maurício Cardoso (THOMÉ, 1996).

Mas os católicos de Arroio do Meio pleiteavam mais. Por isso, em 29 de junho de 1882, é concedida licença a Joaquim Pereira Fialho de Vargas, proprietário de terras em Arroio do Meio, para a construção de uma capela que se chamou Nossa Senhora do Auxílio. O Vigário Steinhorst registra o evento no Livro Tombo (1881, p. 02 - 02v, ) da Paróquia Santo Inácio. Nele consta:

Aos vinte nove de Junho de mil oitocentos oitenta does, na festa dos Santos Apostolos Pedro e Paulo, tendo concorrido grande multidão de povo benzi solenemente na forma do Ritual Rom<sup>o</sup> a pedra fundamental da Capella de que trata a provisão seguinte: Dom Sebastião Dias Larangeira etc. Aos que a presente virem saude e benção. Fazemos saber que attendendo ao que nos requereu Joaquim Pereira Fialho de Vargas pela presente lhe concedemos licença para edificar uma Capella em um terreno na margem direita do rio Taquary e outras terras do Arroio grande e arroio do meio com cem palmos de frente e cento cincoenta de fundo com frente ao sul e fundos ao Norte, sito no segundo districto da freguesia de Santo Ant<sup>o</sup> da Estrella, sob a invocação de Nossa Senhora do Auxilio como tudo consta de Escriptura publica que nos apresentou e fica archivada cumprindo que a mesma Capella seja construida de pedra e cal com toda solidez que a torne bastante duravel, pois convem ter em lembrança que não devem taes edificios ser somente para gozo e utilidade dos feis existentes, mas tambem dos vindouros, pelo que devem ser igualmente construidos com proporções

para acomodar grande numero de fieis. Esperamos da piedade e zelo do Supp<sup>o</sup> Joaquim Pereira Fialho de Vargas que concorrerá para o desempenho do serviço e [ilegível] da mencionada capella e authorisamos ao R<sup>do</sup> Parocho respectivo a benzer a sua pedra fundamental na forma do Ritual Romano. Mandamos portanto que esta Nossa Provisão seja fielmente esecutada e registrada onde convier ficando salvo todos os direitos parocheaes. Dada na Camara Ecclesiastica em Porto Alegre sob signal e sello de Nossas armas aos 3 de março de 1876. Eu o Conego Francisco Ant<sup>o</sup> Pereira d' Oliveira Secretario do Bispado subscrevi. + Sebastião Bispo do Rio Grande. Lugar do Sello episc. [ilegível]. Concorda com o original do que dou fé. P. Eug<sup>o</sup> Steinhart. Vig<sup>o</sup> Adm<sup>dor.</sup>

Além de conceder a licença, o padre, na ocasião, benzeu solenemente na forma do Ritual Romano a pedra fundamental da capela. O documento registra que a estrutura da igreja deveria ser sólida para abrigar não só os fiéis da época, mas também as futuras gerações. Joaquim Pereira Fialho de Vargas fez a doação do terreno para a construção do referido prédio e, segundo o padre, a área da futura igreja era ainda mato. Em 1886 é concluída a construção da capela (FIGURA 129).

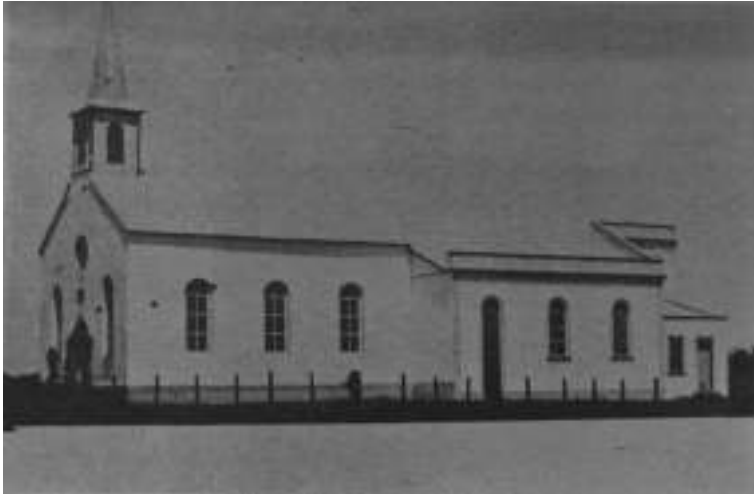


FIGURA 129: Capela de Arroio do Meio, benta em 1907.  
Fonte: Träsel (1969, p.53).

Após a construção da capela e até que fosse efetivada a criação da paróquia, a comunidade do povoado da antiga Arroio do Meio teve a satisfação de receber a visita do Bispo Dom Claudio José Gonçalves Ponce de Leão. Em 29 de janeiro de 1893 chegou ao povoado e, nos dias 30 e 31 do mesmo mês, crismou 674 fiéis. Conforme relato do Vigário da Paróquia de Lajeado, João Halltmeyer, a passagem de Dom Cláudio foi marcante, “animando o povo e consolando todos os dias com sermões paternais, dando a Capela Nossa Senhora do Auxílio uma Alva Superior” (LIVRO, 1881).

A capela erguida em finais do século dezenove passou por reformas em 1907. Para aumentar o espaço e ter condições de receber mais fiéis, o prédio foi

alargado. Depois de mais de um ano de melhorias, os católicos puderam a utilizar novamente em novembro de 1908, com um novo Altar Mor, que foi doado pela família Möesch (LIVRO, 1920).

No Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (1920, 01 - 01v), o Padre Oscar Zoller registra que existiam algumas anotações feitas pelos padres de Lajeado entre 1882 e 1920. O padre relata que tais documentos iam servir como um livro toambo da Igreja,

[...] Existiu nesta igreja administrada pelos Padres de Lageado um Diário contendo as actas essencias do passado. Aquelle diario será conservado e servirá como livro toambo para o tempo passado. O padre Schleipen vinha da Estrella para dizer missa nos anos mil oitocentos setenta um pouco mais ou menos no negocio do Sr. Glaist[?], depois do P. Schleipen veio P. Steinhart, P., Locher e P. Schleppep. Depois de erigida a parochia de Lageado essa zona foi visitada pelo P. Haltmeyer nos anos mil oitocentos oitenta e seis. Os coadjutores eram P. Weber e P. Keller. O sucessor do P. Haltmeyer em Lageado era P. Bolle, depois desse veio P. Gasper. A pedra fundamental da primeira capella foi erigida em Junho de mil oitocentos oitenta e dois. O terreno foi doado pelo Sr. Fialho, tudo ainda era matto [...].

Em 1916 os arroio-meenses vêm seu sonho concretizado - finalmente é criada a Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (ESTUDO..., 1961). De acordo com o Livro Tombo da Paróquia Santo Inácio (1881, p. 23v),

[...] Por provisão de nove de março de 1916 foi canonicamente creada a freguesia de N S do Perpétuo Socorro da Barra do Arroio do Meio, dismembrada da freguesia de Lageado, sendo o Vigário P Emílio Reichmuth encarregado da nova parochia. O Vig. P. Emílio Reichmuth [...].

O Livro Tombo da Paróquia de Arroio do Meio (1920, 01v) também registra a criação da paróquia, conforme cópia da fundação estabelecida em 09 de março de 1916 por Dom João Becker, Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre:

Copia da fundação da parochia:

Dom João Becker, por Merçe de Deus e da Santa Sé Apostolica Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre.

Aos que esta Nossa Provisão virem, Saudação, Paz e Benção em Nosso Sr. Jesus Christo.

Havendo Nós considerado a necessidade de melhor attender aos fieis da circuncrição denominada: Arroio do Meio, tendo ouvido o parecer de Nosso consultores, tendo presente as informações do Rev. P. Vigario de Lageado e seguindo as mais normas do direito, Havemos por bem, em virtude das Nossas facultades ordinarias, dismembrar e erigir em Parochia, sob a invocação titular de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro da Barra do Arroio do Meio [...].

Pela determinação do Arcebispo Dom João Becker, a paróquia tinha todos os direitos e privilégios de acordo com o que era estabelecido pela Arquidiocese e nela seriam administrados os sacramentos dos fiéis, “bem como será o centro de toda a assistência espiritual” (LIVRO,1920).

Por determinação do Arcebispo, o Padre Emílio Reichmuth acumulava as funções como vigário em Lajeado e o atendimento a Arroio do Meio. Outros sacerdotes estabelecidos na Paróquia Santo Inácio auxiliavam o Padre Reichmuth, os chamados coadjutores, entre eles, os sacerdotes jesuítas Weber e Keller.

Quatro anos mais tarde, toma posse o primeiro vigário de Arroio do Meio, Padre João Rick, da Companhia de Jesus. A posse ocorreu em 07 de março de 1920, conforme o Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (1920, p.01),

Anno 1920

Acta da posse do primeiro Vigário de Arroio do Meio

Aos sete de Março do ano mil novecentos e vinte pelas nove horas da manhã nesta matriz de Arroio do Meio em minha presença compareceu acompanhado da testemunha abaixo assignada o Rev. P. João Rick S. J. Vigário desta freguesia nomeado por provisão de Sua Exc<sup>a</sup>. Rev<sup>ndo</sup> Dom João Becker, arcebispo metropolitano de Porto Alegre, e em acta seguida precedi a introdução na posse desta freguesia observando ceremonial [ilegível] sem que houvesse contestação alguma. E para constar lavrei esta acta, que assigno como novo Parocho e testemunhas designadas.

Arroio do Meio, 7 de março de 1920

P. Oscar Zoller, Vigário Foraneo

P. João Rick

test. Henrique Pochmann, Antonio Ritt.

João Evangelista Rick (FIGURA 130) nasceu em Dornbirn, na Áustria, no dia 19 de janeiro de 1869, ingressando na Companhia de Jesus, em Blyenbeck, Holanda, no dia 1º de outubro de 1887. Em 1891, iniciou o curso de Filosofia no Colégio Canisiano, e em 1898 fez Teologia no Colégio Santo Inácio, ambos na Holanda. Foi professor de Matemática e História Natural (PROVÍNCIA..., 2009).



FIGURA 130: Padre João Rick SJ

Fonte: Acervo fotográfico da Província Meridional do Brasil (2010).

Nos anos de magistério em Feldkirch, na Holanda, João Rick conheceu o micólogo P. Jerônimo Bresadola e, sob sua direção, entregou-se ao estudo da micologia<sup>48</sup>. P. João Rick viajou para o Brasil em companhia dos confrades P. Zartmann, P. Lütgen e P. Lanz. Chegou em São Leopoldo em setembro de 1903. Foi destinado ao Colégio Conceição, para ser professor de Matemática e Ciências Naturais. Continuou suas pesquisas e descobertas micológicas (PROVÍNCIA..., 2010).

A riqueza da flora micológica do Brasil tornou-se conhecida nos centros científicos da Europa e América do Norte graças aos trabalhos do P. Rick. Ele deixou uma coleção de cerca de 13.000 fungos, contendo perto de 4.000 espécies. Suas publicações sobre fungos rio-grandenses atingem cerca de mil páginas impressas. Rick é o grande pioneiro da micologia no Brasil Meridional. O trabalho micológico (fungos) começou em 1897 e durou até as vésperas de sua morte.

No decurso de 48 anos (1898-1946), editou 71 artigos micológicos, com 1.226 páginas e 47 tábuas, em revistas austríacas, alemãs, argentinas e brasileiras, em Alemão, Latim e Português. Em nossa Província, o P. Rick influenciou o estudo científico do P. Fernando Theissen e do P. Balduino Rambo, entre outros. Em 1976, a coleção científica do P. Rick passou ao Instituto Anchietano de Pesquisas, em São Leopoldo.

Em 1921, após deixar o então distrito de Arroio do Meio, foi para São Sebastião do Caí, onde foi auxiliar paroquial na paróquia da mesma cidade. Faleceu em Salvador do Sul, no dia 06 de junho de 1946. Tinha 77 anos de idade, 58 de Companhia e 44 de sacerdócio. Em 1976, seus restos mortais foram transferidos para Itapiranga, Santa Catarina, junto à Igreja Matriz, uma vez que ele foi o fundador desta colônia, a Porto Novo (PROVÍNCIA..., 2009).

A Companhia de Jesus retirou-se da paróquia em 1927, conforme registro no Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (1920, p. 06), “26.11 – Chega a notícia de Lajeado, que esta paróquia será entregue ao clero secular”. O primeiro padre a assumir foi Pedro Drebel, em 21 de janeiro de 1928.

Com o passar dos anos e com o crescimento demográfico do Distrito de Arroio do Meio, houve a necessidade de se construir uma nova Igreja Matriz. Segundo as próprias palavras do cônego Jacob Seger (LIVRO, 1920, p. 36),

Pouco tempo depois de ter tomado posse desta paróquia em 31 de março de 1929, resolvi movimentar a construção de uma nova Matriz, visto a antiga [...], não corresponder mais com o progresso da paróquia em geral. [...].

O Arcebispo de Porto Alegre, Dom João Becker, aconselhou o padre Jacob Seger a esperar, entretanto, mais cinco anos para o início da obra, uma vez que os recursos arrecadados das paróquias deveriam ser canalizados para a construção de uma nova Catedral Metropolitana em Porto Alegre. Decorridos os cinco anos, a construção teve que ser novamente adiada, pois a colônia de Arroio do Meio estava enfrentando “uma crise econômica”. Além disso, era desejo

---

48 Micologia: estudo dos fungos (Houaiss, Villar e Franco, 2001).

da Arquidiocese a construção de um novo seminário, necessitando de muitos recursos oriundos das paróquias. Na época, a paróquia ofereceu um terreno para a construção do seminário, porém, a cidade de Gravataí foi a contemplada (LIVRO, 1920).

Finalmente, em março de 1938, é aprovada a planta da nova matriz. Assim foi formada uma comissão para dar início à obra, composta por Wendelino Bruxel, presidente; Waldemar Moesch, tesoureiro; e Bruno Oscar Brod, secretário. Como conselheiros, Edgar Ruschel, Reinoldo Bruxel, Nicolau Kalsing, Jacob Steffens e Alfredo Kloeckner. Integrados ao grupo estavam também Henrique Thomas, João Graeff, Pedro Edmundo Brentano, Fridolino Schwarzer, Frederico Halmenschlager, Pedro Fritzen, Arnaldo Scheid, Alfredo Kreutz, Alfredo Marder, Theobaldo Wildner, Francisco Schroeder, João Brod Sobrinho, Mathias Koerbes Filho, Carlos Koch, Cristiano Scheid, Benno Traesel e Bertholdo Majolo. Segundo o Padre Seger, “a mão-de-obra foi entregue de empreitada ao constructor José Pohl, obrigando-se a Comissão a fornecer todo o material” (LIVRO, 1920, p. 37v).

Após a demolição da antiga Igreja e durante o período da construção da nova (FIGURA 131), as missas e outras cerimônias religiosas passaram a ser celebradas no salão de festas da Aliança Católica.



FIGURA 131: Construção de Igreja Matriz, de Arroio do Meio, entre 1938 e 1940  
Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2010).

Concluída a obra, a nova Igreja Matriz foi inaugurada em 15 de dezembro de 1940 com um grande festejo. Milhares de pessoas se aglomeraram no local contemplando o novo templo.

Em função do início dos conflitos da Segunda Guerra, em 1939, o Governo Federal e as autoridades eclesiásticas reuniram-se no Rio de Janeiro deliberando sobre as celebrações e as pregações no território nacional. Entre as resoluções ficou decidido que as missas deveriam ocorrer na Língua Portuguesa, podendo, no entanto, ser repetida em língua estrangeira para melhor compreensão da plateia.

Mais tarde, com o transcorrer da Guerra, o Brasil rompeu relações com os países do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) e, por ordem do Governo, é proibida a realização de missas e cultos nas línguas dos mencionados países. Em 03 de fevereiro de 1942, o Arcebispo Metropolitano enviou circular à paróquia determinando a suspensão de celebrações nas línguas dos países envolvidos (LIVRO, 1920).

Após 1928, os padres jesuítas se retiram da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro. Assim, no período diocesano, desempenham as funções de pároco os padres: Pedro Drebel, Jacob Seger, Estanislau Augusto Mallmann, Edmundo Reckziegel, Silvério Schneiders, Dionísio Roque Kist, Antônio Zeno Graeff, Zeno Rech, Décio Francisco Weber, Astôr Backes, Paulo Hoffmann e Alfonso Antoni (BERSCH, 2016).

A Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (FIGURA 132) pertence à Diocese de Santa Cruz do Sul, que tem como Bispo Dom Aloísio Alberto Dilli nomeado pelo Papa Francisco.



FIGURA 132: Igreja Matriz e casa paroquial

Fonte: Prefeitura Municipal de Arroio do Meio). Crédito: Tax Imagens Aéreas (2019).

A paróquia possui 22 comunidades constituídas e cinco lugares de celebrações. Para atender a população católica, a equipe é composta pelo pároco Padre Alfonso Antoni, que está à frente da comunidade desde 2013, pelo vigário paroquial, Padre Décio Weber, e pelo diácono permanente, Euclides Kuhn.

Como a Igreja passou a ser um local de organização da vida social das comunidades, e preocupada com a educação e a saúde, a participação da paróquia foi decisiva para a criação e a fundação de diversas instituições em Arroio do Meio. Entre essas entidades destacam-se o Seminário Sagrado Coração de Jesus.

## 8.8 Seminário Sagrado Coração de Jesus

Para os católicos de Arroio do Meio, uma notícia que repercutiu bastante foi a criação de um seminário. Em visita à cidade, o Arcebispo Vicente Scherer comunica a possibilidade de instalação de uma instituição desse gênero no Alto Taquari. Dias após a mobilização da comunidade, veio a confirmação de que a proposta encaminhada por Arroio do Meio tinha sido aceita: a doação de pouco mais de nove hectares de terra com casa de material de dois pisos, totalizando cem contos de réis.

O seminário (FIGURA 133) é inaugurado em 05 de março de 1950. O Pré-Seminário Sagrado Coração de Jesus destinava-se à formação de sacerdotes no seu currículo inicial. Em 07 de março, as aulas se iniciaram sob direção do Padre Hugo Wolkmer.

Infelizmente, entre os anos de 1985 e 1986, o seminário esteve fechado. Reaberto em 1º de março de 1987, “já então destinado ao curso propedêutico, centro vocacional e centro diocesano da pastoral da juventude”, ficou a cargo do Padre Gentil Delazeri (THOMÉ, 1996, p. 40).



FIGURA 133: Seminário Sagrado Coração de Jesus, década de 1950  
Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2010).

Com o objetivo de formar cristãos e sacerdotes, e de acordo com as novas exigências do mercado, o seminário começou a oferecer o curso ginásial

na década de 1960. Mais tarde, em 1972, passou a funcionar com a 6<sup>a</sup>, 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries em regime de internato. Em 1990, a Diocese de Santa Cruz do Sul, à qual o município de Arroio do Meio pertence, segundo THOMÉ (1996, p. 42),

[...] aceitou integrar o Projeto Intercongregacional-Diocesano, que na prática consiste em reunir os seminaristas franciscanos e as juvenistas da Divina Providência, no estudo do curso de magistério junto ao Colégio São Miguel. A formação específica da vida religiosa e sacerdotal se dá nos respectivos seminários e juvenato. Desta forma, os seminaristas do curso propedêutico passaram para o Seminário São João Batista de Santa Cruz do Sul e os seminaristas do 2º grau vieram para Arroio do Meio.

Conforme a Diocese de Santa Cruz (2019), “Atualmente o Seminário não possui seminaristas e está sendo administrado pela Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, de Arroio do Meio”.

As comunidades luteranas tinham a mesma preocupação, especialmente na educação e no amparo espiritual. Segundo a Comunidade Luterana São Paulo (2010), esta congregação praticamente surgiu em função da escola.

## **8.9 Igreja Evangélica Luterana do Brasil - IELB**

Vendo a necessidade de uma orientação espiritual da população luterana, em janeiro de 1904, Friedrich Langer, “professor provisório (de emergência) de um pequeno grupo de crianças, filhos de algumas poucas famílias luteranas de Arroio do Meio”, resolveu, com os demais membros da comunidade, procurar um pastor que lhes desse assistência. Langer viajou até Porto Alegre e teve um encontro com o Reverendo W. Mahler, presidente do Distrito Brasileiro da Igreja Luterana. Ao expor o assunto, o pastor Mahler prometeu visitar a região de Arroio do Meio para sondar e conhecer a localidade (COMUNIDADE LUTERANA, 2010, p. 01).

### **8.9.1 Comunidade Luterana São Paulo**

Após conhecer a região, Mahler se entusiasmou e, quando retornou a Porto Alegre, escreveu uma notícia otimista a respeito de Arroio do Meio e das famílias interessadas na fundação de uma comunidade. O pastor redige a nota em alemão no Kirchenblatt, 1904, n 10,

Am rechten ufer des Rio Taquari liegt die Stadt Lajeado. Nördlich davon, über den Rio Forqueta, liegt das Städt Arroio do Meio. Man reitet von Lajeado nach Arroio do Meio auf guter Landstrasse bequen in 2 Stunden. Schon von forne sieht man das freundliche Städtchen in einen waldigen Tal liegen (COMUNIDADE LUTERANA, 2010).

Conforme informações cedidas pela Comunidade Luterana São Paulo (2010), esta procurou transcrever algumas palavras do artigo traduzido do Alemão ao Português, no qual o reverendo diz:

À margem direita do rio Taquari situa-se a cidade de Lajeado. Ao norte da mesma, além do rio Forqueta, fica o pequeno povoado de Arroio do Meio. Já de longe se enxerga o sorridente povoado no verde-tranquilo e esperançoso vale [...].

Mesmo com as dificuldades pelas quais esse grupo de luteranos passou por vários anos, quanto ao atendimento espiritual, jamais desistiram, foram perseverantes, pedindo a Deus orientação. Além da falta de pastor para ministrar os cultos e ensino religioso para as crianças, lhes faltava um local onde pudessem se reunir para os cultos.

Quando de sua visita, o pastor Mahler, além de celebrar um culto à comunidade, logo após a celebração, reuniu-se com os membros votantes para uma assembleia. Na assembleia ficou resolvido que, provisoriamente, seriam atendidos pelo Rev. Frehner, de Roca Sales.

Frehner atendeu ao município de Arroio do Meio por um ano. Seu sucessor foi o Rev. Otto von Jutrzenka, que atendeu a comunidade entre 1905 e 1908. Em 1908 a comunidade solicitou ao pastor Gerg Daschner que assumisse, e este prontamente aceitou. Ele foi instalado no dia 11 de outubro de 1908 pelo então vice-presidente da Igreja Evangélica Luterana do Brasil - IELB, pastor Vogel. Naquele ano, a comunidade possuía 23 membros, entretanto, ainda não tinha casa pastoral.

Com a transferência do pastor Daschner, em setembro de 1912, para Poço das Antas, a comunidade foi atendida novamente pelo pastor Jutrzenka, de Roca Sales, durante um ano. Aproveitando o período em que o pastor vinha da cidade vizinha, a comunidade, que já contava com 37 membros, resolveu construir a casa pastoral para que um novo pastor nela pudesse morar em definitivo.

Então, em 05 de outubro de 1913, foi instalado o novo pastor, Conrad Fernando Godofredo Lehenbauer (FIGURA 134). A solenidade contou com a presença do presidente da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, Pastor Augusto Heine.



FIGURA 134: Família do Pastor Conrad, que permaneceu em Arroio do Meio até 1930  
Fonte: Acervo fotográfico da Comunidade São Paulo (2010).

Conrad nasceu na cidade de Hannibal, estado do Missouri, Estados Unidos. No período em que permaneceu no município de Arroio do Meio, foi construída a capela da comunidade (FIGURA 135), inaugurada em outubro de 1918. Ao lado funcionava a casa pastoral, em uma casa alugada que, posteriormente, em 1926, foi adquirida. Conrad ficou na comunidade até 1930, falecendo em 1º de março de 1960.

Após 17 anos de trabalhos prestados, o Pastor Conrad foi substituído interinamente pelo Rev. Edwin Hoerlle. Este permaneceu um ano provisoriamente, ficando em definitivo a partir de outubro de 1931. Continuou como mentor espiritual até janeiro de 1960.



FIGURA 135: Construção da capela da Comunidade Luterana São Paulo, em Arroio do Meio

Fonte: Acervo fotográfico da Comunidade São Paulo (2010).

Na época em que Hoerlle era pastor, em 24 de agosto de 1954, para substituir a capela antiga por uma nova, ocorreu o lançamento da pedra fundamental. A construção do novo prédio durou oito anos.

O sucessor do pastor Hoerlle foi o Rev. Victor Conrado Emílio Lehenbauer, que trabalhou em Arroio do Meio durante 15 anos, de março de 1960 até fevereiro de 1975. Filho do Pastor Conrad Lehebbauer, Victor nasceu em 30 de junho de 1914 em Arroio do Meio. Em junho de 1930, seguiu para os Estados Unidos, onde estudou na *Trinity Lutheran School de Springfield*, estado do Illinois. Formou-se em 1935 na *Nokomis Thownship High School*. Depois de regressar ao Brasil, trabalhou na cidade de Concórdia, Santa Catarina. Casou-se em 26 de fevereiro de 1943, em Marcelino Ramos, com Norma Markus.

Entre agosto de 1975 e maio de 1993, foi pastor o Rev. Carlos Valkimil, substituído, em setembro de 1993, pelo Rev. Ely Prieto, que permaneceu até 1996. Em 31 de março de 1996 foi instalado como segundo pastor o Rev. Jair Erstling, que, em dezembro, passou a ser o pastor principal da comunidade. No ano de 1997 foi instalado como pastor auxiliar o Rev. Egídio Valdir Grün e no ano de 2008 o pastor Elias Irã Bah Beilfuss.

Segundo informações do Pastor Jair, a Comunidade Luterana São Paulo é formada pelas seguintes congregações: São Paulo, no Bairro Centro; Bom Pastor, no Bairro São Caetano; São Lucas, na Picada Arroio do Meio, em Arroio do Meio; Cristo, na Linha São Paulo, em Capitão; Ponto de Pregação em Linha Cairú, Travesseiro; Ponto de Pregação no Centro de Encantado; e Ponto de Pregação na AMAI - Lar dos Idosos Bom Pastor em Arroio do Meio.

A Comunidade Luterana São Paulo conta com 1450 membros, e para atender todas as congregações, os pastores Jair Erstling e Elias Beilfuss são responsáveis pelas celebrações.

## **8.10 Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB**

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB tem sua história ligada ao Movimento de Reforma desencadeado, no século dezesseis, na Alemanha, pelo frei Martim Lutero (1483-1546). No Brasil, a presença de evangélicos remonta a 1824 com a chegada dos primeiros imigrantes alemães ao Sul do país. A fé evangélica foi trazida na bagagem e no coração dos imigrantes alemães, que, no século dezenove, atravessaram o Atlântico em busca de melhores condições de vida (IGREJA EVANGÉLICA, 2010).

Assim, surgiram as primeiras comunidades evangélicas no Brasil, que hoje estão presentes em boa parte do território brasileiro. A IECLB está presente em todos os estados brasileiros, encontrando-se em 2.868 localidades, somando em torno de 717 mil membros.

No Vale do Taquari, os Evangélicos de Confissão Luterana estão congregados ao “Sínodo Vale do Taquari”, que, junto com outros 17 sínodos, formam a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil em todo o território brasileiro. Em Arroio do Meio está estruturada como Paróquia Evangélica de Confissão Luterana em Arroio do Meio.

Antes da criação da paróquia em Arroio do Meio, em 1969, eram pastores de paróquias vizinhas que atendiam ao município. As comunidades de Palmas e São Caetano eram atendidas pela Paróquia de Lajeado, enquanto Forqueta era atendida pelo pastor de Conventos. Fundada a paróquia, teve como primeiro pastor Guido Leonhardt, atendendo entre 1969 e 1976. Permanecendo por mais de 20 anos, Sírio Rickert atendeu entre 1977 e 1999. De 2000, permanecendo até 2008, esteve Edson Unírio Gabe, substituído pelo pastor Valmir Simon.

Em 2019, a Paróquia Evangélica de Confissão Luterana em Arroio do Meio tem na direção os seguintes membros: presidente, Anélio Paulo Hollman; vice-presidente, Anderson Immich; tesoureira, Liane Albert Schweizer; vice-tesoureira, Elaine Lengler Trentinni; secretária, Tânia Eliza Lohmann; e vice-secretária, Janete Bergjohann. A paróquia é formada por quatro comunidades: Comunidade Evangélica Augustana de São Caetano, Comunidade Evangélica de Forqueta, Comunidade Evangélica de Palmas Norte e Comunidade Evangélica Paz de Palmas Sul.

No dia 31 de outubro de 2017, feriado municipal, a Igreja Luterana comemorou os 500 anos da Reforma. Para lembrar a data, foram afixados na praça, em Arroio do Meio, um monumento e uma placa comemorativa aos 500 anos da Reforma pelas duas Igrejas Luteranas, IECLB e IELB.

### **8.10.1 Comunidade Augustana de São Caetano**

As famílias luteranas da Comunidade Augustana de São Caetano já recebiam assistência espiritual, uma vez que esta foi fundada em 21 de outubro de 1900. Como não havia capela, os cultos eram realizados naquela que hoje é a Escola Getúlio Vargas, construída em 1896. Por mais de 50 anos, o prédio da escola servia tanto como educandário quanto como capela. A Igreja Augustana,

no Bairro Aimoré, foi inaugurada no dia 17 de abril de 1955 (FIGURA 136). A Comunidade Augustana de São Caetano conta, atualmente (2019), com 200 famílias membros, tendo na presidência Walter Roberto Rahmeier.



FIGURA 136: Lançamento da pedra fundamental da construção da Igreja em São Caetano

Fonte: Bersch (2016).

### 8.10.2 Comunidade Evangélica de Forqueta

Fazendo parte da Paróquia de Arroio do Meio, a Comunidade Evangélica de Forqueta é uma das instituições religiosas mais antigas do atual município, pois foi fundada em 1880. A igreja atual, “A Igreja de Pedra”, da comunidade, inaugurada em 1951 (FIGURA 137), figura como referência turística no município.



FIGURA 137: Construção da Igreja de Pedra no Distrito de Forqueta

Fonte: Acervo fotográfico da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (2010).

Em 2019, a Comunidade Evangélica de Forqueta tem 225 famílias membro, estando a presidência a cargo de Adilson Fischer.

### **8.10.3 Comunidade Evangélica Paz de Palmas Sul**

Composta atualmente (2019) por 80 famílias membros, a instituição tem na presidência Augusto Schefler. A Comunidade Evangélica Paz de Palmas Sul (FIGURA 138) foi fundada em 27 de janeiro de 1961.



FIGURA 138: Igreja Evangélica de Palmas Sul  
Fonte: Acervo fotográfico do CMDPU/MCN/Univates (2010).

### **8.10.4 Comunidade Evangélica de Palmas Norte**

Da mesma forma que a Comunidade Evangélica de São Caetano, a Comunidade Evangélica de Palmas Norte (FIGURA 139) teve a sua existência ligada à escola por mais de 30 anos. Fundada no ano de 1880, tem atualmente (2019) 40 famílias membro e é presidida por Marcelo Mügge.



FIGURA 139: Igreja da Comunidade Evangélica Palmas Norte  
Fonte: Acervo fotográfico do CMDPU/MCN/Univates (2019).

Conforme o Pastor Valmir Simon, as quatro comunidades são atendidas por um pastor, e cada uma tem o seu templo, cemitério, salão comunitário e capela mortuária. Trabalho importante é desenvolvido pelas senhoras, principalmente através da OASE - Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas, que em 2019 completou 120 anos no Brasil. Simon afirma que tem um significado especial as parcerias com outros grupos e entidades como os corais: Coral Misto Palmas Sul; Coral Concórdia de São Caetano; Coral Concórdia de Palmas; e o Grupo de Danças Helmuth Kuhn, de São Caetano.

As quatro comunidades realizam as suas festas anuais: a Festa da Colheita no mês de julho de cada ano, e Café da OASE, evento em que há integração com vários outros grupos e comunidades da cidade e região.

### **8.11 Igreja Evangélica Assembleia de Deus**

A Igreja Evangélica Assembleia de Deus foi criada em 1906 na cidade de Los Angeles, Estados Unidos<sup>49</sup>. Considerada a maior igreja pentecostal do Brasil, a Assembleia de Deus foi fundada pelos missionários Daniel Högberg e Gunnar Adolf Vingren em 1910. Ambos foram expulsos da Igreja Batista de Belém, no Pará, por diferenças doutrinárias com outros integrantes. Assim fundaram a Missão da Fé Apostólica, que, em 1914, passou a se chamar Igreja Evangélica de Deus (ROIZ; FONSECA, 2009).

<sup>49</sup> Disponível on-line em: <<http://www.ad.org.br/>>. Acesso em 27 abr. 2019.

Ano após ano, o número de igrejas aumentou em todo o território brasileiro. Logo, os líderes consideravam de grande importância reuniões periódicas ao alcance nacional “que tratassem de temas ligados à manutenção da identidade, da unidade doutrinária e demais assuntos administrativos; pois perceberam a necessidade de uma nova maneira de organização” (ROIZ; FONSECA, 2009, p.187).

Entre 1930 e 2005 foram realizados 41 encontros entre todas as lideranças da Assembleia de Deus com o objetivo de discutir assuntos doutrinários e administrativos, teológicos, ministeriais, entre outros. Desses encontros, 37 foram chamados de Convenção Geral e quatro de semanas Bíblicas (ROIZ; FONSECA, 2009).

As Igrejas Assembleia de Deus não estão ligadas administrativamente a uma instituição nacional. Em território brasileiro, a ligação entre as igrejas é realizada por meio dos pastores filiados à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil – CGADB, cuja sede localiza-se no Rio de Janeiro (CGADB, 2019).

Em Arroio do Meio, a Igreja Evangélica Assembleia de Deus deu início às suas atividades religiosas no ano de 1984, na residência da irmã Lira Lachnett. A irmã foi o primeiro membro da igreja, a qual foi fundada pelo pastor Aldino Kruger, com o auxílio do obreiro Claudino Benk (BERSCH, 2016).

A igreja teve como primeiro pastor-presidente Pedro Machado, empossado em 21 de agosto de 2001. Na sequência, atuaram Carlos Azeredo e Maurício Vidal Gallo. Em 2007 assumiu a presidência o Pastor Salatiel Borges de Figueiredo. Nesse período, foi construído um novo templo (FIGURA 140) com 600 metros quadrados e capacidade para 500 lugares (BERSCH, 2016).



FIGURA 140: Igreja Evangélica Assembleia de Deus em 2019  
Fonte: Acervo fotográfico do CMDPU/MCN/Univates (2019).

Para atender outras localidades, a Igreja Assembleia de Deus adquiriu terrenos, na cidade de Travesseiro e no Morro Gaúcho, locais em que foram organizadas congregações (BERSCH, 2016).

## **8.12 Conselho dos Pastores Evangélicos de Arroio de Meio - COPAM**

O Conselho dos Pastores Evangélicos de Arroio do Meio – COPAM-, foi fundado em 1º de julho de 2014 pelo Reverendo Eliezer Bernini. O Conselho foi criado tendo como objetivo unir e reunir os pastores para a confraternização e o evangelismo.

Conforme a presidente, Reverenda Luciane Leal, o Conselho atua no município de Arroio do Meio e é formado por 13 pastores associados. O COPAM congrega a Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Pentecostal o Brasil para Cristo e a Igreja Pentecostal Assembleia de Deus Unidas do Brasil.

Anualmente, o COPAM organiza eventos destinados para toda a comunidade do município. Entre os eventos que promove, estão o Encontro Anual de Música Gospel, a Comemoração da Semana da Pátria e a Comemoração ao Dia da Bíblia.

O Encontro Anual de Música Gospel (FIGURA 141) reúne as igrejas pertencentes ao COPAM, em que cada uma delas apresenta suas bandas. Depois das apresentações, uma banda de outra cidade é convidada para fazer o show de encerramento.



FIGURA 141: Encontro de Música Gospel realizado em Arroio do Meio, em abril de 2019.

Fonte: Acervo fotográfico do Conselho dos Pastores Evangélicos de Arroio de Meio (2019).

## 8.13 Comunidade São Roque

Além do catolicismo, as famílias da Comunidade de São Roque praticam a Umbanda. Conforme declaração de Loni Maria da Silva, neta do fundador do quilombo, ao Jornal O Informativo do Vale, em 20 de novembro de 2009, a comunidade festejou com os moradores e o prefeito, Sidnei Eckert, o Dia da Consciência Negra. Loni (O INFORMATIVO DO VALE, 2010, p. 04) assim relata a comemoração:

Nós fizemos uma festa no salão, com as comidas dos nossos costumes, rapadura, pão de milho, sucos e chás; fizemos apresentação de capoeira; colocamos artesanato de palha e de pano, e lembramos a nossa religião africana, a Umbanda.

Araci da Silva, mãe de Loni,

[...] tem num canto da sala o seu altar de orações. Uma mesa com anjos e santos recebe todos os dias as preces da matriarca. A maior das imagens é a da Imaculada Conceição, a santa que o pai de Araci, Alcides Geraldo da Silva, falecido há 25 anos escolheu como protetora (O INFORMATIVO DO VALE, 2010, p. 04).

Araci lembra que, no dia 08 de dezembro, dia da Imaculada, os moradores fazem comida para os anjos e para as crianças menores de sete anos (O INFORMATIVO DO VALE, 2010). Conforme Loni Maria da Silva, no mês de agosto tem a festa do padroeiro da comunidade.

No município de Arroio do Meio existem ainda outras congregações/comunidades religiosas, entre elas, Igreja do Evangelho Quadrangular, Igreja Pentecostal de Avivamento no Brasil, Igreja Universal do Reino de Deus.

Pelo exposto e pela trajetória das religiões, percebe-se a multiplicidade religiosa dos habitantes do território de Arroio do Meio. Tanto no passado quanto no presente, a população praticou e pratica alguma religião ou doutrina. A religiosidade sempre esteve presente na solidificação de uma comunidade. Historicamente, uma das primeiras edificações de um povoado é a igreja, na qual a comunidade se encontra e onde as primeiras aulas são dadas. Nota-se que novas religiões e congregações encontraram espaço e adeptos no município. Não sendo possível enumerar todas, optou-se por apresentar as igrejas com mais tempo em atividade ou que têm sua presença atrelada à história de Arroio do Meio.

# Capítulo 9 – Ensino e Cultura

O ensino, o conhecimento, a experiência e a informação se fizeram presentes desde que o primeiro homem circulou pelo território de Arroio do Meio. Mesmo antes do europeu chegar, o ensinamento dos indígenas fazia parte do dia a dia de todas as populações. Foi assim com os Guarani, que em suas aldeias passavam o conhecimento de geração para geração. Na medida em que os europeus e seus descendentes se estabeleceram no Vale do Taquari, difundem-se as escolas com o intuito de alfabetizar as crianças.

Hoje, proporcionar uma Educação de qualidade é uma das metas fundamentais da Administração Pública. Professores em constante aprimoramento, e a boa estrutura física dos educandários oferecem condições para os estudantes desenvolverem suas habilidades.

Sobre os novos desafios da Educação, a gestão do município tem tratado esse tema como território, dialogando com todas as redes e níveis de ensino. A administração se preocupa em garantir que as escolas tenham infraestrutura adequada, professores em permanente formação e, por meio de parcerias entre o poder público e a comunidade, buscando atender aos anseios da sociedade. Como coloca a vice-prefeita Eluise, é preciso investir nas pessoas. Investimentos e medidas como essas capacitaram o município para receber do Ministério da Educação o Selo Município Livre do Analfabetismo (em junho de 2007) e o Certificado de Bom Desenvolvimento Educacional pela Contribuição à Melhoria da Qualidade da Educação Básica Pública (também em junho de 2007).

Nesse sentido, o investimento financeiro na área se faz necessário. O Município de Arroio do Meio investe na área da Educação, 34% do orçamento municipal, ou seja, um percentual superior ao exigido pela lei (Constituição Federal), de 25%.

O ensino não se dá apenas com o papel e a caneta, também não se dá apenas com a leitura. O ensino está relacionado com as leituras de mundo do seu tempo, com a ciência e com aquilo que pode ser transmitido oralmente. Na medida em que o homem criou os símbolos, a escrita, passou a registrar todo o conhecimento que foi adquirido através dos tempos.

## 9.1 O ensinamento Guarani

Como os indígenas Guarani não desenvolveram a escrita, o ensino ou a experiência era passado oralmente. A difusão do conhecimento para os indígenas Guarani acontecia de geração para geração. Um exemplo disso era a fabricação da cerâmica. A tarefa de produção de utensílios de cerâmica era uma atividade feminina, cujo aprendizado ocorria no interior do grupo doméstico. Avó, mãe e tia transmitiam a técnica da confecção dos vasilhames às mais jovens (SILVA, 2000).

A vasilha cerâmica é o “símbolo da comida”. Somente a mulher a produz e a manipula cotidianamente. Conforme Silva (2000, p. 83), o aprendizado de sua confecção se dá desde muito cedo, e, nesse processo de ensino, “o domínio das formas do corpo das vasilhas é uma das etapas mais difíceis [...]”. As aprendizes elaboravam inúmeras miniaturas, pois somente com a repetição adquiriam habilidades para desenvolvê-las.

A partir do contato com os religiosos da Companhia de Jesus e outras ordens, o indígena recebe outras doutrinas. A ele são ensinados novos ofícios, como a marcenaria, escultura, técnicas agrícolas e noções básicas de alfabetização.

Os jesuítas não fundaram nenhuma redução no Vale do Taquari, porém, segundo Bruxel (1987), na Província do Paraguai, em meados de 1600, foram criadas 30 reduções, entre elas a de São Miguel, localizada no atual município de São Miguel das Missões, próximo a Santo Ângelo, cujas ruínas são visitadas por inúmeros turistas.

Conforme Bruxel (1987, p. 65), os jesuítas tinham consciência da “necessidade de formar líderes indígenas, aos quais se pudesse confiar a administração das Reduções”. Para tanto, os padres determinaram que fossem à escola, além dos filhos dos caciques, os rapazes intelectualmente mais bem dotados. Aprendiam a ler, escrever e contar, assim como lhes era ensinado o conhecimento de técnicas agrícolas.

Quanto à cerâmica Guarani, mesmo depois do contato com os jesuítas, os indígenas não pararam de confeccionar os utensílios de cerâmica. Continuaram a fabricá-la normalmente para o uso diário. Entretanto, alteraram o tipo de decoração.

## 9.2 O ensino dos imigrantes

Os imigrantes alemães preocupavam-se com o aprendizado escolar dos filhos. Para os luteranos, saber ler era a maneira de estarem aptos para interpretar livremente a Bíblia. Esta premissa da alfabetização acompanha os luteranos desde que se deu a Reforma de Martinho Lutero no século dezesseis, pois saber ler é um dos princípios fundamentais da prática religiosa. Da mesma forma, os católicos tinham preocupação com a educação, pois traziam da Alemanha uma tradição escolar (VOGT, 2009).

Como o governo da Província estava desinteressado na implantação de escolas públicas ou impossibilitado de as implementar, a solução encontrada pelos alemães foi a formação de escolas comunitárias nos quais crianças eram alfabetizadas em alemão.

No princípio da colonização, as escolas eram precárias. As primeiras eram “escolas domésticas”. Os alunos eram confiados a uma pessoa mais idosa e mais instruída que não tinha condições de trabalhar na lavoura. Esses professores ensinavam leitura, escrita e cálculo. Mais tarde, católicos e luteranos tinham escolas mantidas pela própria comunidade (VOGT, 2009).

Os imigrantes, alemães e italianos, que se estabeleceram em áreas rurais formaram núcleos populacionais com características e estruturas marcadamente étnico-culturais e, nesses locais, promoveram as escolas elementares comunitárias. Segundo Kreutz (2000, p. 159), escolas criadas pelos imigrantes tinham uma “conotação fortemente étnica e, [...] também uma conotação fortemente confessional cristã”. Além das escolas comunitárias,

[...] houve um número significativo de escolas particulares mantidas por congregações religiosas, masculinas e femininas, geralmente em área urbana, mantendo especificidades étnicas do país de origem da mantenedora. Os imigrantes também tiveram escolas étnicas particulares laicas, em área urbana, mas em menor número que as anteriores. Diversas destas escolas particulares, tanto as de congregações religiosas como as laicas, tornaram-se conhecidas como centros de excelência no ensino de primeiro e segundo graus.

Para o autor, as colônias alemãs e italianas, isoladas por um período, com a vinda de missionários estrangeiros para as igrejas cristãs, impulsionaram as escolas comunitárias. Alguns pesquisadores preferem chamá-las de escolas paroquiais.

Além do ensino do ler, escrever e contar, nas regiões de imigração, o objetivo era formar bons cristãos, sendo assim, considerava-se a catequese como prioritária. A partir do crescente “avanço do Estado na organização do processo escolar laico, as igrejas reagiram, reivindicando seu direito divino nesta matéria, desenvolvendo intensa atividade em favor da escola confessional”. As escolas católicas e luteranas fundaram as Escolas Normais para a formação de professores engajados com a dimensão religiosa, ou seja, agentes da ação pastoral (KREUTZ, 2008).

Essa ligação da igreja com a comunidade se fez presente no antigo Distrito de Arroio do Meio, como demonstram as observações e as notas realizadas pelos vigários que passaram pela paróquia.

Em janeiro de 1921 foi iniciada a construção de nova escola católica pela “comunidade escolar”. Cada membro pagou uma quantia em dinheiro, além de ter trabalhado três dias na obra. Quem não poderia auxiliar deveria pagar um substituto (LIVRO, 1920, p. 03).

No antigo distrito, em 1927, foi fundada uma escola Normal para a formação de professores paroquiais. Tendo na direção Kurt Dutzig, a escola funcionou até 1931, quando foi transferida para Novo Hamburgo (ESTUDO..., 1961).

Em 1929 foi aberta, segundo registro do padre no Livro Tombo da Paróquia (1920, P.11), uma escola de ensino secundário,

Nova escola catholica

No dia 8 de Abril foi aberta, no predio da escola primaria catholica já existente, uma escola catholica de ensino secundario, dirigida pelo abelisadi professor Paulo Arandt. Conta esta escola (10 de Maio) 17 alumnos.

Isso denota a preocupação da Igreja em formar alunos, mas principalmente cristãos.

### 9.3 O ensino em Arroio do Meio

O início do ensino no atual município de Arroio do Meio tem suas origens nas escolas comunitárias, as *Schulgemeinde*<sup>50</sup>. Estas escolas eram particulares, criadas pelas comunidades e ligadas à igreja e deram origem à maioria das escolas do município, inclusive a mais antiga em funcionamento, fundada em 1892, a EMEF Getúlio Vargas, e a EMEF São Caetano, fundada em 1910, entre outras. Mais tarde, em 1915, foi criada a escola luterana para atender alunos dessas comunidades e, em 1930 e 1931, foram fundados, respectivamente, o Grupo Escolar Guararapes e o Colégio São Miguel.

#### 9.3.1 A primeira escola

Os registros dão conta que em 1873 foi fundada uma escola católica no povoado próximo à barra do Arroio Grande<sup>51</sup>, que teve como professor Adolfo Marder. Essa escola destinava-se inicialmente para meninos. Algum tempo depois, começou a aceitar meninas. A escola funcionava na própria residência de Marder, que lecionava em alemão (FATOS, 2004).

#### 9.3.2 Escola Getúlio Vargas

A atual Escola Municipal de Ensino Fundamental Getúlio Vargas, da localidade de São Caetano, tem suas origens em 07 de agosto de 1892, quando se reuniram 18 moradores na casa de Pedro Brentano. O encontro serviu para tratar da organização de uma sociedade escolar, cuja diretoria foi definida a partir de votação, sendo escolhidos para compor a diretoria Pedro Brentano, Julio Schnack e Augusto Lohmann (STEINER, 2008).

Na medida em que a sociedade foi constituída, foram adquiridas terras e construído um prédio de madeira que serviu para os alunos até 1896, quando uma nova edificação de alvenaria foi erguida (FIGURAS 142; 143). Dez anos depois, a sociedade construiu uma casa para o professor, e, em 1924, a escola recebeu um salão de festas (STEINER, 2008).

---

50 Comunidade escolar

51 Segundo Thomé (1984, p. 151), a escola funcionava em um “prédio que não existe mais, sito na Rua Maurício Cardoso, defronte a atual Rua Gustavo Weinandts”.



FIGURA 142: Alunos da escola em 1897 com o professor Rudolf Manger  
Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de Educação e Cultura (2019).



FIGURA 143: Escola Getúlio Vargas, em São Caetano, Arroio do Meio, [s.d.]  
Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de Educação e Cultura (2019).

No início da década de 1990, a prefeitura assumiu a folha de pagamento e os encargos sociais dos professores da escola, sendo municipalizada em 1998. Com o passar do tempo, a escola passou a atender apenas alunos luteranos e, por mais de 50 anos, sediou os cultos da Comunidade Luterana de São Caetano. (STEINER, 2008).

### 9.3.3 Escola Municipal de Ensino Fundamental São Caetano

Quando de sua fundação, em 05 de julho de 1910, a escola se chamava Comunidade Escolar Católica de Arroio do Meio, pois era uma escola particular comunitária vinculada à Igreja Católica. Na década de 1930 passou a denominar-

se Escola Santos Dumont (FIGURA 144), alterando para Escola Maurício Cardoso na década de 1950 e, posteriormente, Escola Particular de 1º Grau São Caetano (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, 2010).

Em 1998, foi municipalizada recebendo o nome de Escola Municipal de 1º Grau São Caetano. Em 2000, passou a denominar-se Escola Municipal de Ensino Fundamental São Caetano, conforme o decreto municipal nº 1200/99, que alterou a designação de todas as escolas municipais (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, 2010).



FIGURA 144: Alunos da escola na década de 1930

Fonte: Acervo fotográfico da EMEF São Caetano (2019).

A imagem foi captada ao lado da escola-capela em 1930, erguida no fim dos anos 1920. Na mesma época foi oficializada a Comunidade Escolar Católica de Picada São Caetano, sendo os estatutos registrados no Tabelionato e Cartório Klein de Lajeado, em 18 de janeiro de 1930, dado que Arroio do Meio ainda não havia se emancipado naquela época.

Na imagem vemos o Professor George Koerbes com seus alunos. À direita do professor está seu filho e à esquerda Amália (Engster) Rosenbach.<sup>52</sup>

### 9.3.4 Escola Luterana de 1º Grau São Paulo

As atividades escolares existem desde 1904, e assim é considerado pela comunidade e descrito na ata de julho de 1989, onde consta que em 29 de outubro daquele ano foi realizada uma comemoração festejando o octogésimo quinto aniversário da Escola. Conforme relatos orais<sup>53</sup>, de membros e registros

<sup>52</sup> Schroeder, 2010.

<sup>53</sup> Relatos orais da Senhora Lourdes Theves e do Senhor Erico Egônio Essig. Museu Público Municipal de Arroio do Meio, 2020.

da comunidade, as aulas funcionaram entre os anos 1913 e a década de 1940 na primeira casa pastoral (FIGURA 145), localizada no atual Bairro Bela Vista.



FIGURA 145: Primeira Casa Pastoral na qual funcionavam as primeiras aulas  
Fonte: O Informativo de Arroio do Meio de 13 de março de 2004. Contracapa p.28

*[...] Em 05/10/1913 foi instalado o novo pastor, na pessoa de Conrad F. Lehenbauer. A instalação foi feita pelo então presidente da IELB Pastor Augusto Heine, assistido pelo Rev. P.L.C. Rechfeldt. Nesta época foram atendidas também as comunidades de Três Saltos, Conventos, Sampaio e Forquetinha.*

*Em outubro de 1918 foi inaugurada a capela (onde hoje está o salão) e ao lado foi alugada a casa pastoral, a qual foi comprada em 1926. A Escola ainda permanecia no velho local [...].<sup>54</sup>*

No entanto, foi em 1915 que o educandário passou a contar com prédio próprio, tendo como professor Conrad Ferdinand Gottfried Lehenbauer. Em 1922 contava com 42 alunos (ESTUDO, 1961).

Dados de registros das Atas da Escola dão conta da evolução do número de alunos e dos diretores que estavam à frente da instituição ao longo de sua história.

ANO	NÚMERO DE ALUNOS	DIREÇÃO
1922	42 alunos	Conrad F. Lehenbauer
1937	22 alunos (13 meninos e 9 meninas)	Rev. Pastor Edvino Hoerle

54 O Informativo de Arroio do Meio, 30 de junho de 1989, p.5.

ANO	NÚMERO DE ALUNOS	DIREÇÃO
1946	41 alunos	Mirjam Carmem Fleck
1957	38 alunos (17 meninos e 21 meninas)	Dorotéa Erbert Suhre
1967	61 alunos e já contava com o Jardim de Infância	Dorotéa Erbert Suhre
1979	110 alunos	Rev. Carlos Valkimil e Professora Dorotéa Suhre como substituta.
1989	50 alunos	Diana Schneider
1999	101 alunos	Teresinha Stuelp Both

\* Dados retirados de Livros de Atas e Relatório de Dados do Rio Grande do Sul.

Por muito tempo, a instituição ligada à Comunidade Luterana São Paulo (IELB), teve turmas de Jardim de Infância e do antigo primário, atendendo do 1º ao 5º ano (FIGURA 146). No entanto, ao longo da década de 1990, o atendimento foi ampliado para o 1º Grau Completo, como confirmam as Atas de Formaturas da 8ª série, nos anos de 1997, 1998 e 1999.



FIGURA 146: Igreja e local no qual funcionavam as aulas do Jardim de Infância

Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de Educação e Cultura (2020).

Dois professores atuaram na escola por um período considerável, Aldino Suhre e Dorotéia Ebert Suhre (FIGURA 147) (BERSCH, 2016).



FIGURA 147: Alunos da escola em 1959 com os professores Dorotéia Ebert Suhre e Aldino Suhre

Fonte: Bersch (2016).

Merece uma lembrança a professora Dorotéia Ebert Suhre, que, em 1952, começou a lecionar na Escola Luterana São Paulo. Quando Dorotéia foi convidada a trabalhar em Arroio do Meio, seu pai, pastor luterano, estava radicado em Roca Sales, assistindo a comunidade daquela cidade. Permaneceu exercendo a função na escola por 29 anos. Natural do município de Santo Antônio da Patrulha, Dorotéia também foi regente e organista de coral (STEINER, 2009).

A Escola Luterana São Paulo, instalada na Rua Martin Luther King, 458, encerrou suas atividades escolares em 19 de dezembro de 2000.

### 9.3.5 Colégio São Miguel

A Comunidade São Miguel teve seu início em fevereiro de 1931 com a missão de assumir a educação das crianças, dos adolescentes e dos jovens de Arroio do Meio, da Educação para o Lar e para o despertar de vocações religiosas.

O Colégio São Miguel foi aberto em 1º de março de 1931<sup>55</sup> sob a direção das freiras da Congregação da Divina Providência<sup>56</sup>, tendo como superintendente o Vigário da Paróquia, Padre Jacob Seger<sup>57</sup>. As Irmãs iniciaram

55 O dia 21 de fevereiro de 1931 é comemorado como dia da fundação da escola, que completa 90 anos em 2021.

56 A Congregação da Divina Providência foi fundada na Alemanha, tendo, no Brasil, as irmãs se estabelecido inicialmente na cidade de Tubarão, município de Santa Catarina, em 1895. Disponível on-line em: [www.divinaprovidencia.al.org](http://www.divinaprovidencia.al.org), Acesso em 21 mai. 2019.

57 Em fevereiro de 1931, o Padre Seger foi buscar as irmãs no Porto de Mariante e para tanto solicitou auxílio a Mathias Körbes Filho, que pelo que se tem notícia possuía o primeiro automóvel de Arroio do Meio.

o Curso Primário e o Complementar. A Escola foi denominada Colégio São Miguel porque, quando as primeiras religiosas vieram para o Brasil passaram, já em águas brasileiras, na altura de Santa Catarina, por uma terrível tempestade. Tendo sobrevivido a essa situação, prometeram festejar, anualmente, a memória do Santo do dia 29 de setembro, dia do Arcanjo São Miguel, quando pisaram em terra firme. Conhecedor dessa história, o Pe. Seger sugeriu nomear o colégio como São Miguel para reavivar a devoção ao Arcanjo e perpetuar essa memória.

O assento da criação do colégio está lançado no Livro Tombo da Paróquia (1920, p. 23, 23v),

A primeiro de Março foi aberto o Collegio S. Miguel, dirigindo-o Sras freiras da Divina Providencia, a matricula inicial era de 53 alunos, 39 da escola parochial, 14 da secundaria. Portaria de doze de Março de 1931 – aprovação da Comissão promotora do Collegio de S Miguel, composta dos seguintes senhores: Henrique Lange filho, Henrique Thomas, Edmundo Brentano, José Ewald, Jacob Kreutz, Jacob Loch, Reinaldo Bruxel, Alfredo Ehrenbrink, Benno Traesel, a qual tem o encargo de promover, sob a superintendencia do senhor Vigario, os interesses materiais do Collegio. Portaria de 16 de Março de 1931 – autorização a Congregação das Irmãs da Divina Providencia para fundar uma residencia canonica, no povoado de Arroio do Meio, sede da freguesia. Provisão da mesma data – licença ao Vigario de benser a capella do Collegio S. Miguel. Portaria da mesma data – licença de conservar o Santissimo Sacramento na capella do Collegio S. Miguel, com a condição que ao menos uma vez semanalmente seja celebrado o santo sacrificio da missa na dita capella.

Provisão de 21 de Março de 1931 – concessão ao Vigario das faculdades de benser e erigir valida e licitamente as estações da Via Sacra, digo Via-Crucis, na capella do Collegio S. Miguel. Provisão da mesma data – licença de benser duas imagens que serão expostas ao culto na capella do Collegio São Miguel.

As irmãs da Congregação também foram autorizadas a fundar uma residência no povoado de Arroio do Meio. Conforme consta no Livro, a matrícula inicial era de 53 alunos.

Mais tarde, em 1952, o Colégio São Miguel (FIGURA 148) recebe melhorias. Foi inaugurada nova construção (LIVRO, 1920, p. 70),

Em março foi inaugurada a nova construção do Colégio S. Miguel, com uma grande festa popular em benefício do estabelecimento, que agora esta em condições de aceitar, além das postulantes, número bem maior de alunos internos e externos, que são atualmente cerca de 260.

Para a inauguração do novo prédio, cuja capacidade ampliada poderia atender um número bem maior de alunos, foi realizada uma grande festa popular em favor da escola. Na época o educandário contava com aproximadamente 260 alunos.



FIGURA 148: Primeiro prédio onde funcionou o Colégio São Miguel  
Fonte: Acervo fotográfico do Colégio Bom Jesus São Miguel

Até o ano de 1987, as Irmãs estavam à frente da Direção do Colégio. Com a diminuição do número de Irmãs e o incremento de outras atividades por elas assumidas, foi escolhido o Professor Adalberto Brod como Diretor da Escola, que já atuava há muitos anos no Colégio permanecendo na direção por seis anos. Sucederam-se outras diretoras leigas, Marlise Führ, Dulce Zimmer, Lourdes Maria Gasparotto Rizzi, Rosali Heis Mantelli e Maria Cristina Gabriel Gonzatti, a atual diretora, respondendo pela escola desde 2010.

A Sociedade Sulina Divina Providência, mantenedora das Escolas da Província Imaculado Coração de Maria, percebendo a diminuição de religiosas no Colégio São Miguel, optou por entrar em parceria com o grupo “Bom Jesus” de Curitiba, instituição educacional que atua há mais de 100 anos no Brasil e trabalha com base nos princípios franciscanos. O convênio foi firmado em 2008 e, a partir de então, o grupo Bom Jesus passou a assumir a orientação pedagógica e a administrativa da Escola que passou a denominar-se “Colégio Bom Jesus São Miguel”. A marca “Bom Jesus” trouxe a qualidade aplicada na renovação de métodos educacionais e na utilização de novas estratégias de ensino e avaliação, garantindo aos alunos todas as características do padrão do grupo que hoje atua em cinco estados brasileiros e atende mais de 40 mil alunos.

Na Escola, este foi um período de muita mudança, o que exigiu adequação ao novo processo por parte da equipe diretiva, de professores, alunos e pais. O cuidado da rede Bom Jesus em ter uma assessoria muito presente da escola, permitiu que a resistência natural fosse diminuindo na medida em que o processo foi se confirmando como educação de princípios humanitários e de qualidade pedagógica.

O Bom Jesus busca constantemente desenvolver um trabalho pautado em valores humanos e voltado para a formação de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade. Para isso, oportuniza atividades em que os alunos entram em contato com os valores humanos contextualizadas nas temáticas escolares. Dessa

abordagem, nasceu o *Virtudes e Atitudes*, no qual as virtudes de perseverança, diálogo, união, simplicidade, amor, solidariedade, humildade são estimuladas em todos os níveis de ensino. Esse projeto – que reflete os exemplos de vida e os ensinamentos de Francisco de Assis – insere toda comunidade escolar em uma partilha de conhecimento e consciência de responsabilidade social.

O Bom Jesus São Miguel (FIGURA 149) oferece turmas da Educação Infantil ao Ensino Médio, contando com uma infraestrutura moderna de amplas salas, biblioteca, laboratório de Informática e de Ciências, ginásio poliesportivo, parquinho, entre outros. (BOM JESUS SÃO MIGUEL, 2019).



FIGURA 149: Colégio Bom Jesus São Miguel, 2019.

Fonte: Acervo fotográfico Prefeitura Municipal de Arroio do Meio (2019).

### 9.3.6 Escola Estadual de Ensino Médio Guararapes

A Escola Estadual de Ensino Médio Guararapes foi criada pelo Decreto Estadual nº 4.467, de 10 de janeiro de 1930 (Informações cedidas pela Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio, 2010). O chamado Grupo Escolar de Arroio do Meio (THOMÉ, 1984) foi instalado somente em 10 de abril de 1935, em um casarão na Rua Maurício Cardoso, nº 84 (FIGURA 150 e 151), alugado da família Schneider, quando assumiu a primeira diretora, Eva Nicolaiewsky. Nessa época, a “Aula Federal”, até então existente, onde lecionava a professora Laureana Martins de Andrade, foi incorporada ao Grupo Escolar.



FIGURA 150: Reprodução da casa que abrigou inicialmente o Grupo Escolar Guararapes, em 1935

Fonte: Acervo da Escola Estadual e Ensino Médio Guararapes.



FIGURA 151: Primeira turma de formandos, em 1939, com escola ao fundo.

Fonte: Acervo Escola Estadual e Ensino Médio Guararapes.

Em 1940 estava sendo construído o novo prédio do colégio. A edificação, conforme Estudo (1961, p. 41), é constituída de “dois pisos: há 6 salas de aula, biblioteca, secretaria, cozinha, sanitários. Ao redor do prédio há lugares suficientes para as horas de recreação” (FIGURA 152). Pelo Decreto no 91, de 07 de junho de 1940, o estabelecimento passou a denominar-se Grupo Escolar Guararapes.



FIGURA 152: Escola Estadual de 1º Grau Guararapes, década de 1960  
Fonte: Estudo (1961).

O Grupo Escolar Guararapes passou à Escola Estadual de 1º Grau Guararapes em 18 de novembro de 1969, abrangendo da 1ª a 8ª séries. Em 20 de fevereiro de 2000, por meio do Decreto 118, foi alterado o nome do educandário para Escola Estadual de Ensino Médio Guararapes. A escola está situada na Rua Bento Gonçalves, 119, bairro Centro (FIGURA 153).



FIGURA 153: E.E.E.Médio Guararapes, 2019.  
Fonte: Acervo fotográfico Prefeitura Municipal de Arroio do Meio (2019).

Sobre o diálogo entre as diferentes esferas de ensino, o prefeito Klaus Werner Schnack manifestou a importância da escola para o município e se diz orgulhoso dos bons resultados que vêm sendo alcançados tanto pela escola quanto pela relação de proximidade que vem desenvolvendo entre escola e prefeitura. Para o prefeito (2019),

*Nós como gestores, compreendemos a educação como território, normalmente isso era tratado em separado. Assim, estamos estabelecendo parcerias com todas as redes. Nesse momento, nos sentimos orgulhosos pelas melhorias do Guararapes, com a qualidade da infraestrutura que hoje conquistamos. (depoimento oral, 2019.)*

A prefeitura tem sido parceira da E.E.E.M Guararapes em diversas situações, especialmente em levar as demandas, as necessidades da escola para a Secretaria Estadual da Educação, em Porto Alegre. As obras que são realizadas no educandário são acompanhadas pelo Executivo e Legislativo, como a instalação da nova rede elétrica realizada no mês de fevereiro de 2019 (FIGURA 154).



FIGURA 154: Engenheiro Guilherme Spohr apresentado as reformas para a equipe diretiva da escola, Silvana Saldanha Martins Hanke e Luciane Saldanha Martins Gerevini; presidente do Grêmio Estudantil Gustavo Friedrich; prefeito Klaus W. Schnack; vice-prefeita Eluise Hammes; vereador Marcelo Schneider; e secretária de Educação e Cultura Mara B. Forneck

Fonte: Acervo fotográfico da Assessoria de Imprensa de Arroio do Meio (2019).

Assim, a Administração Municipal acompanha o estudante desde a Educação Infantil ao longo do ensino fundamental e também no ensino médio.

### **9.3.7 Escola Cenecista Presidente Costa e Silva**

A Escola Cenecista Presidente Costa e Silva, mantida pela Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC, foi fundada em 12 de março de 1962. A escola, além de oferecer Ensino Fundamental (5ª a 8ª série), destacou-se por oferecer cursos técnicos de nível médio e pós médio, como Técnico em Contabilidade e Auxiliar de Escritório. A primeira diretora do educandário foi Alice Ferreira Rodrigues (THOMÉ, 1984).

A escola encerrou suas atividades, sendo desativada em 16 de dezembro de 2006 pelo Decreto 585/2008. Atualmente, no prédio, funciona a Secretaria de

Educação e Cultura, que em 2019 passou por reformas para melhor atender as demandas da comunidade.

### **9.3.8 Sistema Municipal de Ensino**

Todas as escolas que funcionaram ao longo da história do município de Arroio do Meio tiveram papel preponderante para a formação intelectual da população. Desde os primórdios, o conhecimento é uma engrenagem fundamental para o desenvolvimento do município.

Dando respaldo para assegurar um ensino de qualidade, o município possui um órgão normativo, consultivo, deliberativo e fiscalizador, o Conselho Municipal de Educação, CME, que foi criado em 15 de julho de 1992, por meio da Lei Municipal nº 770, e reorganizado pela Lei Municipal nº 1.911, de 13 de dezembro de 2001.

Dentre as competências do Conselho Municipal de Educação, destaca-se: baixar normas complementares para o Sistema Municipal de Ensino, autorizar séries, ciclos, cursos, exames supletivos e outros, aprovar os regimentos escolares, autorizar o funcionamento dos estabelecimentos de ensino, autorizar a desativação, ativação ou extinção de estabelecimentos de ensino, fiscalizar o funcionamento dos estabelecimentos de ensino, manter intercâmbio com outros Conselhos de Educação, participar da elaboração e acompanhar a execução do Plano Municipal de Educação, entre outras.

Fazem parte do Sistema Municipal de Ensino, aprovado pela Câmara de Vereadores, sancionado e promulgado pelo prefeito municipal, por meio da lei nº 1912, de 13 de dezembro de 2001, as instituições do Ensino Fundamental e da Educação Infantil mantidas pelo Poder Público Municipal, bem como, as instituições de Educação Infantil criadas e mantidas pela iniciativa privada. O principal intuito do Sistema Municipal de Ensino é reger todas questões que envolvem a educação.

No início do ano letivo de 2019, na rede municipal de ensino estavam matriculados cerca de 2300 estudantes, frequentando a Educação Infantil, os Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos (Anos Finais do Ensino Fundamental). Para suprir esta demanda, a Prefeitura mantém 13 educandários em funcionamento: EMEF Afonso Celso, EMEF Barra do Forqueta, EMEF Bela Vista, EMEF Construindo o Saber, EMEF Dona Rita, EMEF Duque de Caxias, EMEF Getúlio Vargas, EMEF Itororó, EMEF João Beda Korbes, EMEF Princesa Isabel, EMEF Professor Arlindo Back, EMEF São Caetano e EMEF Tancredo Neves (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, 2019). (FIGURAS 155 a 161).



FIGURA 155: Escolas Municipais de Ensino Fundamental Afonso Celso e Barra do Forqueta

Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de Educação e Cultura (2019).



FIGURA 156: Escolas Municipais de Ensino Fundamental Bela Vista e Construindo o Saber

Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de Educação e Cultura (2019).



FIGURA 157: Escolas Municipais de Ensino Fundamental Dona Rita e Duque de Caxias

Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de Educação e Cultura (2019).



FIGURA 158: Escolas Municipais de Ensino Fundamental Getúlio Vargas e Itororó  
 Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de Educação e Cultura (2019).



FIGURA 159: Escolas Municipais de Ensino Fundamental João Beda Körbes e Princesa Isabel  
 Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de Educação e Cultura (2019).



FIGURA 160: Escolas Municipais de Ensino Fundamental Arlindo Back e São Caetano  
 Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de Educação e Cultura (2019).



FIGURA 161: Escola Municipal de Ensino Fundamental Tancredo Neves  
Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de Educação e Cultura (2019).

Esses educandários atendem 480 crianças, as quais estão vinculadas à Educação Infantil - Nível A e B, cuja faixa etária corresponde entre 4 e 6 anos. Além disso, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Barra do Forqueta estão matriculados 29 estudantes que frequentam o EJA - Educação de Jovens e Adultos (SECRETARIA DE EDUCAÇÃO, 2019).

### 9.3.9 Educação Infantil

#### 9.3.9.1 Atalaia: a primeira creche de Arroio do Meio

A primeira creche criada em Arroio do Meio foi a Atalaia Infantil, que inicialmente funcionava na Rua Gustavo Wienandts, sendo depois transferida para o Bairro Navegantes. O espaço surgiu a partir de uma necessidade em acolher crianças, cujos pais trabalhavam nas empresas instaladas no município. No começo da década de 1980, a partir da instalação de empresas do ramo calçadista, de alimentos, entre outras, houve um incremento na oferta de empregos, propiciando uma nova realidade econômica para muitas famílias. Entretanto, trouxe uma preocupação para a Administração Pública, pois onde ficariam as crianças enquanto os pais estavam trabalhando? (O ALTO TAQUARI, 2011).

Essa nova tendência social e econômica que, além de Arroio do Meio, outros municípios atravessaram, fez com que a Fundação Legião Brasileira de Assistência Social, por meio de um programa do Governo do Estado, criasse o Pró-Creche. Tendo a senhora Dirce Vasconcellos como articuladora, Arroio do Meio foi um dos 25 municípios do Rio Grande do Sul contemplados para ter uma creche municipal. Assim, Dirce Vasconcellos, Marli Rohrig e Elisa Orlandini participaram da primeira audiência no Palácio Piratini, em Porto Alegre, para tratar do assunto. Após a tramitação entre Governo do Estado e Prefeitura Municipal, a Creche Atalaia Infantil foi inaugurada em julho de 1981, a qual atendeu inicialmente 63 crianças (O ALTO TAQUARI, 2011).

Naquele período a Educação Infantil estava vinculada à Assistência Social, e não era entendida como uma etapa da educação. Com a Constituição de 1988 houve uma mudança no entendimento de que a Educação Infantil é um direito de todas as crianças. E a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Lei nº 9394 de 1996 esta etapa passou a ser compreendida como escolaridade. Assim, a partir de 1997 houve um movimento por parte da Administração Municipal em parceria com a comunidade para reestruturar o atendimento desta etapa e incorporá-la à Educação, tendo em vista ações pedagógicas para o desenvolvimento das crianças. Foi assim que o modelo comunitário se estruturou e as Escolas Comunitárias de Educação Infantil foram criadas.

### 9.3.9.2 Escolas Comunitárias de Educação Infantil

O município de Arroio do Meio conta com oito Escolas Comunitárias de Educação Infantil - ECEI (FIGURAS 162 e 166). As escolas são mantidas com recursos públicos por meio de termos de fomento que estabelecem uma parceria entre o Município e as Associações de Pais. As escolas atendem crianças de quatro meses a três anos - Etapa Creche, em turno integral. Em 2019, as 658 crianças atendidas estão distribuídas nas instituições: ECEI Atalaia, no bairro Navegantes; ECEI Pequeno Mundo, no bairro São José; ECEI Criança Esperança, no bairro Bela Vista; ECEI Pimpolho, no bairro Rui Barbosa; ECEI Trenzinho da Alegria no bairro Aimoré; ECEI Turma da Mônica, no bairro Novo Horizonte; ECEI Raio de Sol, no bairro São Caetano; e a ECEI Professora Rita. Na localidade de Forqueta funciona uma unidade, extensão da ECEI Pimpolho do Bairro Rui Barbosa. Além disso, em três Escolas Comunitárias também são atendidas 87 crianças da Educação Infantil - Etapa Pré-Escola, em contraturno escolar.



FIGURA 162: Escolas Comunitárias de Educação Infantil Atalaia e Criança Esperança  
Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de Educação e Cultura (2019).



FIGURA 163: Escolas Comunitárias de Educação Infantil Pimpolho e Extensão Pimpolho Filial

Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de Educação e Cultura (2019).



FIGURA 164: Escolas Comunitárias de Educação Infantil Professora Rita e Pequeno Mundo

Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de Educação e Cultura (2019).



FIGURA 165: Escolas Comunitárias de Educação Infantil Raio de Sol e Trenzinho da Alegria

Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de Educação e Cultura (2019).



FIGURA 166: Escola Comunitária de Educação Infantil Turma da Mônica  
Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de Educação e Cultura (2019).

### 9.3.10 Professores e a formação

Professores e profissionais de apoio comprometidos e qualificados, são fundamentais para formar cidadãos cada vez mais preparados para conviver em sociedade de forma ética, humana e responsável. É possível perceber que as crianças e nos jovens que passam pela educação de Arroio do Meio desenvolveram essas premissas.

Em março de 2019, a Rede Municipal contava com 189 professores atendendo a Educação Infantil na etapa Pré Escola e o Ensino Fundamental. Destes docentes, 97% possuem Curso Superior, sendo que mais da metade fizeram alguma pós-graduação, Lato ou Stricto Sensu. As Escolas Comunitárias de Educação Infantil contam com 147 educadores.

Para garantir uma educação de qualidade, a Secretaria de Educação e Cultura, busca a formação continuada dos professores por meio de capacitações, seminários, reuniões de estudos e palestras, oferecidos anualmente.

O município investe também na formação interna dos seus professores através de reuniões de planejamento semanais. Esses encontros têm como objetivo conhecer e acompanhar as atividades desenvolvidas nas escolas, planejar as ações pedagógicas e oferecer apoio à implantação e ao desenvolvimento dos projetos desenvolvidos pela Secretaria da Educação e Cultura.

### 9.3.11 Profissionais de apoio e manutenção

Para o bom funcionamento de todas as escolas são necessários profissionais de apoio, servidores responsáveis pela cozinha, limpeza, secretarias e outros serviços. Em março de 2019 eram 47 concursados alocados nos educandários, além de cinco estagiários contratados para atuar nas salas de leitura. Em todos os estabelecimentos de ensino são oferecidas refeições às crianças e jovens. O cuidado com a alimentação saudável e de qualidade é uma preocupação constante. Assim, a partir de 2009, as Secretarias de Educação, Agricultura e a EMATER/ASCAR-RS firmaram importante parceria, que possibilitou

um incremento no cardápio escolar do município. A partir de 2010 foram incluídos nos cardápios das escolas diversos produtos oriundos da Agricultura Familiar local. Entre os alimentos, estão mel, melado, verduras e frutas. Além de beneficiar as crianças com uma alimentação nutritiva e saborosa, incentiva a produção agrícola, melhorando as condições econômicas e sociais da população, pois, do montante de produtos que a prefeitura adquire para a merenda escolar, 40% provêm da Agricultura Familiar.

Em Arroio do Meio, a aquisição de produtos da Agricultura Familiar para a Alimentação Escolar viabilizou a reabertura da Feira do Produtor, que desde setembro de 2010 acontece todos os sábados na Rua de Eventos.

### 9.3.12 Ações complementares para os estudantes

Anualmente, a Secretaria de Educação e Cultura promove eventos pedagógicos e esportivos para os estudantes. Com a finalidade de incentivar a leitura e a escrita, consolidando, assim, os valores da cultura arroio-meense, acontece, desde 1998, o Concurso Literário. Dele participam arroio-meenses natos ou residentes, bem como professores e alunos de todo território. A cada edição é formada uma comissão composta por professores, Secretaria de Educação e membros representantes da comunidade, que faz a leitura de todos os textos e seleciona aqueles que comporão a obra literária de cada edição. Até o momento foram publicados 13 livros:



FIGURA 167 e 168: Capas do Concurso Literário de 1998 a 2007.

Fonte: Acervo da Secretaria de Educação e Cultura (2019).



FIGURA 169 e 170: Capas do Concurso Literário de 2009 a 2018

Fonte: Acervo da Secretaria de Educação e Cultura (2019).

As Olimpíadas Estudantis mobilizam estudantes de todos os educandários. Organizadas pelo Departamento de Esportes da Secretaria de Educação e Cultura, desde 2001, consistem em competições que ocorrem no decorrer do ano letivo abrangendo modalidades como atletismo, futsal, voleibol, mini-vôlei e jogos inteligentes (xadrez, damas e moinho).

Na área esportiva, o Departamento de Esportes da Secretaria de Educação e Cultura oferece, aos estudantes matriculados na rede municipal de ensino, escolinhas de basquete e voleibol. Em uma parceria, através de edital público, com a Associação Vale do Taquari de Esportes – AVATES, cerca de 230 crianças e adolescentes de 6 a 16 anos participam das Escolinhas Esportivas de Voleibol Feminino e Basquete Masculino. Além disso, o município apoia via edital público, as Escolinhas de Futebol Pratas da Casa e Rui Barbosa, atendendo cerca de 330 crianças e adolescentes de 04 a 17 anos.

Percebendo na juventude as apostas futuras e a educação como ponte para grandes mudanças, a Administração de Arroio do Meio, em conjunto com os Grêmios Estudantis das escolas do município, desenvolve o projeto “Chuva de Ideias”. Focado na inovação e no empreendedorismo dos alunos, o projeto consiste em dar voz aos grêmios que podem elencar sugestões e propostas visando à promoção de ideias inovadoras que tenham o potencial de contribuir, de alguma forma, com o coletivo e com a cidade como um todo. Além de dar

voz aos jovens, o projeto visa igualmente contribuir para o estreitamento das relações entre representantes estudantis e sua comunidade.

Em parceria com a Cooperativa Sicredi, o município tem desenvolvido projetos, como: “Educação Financeira” e “Educação Fiscal”, cujo objetivo é fazer com que os estudantes entendam mais sobre a estruturação do orçamento familiar. As atividades contemplaram os alunos dos Anos Iniciais.

## **9.4 Cultura em Arroio do Meio**

Além da preocupação com a formação dos professores, da infraestrutura das escolas, da alimentação para os alunos, entre outros, a prefeitura municipal desenvolve uma série de atividades culturais e esportivas para a comunidade. Além disso, a população tem acesso a livros da Biblioteca Pública, internet, oficinas de artesanato, música, entre outros. Isso não é de agora, visto que nas décadas passadas a população já aproveitava os espaços de lazer, entre eles, o Cine Teatro Real.

O Departamento de Cultura, vinculado à Secretaria de Educação e Cultura e instalado na Casa do Museu, tem por objetivo otimizar a ocupação dos espaços culturais públicos, articular e viabilizar ações de fomento e fruição cultural no município. O departamento é idealizador, parceiro e apoiador de manifestações, eventos e projetos culturais, além de apoiar ações na interface cultura-turismo-economia.

### **9.4.1 O cinema em Arroio do Meio: diversão e cultura para todas as idades**

O Cine Teatro Real experimentou, por muitos anos, inúmeras manifestações artísticas. Centenas de filmes foram exibidos em sua tela; no palco, músicos se apresentaram e peças teatrais foram encenadas. As pessoas que frequentavam cinema, especialmente nas décadas de 1970 e 1980, vão lembrar das “matinês” que alegravam o domingo à tarde ou das sessões noturnas, que eram precedidas pelas notícias do Canal 100<sup>58</sup>. Assim foi marcada a história de uma das mais tradicionais casas de entretenimento de Arroio do Meio.

O Cine Teatro Real foi inaugurado em 1º de fevereiro de 1954, contando, na época, com 151 sócios. Foi explorado pelo grupo fundador até 1970. Após, foi alugado e funcionou até meados de 1986 como cinema. Conforme o Estudo da Comunidade de Arroio do Meio (1961, p. 25),

Esta construção foi mais um grande progresso para nossa cidade, embelezando ainda mais o centro da mesma. É um prédio alto e vistoso. Está localizada em frente à fábrica de balas de Ammos Wallerius à rua

---

58 Segundo Maia (2006, p. 32) “Carlos Niemeyer foi o idealizador e produtor do Canal 100, deve-se a ele o desenvolvimento de um periódico que ficou em exibição nas telas de todo o país por 27 anos (1959-1986)”. O Canal 100 apresentava antes da exibição dos filmes nos cinemas do Brasil, notícias com um forte caráter de entretenimento, especialmente matérias sobre futebol.

Daltro Filho nr. 49. Foi inaugurada a 1º de fevereiro de 1954. Durante toda a semana da inauguração houve projeções de filmes à noite. Os sócios fundadores são 151 pessoas. A maioria são pessoas ou firmas existentes na cidade, como Wallérius, a maior delas, Kirst & Cia, Frigorífico Ardomé, Fleck & Cia, Casa Schneider e o Senhor Emílio Kaufmann.

O relato prossegue com a descrição física do cinema (FIGURA 171): 700 poltronas, com tela de projeção panorâmica, cujo projetor era o usado no Clube Esportivo. O texto relaciona que “no seu interior está o toca-discos que, através do alto-falante, distrai o público enquanto o mesmo aguarda o início do cinema” (1961, p.25), além de janelas, três de cada lado, para melhor arejamento da sala e, ainda, duas portas laterais.



FIGURA 171: Prédio do Cine Teatro Real [s.d.]

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2010).

Outra descrição é quanto à iluminação. O Cine tinha luzes de várias cores, vermelha, azul, verde e amarela, colocadas em tipos de vasos. Os donos do cinema comercializavam filmes com diversas produtoras, entre elas: Metro-Goldwyn-Mayer, Condor Filmes, United Artist, Herbert Richards.

Com a popularização da televisão, as casas de espetáculos enfrentaram sérios problemas, pois a falta de público inviabilizava o negócio. Não foi diferente com o Cine Teatro Real, que encerrou suas atividades em 1986. Depois disso, entre 1986 e 2009, a prefeitura alugou o espaço, que foi utilizado para ensaios, apresentações teatrais, abertura de ano letivo (FIGURA 172). Como não houve a renovação do contrato de aluguel, em 2009 o proprietário do imóvel vendeu-o para um investidor privado (O INFORMATIVO DO VALE, 2010).



FIGURA 172: Abertura do Ano Letivo de 1998 no Cine Teatro Real  
Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2019).

#### 9.4.2 Guarda da Memória: a Casa do Museu

Erguido por volta de 1918, o prédio onde funciona a Casa do Museu (FIGURA 173) abrigou o consultório do médico Dr. Ernesto Von Heckel. Em 1952 a Prefeitura adquiriu o imóvel, que sediou o governo municipal daquele ano até 1974, ano em que foi transferido para o atual prédio. Em 1979 o imóvel foi vendido, sendo readquirido em 1992 e declarado de utilidade pública. Entre os anos de 1997 e 2008 sediou a Secretaria de Educação e Cultura.



FIGURA 173: Prédio da Casa do Museu, que abriga o Museu Municipal  
Fonte: Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal. Crédito: Tax Imagens Aéreas (2019).

Em 2008 foi criada a Comissão Pró-Museu, que tinha como motivação a instalação oficial de um museu em Arroio do Meio. No ano seguinte, mais um importante passo é efetivado, com a constituição de uma equipe de trabalho, responsável por organizar o espaço de memória. Assim, o local onde foram constituídas as primeiras ações com intuito de preservar, abrigar e valorizar a memória do município, passou a se chamar Casa do Museu, cujo local passa a abrigar, a partir de 2013, o Museu Público Municipal de Arroio do Meio, oficializado a partir do Decreto 2.174 (MUSEU, 2019).

Além dos investimentos por parte da prefeitura, a Casa do Museu contou com o aporte financeiro de instituições que fomentam a cultura no Brasil. Em 2011, a partir da participação no Projeto Mais Museus, o Programa de Fomento aos Museus do Instituto Brasileiro dos Museus (IBRAM/MinC) liberou recursos que possibilitaram investimentos na parte física do prédio como: instalação da reserva técnica, laboratório para curadoria do acervo, mobiliário para exposições e iluminação. Além disso, os recursos permitiram a contratação de uma assessoria técnica e a elaboração do Plano Museológico da instituição.

Vinculada à Secretaria de Educação e Cultura - Departamento de Cultura, a o Museu é coordenado pelas professoras Carla Jaqueline Schroeder e Mara Betina Forneck e tem como responsável técnica Élin Regina Westenhofen. A casa ocupa uma área de 418,56m<sup>2</sup>, distribuída em sala de exposições, reserva técnica, laboratório para curadoria do acervo, sala para realização de oficinas, sala para sessões de cinema/ audições/ palestras, além de espaços destinados a parte administrativa, coordenação e outros serviços. O acervo do Museu é composto por fotos, documentos, mapas e objetos tridimensionais totalizando mais de 10.000 itens catalogados. Colaborando com a Casa do Museu, o grupo Amigos do Museu auxilia na organização de eventos e exposições, além de doação e curadoria de objetos, fotos e documentos.

Em 2018, a Administração Municipal investiu mais de R\$ 50 mil na manutenção da casa que abriga o Museu. Foram restauradas 12 janelas do prédio, realizadas pinturas internas e externas, melhorias no telhado e colocação de azulejos em espaços internos. A obra teve como objetivo a manutenção do Patrimônio Público, considerando que é o único prédio tombado no município (MUSEU, 2019).

Além disso, nesse espaço físico, a população de Arroio do Meio tem à disposição inúmeras atividades e serviços, pois a casa abriga também o Museu Público Municipal, a Junta de Serviço Militar e o Conselho Municipal de Educação.

Para além das exposições – fixas ou itinerantes - e visitas guiadas, outras ações são realizadas na casa, como as oficinas Tem Música no Museu, que envolve cerca de 120 crianças e adolescentes entre aulas instrumentais e vocais; e a oficina de Cerâmica, cuja atividade terapêutica se estende à comunidade, a grupos de convivência do Centro de Referência da Assistência Social e a pacientes da Saúde Mental, Hospital São José. São realizadas ainda dezenas de exibições na sala de cinema Cineclub Real (MUSEU, 2019).

Conforme seu Plano Museológico, o Museu Público Municipal de Arroio do Meio tem por missão ser um espaço de memória no qual se identifica, preserva, valoriza e divulga o patrimônio histórico-cultural do município por meio da salvaguarda do acervo e de programas expositivos dinâmicos de curta e longa duração, constituindo-se também em um espaço de criação e difusão de expressões artísticas, numa perspectiva de um museu para todos.

Nesse sentido, a cada ano, o Museu Público Municipal de Arroio do Meio apresenta uma nova exposição que é elaborada a partir de pesquisa bibliográfica e histórica. Entre elas, destaca-se a de 2019, intitulada “Há 85 anos... A década de 1930 em Arroio do Meio”, que retrata o período de emancipação. Esta apresenta parte da documentação do prefeito Aristides Hailliot Tavares, que administrou o município entre 1938 e 1941. Esses documentos do ex-prefeito, registros riquíssimos sobre a história da cidade, foram doados ao Museu em novembro de 2018, pelo neto Aristides de Mello Tavares.

Desde a sua fundação, a Casa do Museu e o Museu promoveram mais de 30 exposições temáticas. O Museu também participa das atividades desenvolvidas pelo Instituto Brasileiro de Museus, a Semana Nacional de Museus, evento que ocorre todos os anos em todas as instituições museológicas do Brasil.

No ano de 2019, a casa que abriga o Museu completou 100 anos, momento de comemoração e reflexão sobre as práticas de preservação do patrimônio e da memória da comunidade. O local, em si, é símbolo da dinamicidade da comunidade, tendo abrigado desde empreendimentos particulares até, por alguns anos, a sede da prefeitura. Para a vice-prefeita, Eluise Hammes (2019)<sup>59</sup>, preservar a casa mostra a sensibilidade e o respeito pela memória dos que construíram nossa história.. Segundo o prefeito Klaus Werner Schnack (2019)<sup>60</sup>, é preciso valorizar espaços como o do museu “pois há alma dentro dos imóveis, que são testemunhas da história do povo de Arroio do Meio ao longo dos tempos”.

Um dos objetivos do Museu Público Municipal é atuar com ações pautadas na democratização do saber histórico e museológico. Assim, com foco na educação patrimonial, turmas das escolas do município participam de oficinas e atividades voltadas à história local e regional.

Com a Pandemia de Covid-19, o ano de 2020 se mostrou um desafio nas mais diversas esferas sociais. No âmbito educacional, foi momento de reinventar-se e buscar novas alternativas que dessem conta das demandas inerentes ao ensino. Nesse sentido, em 2020 foi lançado o Canal do YouTube do Museu Público Municipal de Arroio do Meio, que apresentará, por meio de vídeos, capítulos da história do município. Em virtude da pandemia, em agosto último foi realizada uma live em comemoração ao Dia Estadual do Patrimônio Cultural, que foi transmitida ao vivo pelo Canal do YouTube, contando com

---

59 Trecho do discurso proferido em 15 de maio de 2019, no evento de lançamento das atividades em comemoração aos 85 anos de emancipação política do município.

60 Trecho do discurso proferido em 15 de maio de 2019, no evento de lançamento das atividades em comemoração aos 85 anos de emancipação política do município.

a participação dos professores Sérgio Nunes Lopes, Christian Krämer, Carla Jaqueline Schroeder e o Prefeito Municipal Klaus Werner Schnack.

As oficinas de cerâmica iniciaram em 2012 através do Projeto “Do Esteco ao Maneco”, contemplado pelo Fundo de Apoio à Cultura - RS que atendiam pessoas de 8 a 80 anos, ministradas pela ceramista Claudia Jung.

Desde lá ocorrem oficinas na Casa, sendo que, em 2017 teve início o projeto Vivências em Cerâmica, são vivências oferecidas pelo Poder Público, contemplando grupos da comunidade, bem como grupos terapêuticos, que viabilizam a participação de pacientes do setor de Saúde Mental do Hospital São José e do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS). É possível perceber a riqueza e diversidade desse trabalho nas obras expostas na Praça Flores da Cunha, no pátio da Casa do Museu e durante as decorações festivas desenvolvidas por ocasião da Páscoa e do Natal, por exemplo.

Preservar esse prédio centenário e mantê-lo vivo com ações envolvendo a comunidade mostra a sensibilidade e o respeito pela memória dos que construíram a nossa história.

### **9.4.3 Projeto *Culturas e Expressões***

Sabendo da importância da musicalização nas etapas da infância e adolescência, a Secretaria de Educação e Cultura promoveu o Projeto Tem Música no Museu, por meio do Programa Nacional de Fomento e Incentivo à Cultura (ProCultura) do Governo do Estado. Ao longo do ano de 2019, crianças e jovens de 10 a 16 anos participaram de oficinas semanais gratuitas de sopro, teclas, percussão, cordas e técnica vocal.

Além disso, desde agosto de 2018 é desenvolvida a Orquestra Municipal que é conduzida pelo professor de música da rede municipal e maestro Cristiano Leonhardt. Atualmente o grupo é formado por cerca de 25 integrantes, com idades entre 10 e 60 anos e permanece aberto a novos músicos que tenham interesse de participar. O grupo reúne-se semanalmente na sede da Secretaria para os ensaios. O grupo apresenta-se em eventos municipais e abrange um amplo repertório que vai desde a música sacra até a popular, temas de filmes, rock e músicas alemãs.

Assim, o Projeto Cultura e Expressões potencializa as ações desenvolvidas na área de Arte nas escolas municipais, ao promover introdução à música, despertando e qualificando talentos locais, fomentando a Orquestra Municipal e fortalecendo a economia da cultura.

### **9.4.4 Biblioteca Pública Municipal Barão do Rio Branco**

A Biblioteca Pública Municipal Barão do Rio Branco foi criada em 1969, por meio da Lei Municipal n o 22, de 29 de agosto de 1969. Desde 2008 está instalada na Rua Dr. João Carlos Machado, 1000, junto à Secretaria Municipal de Educação e Cultura e está aberta a toda a comunidade local e regional, com atendimento de segunda à sexta-feira.

Em 2019, ano de seu cinquentenário, ela passou por reformas a fim de oferecer um ambiente mais atrativo e acolhedor, com espaço infantil, computadores com acesso à internet e mesas para realização de pesquisas (FIGURA 174).



FIGURA 174: Ambientes da Biblioteca Pública

Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de Educação e Cultura (2020).

De acordo com a bibliotecária Dinara Alba (2019), o acervo é composto por, aproximadamente, 13 mil exemplares, incluindo periódicos, livros de diversas áreas do conhecimento e, principalmente, de literatura, para todas as idades. A biblioteca dispõe ainda de livros em braile e audiolivros. Além da consulta no local, mediante cadastro prévio, os leitores podem solicitar o empréstimo domiciliar dos livros, permanecendo com eles por até duas semanas.

O público leitor é bastante variado (crianças, jovens, adultos e idosos) e só nos últimos 12 meses foram realizados em torno de 4.500 empréstimos domiciliares de livros (ALBA, 2019). Ao longo desses 50 anos, este espaço cultural vem desenvolvendo diversas atividades e projetos de incentivo à leitura e entre as iniciativas, destacam-se: clube de leitura; contação de histórias; feira de troca-troca de livros; biblioteca itinerante; sarau literário (FIGURA 175); cinema na biblioteca, entre outros.



FIGURA 175: Sarau Literário é uma das atividades oferecidas na Biblioteca  
Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de Educação e Cultura (2020).

Desde 2014, o município conta com uma bibliotecária, com formação em Biblioteconomia que, dentre outras atividades, vem trabalhando nos processos de organização do acervo – de acordo com a Classificação Decimal Universal (CDU) – e de informatização do catálogo da biblioteca, por meio do *software* Biblivre, o que possibilita maior controle do acervo e de circulação dos livros (empréstimos e devoluções). A partir da conclusão da informatização, o catálogo *online* será disponibilizado aos leitores, que poderão consultar o acervo da biblioteca e verificar a disponibilidade dos livros de forma remota.

#### 9.4.5 Click Cidadão

O município vem desenvolvendo o projeto “Click Cidadão”, programa de inclusão digital que abrange a área urbana da cidade. O programa - implantado gradualmente - busca oportunizar a inclusão digital por meio do acesso gratuito à internet<sup>61</sup>. É possível ter acesso à rede na Praça Flores da Cunha através do projeto “Internet na Praça”. Para além do acesso no meio urbano, a prefeitura vem trabalhando junto ao Ministério da Educação, Ciência e Tecnologia para fornecer internet no meio rural (SCHNACK, depoimento oral, 2019).

#### 9.4.6 Cineclube

O Cineclube Real é fruto de um projeto aprovado pelo Edital Federal - Cine Mais Cultura, cujo objetivo foi viabilizar salas de exibição gratuita de filmes em pequenos municípios do Brasil. Em atividade desde 2010, em seu momento inicial o espaço promoveu sessões semanais de cinema, seguido de bate-papo. Mais tarde, as sessões tornaram-se quinzenais e atualmente ocorrem mensalmente. Instalado no sótão da Casa do Museu, a sala Cineclube oferece 25

61 Programa Click Cidadão. Disponível em: <<http://www.arroiodomeio.rs.gov.br/clickcidadao/>>. Acesso em: 30 de jul. de 2019.

lugares, climatização, equipamentos de som e imagem. Atende agendamentos de escolas e grupos, além de sediar diversas reuniões.

#### **9.4.7 Casa do Turista e Artesão**

Em 2019, por ocasião dos festejos dos 85 anos do município, foi inaugurada, na Rua Dr. João Carlos Machado, no pátio da Secretaria de Educação e Cultura, a Casa do Turista e do Artesão. O espaço proporciona visibilidade ao artesanato local e também funciona como um centro de informações turísticas, sendo coordenado pela Associação dos Artesãos de Arroio do Meio. A gestão municipal tem articulado proposta para investir tanto na qualificação quanto promoção dos trabalhos realizados pelo grupo.

#### **9.4.8 Núcleo Municipal de Cultura**

Com o objetivo de organizar, fomentar e divulgar a cultura, foi criado, em 1991, o Núcleo Municipal de Cultura. Ao longo dos anos, a entidade, em parceria com o poder público, busca perpetuar as mais diversas expressões culturais do município.

Por meio de termo de fomento firmado entre Núcleo de Cultura e Prefeitura, grupos culturais constituídos e habilitados conforme o plano de ação da entidade recebem, mensalmente, um repasse financeiro que auxilia na manutenção parcial das despesas dos grupos. Tais recursos garantem a continuidade de diversas manifestações culturais, como o canto coral, o teatro, as danças folclóricas alemãs e as internadas artísticas do tradicionalismo. Integram o Núcleo de Cultura os seguintes grupos (FIGURA 176): Coral Municipal de Arroio do Meio, Associação Recreativa Concórdia (Palmas), Associação de Cantores Concórdia (São Caetano), Vocal Nota Livre, Associação de Cantores Vozes da Forqueta, Grupo Teatral Foice Acena, Grupo de Danças Helmuth Kuhn, Grupo Folclórico Alemão Fröhsinn, CTG Querência do Arroio do Meio, ACMA (Associação Cultural e Musical de Arroio do Meio) e Grupo de Artesãos de Arroio do Meio.



Associação Cultural e Musical de Arroio do Meio - ACMA



CTG Querência do Arroio do Meio



Coral Misto Concórdia de Palmas



Coral Misto Palmas Sul



Associação de Cantores Concórdia de São Caetano



Coral Municipal de Arroio do Meio



Vocal Nota Livre



Coral Vozes da Forqueta



Grupo Folclórico Alemão Frohsinn



Grupo de Danças Folclóricas Helmuth Kuhn



Grupo Teatral FoiceAcena



Associação dos Artesãos Arroio do Meio em Arte

Figura 176: Grupos vinculados ao Núcleo de Cultura

Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de Educação e Cultura (2020)

Importante observar também a contribuição de músicos, instrumentistas, declamadores, escritores, artesãos, cantores, artistas plásticos, grafiteiros, atores, dançarinos, bailarinos, patinadores, capoeiristas, poetas e contadores de causos, que enriquecem a cultura arroio-meense. Reconhecidos ou anônimos, protagonizam as manifestações que constroem a identidade cultural do município.

Esses grupos culturais, somados às demais entidades, associações e grupos comunitários, movimentam a vida cultural, religiosa, esportiva, social e comunitária do município conforme o calendário oficial de eventos, organizado anualmente pela Administração Municipal.

Destaque para a diversidade de manifestações de convívio comunitário observadas na programação desses eventos, desde os tradicionais bailes de kerb, atualmente popularizados em jantar baile, baile de idosos, café festivo de clubes de mães, encontros de família, festas de padroeiro, festival de corais, festas e bailes temáticos/étnicos, espetáculos de teatro, exposições artísticas, noites culturais, feiras de artesanato, de saúde e de produtos agrícolas, além de inúmeros campeonatos de futebol, bocha, vôlei e ciclismo. Assim, a Administração Pública em parceria com a comunidade promovem diversos eventos ao longo do ano, movimentando a vida cultural do município.

#### 9.4.10 Gincana de Arroio do Meio

Um evento de entretenimento que “agita” a cidade é a Gincana de Arroio do Meio (FIGURA 177). Mobiliza centenas de pessoas de todo o município, assim como da região. Criatividade, ousadia, conhecimento e emoção pautam a programação da Gincana que reúne gincaneiros de todas as idades para a realização de inúmeras tarefas que premiam o desempenho das melhores equipes.

A Gincana The Horse era organizada até 2016 pelo The Horse - Sociedade Recreativa, Beneficente e Cultural. Em mais de 20 anos a entidade promoveu a gincana, sendo um dos motivos apresentados para o fim das atividades a

amplitude que o evento foi adquirindo ao longo dos anos.<sup>62</sup> Com o objetivo de dar continuidade à história da realização da gincana como ação integradora das atividades culturais e de lazer, a Prefeitura passou a promover a Gincana de Arroio do Meio. A partir de um edital é contratada uma empresa responsável pela organização.



FIGURA 177: Desfile da Gincana

Fonte: Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio, 2010.

No ano de 2017 o município promoveu a 1ª Gincana Arroio do Meio, cabendo a organização do evento à empresa Conte Comunicação e Marketing e divulgação da Rádio Emoção FM 90.1. A Gincana teve como participantes, equipes de tradição no município, como Hure Pook, Schtena, Hashtag, Méxicoperu, sendo vencedora da primeira edição a equipe Curê. Em 2019, a Gincana de Arroio do Meio teve como tema “Faz parte da nossa história”, em alusão ao aniversário de 85 anos de Arroio do Meio. Dessa edição participaram Schtena, Curê, Hashtag e Vem cô Chico e teve como equipe vencedora a equipe Curê.

#### 9.4.11 CulturArte e Feira do Livro

O maior evento cultural do município evidencia a beleza, a criatividade e a riqueza das diferentes manifestações culturais. É um espaço múltiplo, coletivo, em que a variedade de expressões é construída por meio da valorização da individualidade.

62 Gincana The Horse não será mais promovida. Disponível em: <<http://www.oaltotaquari.com.br/portal/2016/11/gincana-the-horse-nao-sera-mais-promovida/>>. Acesso em: 30 de jul. de 2019;

A CulturArte, organizada pela Secretaria de Educação e Cultura juntamente com as escolas do município, possibilita a expressão de novos talentos na música, no teatro, nas artes, na leitura (FIGURA 178). É a oportunidade de conhecer e apreciar o que Arroio do Meio têm, desenvolve e viabiliza na área de Educação e Cultura.



FIGURA 178: CulturArte promovido pela Secretaria de Educação e Cultura. Lançamento do evento em 2019 - Área de Lazer Pérola do Vale. Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2019).

O lançamento da CulturArte 2019 e da 29ª Feira do Livro ocorreu em 14 de julho. Os participantes puderam transitar por diversas expressões artísticas, como exposições de obras de pintura e cerâmica, estandes e cavaletes com referências ao cinema e à literatura, interação direta com grupos de danças, mímica e música ao vivo.

Com o slogan “#Conexões pelas Artes”, a 29ª Feira do Livro de Arroio do Meio e a 17ª CulturArte teve abertura no dia 31 de agosto de 2019, contando com a apresentação de 120 instrumentistas de Arroio do Meio e de vários municípios da região no evento Sons de Arroio do Meio. A abertura ainda teve a participação dos grupos do Núcleo Municipal de Cultura: o Grupo Folclórico Alemão Fröhssinn e CTG Querência do Arroio do Meio.

As atividades da 29ª Feira do Livro ocorreram no Complexo CulturArte (Rua de Eventos Espaço da Família, Praça General Flores da Cunha, Casa do Museu, salão do Clube Esportivo Arroio do Meio e auditório da ACISAM) e seguiram até o dia 04 de setembro, com apresentações culturais e mostra literária. A maior feira do livro comunitária da região reúne todos os anos um público de mais de 5 mil pessoas entre alunos, professores, grupos culturais, famílias, escritores, artistas e comunidade em geral.

## 9.4.12 Semana de Aniversário do Município

Instituída por lei em outubro de 1974, a Semana do Município transformou-se no mês de festejos de aniversário face à diversidade e à quantidade de eventos que integram o mês de novembro - a data alusiva à criação do município é 28 de novembro. Em 2018, a Semana do Município foi repleta de ações e eventos, atividades culturais, esportivas, de entretenimento e lazer para todas as famílias. Entre as atrações, show de aniversário do Município com a banda Eletro Radio; lançamento do livro “Meu Lugar...Minhas Memórias”; XVI Rodeio Crioulo Estadual, no CTG Querência do Arroio do Meio; 3º Encontro de Rebaixados e Som Automotivo; Sessão especial de Cinema no Cineclub Real; Sport Fest; 5ª Volksmania e 3ª Oldmania; final do 9º Campeonato Municipal de Futsal; Feira Municipal da Saúde; 16º Desfile da Primeira Infância. Para finalizar a programação, apresentação do Concerto Natalino da Escola de Música Josélia Jantsch Ferla.

Destaque para as comemorações de 2009 e 2014, quando o município promoveu um desfile alusivo aos 75 anos e 80 anos de Arroio do Meio, com a participação direta de centenas de munícipes, entidades e empresas que representaram os mais diversos segmentos em alas temáticas. Em 13 de abril de 2014, abrindo oficialmente a programação dos 80 anos de Arroio do Meio, houve programação na Rua de Eventos e na Praça Flores da Cunha. Cerca de cinco mil pessoas assistiram à Escolha do Casal da Melhor Idade e da nova corte de Soberanas do Município. O evento contou ainda com os shows das bandas Os Tropicais e La Montanara. Culminando com as comemorações de aniversário, aconteceu o desfile (FIGURA 179) mostrando as conquistas dos 80 anos de Arroio do Meio.



FIGURA 179: Desfile de aniversário de 80 anos do município  
Fonte: Prefeitura Municipal de Arroio do Meio (2014).

A comemoração dos 85 anos do município de Arroio do Meio, ocorrida em novembro de 2019, contou com diversas programações envolvendo a participação de entidades e da comunidade como um todo. Em 12 de novembro de 2019, na Casa do Museu aconteceu o lançamento da programação do Mês de Aniversário, bem como da Programação de Natal.

Destaque para a Hora Cívica, realizada no dia do aniversário do município, 28 de novembro, em frente à Prefeitura Municipal que culminou com a inauguração da Casa do Turista e Artesão, localizada em frente à Secretaria de Educação. O mês de novembro ainda contou com os eventos: homenagem e entrega de Certificado de Cidadão Arroio-meense, entrega dos Certificados do Curso de Cuidadores de Idosos, finais do 10º Campeonato Municipal de Futsal, torneio de reinauguração das Quadras de Areia da Área de Lazer Pérola do vale, sessão de cinema com a exibição do documentários *Sementes de Vida* (sobre a trajetória das mulheres e da agricultura orgânica no município), escolha do Rei e Rainha (FIGURA 180) da 3ª Idade Pá Rural, celebração de Ação de Graças e entrega da obra de ampliação e revitalização do Posto de Saúde Central.



FIGURA 180: Rei e Rainha da 3ª Idade 2020-2022, José Inácio Kunz e Maria Lansing  
Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de Educação e Cultura (2019)

A Escolha das Soberanas e o Show de Aniversário do Município com João Luiz Corrêa marcaram as comemorações do Aniversário do Município e ao mesmo tempo estreou a iluminação, a decoração e programação natalina. Ocorrido na Rua de Eventos, foi escolhida a nova corte que representará o município ao longo dos anos de 2020 a 2022, tendo como Rainha Bárbara Juchem Kunst e Princesas Alice Jung Duarte e Júlia Nilsson Stroher(FIGURA 181).



FIGURA 181: Soberanas do ano de aniversário de 85 anos  
Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de de Educação e Cultura (2020)

Ao longo do mês de dezembro também aconteceu o lançamento do livro “O Tempo é o Senhor da Razão” da autoria de Gilberto Jasper Júnior, a Caminhada Natalina seguida da entrega da obra de revitalização do Prédio da Secretaria de Educação e Cultura, a Rústica Festiva da Bioteam, a Cantata de Natal e o Concerto Didático do Projeto Tem Música no Museu, envolvendo os alunos das oficinas instrumentais.

Ocorreu também o Natal na Rua, na tarde do domingo, dia 22, integrando as ações do comércio local, o Desfile dos Bebês, a apresentação da Orquestra Municipal e a chegada do Papai Noel, além de diversas atrações dispostas ao longo da Rua Dr. João Carlos Machado. Esta fechada para o trânsito de veículos, foi ocupada por centenas de famílias que prestigiaram o evento que encerrou, numa grande festa comunitária, as comemorações do Natal da Família 2019.

#### **9.4.13 Caminhada Natalina**

A Caminhada Natalina (FIGURA 182 e 183), ocorre desde 2008 e teve em 2019 a sua 12ª edição. Além dos grupos integrantes do Núcleo Municipal de Cultura, nesta edição participaram a Orquestra Municipal e o grupo de teatro da EMEF Bela Vista. O percurso da caminhada conta com diversas atrações (música

instrumental, canto-coral, teatro) e vem se inovando e apresentando novidades ao longo dos anos.

É uma ação promovida e organizada pelo Núcleo Municipal de Cultura com apoio da Administração Municipal. O evento tem objetivo de estimular o espírito natalino com a entoação de cânticos, encenações e caminhadas. Além disso, ela proporciona visibilidade ao trabalho dos grupos do Núcleo e promove um conagraçamento entre as ações culturais e a comunidade, enaltecendo a vida, a paz e fraternidade, cultivando o verdadeiro espírito do Natal.



FIGURA 182: A Caminhada Natalina teve início no Hospital São José, oportunidade de abençoar esse espaço tão significativo e importante para o município!

Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de Educação e Cultura (2020)



FIGURA 183: Na fotografia, o Coral Concórdia de São Caetano se apresenta na sacada da Casa Canônica.

Fonte: Acervo fotográfico da Secretaria de de Educação e Cultura (2020)

Em 2019, a Orquestra Municipal sob a regência do professor Cristiano Lenhardt também participou da Caminhada Natalina (FIGURA 184), evidenciando o trabalho conjunto entre Poder Público, Núcleo de Cultura e Comunidade para realização do evento que já é tradição no município.



FIGURA 184: Orquestra Municipal em apresentação na Caminhada Natalina.

Fonte: Acervo Fotográfico da Secretaria de Educação e Cultura (2019).

# Capítulo 10 – Saúde e Assistência Social

A qualidade de vida de uma população não depende exclusivamente de um setor. A oferta de infraestrutura básica em um município influencia diretamente na vida de seus munícipes. Sendo assim, são inúmeros os fatores que colaboram para o bem-estar, entre eles, o acesso à saúde.

Nesse sentido, em 1990, a Organização das Nações Unidas, a partir do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, criou o Índice de Desenvolvimento Humano, IDH, indicador mais conhecido internacionalmente para avaliar a qualidade de vida das populações, sejam elas em países, estados, regiões e cidades (MARTINS; FERRAZ; COSTA, 2006). De acordo com o PNUD (2019), “O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)<sup>63</sup> é uma medida resumida do progresso a longo prazo em três dimensões básicas do desenvolvimento humano: renda, educação e saúde”. Conforme o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2019), “O Índice de Desenvolvimento Humano - Arroio do Meio é 0,769, em 2010, o que situa esse município na faixa de Desenvolvimento Humano Alto”.

A população de Arroio do Meio conta com três Unidades Básicas de Saúde - UBS, nos Distritos de Palmas, Arroio Grande e Forqueta e mais cinco Estratégia da Saúde da Família - ESF, situados nos Bairros Navegantes, Aimoré, Bela Vista, São Caetano e Rui Barbosa, além do Posto de Saúde Central, o qual foi ampliado e reestruturado proporcionando mais qualidade e bem-estar nos atendimentos para as pessoas que o utilizam.

Uma Saúde marcada por avanços com o programa “Saúde mais perto de você”, em que profissionais da enfermagem e médicos visitam as famílias levando a prevenção e o bem-estar aos lares do município.

Destaque para o Hospital São José, instituição que se tornou referência regional em várias especialidades, como: maternidade, traumatologia de média complexidade, cirurgia vascular e otorrinolaringologia e municipalização da Saúde, marco importante na gestão pública do município, o qual passou a gerir plenamente os recursos federais e estaduais destinados à área da saúde visando uma gestão mais próxima a realidade da saúde na região.

Para melhorar ainda mais a qualidade de vida, Arroio do Meio conta com instituições que dão amparo e que se preocupam com crianças, jovens e idosos. A Associação dos Menores de Arroio do Meio - AMAM, a Associação Arroio-Meense de Amparo ao Idoso - AMAI, a Sociedade Recreativa, Beneficente e Cultural The Horse e a Sociedade Sulina Divina Providência, o Hospital São José, além de promoverem a melhoria da saúde e do bem-estar da população, estão engajados com a promoção de campanhas e eventos culturais.

---

63 O índice varia entre 0 (valor mínimo) e 1 (valor máximo).

## 10.1 Espaços e programas de saúde: o atendimento à população

Nos postos mantidos pelo município, a Secretaria Municipal de Saúde oferece uma série de serviços para a população. Diariamente são realizadas consultas médicas, odontológicas, aplicação de vacinas (rotinas e campanhas), teste do pezinho, eletrocardiogramas e procedimentos ambulatoriais (biópsias e suturas), além das visitas domiciliares com profissionais qualificados (médico, enfermeira, técnica de enfermagem e agentes de saúde). Na medida em que o paciente necessitar de medicamentos para o tratamento, para algumas enfermidades, esse pode retirar nas farmácias mantidas pela Secretaria. Para realização de exames e tratamentos especializados (Raio X, Ecografia, Mamografia e sessões de Fisioterapia) o município mantém convênios com entidades hospitalares e clínicas para complementação desses serviços. Alguns pacientes necessitam de atendimento em outros centros de saúde, como Porto Alegre, Taquari, Encantado, sendo assim, é disponibilizado transporte adequado para as pessoas que necessitam se deslocar para essas cidades. A prefeitura, a partir de um convênio firmado com o Hospital São José, em 2013, mantém Plantão Médico no Hospital 24 horas, para casos de emergência, sendo totalmente custeado pelo município. Da mesma forma, a Administração Municipal custeia os atendimentos realizados pelo Serviço de Atendimento Móvel de Urgência - SAMU (SECRETARIA MUNICIPAL DA SAÚDE, 2019).

Os números são expressivos, os quais necessitam de atenção por parte do Poder Público. Somente nos primeiros três meses do ano de 2019, entre os serviços prestados pela Secretaria Municipal de Saúde, foram realizadas mais de 6.500 consultas médicas nos Postos de Saúde (UBS e ESF), mais de 14.000 pacientes foram atendidos nas farmácias, 3.300 auxílios para exames e procedimentos especializados, além de 4.700 consultas no Plantão do Hospital (RELATÓRIO DOS ATENDIMENTOS, 2019).

Para manter o bem-estar e fazer um trabalho preventivo, para diminuir a incidência de doenças, a prefeitura procura oferecer sempre mais para a população. Exemplo disso são as Academias de Saúde ao Ar Livre, as quais oferecem uma série de equipamentos para a realização de exercícios físicos (FIGURA 185). Assim, promoção à saúde, bem-estar, prática de exercícios e encontros entre vizinhos são os principais objetivos das academias.



FIGURA 185: Academia no Loteamento Antares

Fonte: Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio (2019).

## 10.2 Centro de Referência e Assistência Social

Assegurado pela prefeitura, o Centro de Referência em Assistência Social – CRAS -, caracterizado como uma “[...] unidade de proteção à ocorrência de situações de vulnerabilidade e riscos sociais”, trabalha para garantir a segurança, sobrevivência, acolhida e convívio em sociedade, oportunizando a inclusão social e o acesso aos direitos básicos do cidadão (GEBING, 2016, p. 6).

Em novembro de 2013, a Administração Municipal inaugurou um espaço construído especialmente para as atividades do CRAS. O prédio localizado no Bairro Centro possui uma área total de 432,54 metros quadrados, dividido em diversos ambientes: hall de entrada, recepção, sanitários adequados para Pessoas com Deficiência (PcD), cozinha, brinquedoteca, salas para atendimentos e administração (FIGURA 186). No subsolo do prédio existe uma ampla área para estacionamento. Entre os serviços disponibilizados para a população pelo CRAS estão a confecção de Carteiras de Identidade, CLT, Cadastro Único – Bolsa Família e diversas oficinas terapêuticas voltadas para a família (GEBIN, 2016).



FIGURA 186: Prédio do Centro de Referência em Assistência Social de Arroio do Meio  
Fonte: Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio (2019).

Por meio do CRAS, a prefeitura disponibiliza para a população jovem de Arroio do Meio o Programa Potencialização – Capacitação para o Jovem Aprendiz. A iniciativa tem como objetivo capacitar e preparar os jovens, em situação de vulnerabilidade, para inseri-los no mercado de trabalho (SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE, 2019). O programa Potencialização - Capacitação para Jovem Aprendiz formou 43 adolescentes em 2018, dos quais praticamente metade já está inserida no mercado de trabalho. O Programa é uma iniciativa do CRAS, em parceria com as Secretarias de Educação e Cultura e Indústria, Comércio e Turismo, que buscam parcerias com as empresas locais para incluir estes jovens no mercado de trabalho. (ASSISTÊNCIA SOCIAL, 2019).

O Centro de Referência da Assistência Social também apoia o projeto de Oficina de Futebol. Esta é realizada semanalmente no Bairro São José, envolvendo cerca de 15 crianças e adolescentes.

Conforme informações do CRAS, há uma atenção e preocupação com os imigrantes, em especial, haitianos e senegaleses que residem no município e que vêm em busca de trabalho e sonhos de uma nova vida. Entre os serviços oferecidos, o CRAS auxilia na orientação ao mercado de trabalho, junto às empresas da região; na proteção de seus direitos humanos e sociais; atendimento à saúde e assistência social; cuidado com os filhos dos imigrantes, que recebem orientação para seu primeiro emprego.

A forma de acesso dos imigrantes aos serviços do Centro de Referência e Assistência Social é a partir de busca espontânea pelo serviço, busca ativa pela equipe de referência e encaminhamentos oriundos da rede de apoio do Município de Arroio do Meio. Em todos os casos, a família é cadastrada no Cadastro Único e no Programa do Bolsa Família, caso se enquadre nos critérios estabelecidos pelo Governo Federal.

Em junho de 2019 estavam cadastrados no sistema de saúde do Município de Arroio do Meio 89 imigrantes. Entretanto, esse número, pode ser maior tendo em vista que muitos não procuram o sistema básico de saúde e assistência social (CRAS, 2019).

### 10.3 Hospital São José

O Hospital São José integra a Rede de Saúde Divina Providência, administrada pela Congregação das Irmãs da Divina Providência, a qual tem sob sua direção mais quatro hospitais: dois em Porto Alegre, Hospital Divina Providência e Hospital Independência; o Hospital Santa Isabel, em Progresso; e o Hospital Estrela, na cidade de Estrela (DIVINA PROVIDÊNCIA, 2019).

A “história” do Hospital São José começa no século passado. Mas antes da fundação da casa de saúde, o primeiro estabelecimento profissional para tratar doenças na cidade foi a Clínica Hospitalar de Arroio do Meio, fundada em 1932. Modesto, o hospital começou a tratar os pacientes necessitados de atendimentos. O prédio localizava-se na Rua Maurício Cardoso, próximo à Igreja Luterana São Paulo. Em 1935, o estabelecimento foi transferido para uma casa ao lado do Seminário Sagrado Coração de Jesus (HOSPITAL SÃO JOSÉ, 2010). Assim, antes da construção e fundação do Hospital São José, Arroio do Meio contava com clínicas que davam suporte ao atendimento médico (FIGURA 187).



FIGURA 187: Clínica que recebia as pessoas que necessitavam de atendimento em Arroio do Meio

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2019).

Em 1944, os membros da diretoria, cuja presidência era exercida por Theobaldo Käfer, juntamente com o Monsenhor Jacob Seger, encaminharam pedido à Madre Benvenuta, da Congregação das Irmãs da Divina Providência, para que as irmãs dirigissem o pequeno hospital. Assim, em 03 de março de 1944, Irmã Alina assume a direção do hospital.

Em seu primeiro relato, Irmã Alina revela como encontrou a casa de saúde:

Na santa obediência aqui cheguei, encontrando no Hospital o Dr. Armando Gehlen, a enfermeira Ottilia Matte, três empregados e seis doentes. Trata-se de uma casa modesta, adaptada para hospital. Possui nove quartos, um consultório, uma sala de espera e uma sala de operação, bastante primitiva. A clausura, o quarto das empregadas e a cozinha ficam numa repartição anexa ao Hospital (HOSPITAL, 2010).

Devido ao crescente número de pacientes nos anos seguintes, 1945 e 1946, o Hospital Divino Salvador é doado para a Congregação das Irmãs da Divina Providência, as quais assumem a responsabilidade de construir um prédio apropriado (FIGURA 188). Além da construção do prédio, as irmãs se comprometeram em ampliá-lo conforme a necessidade e de acordo com as condições financeiras. Na época, a instituição passa a se chamar Hospital São José (HOSPITAL, 2019).



FIGURA 188: Lançamento da Pedra Fundamental para construção do Hospital São José [s.d.]

Fonte: Acervo fotográfico do Hospital São José, 2019.

Conforme Monsenhor Jacob Seger, em 1948 iniciam-se as obras do hospital. Ele relata o convênio realizado com as Irmãs da Divina Providência (LIVRO, 1920, p. 52 - 52v):

Neste ano foi iniciada a construção dum novo hospital “Hospital São Jose”, que será propriedade da Congregação das Irmãs da Divina Providência. Como não outro lugar apropriado, a paróquia, cedeu parte duma chácara que possui ao lado do Colégio S. Miguel, pertencente às mesmas Irmãs. Os terrenos necessários para o hospital, foram, com a devida autorização da Ven. Cúria Metropolitana, escriturados no nome da dita Congregação. Esta se comprometeu de manter, aperfeiçoar e, quando necessário fôr ampliar o hospital, mas só na medida que os rendimentos do mesmo permitirem, de

modo que o povo de Arroio do Meio tem interesse de ajudar a pagar quanto antes as dívidas que restarem da construção.

Com o auxílio da prefeitura e do Departamento Autônomo de Estradas de Rodagem - DAER, foram efetuados os trabalhos mais pesados de escavação, e com um mutirão da comunidade, foi possível o erguimento da estrutura. O prédio do hospital ficou pronto em 1950, sendo inaugurado em 19 de março, durante a festa de São José.

Após oito anos de trabalho, em junho de 1953 a Irmã Alina foi transferida deixando o cargo para a Irmã Osvalde. Nesse mesmo ano, chega em Arroio do Meio o Dr. Hardy Grunewaldt para auxiliar Dr. Armando, que, dois anos mais tarde, transfere-se para Porto Alegre (COCZENSKI, 2010).

Mais uma vez defasado, o Hospital é ampliado em novembro de 1957. Nesse ano, começa a construção de mais 18 quartos, quatro apartamentos, rouparia, sala de parto, sala de costura e uma nova capela, que ficam prontos em julho de 1958.

Em 1967, o hospital se credencia ao Instituto Nacional de Previdência Social – INPS-, e passa a ter convênio com a Previdência Rural. No ano seguinte, um novo convênio com o INPS amplia o atendimento, beneficiando um número maior de pacientes (COCZENSKI, 2010).

Em 1987, o sistema hospitalar no Brasil atravessava uma crise, fruto de uma política deficiente para a área da saúde. Nesse contexto, assume a direção do hospital a Irmã Orana Mueller, que logo convocou a administração pública, a comunidade, os servidores e usuários da casa de saúde para um diálogo, expondo a situação financeira do Hospital São José. Conforme Coczenski (2010, p. 05), “Felizmente, a consciência e a colaboração do povo foram crescendo e o hospital passou a ser considerado como um patrimônio comunitário”. Assim, o lançamento do Livro de Ouro e da Ação Comunitária Pró-Hospital São José propiciaram uma arrecadação financeira contribuindo para a sobrevivência e a continuação dos atendimentos.

Para continuar com o objetivo proposto de oferecer o melhor em saúde para a população, em 1998 o Hospital assina termo de adesão ao Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade. Um ano após, o hospital intensificou a “gestão pela qualidade com a instalação do Comitê Interno da Qualidade, elaboração do Planejamento Estratégico e implantação do Programa D-Olho na qualidade”. O trabalho culminou, em 2002, com a conquista da Medalha de Bronze e o título de hospital Top Saúde da região do Vale do Taquari. Em 2004 o hospital recebeu o Prêmio Qualidade RS, Troféu Bronze, em cerimônia especial realizada no dia 07 de abril na Fiergs, em Porto Alegre (HOSPITAL, 2019).

Ainda nesse contexto, em 2001, o hospital é classificado como microrregional pela Secretaria Estadual de Saúde. No mesmo ano, é realizada a primeira cirurgia de prótese total do joelho, além de várias melhorias nas instalações, como a nova rampa de acesso ao ambulatório.

Todo o esforço em prol da saúde fez com que o Hospital recebesse, em 2007, da governadora Yeda Crusius, a premiação pelo seu ótimo Desempenho

no Programa Solidariedade do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, na 12ª etapa, justificando o título que o município recebeu pela quarta vez consecutiva, do 1º lugar na Área da Saúde entre todos os municípios do Estado. Novamente em 2013, o Hospital São José recebe o Prêmio Destaque em Qualidade 2013, no setor Saúde, pelo resultado da sua Avaliação no Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade - PGQP - do Estado do Rio Grande do Sul (HOSPITAL, 2019).

O Hospital São José é um dos pioneiros na região em cuidados da saúde mental. As atividades desenvolvidas desde 2006 têm grande relevância, e o trabalho é aperfeiçoado cada vez mais, tanto que em 2014 o Hospital é credenciado junto ao Ministério da Educação – MEC e reconhecido como apto para o Programa de Residência Médica em Psiquiatria, iniciando as atividades no ano de 2015 e tendo dois médicos residentes habilitados para a especialização (HOSPITAL, 2019).

No final de 2017, o hospital recebe o PRÊMIO FALCHI – premiação em nível estadual de Gestão Hospitalar, com destaque para o Serviço de Saúde Mental, Categoria Gestão do Atendimento e Segurança do Paciente. A partir do ano de 2019, o Hospital São José passou a ser referência regional para cirurgias vasculares e de otorrinolaringologia agendadas pelo Sistema Único de Saúde - SUS (HOSPITAL, 2019).

Desde a sua fundação, foram muitas as dificuldades, especialmente financeiras, mas com o esforço das Irmãs, Corpo Clínico, colaboradores, Administração Pública e comunidade, o hospital sempre se manteve firme. Assim, ao longo de sua história, o Hospital São José esteve ao lado da comunidade, proporcionando cada vez mais possibilidades para o bem-estar da população.

#### **10.4 Associação Arroio-Meense de Amparo ao Idoso - AMAI**

A Associação Arroio-Meense de Amparo ao Idoso – AMAI, entidade privada sem fins lucrativos, foi fundada em 28 de março de 2004. Idealizada por Selma F. Schneider, iniciou suas atividades com dois internos e três funcionários. A AMAI atende em sistema de creche idosos independentes ou com grau de dependência. A entidade é mantida com os valores provenientes dos atendimentos aos internos. A associação promove o bem-estar dos internos a partir do atendimento e da assistência dos internos 24 horas, comemoração de aniversariantes a cada trimestre com as famílias e convidados, missa e culto uma vez por mês. Em agosto de 2019 atendia 31 internos (AMAI, 2019).

#### **10.5 Associação dos Menores de Arroio do Meio - AMAM**

A Associação dos Menores de Arroio do Meio, AMAM, (FIGURA 189) foi fundada em 18 de julho de 1970. Na primeira diretoria, diversos segmentos da sociedade, preocupados com o bem-estar e a proteção das crianças, estavam representados, como políticos, empresários, promotor de justiça, comércio e igrejas. A primeira diretoria foi assim constituída: presidente Adalberto Rafael Loch; vice Amos Wallerius; 1º secretário Dr. Antonio Fausto

Cerato; 2º secretário Júlio Manoel Rodrigues; 1º tesoureiro Maurício Ferreira Rodrigues; e 2º tesoureiro: Jorge Vaz de Vasconcelos.



FIGURA 189: Associação dos Menores de Arroio do Meio

Fonte: Acervo fotográfico do CMDPU/MCN/Univates (2019).

Conforme a diretora Ingrid Venter Soares, a AMAM sempre se manteve com parcerias públicas e privadas. Com o passar dos anos, ampliou seu objetivo no atendimento das crianças e adolescentes. Além de tirar da rua e alimentar, passou a oferecer acompanhamento dos temas escolares e oficinas que desenvolvessem habilidades e talentos, como tricô, crochê, pintura em tecido, canto coral, banda.

Com a Prefeitura de Arroio do Meio, a AMAM mantém um convênio, por meio do qual atende 80 alunos, entre seis e quatorze anos, no contraturno da escola. Para tanto, a prefeitura repassa uma bolsa por aluno. Pelo convênio, são atendidos 80 alunos, que é a capacidade máxima. A AMAM recebe alunos de todas as escolas municipais.

Em janeiro de 2005 foi fundado o Abrigo de Menores, AMAM III, que atende crianças e adolescentes retirados do convívio familiar via judicial. Com capacidade para atender 20 internos, com idades entre 0 e 15 anos, oriundos de Arroio do Meio e de várias cidades do Estado.

Para o atendimento e a manutenção, a AMAI tem em seu quadro quatro professoras, uma cozinheira, uma auxiliar de cozinha e uma auxiliar de limpeza. Na direção, está a professora Ingrid Venter Soares. Para o abrigo, AMAM III, são 12 cuidadoras, uma auxiliar de limpeza, uma psicóloga e uma assistente social. Na direção está a professora Luciana de Moraes Pilar.

A entidade, que completa 50 anos em 2020, participa de eventos promovidos pelo município com o intuito de arrecadar verbas para manutenção e demais necessidades da associação. Segundo a diretora Ingrid Venter Soares,

a entidade consegue reconhecimento e auxílio pelo trabalho que vem sendo promovido junto a crianças e adolescentes.

Sobre a participação da comunidade, Ingrid, em depoimento pessoal, ressalta a importância do comprometimento por meio do trabalho voluntário. “É preciso ter o voluntariado, e quem tem o vínculo empregatício precisa trazer junto o coração”. Sobre a motivação em trabalhar e se doar às causas da Associação “É preciso brilhar!”, afirma a diretora. No que diz respeito à assistência do município, Ingrid salienta que a AMAM é bem-cuidada e amparada, ressaltando a importância da AMAM para o atendimento das crianças que frequentam escolas municipais de Arroio do Meio. “Hoje existe essa preocupação com o reforço escolar, com o letramento, com a educação artística, com o respeitar as regras, aqui a gente tem um contato constante com a escola, com a Secretaria de Educação, com a própria nutricionista... é uma troca... é justamente olhar pela criança”.

## **10.6 Associação Recreativa, Beneficente e Cultural - The Horse**

A entidade começou suas atividades no ano de 1965 e, ao longo dos anos, acumulou ações sociais, eventos culturais e promoções gerais que envolveram toda a comunidade de Arroio do Meio. Segundo Maurício Ferreira Rodrigues<sup>64</sup>, em evento de comemoração do aniversário da entidade, a fundação da The Horse veio consolidar as atividades que voluntariamente se realizavam em Arroio do Meio, com a participação na divulgação e promoção de eventos esportivos e sociais. “A partir da fundação do clube, passou-se a colaborar como entidade criada para aquelas finalidades. Em consequência, ampliamos o leque de ações junto ao Poder Público e à comunidade, tanto no que diz respeito ao esporte, quanto no que diz respeito à cultura e beneficência”.

---

64 Fonte: <https://www.jrgasparotto.com/noticias/detalhes/4169>. Acesso em 29 de ago. de 2019.

# Capítulo 11 – Esporte e Lazer

O esporte, para além de atividades físicas, ganhou espaço na vida das pessoas pelos benefícios que proporciona na saúde física e mental. As cidades e os municípios têm apostado no setor como meio para promover a qualidade de vida de seus munícipes, integrando esporte, lazer e cultura.

Arroio do Meio sempre foi destaque no esporte, uma vez que várias modalidades são praticadas no município, destacando-se futebol, bocha, bolão, futsal, vôlei, entre outras. Historicamente, as equipes, que representavam e representam o município, seu clube, ou sua empresa, alcançaram títulos expressivos no cenário regional.

Destaque também para novas modalidades de desporto que vêm conquistando munícipes. Nesse sentido, a prefeitura vem apoiando inúmeras atividades, como caminhadas, corridas, ciclismo, seja no meio urbano ou rural.

## 11.1 Futebol

No futebol de campo, além das participações em campeonatos municipais, clubes arroio-meenses, como o Palmense de Palmas, Esperança de Dona Rita, Forquetense e Rui Barbosa, foram campeões regionais. O Rui Barbosa foi tricampeão, conquistando os títulos em 1994, 2005 e 2011.

Em 1981, a Sociedade Esportiva Palmense (FIGURA 190) torna-se campeã regional, cujo certame foi organizado pela Liga Regional de Futebol. Para conquistar o título, o Palmense jogou as finais com o Esporte Clube 15 de Novembro de Vila Sério (hoje município de Sério).



FIGURA 190: Palmense, campeão em 1981

Fonte: Acervo fotográfico do Jornal O Informativo do Vale, 1981.

Na primeira partida, disputada em Palmas, o Palmense apenas empatou, 1 x 1. No segundo jogo, realizado em 10 de janeiro de 1982 (o campeonato referia-se a 1981), a equipe de Sérico, jogando em seu estádio, estava bastante confiante na conquista do título. De acordo com Sérgio Bagestan, repórter do jornal O Informativo do Vale (1982, p. 10),

[...] Todos estavam confiantes, até demais. O ambiente se desenhava para um carnaval antes da época. Egomar Schardong moldou um time certo para a grande decisão. E o XV de Novembro não chegou lá! Perdeu em seu gramado, um jogo que parecia fácil. O clube de Vila Sérico soube perder, caiu de pé e teve elegância na derrota. Ari Kolling jogou por um empate e saiu vitorioso, com o seu Palmense, mostrou um endiabrado meio campo, que fez a equipe de Arroio do Meio ser mais valente.

Conforme o repórter, a equipe de Palmas foi superior, e o placar de 2 x 0 foi um resultado justo pela luta e disposição do time arroio-meense. O Palmense, que tinha como presidente Zeno Johann, jogou a decisão com Wanderlei, Cafuringa, Ricardo, Serginho, Wiebiling, Osmar, Pedralli (Pedro Albino), Babá, Tonho (Weber), Bira e Betinho. Os gols foram marcados aos 34 minutos da etapa inicial e aos dois minutos do segundo tempo (O INFORMATIVO DO VALE, 1982).

Mais tarde, em 1985, foi criada a Associação de Ligas do Vale do Taquari, ASLIVATA<sup>65</sup>, com a finalidade de organizar os campeonatos regionais, calendários, entre outros. Foi então criado um calendário para que as equipes de futebol amador da região pudessem disputar seus campeonatos municipais e depois disputar o certame regional (GERHARDT, 2011)<sup>66</sup>.

No ano da criação da Aslivata, a Sociedade Esportiva Esperança de Dona Rita (FIGURA 191), cuja presidência era ocupada por Verno Rahmeier (Schumann) e Dionisio Bersch<sup>67</sup>, ergueu a taça, ganhando o título regional da Copa Fruki-Independente. O campeonato, na sua fase final, foi disputado em um quadrangular. Correndo atrás do título estavam o Esperança, a SEBE de Boa Esperança, Cruzeiro do Sul, o Guarani de Venâncio Aires e o Americano de Lajeado.

---

65 Associação de Ligas do Vale do Taquari - ASLIVATA - Site: <https://www.aslivata.com.br/?op=>.

66 Comunicação pessoal de Júlio Gerhardt em 04 de janeiro de 2011 aos autores.

67 De acordo com as eleições do clube naquele ano, o presidente Verno foi substituído por Dionísio.



FIGURA 191: Sociedade Esportiva Esperança de Dona Rita, campeã em 1985  
Fonte: Acervo fotográfico particular de Viane Bersch (2010).

O Esperança saiu-se muito bem nos confrontos finais, pois conquistou o título com uma rodada de antecedência. O título foi conquistado diante da SEBE em Boa Esperança. O placar final da partida foi 0 x 0. O time, treinado por Erenói Kuhn, atuou naquele jogo com Elói, Viane, Ito, Elias, Luciano, Airton, Polako, Nestor, Melquior (Anivo), Ademir (Lício) e Paulinho.

Ao chegar em Arroio do Meio, atletas, direção e torcedores do Esperança de Dona Rita desfilaram pela cidade e fizeram intensa festa pela conquista do título, igualando-se ao Palmense (O ALTO TAQUARI, 1985). O Esperança também sagrou-se campeão da Copa Integração Lauro Müller nos anos de 2000 e 2002.

Em dezembro de 1994 o Esporte Clube Rui Barbosa, EC Rui Barbosa, tornou-se campeão regional. O time de Arroio do Meio derrotou por duas vezes o SER São Cristóvão de Lajeado, favorito para conquistar o campeonato. Na primeira partida das finais, o Rui Barbosa derrotou seu adversário por 2 x 1 em Lajeado, em jogo realizado no Estádio Florestal. Na segunda partida, realizada em Rui Barbosa, o placar foi apertado, apenas 1 x 0.

A equipe que disputou a final, treinada por Nestor Scheible, era formada por: Jesus, Marquinhos, Ricardo, Elias (Nildo), Alípio, Jaime, Eduardo, Zézinho, Jairzinho (Fabiano), Telo e Jacsandro (Airton). Estava na presidência do Rui Barbosa Ari Piassini, sendo diretor de Esportes Delmar Bruxel.

De acordo com o jornal O Informativo do Vale de Arroio do Meio (1994, p. 06), o prefeito cumprimentou, na ocasião, o clube pela conquista. A mensagem dizia:

A Administração de Arroio do Meio congratula-se com os desportistas e toda a população de Rui Barbosa, pelo destaque alcançado. Para o município segundo o prefeito, esse título é muito importante, especialmente no ano em que comemora-se os 60 anos de Arroio do Meio.

Para conquistar o título, o Esporte Clube Rui Barbosa disputou 18 jogos, obtendo nove vitórias, dois empates e sete derrotas. A equipe, no certame, marcou 33 gols e sua defesa sofreu 25 tentos.

Repetindo o feito de 1994, em 2005 o Rui Barbosa (FIGURA 192) novamente venceu, de forma invicta, com dez vitórias e cinco empates, o Campeonato Regional da Aslivata. A equipe, dirigida por César Borscheid e tendo como presidente Ademar Crone, venceu na final o representante do município de Colinas, o igualmente Rui Barbosa.



FIGURA 192: Rui Barbosa, bicampeão em 2005

Fonte: Acervo fotográfico do Jornal O Alto Taquari, 2005.

A decisão do campeonato foi em junho de 2005. As duas partidas da final foram realizadas no Estádio do Florestal em Lajeado e ambas as equipes levaram grande público para as decisões. No jogo decisivo mais de 4.000 pessoas assistiram ao espetáculo. No primeiro jogo o Rui Barbosa de Arroio do Meio venceu pelo placar de 2 x 1. No segundo confronto o time arroio-meense empatou em 0 x 0, sagrando-se, assim, bicampeão do Campeonato Regional Aslivata – Copa Certel-2005. A equipe que fez a final jogou com Alex, Claudio Henrique, Amarelo, Souza, Silvio, Ulisses, Daia, Luciano Lira, Chaiene, Maravilha e Ademir (Evinho). A comemoração se iniciou no estádio seguindo para Arroio do Meio. Depois de uma carreta pela cidade, a festa continuou na sede do Rui Barbosa (O ALTO TAQUARI, 2005).

Para comemorar o título conquistado, foi realizado, no dia 24 de julho de 2005, um jogo comemorativo para a entrega de faixas. O time convidado foi o Estrela FC. O resultado da partida foi a favor do Rui Barbosa, 4 x 1.

Outras equipes de Arroio do Meio também brilharam em competições regionais, entre elas, o Esporte Clube Sete de Setembro, de São Caetano, o Esporte Clube Esperança, de Rui Barbosa e o Esporte Clube União de Arroio Grande.

Em dezembro de 1987, o Sete de Setembro de São Caetano, que tinha como presidente Nelson Lindemann, o Cupim, quase comemorou o título de campeão regional da Copa Fruki. O Sete e o Gaúcho de Teutônia terminaram empatados com a mesma pontuação, entretanto, o Gaúcho sagrou-se campeão

por ter melhor pontuação no quesito disciplina<sup>68</sup>, previsto como fator de desempate no regulamento da competição. “Mesmo não colocando as faixas ou recebendo troféus o Sete pode-se considerar um grande campeão pelo bonito papel que apresentou ao longo do campeonato dentro do campo” (O ALTO TAQUARI, p. 23, 1987).

Em 1993, o Sete de Setembro de São Caetano foi novamente vice-campeão no Campeonato Regional da ASLIVATA, com a decisão realizada no dia 02 de janeiro de 1994. A equipe, desta vez, perdeu o título para o Brasil de Marques de Souza. Mas o segundo lugar foi motivo de satisfação, pois foi um campeonato difícil, disputado por 32 equipes (O ALTO TAQUARI, 1993).

Demonstrando todo seu espírito desportivo, as equipes de Arroio do Meio, quando participam de uma competição, entram para ganhar, porém, participam de um campeonato com cordialidade, amizade e, acima de tudo, prezam pela disciplina.

A prova desse espírito desportivo observou-se com a equipe do Esperança de Rui Barbosa, que em 1993 recebeu o título de campeão da Disciplina, isto é, foi a equipe cujos atletas receberam menos cartões amarelos ou vermelhos do campeonato da Segunda Divisão da ASLIVATA. Além do troféu recebido, teve o goleiro menos vazado do certame, o atleta Luciano.

Em janeiro de 2000 foram disputadas as finais da Copa Integração Lauro Müller, Taça Egon Andschau, relativa a 1999. A equipe de São Caetano, o Sete de Setembro (FIGURA 193), sagrou-se campeã. O clube tinha na presidência Ernani Loch e era treinado por Klaus Werner Schnack. A equipe venceu o Travesseirense na primeira partida das finais por 2 x 1, realizada em Arroio do Meio, e empatou a última pelo placar de 2 x 2, em Travesseiro. Dirigentes, atletas e torcedores comemoraram imensamente o título, pois o Sete de Setembro não se sagrava campeão fazia 20 anos.



FIGURA 193: Sete de Setembro de São Caetano

Fonte: Acervo fotográfico do Jornal O Alto Taquari (2007).

---

68 O regulamento previa que o clube com menos cartões amarelos e vermelhos teria vantagem.

Um ano mais tarde, quem levantava a taça de campeão da Copa Integração Lauro Müller, Troféu Sebaldo Körbes, disputada por equipes de Arroio do Meio, Travesseiro, Capitão e Nova Brésia, era o União de Arroio Grande (FIGURA 194), tendo como vice o Esperança. O União, que tinha como presidente Rubem Goetens, venceu a partida decisiva pelo placar de 2 x 0 e empatou na prorrogação em 0 x 0, sendo beneficiado pela melhor campanha durante o campeonato.



FIGURA 194: Esporte Clube União de Arroio Grande  
Fonte: Acervo fotográfico particular de Rubem Goettens, 2011.

Em 2007, ano em que o Sete de Setembro de São Caetano completou 75 anos, este clube amargou mais um vice-campeonato, no Campeonato Regional, a Copa Certel. Dessa vez, perdeu o título para o União de Carneiros, Lajeado. Os dois jogos finais foram decididos no Estádio Florestal, em Lajeado. No primeiro jogo, o União venceu por 2 x 0, e o segundo terminou empatado em 1 x 1. O tão almejado título regional escaparia mais uma vez da equipe de Arroio do Meio.

Já em novembro de 2010, a equipe da Sociedade Esportiva Forquetense foi a campeã da 6ª Copa Certel de Futebol Amador Série B do Vale do Forqueta. A decisão foi contra o Travesseirense, tendo o time de Arroio do Meio vencido as duas partidas da final (ASLIVATA, 2011). Nesta mesma competição, em 2004, o Guarani de Arroio Grande também sagrou-se campeão.

Em 2001, o Esporte Clube Rui Barbosa volta a faturar um título. Foi tricampeão do Campeonato Regional promovido pela Aslivata. O Rui Barbosa (FIGURA 195) disputou a final com o Ecas de Imigrante.



FIGURA 195: Esporte Clube Rui Barbosa, tricampeão em 2011.

Fonte: Acervo fotográfico do Jornal O Alto Taquari, 2011. Crédito: Normélio Mörs.

A equipe do Rui Barbosa, treinada por César Borscheid, ganhou as duas partidas, ida e volta pelo mesmo placar: 4 x 0. O segundo jogo foi realizado no antigo Estádio do Florestal, sendo que a torcida fez muita festa quando os campeões chegaram em Rui Barbosa (O ALTO TAQUARI, 2011).

No ano seguinte, Arroio do Meio volta a ter um campeão do certame regional. Dessa vez, a Sociedade Esportiva Forquetense (FIGURA 196) comemorou o título da Super Copa da Aslivata enfrentando o Independente de Paverama.



FIGURA 196: Forquetense campeão em 2012

Fonte: Acervo fotográfico do Jornal O Alto Taquari, 2012. Crédito: Normélio Mörs

A final foi em partida única realizada no Estádio Elísio Trevisol em Lajeado. O Forquetense venceu o Independente pelo placar de 4 x 1, com gols de Lucianinho, Brock, Mano Modelo e Cacettino. O ano foi especial para o clube de Arroio do Meio, pois foi campeão municipal, campeão da Copa Vale do Forqueta e do Regional (O ALTO TAQUARI, 2012).

No cenário municipal, a Liga Arroio-Meense de Futebol Amador - LAFA promove os campeonatos desde 1966. Em 2006 e 2007, não houve a realização de campeonatos, sendo retomados a partir de 2008. São mais de 50 anos de realização dos jogos, das disputas municipais. Nesse período, foram 14 times que ergueram a taça, sendo o Sete de Setembro de São Caetano o clube que conquistou mais títulos: nove conquistas. Na sequência, Rui Barbosa aparece com sete conquistas; Forquetense, Esperança de Dona Rita e Palmense com seis; Sete de Setembro de Capitão com três; e Esperança de Rui Barbosa, São José de Palmas com dois. Com um título aparecem Associação Amigos de Picada Arroio do Meio, Guarani, Passo do Corvo, Cruzeiro, Bola Cheia, Empresa Emec e Esporte Clube São José de Coqueiro Baixo (FUTEBOL REGIONAL, 2019; ALTO TAQUARI, 2019).

O futebol de campo também é praticado em Arroio do Meio pelas mulheres. Nas últimas décadas, o futebol feminino vem ganhando mais e mais adeptas. Não só no Brasil, mas no mundo todo, o futebol praticado pelas mulheres tem adquirido um novo *status*. A transmissão de jogos de campeonatos vem tendo destaque na programação das televisões. Além disso, muitos clubes pelo país, estão organizando em seus departamentos, essa modalidade.

Em Arroio do Meio, o futebol feminino já era praticado na década de 1970. A primeira disputa que se tem registro foi em 1972. Naquele ano foi

realizado uma partida entre os Clubes 4-S de São Luiz e de Alto Palmas, de Capitão, que na época pertencia à Arroio do Meio (MUSEU, 2019).

Com o passar dos anos, novas equipes femininas foram formadas a partir de clubes já existentes como: Linha 32 (FIGURA 197), União de Arroio Grande (FIGURA 198), Forquetense, Palmas, Brasil de Bicudo (FIGURA 199), Sete de Setembro e Bela Vista. Além de praticarem o futebol de campo também disputavam jogos de futebol de salão e futebol sete (MUSEU, 2019).



FIGURA 197: Time feminino de Linha 32 na concentração dos Clubes 4-S, em Picada Felipe Essig no ano de 1979

Fonte: Acervo fotográfico particular de Otávio Deves (2019).



FIGURA 198: Time feminino do Esporte Clube União de Arroio Grande na década de 1980

Fonte: Acervo fotográfico particular de Otávio Deves (2019).



FIGURA 199: Time feminino do Brasil de Bico do Arado na década de 1980  
Fonte: Acervo fotográfico particular de Otávio Deve (2019).

Em 1979, ocorreu torneio em Arroio do Meio, cuja campeã foi a equipe do Alvorada de Linha 32. Mais tarde, a Rádio Independente organizou torneio em Lajeado, que contou com a participação de times de Arroio do Meio. O grande campeão do certame foi o Clube 4-S Alvorada, equipe que representou muito bem o município. A grande final do torneio foi entre o Clube 4-S Alvorada e o Lajeadense (MUSEU, 2019).

Outras equipes se destacaram regionalmente, entre elas, o time de futebol feminino do Bela Vista (FIGURA 200). O ano de 1995 foi marcante para o Bela Vista, pois sagrou-se campeã do campeonato regional de futebol feminino, a 1ª Copa Dullius de Futebol Feminino. A decisão se deu diante do time do município de Imigrante, o Racing. A campanha da equipe daquele torneio foi muito boa, pois de um total de 10 jogos disputados, ganhou 8, empatou um e perdeu também uma só partida. O resultado dos dois jogos da finais foi a vitória em casa pelo placar de 3x2 e o empate em 1x1, em Imigrante. A equipe treinada por Otávio Deves jogou a partida decisiva com Marisete, Janete, Nina, Marilene, Kuki, Nívea, Marga, Bolinha, Bel, Claudinha e Mara (O INFORMATIVO DO VALE, 1995).



FIGURA 200: Time de futebol feminino do Esporte Clube Bela Vista  
Fonte: Acervo fotográfico particular de Otávio Deves (1995).

O Bela Vista também venceu naquele ano a Copa L'Exportiv de Inverno de Futebol Feminino. A final do torneio foi realizada no campo do Bela Vista, no dia 05 de agosto de 1995. O jogo foi diante do Santa Clara, cujo placar terminou em 0x0. Como o empate servia, o Bela Vista sagrou-se campeã. Além do título, o Bela Vista teve a goleira que menos sofreu gols no certame, Luce (O INFORMATIVO DO VALE, 1995).

## 11.2 Futsal

O futsal, sem dúvida, é uma das modalidades esportivas que merece destaque, pois Arroio do Meio caracterizou-se por realizar memoráveis campeonatos. Entre essas competições, o Campeonato da Praça (FIGURA 201), o do Salão Paroquial, entre outros, reuniram um grande contingente de pessoas que admiram o esporte.



FIGURA 201: Abertura do Campeonato de Futebol de Salão na Praça Flores da Cunha no dia 05 de janeiro de 1978

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (1978).

Mas não foi somente no município que as equipes ficaram em evidência. Duas grandes conquistas desse esporte aconteceram em 2002 e 2003, quando o selecionado arroio-meense ficou campeão do torneio promovido pela Associação dos Municípios do Vale do Taquari, AMVAT.

Em 2002, Arroio do Meio sagrou-se campeão da Copa Amvat de Futsal, derrotando na final o quinteto de Mato Leitão. Para chegar à decisão daquele ano, o time de Arroio do Meio (FIGURA 202) eliminou na semifinal a seleção de Lajeado, enquanto que Mato Leitão venceu a equipe de Anta Gorda.



FIGURA 202: Seleção de Arroio do Meio campeã em 2002  
Fonte: Acervo fotográfico Particular de Normélio Mörs (2011).

Assim, Arroio do Meio e Mato Leitão decidiram o campeonato regional de futsal em 2002. A equipe treinada por Klaus Werner Schnack chegou ao título disputando nove jogos: foram sete vitórias, um empate e apenas uma derrota. A equipe marcou 55 gols e sofreu 31. A primeira partida da grande final, realizada no Ginásio do Polivalente, completamente lotado, Arroio do Meio venceu por 6 x 3. No jogo da volta ocorreu um empate, 6 x 6, resultado que servia para a conquista do título pelos arroio-meenses.

No ano seguinte, o selecionado de Arroio do Meio conquistou novamente o título da 3ª Copa Amvat; entretanto, além de na quadra, o certame foi decidido nos tribunais. Arroio do Meio classificou-se para a final eliminando a equipe de Estrela. Na outra semifinal, Arvorezinha e Lajeado disputavam a outra vaga. Na quadra, o time de Arvorezinha ganhou, mas a equipe lajeadense entrou com recurso pela escalação irregular de um atleta. Coube a decisão à coordenação do evento, que deu decisão favorável a Lajeado.

Sendo assim, o primeiro jogo da decisão entre Arroio do Meio e Lajeado estava marcado. Seria realizado no dia 05 de dezembro de 2003, no Ginásio Municipal Professor Nelson Francisco Brancher, em Lajeado. Porém, a equipe de Arvorezinha, não satisfeita com o desfecho, pois fora eliminada, recorreu à Justiça, e a final que seria entre os dois municípios vizinhos não foi realizada,

pois a juíza que responde pela Comarca de Arvorezinha concedeu liminar à representação deste município. A decisão do campeonato estava suspensa (O INFORMATIVO DO VALE, 2003).

A Copa Amvat de Futsal teve seu desfecho somente em 2006. Após uma batalha na Justiça, o adversário de Arroio do Meio foi Arvorezinha. Foram dois jogos: o primeiro, realizado em Arvorezinha, o selecionado arroio-meense ganhou por 7 x 5. No segundo jogo, realizado no Salão Paroquial em Arroio do Meio, completamente lotado, mais uma vitória do time treinado por Klaus Werner Schnack: 5 x 1.

Continuando com a hegemonia do futsal no Vale do Taquari, em 11 de janeiro de 2008, a equipe Arroio do Meio-Clean Vale-Padaria Maomé conquistou o título da Copa Regional de Futsal, promovido pelo Grupo Popular de Teutônia, diante do time de Poço das Antas. Na primeira partida da decisão a equipe de Arroio do Meio, dirigida por Paulo Volk, conquistou uma vitória na casa do adversário pelo placar de 10 x 8. Já no jogo decisivo, realizado no ginásio do Colégio São Miguel, outra vitória: 4 x 3. Além do título, o troféu de goleiro menos vazado ficou com Osmar e o de melhor jogador da competição com Andrezinho, ambos da equipe de Arroio do Meio.

No município, o Departamento Municipal de Esporte e Lazer organiza o Campeonato Municipal de Futsal, que é realizado desde 2010 nas categorias; Força Livre Masculino, Força Livre Feminino e Veterano. O certame movimentava mais de 200 atletas, além de seus familiares e amigos que torcem durante as partidas. Para a Administração Pública o campeonato, além de integrar, valoriza e incentiva a prática de atividades esportivas na vida social da comunidade.

As empresas de Arroio do Meio participam regularmente dos torneios promovidos pelo Sesi nesta modalidade. Entre vários campeões oriundos do município estão as equipes das indústrias Girando Sol e Clean Vale.

### **11.3 Bolão**

O bolão foi uma das modalidades de esporte mais praticadas no Vale do Taquari, especialmente nas décadas de 1980 e 1990. O esporte sofreu um decréscimo de atletas praticantes, mas algumas competições continuam. Vários atletas de Arroio do Meio tiveram destaque nacional, participando, inclusive, de torneios pelo Brasil.

Ocorreram numerosas conquistas de clubes e selecionados de Arroio do Meio, como em 1995, quando a equipe do 11 de Abril sagrou-se campeã regional. Em seu último jogo, marcou a soma de 1.755 pinos.

O bolão igualmente consagrou atletas individualmente. As atletas Maristela Schneider e Lisete Petry, juntamente com outras bolonistas do Estado, participaram, em agosto de 1992, do Campeonato Brasileiro de Bolão Feminino, sagrando-se campeãs. O evento foi realizado na cidade de São Leopoldo, contando com a presença de jogadoras dos estados de Santa Catarina, Paraná e

Mato Grosso do Sul. Após o evento, as jogadoras foram recebidas em Arroio do Meio com uma grande festa.

No ano seguinte, na mesma competição nacional, Maristela conquistou o título brasileiro de campeã individual, dupla e equipe, em competição realizada no Mato Grosso do Sul.

Em 1994, durante o III Jogos Abertos, realizado na cidade de Venâncio Aires, as bolonistas Selmira Benoit e Lisete Petry, representando a cidade, venceram a competição. “Com mais esta conquista das bolonistas arroio-meenses, aumenta o prestígio do bolão de Arroio do Meio, que vem ocupando espaço nas mais diversas competições nos últimos anos” (O ALTO TAQUARI, 1994, p. 16).

Com o passar dos anos, outras competições foram realizadas em Arroio do Meio, assim como equipes do município, de clubes ou empresas participaram de campeonatos da modalidade esportiva em outras cidades.

Em comemoração aos 80 anos de emancipação política de Arroio do Meio, foi organizado o Campeonato Municipal de Bolão Masculino. Após alguns anos sem disputa, a competição foi organizada com apoio da Administração Municipal (FIGURA 203), com a participação do União de Arroio Grande, com equipes A e B, Reunidos e 11 de Abril/1º de Maio, que representam as canchas do PA-Rural de São Caetano.



FIGURA 203: Klaus Werner Schnack representando o Município fez abertura do torneio

Fonte: Acervo fotográfico do Jornal O Alto Taquari (2014).

Em 2017, o Sesi organizou o Campeonato de Bolão do Sesi reunindo equipes de indústrias da região, sendo que a equipe feminina da Girando Sol sagrou-se campeã daquele ano. O segundo lugar igualmente foi de uma equipe arroio-meense, a da empresa Serraff. No mesmo certame, a equipe masculina,

também da Girando Sol, ficou com a segunda colocação. As partidas foram realizadas nas canchas do Clube Sete de Setembro, em Lajeado.

Outro esporte que merece destaque e tem um número significativo de jogadores é a bocha. As canchas para a prática dessa modalidade esportiva estão espalhadas por todas as cidades, tanto na área urbana quanto na área rural. Clubes pelo interior têm, ao lado do campo de futebol, uma ou mais canchas, assim, a bocha é um dos esportes mais praticados regionalmente.

#### 11.4 Bocha

Em Arroio do Meio foram realizados diversos campeonatos de bocha. É grande o número de praticantes desse esporte. Por todo município, onde há uma cancha de bocha (FIGURA 204), seja em clubes, sociedades ou em bares, tem alguém jogando, em especial nos finais de semana.



FIGURA 204: Canchas de bocha da Comunidade de Picada Arroio do Meio  
Fonte: Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio (2011). Crédito: Maica Viviane Gebing.

Os campeonatos municipais de bocha que foram organizados ao longo dos anos reuniam um número expressivo de jogadores e atraíam um grande público, como noticiava o jornal *O Informativo do Vale* em 13 de fevereiro de 1990 (p. 09):

[...] as partidas válidas pelo título municipal estão levando grande público ao local dos jogos, fato que vem acontecendo e que deverá se repetir no próximo fim de semana nos jogos entre Cairú e Amigos e principalmente no clássico entre Rui Barbosa e Esperança que deverá atrair um grande público pela rivalidade entre as duas sociedades.

A bocha faz parte dos jogos e torneios promovidos pelo Serviço Social da Indústria (Sesi) entre indústrias da região. Inúmeros torneios foram vencidos por jogadores que trabalham em indústrias do município, entre elas, destaca-se a equipe da Incomex que, em abril de 1989, sagrou-se campeã do Campeonato de Bochas organizado pelo Sesi. A promoção contou com 16 equipes oriundas de Lajeado e Arroio do Meio.

E, para dar sempre uma nova motivação, além de melhorar a qualidade do esporte, muitas canchas foram inauguradas, e geralmente, quando acontecia uma inauguração, ocorria um torneio. Por exemplo, em julho de 1994, o Rui Barbosa inaugurava novas canchas de bochas. Para tanto, organizou um torneio com a participação de 24 equipes. Realizado em dois finais de semana, o grande campeão foi o Clube Esportivo Arroio do Meio - CEAM, ficando o Rui Barbosa com a segunda colocação e a Serralheria Majolo em terceiro.

Ainda em 1994, o CEAM participou do campeonato regional. Jogando a última partida em casa, contra a Prefeitura de Venâncio Aires, a equipe arroio-meense ganhou o jogo, mas perdeu o campeonato na soma geral dos pontos para o time de Venâncio Aires (O INFORMATIVO DO VALE, 1994).

As promoções organizadas em Arroio do Meio contam com o apoio da Liga Arroio-meense de Bochas - LABO, que em 2002 era presidida pelo ex-prefeito Sidnei Eckert. O campeonato municipal promove disputas nas categorias Veteranos, Força Livre, Feminino e Casais. Os torneios movimentam os bairros e a cidade, com destaque para as disputas de Bocha Noturno, entre Bares, Melhor Idade, Individual, entre Empresas e entre sócios nos Clubes e Sociedades Esportivas.

## **11.5 Outros esportes, outras histórias**

As gerações mais novas não devem saber, mas em Arroio do Meio o voo livre era um esporte que contava com muitos adeptos. As gerações com mais idade vão lembrar que no Morro Gaúcho, o ponto mais alto de Arroio do Meio, havia uma rampa (FIGURA 205) para a decolagem de asa-deltas.

Esta obra trata da história do Município e não se pode deixar de mencionar uma modalidade esportiva pouco comum na região neste princípio de século vinte e um: o voo livre. Entretanto, em finais do século passado reuniam um grande número de pessoas.



FIGURA 205: Rampa para saltos de asa delta no Morro Gaúcho  
Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (1984).

Na década de 1980, especialmente, eram comuns os campeonatos e festivais de voo livre em Arroio do Meio. O Morro Gaúcho recebia um ótimo público para acompanhar as disputas. As pessoas disputavam um espaço para assistir aos atletas que saltavam (FIGURA 206).



FIGURA 206: Morro Gaúcho recebia um ótimo público para acompanhar os saltos  
Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (1984).

No bicicross, o atleta Márcio Wallerius Welp se destacou. Márcio foi vice-campeão mundial em 1992 em Salvador, na Bahia, na Categoria 11 anos. Márcio fazia parte do Vale do Taquari Bicicross Clube.

Para a Aimoré Couros, 2005 representou um ano especial. A empresa foi campeã geral do SESI, título que os colaboradores perseguiram há tempos. Vencendo várias modalidades, a Aimoré Couros somou 240 pontos contra 128

da Calçados Andreza e 125 da Avipal. O título de campeão foi conquistado no bolão masculino, na bocha masculino, no tênis de mesa, no voleibol masculino trio areia, no voleibol feminino de quadra e no voleibol feminino trio areia.

## 11.6 Novas modalidade de desporto

Entre as novas modalidades de esporte que têm ganhado mais e mais adeptos a cada ano encontram-se as corridas e os esportes ligados à natureza. O município, incentivando os adeptos dessas práticas, consolidou o Caminho Autoguiado Arroio do Meio, e vem integrando ações como o Circuito dos Vales e o Brutus do Gaúcho.

O Circuito dos Vales compreende atividades de caminhada, corrida e kangoo, na forma de circuitos pré-definidos que devem ser percorridos pelos atletas. As atividades tiveram início em 2015, sendo realizadas pela Bioteam Academia, e em 2018 o Circuito contou, nas cinco etapas, com 2,1 mil inscritos. Arroio do Meio tem sediado uma das etapas a cada ano, além de ter atletas participando nas demais etapas.

Brutus do Gaúcho é uma associação de atletas apaixonados por atividades ligadas à natureza. Sua página na Rede Social informa que “seu quintal de treinos” é o Morro Gaúcho em Arroio do Meio, importante ponto de lazer, turismo ecológico, prática de esporte e referência ambiental. O Brutus em parceria com a L&E Eventos, com apoio da prefeitura, realizam atividades do Circuito Trilhas & Montanhas e do Campeonato Gaúcho de Corrida em Trilhas & Montanhas, eventos que reúnem, em média, 800 atletas a cada ano.

Em janeiro de 2019, o Sesc promoveu o Circuito Verão Sesc de Esportes 2019. Uma das etapas regionais foi realizada na área de Lazer Pérola do Vale, sendo que a equipe masculina que ganhou em Arroio do Meio o Beach Soccer, sagrou-se campeão na fase final realizada nos dias 16 e 17 de março, na cidade de Torres.

O esporte, além de ser benéfico à saúde, propicia momentos especiais, tanto para atletas como para torcedores. Qualquer modalidade esportiva apaixonada, provoca alegrias e, ao mesmo tempo, amarguras. Muitas alegrias foram sentidas por arroio-meenses que puderam desfrutar de momentos especiais. O esporte integra atletas, familiares, amigos e torcedores e movimentam o corpo e a mente, seja na canastra ou no vôlei. Investir e incentivar as práticas esportivas é o caminho para a qualidade de vida, seja individualmente ou no coletivo.

## Capítulo 12 – História Socioeconômica

Ao instalar-se município, a vila de Arroio do Meio contava com as dez ruas originais, o Hotel Bender (hoje Central), cinco casas de comércio, duas sociedades recreativas (Esportivo e Aliança), um cinema (Esportivo), uma farmácia, dois dentistas práticos, um médico em precário hospital, além de poucas e pequenas indústrias (THOMÉ, 1984, p.109-110).

Ao que tudo indica, o nome do município, Arroio do Meio, surgiu em virtude da ocupação nas proximidades de um dos três arroios que compõem as principais fontes hidrográficas do município: o Arroio Grande, o Arroio do Meio e o Rio Forqueta (PREFEITURA, 2019).

Arroio do Meio agregou, ao longo de sua história, diferentes etnias para compor o seu cenário humano. Muitos nasceram em terras arroio-meenses, mas outros o elegeram como seu município, adotando-o como se fosse sua terra natal, e ambos o escolheram para viver, trabalhar e constituir família (FIGURA 207).



FIGURA 207: Vista de Arroio do Meio em 1907, demonstrando o aspecto da vila antes da emancipação.

Fonte: Träsel, (1969, p.53).

A população do município, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, em 2018, era de 20.637 habitantes. A população divide-se entre as zonas rural e urbana, residindo 22% na zona rural e 78% na zona urbana. Nos últimos anos, famílias provindas dos distritos passaram a residir no centro urbano do município. Essa população se fixou em bairros mais humildes, sendo, em sua maioria, pessoas em busca de novas oportunidades no

mercado de trabalho. Os habitantes do município de Arroio do Meio têm como gentílico arroio-meense (IBGE, 2019; ASSISTÊNCIA SOCIAL, 2019).

Arroio do Meio está localizado no centro-leste do Estado do Rio Grande do Sul. Faz parte da região geopolítica denominada de Vale do Taquari. O município também integra o Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari – CODEVAT, que, por sua vez, faz parte dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento – COREDES, que são constituídos pelos municípios do Estado, divididos em 28 regiões, agrupados em função de características culturais, econômicas, fisiográficas e geográficas semelhantes (REMPEL; PÉRICO; ECKHARDT, 2007).

A área total do município é de 157.957 quilômetros quadrados, fazendo divisa, ao norte, com Capitão, Travesseiro e Encantado; a leste, com Roca Sales e Colinas; a oeste, com Marques de Souza; e ao sul, com Estrela e Lajeado (PERFIL..., 2011).

Localizado estrategicamente, Arroio do Meio está ligado, por rodovias asfaltadas, aos principais centros econômicos do Estado. Situa-se a 126 quilômetros de distância da capital gaúcha, Porto Alegre, a 116 quilômetros de Caxias do Sul e a apenas 6 km de Lajeado. A principal rodovia de acesso é a ERS-130, que divide o município ao meio, ficando do lado esquerdo os bairros Rui Barbosa, Medianeira, Bela Vista, Novo Horizonte e Dona Rita e do lado direito os bairros Centro, São José, Navegantes e Aimoré. A rodovia divide ainda os bairros Barra do Forqueta, Dom Pedro II e São Caetano (PERFIL..., 2019).

Quanto aos meios de comunicação, o município conta com duas emissoras de rádio local: a Rádio Emoção FM e a Rádio Integração FM. Em relação a jornais, Arroio do Meio conta com o Jornal O Alto Taquari, fundado em 1967, cuja sede é na cidade, além de escritório local do Jornal O Informativo do Vale e circulação do Jornal A Hora (ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO, 2019).

Duas distribuidoras fornecem energia elétrica ao município, a Certel Energia e a RGE Sul Distribuidora de Energia. Todas as localidades do município de Arroio do Meio contam com este serviço (SECRETARIA DE OBRAS, 2019).

## 12.1 Agricultura

A agricultura foi desenvolvida na região de Arroio do Meio muito antes de os europeus chegarem. Indígenas cultivavam uma agricultura incipiente e plantavam alguns vegetais importantes para a alimentação do grupo. Anos depois, especialmente a partir do século dezenove, os europeus e seus descendentes tinham como fonte econômica principal a atividade primária.

Os colonizadores desenvolveram suas preferências. Na agricultura cultivavam milho, batata, feijão, trigo, cevada, mandioca e fumo. Na produção animal, além de bovinos, equinos e aves, se destacavam os suínos. Estes representavam a principal fonte de renda da colônia como fornecedora de banha e carne. Não havia frigoríficos, assim, os suínos eram abatidos na propriedade

rural que preparava a banha vendida depois aos comerciantes. Mais tarde, com o surgimento dos frigoríficos, estes adquiriram o suíno vivo e passaram a controlar a economia do setor.

A partir de finais do século vinte, o perfil da agricultura arroio-meense mudou significativamente. Empresas implantaram a integração na avicultura de corte, na suinocultura e produção de leite. Nesse sistema, os agricultores constroem as benfeitorias e dispõem a mão de obra, enquanto que as empresas fornecem os insumos.

O leite ganhou a preferência dos agricultores e continua aumentando sua produção. Na agricultura, motivada pelo leite, o milho é a cultura principal. Como a maior parte do milho é transformada em silagem, em muitas propriedades é feito um segundo plantio de milho, conhecida como safrinha. A segunda cultura em importância é a soja, enquanto o trigo e o fumo tiveram suas áreas reduzidas.

Além dessas atividades agropecuárias, pode-se citar o cultivo de mudas de flores e hortaliças diversas, cana-de-açúcar e mandioca. Na produção animal, há, no município, criações de matrizes leiteiras, suínos e avicultura de postura. Alguns produtores dedicam-se ao semiconfinamento de novilhas de corte e à produção de ovos de codorna.

A procura por produtos orgânicos (que fujam do padrão de produção industrial-intensivo) vem aumentando, resultado de uma busca maior de consumo de produtos mais naturais, com cuidado e qualidade de produção e a mudança na qualidade de vida e alternativas mais saudáveis de alimentação. Nesse sentido, novos empreendimentos no ramo alimentício têm proporcionado novo cenário de produção e negócio para atender à demanda crescente deste mercado consumidor. Vinculada à mudança nos padrões de consumo, crescem agroecologias que priorizam produzir de forma a contemplar esses novos consumidores.

Para Schneider (2004, p.7), a agroecologia se concretiza com o desenvolvimento dos setores com base na participatividade da comunidade local e como “um processo que visa induzir mudanças socioeconômicas e ambientais no espaço rural para melhorar a renda, a qualidade de vida e o bem estar das populações rurais”.

Em Arroio do Meio, no ano de 2015, é criado o Organismo de Controle Social Defensores da Natureza reconhecendo o esforço de oito famílias, sendo quatro certificadas e quatro reconhecidas para a venda direta. Entre as organizações que apoiam as famílias envolvidas estão a EMATER/RS-Ascar, a prefeitura, por meio das Secretarias de Agricultura e Educação e Cultura, Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e a Associação Ecobé. Em 2019, o Grupo dos Agricultores Ecologistas de Arroio do Meio completa 20 anos de atividade, contando com três famílias certificadas e quatro famílias consolidadas na produção de alimentos orgânicos (SECRETARIA DA AGRICULTURA, 2019).

Reconhecendo e valorizando a produção agrícola orgânica, no ano de 2016, pacotes de sementes orgânicas de qualidade para cultivo ecológico foram

entregues para 27 famílias de agricultores do município de Arroio do Meio. A ação fez parte do projeto “Apoio à Produção Orgânica de Arroio do Meio”, iniciativa do Coletivo de Produtores Ecologistas de Arroio do Meio, em parceria com o Banrisul, Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR), Articulação em Agroecologia do Vale do Taquari - AAVT - e Emater/RS-Ascar (SECRETARIA DA AGRICULTURA, 2019).

Adotando uma prática alternativa à da produção convencional de hortaliças, a Agroecologia Ferrari está há mais de seis anos produzindo dessa forma. Desenvolveu o “Colha e Pague”, abrindo a propriedade para o consumidor apanhar a verdura ou fruta que desejar. Segundo entrevista concedida pela proprietária, Márcia Ferrari, à RBS TV, no ano de 2017, a produção de orgânicos na propriedade começou há 10 anos, tendo como foco o abastecimento de supermercados, escolas e feiras pela cidade. Para ela, “Vale a pena, porque o consumidor está disposto a investir na saúde. Paga e tem o prazer em pagar por esses alimentos saudáveis”<sup>69</sup>.

## **12.2 O comércio e a indústria no município de Arroio do Meio: uma história em construção**

Levando em consideração a transformação de uma matéria-prima em um produto final, pode-se dizer que as indústrias ou oficinas líticas foram precursoras do processo industrial do atual município de Arroio do Meio. Indígenas que aqui passavam fabricavam seus utensílios para a sua sobrevivência, especialmente os utilizados para a caça, como a ponta de projétil. A região sempre foi rica em fontes de matéria-prima para a fabricação desses objetos. Inúmeros depósitos de rochas, como basalto e arenito, são encontrados ao longo dos rios e arroios, o que se conhece por “cascalheiras”, sem contar nos morros e suas encostas que representavam fonte de coleta que abastecia a “indústria lítica”. Esses locais foram importantes para grupos de Caçadores Coletores pré-coloniais.

Com a vinda de outros grupos, mais sedentários, a indústria se amplia, pois além dos artefatos líticos, o indígena começou a fabricar objetos de cerâmica, cestarias, ampliou seu arsenal para a caça e a pesca. Trabalho essencialmente feminino, as mulheres fabricavam as mais variadas formas de utensílios de cerâmica, lisas ou decoradas, que serviam, entre outras funções, para acondicionar alimentos, bem como para a preparação destes.

As sociedades indígenas também comercializavam, pois faziam trocas entre aldeias. As permutas eram realizadas com aldeias próximas ou mais afastadas, trocando, sobretudo, adornos e alimentos.

A partir do momento em que o europeu adentra na América, é inaugurada uma nova fase na indústria, bem como no comércio. Ela traz consigo novas técnicas e produtos que até então eram desconhecidos pela população local.

---

69 Família de Arroio do Meio cria “colhe e pague” de produtos orgânicos. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/familia-de-arroio-do-meio-cria-colhe-e-pague-de-produtos-organicos.ghtml>>. Acesso em: 06 de mai. de 2019.

Além da indústria incipiente, o colonizador desenvolve um processo comercial com os indígenas, como afirma Christillino (2004, p. 167):

Madame van Langendonck que registrara a sua passagem pelo Brasil durante 2 anos (1857 – 1859) quando veio trabalhar seu lote de terras juntamente com seus dois filhos na Colônia Santa Maria da Soledade, fundada pelo Conde de Montravel no Vale do Caí, mostrara a integração existente entre ambas as partes, quando se buscava o auxílio “medicinal” e alguns produtos naturais obtidos por eles, como as peles e os mais variados tipos de ervas, e também a exploração da mão-de-obra indígena.

No início do século dezenove, o Vale do Taquari e especialmente na região do atual município de Arroio do Meio, estes segmentos, comércio e indústria, estavam concentrados nas extensas fazendas, moinhos e engenhos que beneficiavam a cana-de-açúcar e o trigo plantados na região. A existência dessas “indústrias” pode ser observada no Contrato de Arrendamento pelo qual Anna de Oliveira Salazar Ribeiro loca, em abril de 1859, uma área de terras com benfeitorias a seu filho, Custódio Silvestre Ribeiro. No acordo consta que a fazenda possui “atafona e com engenho de canas tendo regularmente montado atafona de faser farinha” (LIVRO, 1859, p. 28, APERS).

Além de moinhos e engenhos, a indústria estava ligada diretamente com a exploração dos recursos florestais. Conforme Relly, Machado e Schneider (2008), as primeiras fazendas ao longo do curso do Rio Taquari exploravam a madeira e a extração da erva-mate.

Em torno de 1850, no então município de Taquari, a indústria madeireira explorava a produção de tábuas de pinho, constituindo-se na principal fonte de riqueza. A extração das árvores era realizada próxima à serra, beneficiada e enviada a Porto Alegre via Rio Taquari. As tábuas e os troncos eram amarrados descendo o rio em direção à capital (CHRISTILLINO, 2004).

Até final do século dezenove, pequenas indústrias e casas comerciais se estabeleceram no atual território de Arroio do Meio. Conforme o Estudo... (1961), chega à Barra do Arroio do Meio Felipe Christ, o primeiro comerciante do povoado. Em 1888, Cristiano Fleck estabelece uma casa comercial no povoado de Arroio do Meio. De acordo com Estudo... (1961, p 26),

O primeiro balcão desta casa era uma caixa de fazendas. O primeiro negócio desta venda foi um par de chinelos. Os produtos coloniais eram comprados por medida. O despacho era feito por meio de tulha em cima de um barco precisando um mês para chegar em Porto Alegre. Isto tudo quando era a remo, quando o vento era favorável levavam um dia.

A família amplia seus negócios, pois em 15 de junho de 1905 Christiano Fleck formaliza o pedido de registro de sua marca (FIGURA 192) de “fumo creoulo especial” (LIVRO, 1905, AHL). Mais tarde, a família incorporou uma indústria de erva-mate, torrefação de café, fábrica de balas e sabão.

Além do fumo especial, Christiano Fleck, pelos registros, é provável que produzia um fumo com menor valor agregado, isto é, um fumo de menor preço

(FIGURA 208). Fleck faz o registro da segunda marca no mesmo dia da anterior (LIVRO, 1905, AHL).

A empresa Müller e Bender, igualmente produtora de fumo “creoulo especial”, compareceu na Secretaria do Tesouro de Lajeado, em 20 de abril de 1907, para proceder a inscrição da sua marca (FIGURA 208) (LIVRO, 1905, AHL).



FIGURA 208: Registro de marcas de fumo de Arroio do Meio  
Fonte: Livro de Marcas de Fumo e outros Produtos (1905).

O fumo foi uma das principais culturas desenvolvida, em determinado período, em Arroio do Meio. Assim como no Rio Grande do Sul, uma cultura denominada, segundo Roche (1969), de cunho industrial. Em 1940 o município de Arroio do Meio produziu 382 toneladas de fumo (somados o fumo em folha e em corda), cultivadas em 786 estabelecimentos (IBGE, 1940).

Além das grandes empresas que absorviam a produção (FIGURA 209), como a Souza Cruz, havia pequenas empresas que industrializavam o fumo. Em 1937 existiam quatro pequenas fábricas de cigarrilhas no Vale do Taquari - duas estavam instaladas no município de Lajeado, uma em Estrela e uma em Arroio do Meio (PESAVENTO, 1985).



FIGURA 209: Produção de fumo no Município de Arroio do Meio [s.d.]  
Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2010).

No decorrer do século vinte, surgem novas empresas na atual região de Arroio do Meio. A companhia Werner Moesch & Cia. Ltda. foi fundada por Waldemar Moesch em 1º de dezembro de 1915, em Arroio Grande. Em agosto de 1925, a Casa foi transferida para a cidade de Arroio do Meio. A razão social passou para Waldemar Moesch & Cia. A empresa adquiriu outra corporação, a Kasper & Cia., dedicada ao ramo de fazendas (tecidos), ferragens, miudezas e compra de produtos coloniais. Comprava muito fumo em folha, o qual era exportado por intermédio de Bier & Ullmann, de Porto Alegre.

Em 1937, a empresa passou novamente para o nome individual de Waldemar Moesch, alterando novamente, em 1º de julho de 1956, para Werner Moesch & Cia, dedicando-se ao comércio de ferragens, material elétrico, material para construções, sanitários, artigos para presente, máquinas de costura, tintas, armas, munições, material para caça e pesca.

### **12.3 Dados gerais da economia: indústria, comércio, agricultura e serviços**

Tendo como base os dados referentes ao exercício 2018/2019, fornecidos pela Secretaria da Fazenda da Prefeitura de Arroio do Meio, pode-se verificar a importância de cada setor para a economia do município. A economia arroio-meense tem na indústria o seu principal carro-chefe, uma vez que corresponde a 60,48%. O comércio corresponde a 16,89%, a agricultura vem logo atrás, com 14,05%, e, por fim, a prestação de serviços e outros, com 8,58%.

Em relação à agricultura, os principais produtos produzidos no contexto agrícola/produção primária são suínos, bovinos, aves, leite, cereais e hortigranjeiros. Vinculados à produção animal, a suinocultura representa 39,45%; avicultura 23,99%; bovinos 4,13%; produção leiteira 19,32%; produção de ovos, 3,85%; cereais 6,71%; hortigranjeiros 2,13%; e demais atividades 0,42%. No restante da produção animal encontram-se a bovinocultura de corte, apicultura, piscicultura, outros animais e aves, ovinocultura, caprinocultura e dejetos de resíduos (SECRETARIA DA FAZENDA, 2019).

Conforme o relatório de Demonstração de Formação do Índice de Retorno do ICMS para 2018, constavam, no que tange ao números de estabelecimentos, 485 comerciais e 846 de serviços. Para o ano de 2019 (dados levantados até o mês de abril), são 546 unidades comerciais e 979 de prestadores de serviços. Até abril de 2019, estavam registrados 266 empreendimentos industriais. As seis maiores empresas do município em 2019 são: Neugebauer S.A., Bremil Indústria de Produtos Alimentícios Ltda., Indústria e Comércio de Produtos de Limpeza Girando Sol Ltda., Cia. Minuano de Alimentos, BRF S.A., e a Cooperativa dos Suinocultores de Encantado - Cosuel. Já as cinco maiores empresas contribuintes do Imposto Sobre Serviços de Qualquer Natureza - ISSQN são: Banco do Estado do Rio Grande do Sul, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Somed - Sociedade de Médicos de Arroio do Meio Ltda. e Recapagem de Pneus Leo Ltda. (SECRETARIA DA FAZENDA, 2019).

Em junho de 2019, o município de Arroio do Meio recebeu equivalência do Sistema Unificado Estadual de Sanidade Agroindustrial Familiar, Artesanal e de Pequeno Porte - SUSAF. A partir desse certificado, as agroindústrias e os abatedouros locais auditados adquiriram o direito de comercializar a produção para todo o Estado do Rio Grande do Sul, uma vez que anteriormente, essas empresas só poderiam vender os produtos para estabelecimentos localizados em Arroio do Meio (O ALTO TAQUARI, 2019).

Segundo o prefeito Klaus Schnack, a conquista resulta de um trabalho que teve início em 2017. Na época, administração municipal e empreendedores locais se uniram para promover ajustes necessários nas agroindústrias para que os certificados pudessem ser emitidos. Comercializar os produtos para todo o Estado representa não só um desenvolvimento de Arroio do Meio, mas consolida um investimento na sucessão familiar, ou seja, mais oportunidades para os jovens.

Grande parte dessas empresas está filiada à Associação Comercial, Industrial e Serviços de Arroio do Meio - ACISAM, a instituição que representa a indústria, o comércio e a prestação de serviços, cuja origem era Associação Comercial de Arroio do Meio. A entidade foi fundada em 1940. A primeira diretoria desta associação, eleita na assembleia de sua fundação, tinha como presidente Edgar Jung; primeiro vice-presidente Waldemar Moesch; segundo vice-presidente Arnaldo Scheid; bibliotecário Walter Bender; secretário Hélio Rocha; segundo-secretário Albino Bruxel; primeiro-tesoureiro Octávio Schneider; e segundo-tesoureiro Bruno Kirst.

Assim como a ACISAM, outras entidades de classe estão cadastradas no município, defendendo o interesse de seus associados. São elas: Câmara dos Dirigentes Lojistas - CDL; Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Arroio do Meio - STR; Associação dos Servidores Municipais de Arroio do Meio - ASMAM; Sindicato dos Professores Municipais de Arroio do Meio - SIPRAM; Núcleo Municipal de Cultura; Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Alimentação; Sindicato dos Trabalhadores da Indústria, Vestuário e Calçados; Associação dos Juizes Mediadores de Arroio do Meio; Associação dos Motoristas de Arroio do Meio; Associação dos Transportadores do Vale; Associação dos Motociclistas de Arroio do Meio; Associação dos Meliponicultores do Vale; Liga Arroio-Meense de Futebol Amador - LAFA; e Liga Arroio-Meense de Bocha - LABO (SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, 2019).

## **12.4 Arroio do Meio: berço de grandes empresas**

No processo de industrialização mais efetivo, várias empresas se destacaram no município na produção de bebidas, balas, embutidos, entre outros, proporcionando retorno econômico e social para Arroio do Meio. Todas as empresas instaladas merecem destaque, entretanto, o livro aborda quatro delas, que iniciaram suas atividades na primeira metade do século vinte ou no início da segunda metade do mesmo século, sendo elas o Frigorífico Ardomé, Curtume Aimoré, Balas Wallerius e Bebidas Fruki, esta última, apesar de não mais fixada em Arroio do Meio, teve suas origens no Bairro Bela Vista e atualmente tem projeção nos cenários nacional e mundial.

### **12.4.1 A produção de carnes e derivados: Frigorífico Ardomé**

Por volta da década de 1950, a produção de banha de porco era altamente rentável para as indústrias que a processavam. O alto valor que ela tinha no mercado vinha em função da precariedade de equipamentos para a conservação de carnes.

Entre as indústrias desse setor estava o Frigorífico Ardomé. Esta empresa, que não está mais operando, foi fundada em 28 de setembro de 1938. A Sociedade Industrial Ardomé Ltda. destinava-se ao abate e à comercialização de carne suína e seus derivados, principalmente a banha. A Sociedade Industrial Ardomé teve como sócios fundadores Orlandina e Cia., Edgar Jung, Waldemar Moesch, Fleck e Cia., Arnildo Lindolf, Waldemar Lindemann e Helmuth Schneider e Cia. A partir de 1952 altera sua razão social para Frigorífico Ardomé SA (ESTUDO..., 1961). É grande o reconhecimento prestado ao frigorífico, um dos impulsionadores do desenvolvimento da cidade, sendo marcante na história do município.

### **12.4.2 Curtume Aimoré**

O Curtume Aimoré foi fundado em 9 de outubro de 1946, quando um grupo de empresários adquiriu o curtume de Adolfo Eggers em Conventos,

Lajeado. Porém, em março de 1948, o curtume sofreu um incêndio que destruiu suas instalações. Um ano depois, o curtume teve novamente suas instalações em funcionamento, sendo a fábrica instalada na então Vila Aimoré, Arroio do Meio. Estavam na presidência da empresa Friedhold Kuhn e Edgar Jung.

Em Arroio do Meio (FIGURA 210), iniciou suas atividades com 20 funcionários e uma produção de 4.000 peles mensais. Com o crescimento, a indústria expandiu-se, fixando uma filial na cidade de Encantado. Nessa unidade, inaugurada em 1956, processava couros bovinos (O ALTO TAQUARI, 1980).



FIGURA 210: Curtume aimoré na década de 1970

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2019).

### 12.4.3 Bebidas Fruki

A Bebidas Fruki começou em Arroio do Meio como uma indústria caseira de refrigerantes. Foi fundada em 1924 por Emílio Kirst, falecido em 1940. O primeiro registro da empresa foi realizado em nome de Bruno Kirst, filho mais velho. Este, por sua vez, foi para a localidade de Corvo, município de Estrela, para conhecer e aprender sobre a fabricação de refrigerantes na indústria de Luiz Gerhardt.

Em 1927, a família Kirst ampliou a indústria, adquirindo a cervejaria de Alfredo Bender, de Arroio do Meio. A partir daquele momento, passou a produzir a cerveja “Bella Vista”. Em 1930 começou a fabricar licores, xaropes e vinagres, depois da compra da empresa de Edmundo Rodner, de Arroio do Meio, que fabricava esses produtos, aumentando ainda mais a gama de itens.

Quanto aos sócios, em 1945, Theobaldo Eggers ingressa na sociedade. Era casado com uma das filhas de Emílio. Mais tarde, em 1952, Lauro Bergesh igualmente torna-se sócio, pois casara-se com uma das netas do fundador. Preocupados com a questão legal e burocrática, os sócios da Kirst e Cia. Ltda. admitem como sócio o contador Gilberto Jasper, casado com uma neta de

Emílio e filha de Bruno. A partir de 1960, mais um contabilista faz parte da sociedade, Nelson Eggers, filho de Theobaldo e neto de Emílio. Em janeiro de 1961 a empresa alterou sua denominação social para Kirst e Cia. Ltda.

Em 1968 e 1969 deixam a empresa Bruno Kirst e Theobaldo Eggers, respectivamente. Ambos se aposentaram. Na ocasião, a Fruki produzia produtos com as marcas Bella Vista, Minuano Limão e Aguardente Tropeiro.

Desde sua fundação, a empresa estava instalada no Bairro Bela Vista, em Arroio do Meio. Sentindo a necessidade de ampliar a indústria para atender ao mercado, foi adquirida uma área de terras em Lajeado. Construiu novo prédio, que foi inaugurado em 02 de outubro de 1971, 47 anos após a fundação. Na mesma data em que inaugura seu novo prédio, a empresa lança uma nova linha de refrigerantes: Fruki, nos sabores guaraná, laranja e limão.

Atenta ao mercado, a indústria apresenta, em 1996, um novo design da marca, além da alteração do nome, passando a razão social para Bebidas Fruki Ltda<sup>70</sup>. Dois anos mais tarde, começa a produzir refrigerantes em lata e amplia sua área construída para 12.000 metros quadrados.

Em 2019, a Fruki tem sua matriz e parque industrial localizados em uma área de 25 mil metros quadrados. Contando com modernos equipamentos e tecnologia de ponta, as sete linhas de produção automatizadas têm capacidade para produzir 420 milhões de litros de bebida por ano.

#### **12.4.4 Balas Wallerius**

Com o objetivo de produzir balas e caramelos, Amos Wallerius, Oscar Gabriel e Arno Müller fundaram a Wallerius & Cia, em 02 de janeiro de 1954. Em 24 de junho de 1955 foram alterados a razão social e os sócios. A empresa passou a chamar-se Wallerius & Cia. Ltda.

Conforme o Estudo da Comunidade de Arroio do Meio (1961, p. 25), a Wallerius & Cia. Ltda. (FIGURA 211) se dedicava à “Fabricação: chocolates em barras, chocolate em pó, goma americana, pastilhas de hortelã, açúcar de côr, balas diversos tipos, caramelos”. Quanto à comercialização e à logística de distribuição, o Estudo aponta:

Sistema de vendas: a maioria das vendas efetuadas pela firma é pelo sistema de pronta entrega, em caminhão equipado para tal fim, com carroceria metálica, suportando todas as intempéries. Oito caminhões dessa espécie constituem a frota. Vendedores depositários: tem a firma dois vendedores depositários, um na cidade de Pelotas e o outro na cidade de Porto Alegre.

---

<sup>70</sup> Disponível em: <<http://www.fruki.ind.br>>. Acesso em: 30 mar. 2019.



FIGURA 211: Instalações da empresa Wallerius & Cia Ltda  
Fonte: Acervo do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2019).

Em 2001 o Grupo Ditrento, de Flores da Cunha, adquire a Wallerius. Conforme notícia veiculada pela empresa, “a Ditrento assumiu uma das mais tradicionais fábricas de balas do Rio Grande do Sul, a Wallerius”.<sup>71</sup>

Oito anos mais tarde, a Wallerius é adquirida pelo Grupo Vonpar. Fundado pela família Vontobel, tem fortes ligações com o município, não só pela aquisição da Balas Wallerius, em 2009, mas porque, no fim da década de 1940, começou a fabricar, em Arroio do Meio, um grande sucesso de vendas no Estado, o refrigerante Laranjinha.

Arno Vontobel inicia, em 1945, em Porto Alegre, a fabricação de doces em calda, geleia, *schmier*, envasamento de mel, acondicionamento de temperos e miudezas em geral. Com o crescimento do negócio, Arno convida seu irmão para se juntar a ele para trabalhar na empresa. A partir disso, aliado ao negócio, os irmãos decidem distribuir os refrigerantes Marabá. Foi um grande sucesso, entretanto, a indústria que produzia os refrigerantes era pequena, e a baixa produção fez com que Arno e João Vontobel buscassem outra empresa para a produção da bebida gaseificada de sabor laranja (TORRESINI, 2009).

Em 1948, Arno e João Vontobel chegam a Arroio do Meio procurando uma empresa para a fabricação do refrigerante Laranjinha. Encontram a família Kirst. Conforme Torresini (2009, p. 35), “Feita a parceria com Walter Kirst, e acertados os detalhes do novo negócio – sabor, garrafa e rótulo -, em vinte dias as primeiras caixas de Laranjinha chegam ao cais, em Porto Alegre, via Lajeado”.

Com o sucesso do refrigerante, Arno e João propõem a Walter Kirst a formação de uma sociedade para a instalação de uma indústria em Porto Alegre, uma vez que as condições de transporte, por lanchas, não eram satisfatórias, ocasionando atrasos e dificultado a distribuição da bebida.

---

71 Disponível on-line: <<http://www.ditrento.com.br/institucional/noticias.php?idNoticia=18>>. Acesso em 06 jun. 2011.

Assim, surgiu a empresa Indústria Refrigerantes do Sul em Porto Alegre. A família Vontobel era detentora de 70% do empreendimento, enquanto a família Kirst tinha 30%. Como a família Vontobel tinha negócios em outros locais do Estado, a empresa foi desativada.

Desse modo, uma grande empresa do Rio Grande do Sul teve em Arroio do Meio parte de sua origem. E, 60 anos mais tarde, a Vonpar retorna ao município adquirindo a unidade da Wallerius.

Neste livro foram elencadas quatro empresas desde a época em que o território de Arroio do Meio pertencia a Lajeado. Mas são numerosas as empresas que acreditaram no potencial de Arroio do Meio e que se instalaram no município ao longo dos últimos 85 anos.

## **12.5 Crise na economia de Arroio do Meio**

Não só de prosperidade viveu Arroio do Meio - diversas crises econômicas assolaram a população. Indústrias de grande porte instaladas no município passaram por diversas dificuldades, culminando com o fechamento de suas unidades.

Especialmente na década de 1980, Arroio do Meio despontava como um polo calçadista. Várias empresas de grande, médio e pequeno porte iniciaram suas atividades, mas dificuldades impostas, como a desvalorização do dólar, a entrada do mercado chinês, entre outras, motivaram sua falência.

Outra área que despontou em Arroio do Meio foi a avícola. A Cooperativa Avícola Vale do Taquari - COOPAVE, foi, na década de 1980, uma das maiores do Estado. Entretanto, enfrentou muitas dificuldades até encerrar suas atividades.

### **12.5.1 A indústria calçadista**

Uma das maiores empresas instaladas em Arroio do Meio foi a Incomex, pertencente ao Grupo Cartel de Lajeado. A indústria produzia calçados e empregava grande contingente de pessoas. Operava em uma época em que a indústria calçadista era uma das principais do Brasil, com polos na cidade de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, e na cidade de Franca, em São Paulo.

A Incomex SA Calçados, unidade de Arroio do Meio, fechou suas portas em 23 de agosto de 1994, deixando aproximadamente 800 pessoas desempregadas. Nesse dia houve manifestação de parte dos funcionários. Cerca de 600 se dirigiram da empresa até a prefeitura, onde foram recebidos pelo prefeito, Nelson Paulo Backes, que se dispôs a auxiliar na solução do problema. Após a manifestação em frente à prefeitura, um grupo de funcionários se dirigiu até Lajeado, na empresa Estofados Conforto, pertencente ao mesmo grupo (Grupo Cartel). Lá fecharam o portão da fábrica - ninguém entrava e ninguém saía.

A intenção dos funcionários era pleitear uma negociação com os dirigentes do Grupo Cartel para saber o motivo pelo qual foram despedidos,

bem como se encontrar com funcionários da Estofados Conforto para deixá-los a par da difícil situação econômica pela qual o grupo estava passando.

Preocupados com a situação, em setembro de 1994, CDL, ACISAM, Sindicato dos Calçadistas e prefeitura reuniram-se para encontrar uma solução. O prefeito Backes afirmou que tentou fazer contato várias vezes com a direção da empresa, mas sem sucesso, para tentar reativar a indústria ou viabilizar a estrutura existente para que outras empresas interessadas pudessem operar, aproveitando a mão de obra desempregada.

Para saldar as despesas com rescisões contratuais, a empresa negociou com os funcionários. Várias alternativas foram buscadas para liquidar os débitos com estes. Um grupo de oito pessoas que perdeu o emprego negociou o material da fábrica de palmilhas para abrir o próprio negócio. Outro grupo, de 50 pessoas, trocou a rescisão por automóveis. Algumas máquinas foram separadas e colocadas à venda para saldar as dívidas da maioria dos ex-funcionários.

Devido à crise nas exportações, em 2005, empresas do setor calçadista de Arroio do Meio demitiram funcionários. As principais causas para o mau momento das indústrias refere-se não somente à cotação do dólar, mas aos juros altos, à carga tributária e principalmente à concorrência com a China, uma vez que lá o custo de produção dos calçados é menor que no Brasil. Como consequência empresas como a Calçados Majolo e a Piá tiveram que encerrar suas atividades.

### **12.5.2 Cooperativa Avícola Vale do Taquari**

A Cooperativa Avícola Vale do Taquari, a Coopave, uma das maiores empresas do Vale do Taquari que atuava no ramo avícola e com unidades (incubatório, fábrica de rações, produção de frangos de corte, produção de matrizes) ficava no município de Arroio do Meio.

Em 1974 a Coopave tinha planos de expansão de produção de sua capacidade. Após estudos, o então distrito de Capitão foi escolhido para a construção do matrizeiro para produção de ovos para incubação. O local reunia todas as condições necessárias, clima, altitude, pequena distância, entre outros fatores, para a instalação do complexo. Assim, a prefeitura fez a doação de 20 hectares para a Coopave.

Dando continuidade em seu projeto de expansão, a Coopave tinha a necessidade de mais uma área para a construção da Central de Incubação. A área escolhida foi em São Caetano, e o município novamente doou uma área de 1,5 hectare para a construção do empreendimento. Ainda em 1975, a prefeitura cedeu para a cooperativa mais dois hectares para a fábrica de rações. O local foi a área onde havia a obra inacabada da CAPIA, empresa que iria se estabelecer em Arroio do Meio para a implantação de uma fábrica de rações.

Segundo o jornal O Alto Taquari (1980, p. 03), “aquelas instalações tornavam-se ainda pequenas e insuficientes, embora já alcançassem uma

produção de aproximadamente 3 milhões de pintos por mês”. Uma nova arrancada se fazia necessária e (O ALTO TAQUARI, 1980, p. 03),

[...] outra vez a Coopave necessitava de terras. Desta vez, para instalar uma Central de Incubação. Foi então a vez da atual administração dar continuidade fazendo novas doações, principalmente porque os frutos já estavam sendo colhidos pela municipalidade e justificava-se um novo sacrifício. O Prefeito João Baptista Gasparotto, fez a aquisição e a respectiva doação de mais seis hectares em São Caetano, junto da faixa pavimentada, área essa, cuja escritura foi assinada na sexta-feira passada dia 25.

Por volta de 1982, a cooperativa, entretanto, passava por uma grave crise financeira. Em abril de 1983 a Associação dos Municípios do Vale do Taquari - AMVAT divulgou nota manifestando preocupação com a crise da empresa. Na oportunidade, os prefeitos salientaram que, se nada fosse feito, cerca de 40.000 pessoas seriam atingidas direta e indiretamente, causando problemas sociais, especialmente aos produtores de frango. Um trecho da nota destacava (Jornal O Alto Taquari, 1983, p. 01): “APELAMOS, por isso, em nome das comunidades que representamos, às autoridades do País na solução financeira desta empresa para sua viabilidade, apesar das imprudências cometidas pela administração anterior”.

Em abril de 1983, o presidente da Coopave, Seno Dreyer, apontava com uma solução. Afirmava que a crise podia ser contornada e fazia uma previsão de que seriam necessários em torno de 10 anos para a recuperação da cooperativa. Porém, as dificuldades aumentaram, a falta de recursos, aliada ao cancelamento de contratos de exportação, fizeram com que a cooperativa deixasse de produzir ração. Até maio de 1984 foram sacrificados 600 mil pintos.

Após dois anos de uma crise sem precedentes, com uma enorme dívida, o Ministro da Agricultura, Nestor Jost, em maio de 1984, determinou que o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA decretasse a liquidação extrajudicial da cooperativa. O prefeito, Arnesto Dalpian, na época, lamentou o acontecimento afirmando que o fechamento da cooperativa geraria, além do desemprego, problemas sociais. Lamentou, inclusive, o fato de a cooperativa deixar de gerar impostos.

## 12.6 Turismo

No âmbito do Turismo não faltam opções para quem visita Arroio do Meio. São vários locais, como paisagens naturais, prédios históricos, pontos históricos, pontes, igrejas e praças, que embelezam o município. Além disso, a gastronomia do município é um fator que agrada todo turista que visita Arroio do Meio.

Arroio do Meio integra a Associação dos Municípios de Turismo da Região dos Vales - AMTURVALES, entidade fundada em 29 de março de 1995, com o fim de promover e coordenar o desenvolvimento do turismo regional.

## 12.6.1 Grupo Conversando sobre Turismo

O município conta com um grupo aberto à comunidade que se reúne mensalmente na Casa do Museu Municipal para falar sobre eventos, divulgações e turismo dentro do município. Arroio do Meio participa ainda da Associação dos Municípios de Turismo da Região dos Vales, - AMTURVALES, entidade que promove ações de turismo no Vale do Taquari. Entre os roteiros turísticos em atividade estão o Roteiro Turístico entre Vales e Arroios, com 11 empreendimentos turísticos (oito em atendimento e três em construção no ano de 2019) para visitação. O Caminho Autoguiado Arroio do Meio com trajeto de 19,7 quilômetros contempla paisagens do Morro José, Vale do Arroio Grande e Morro Leão. O caminho permite que se percorra o trajeto orientando-se pelas placas indicativas instaladas ao longo de todo o trajeto. Com o reconhecimento do Centro Histórico e as visitas guiadas a partir da Casa do Museu, é possível conhecer marcas da história de Arroio do Meio nas estruturas arquitetônicas presentes ao longo da cidade (SECRETARIA DE INDÚSTRIA, COMÉRCIO E TURISMO, 2019).

Entre os eventos promovidos pela cidade, para além dos já mencionados, constam as I e II Feira Gastronômica Sabores de Arroio do Meio (FIGURA 212), promovidas com a ideia de divulgar os empreendedores participantes do ramo da gastronomia, como padaria, confeitaria, agroindústria e sorveteria; e a primeira IMOVE, feira de divulgação do potencial imobiliário do município, com organização por parte da Associação dos Profissionais e Empresas da Construção Civil, Setor Imobiliário e Afins de Arroio do Meio e apoio da Administração Municipal.



FIGURA 212: II Feira Gastronômica de Arroio do Meio

Fonte: Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio (2019).

Para divulgação da cidade e dos roteiros turísticos foram gravados dois programas. Um exibido na RBS TV, o “#Partiu RS”, gravado para divulgação do

Roteiro Turístico Caminhos do Forqueta e exibido para todo o Estado do Rio Grande do Sul, e o programa “Rotas do Sul”, da TV Bandeirantes, gravado em diversos estabelecimentos do município, com divulgação comercial e visitação a pontos turísticos de Arroio do Meio (SECRETARIA DE INDÚSTRIA, COMÉRCIO E TURISMO, 2019).

### 12.6.2 Morro Gaúcho

Recebendo inúmeros visitantes, o Morro Gaúcho, localizado a 559 metros acima do nível do mar, propicia uma vista incrível e bonita da cidade de Arroio do Meio, bem como das cidades vizinhas Lajeado, Colinas e Roca Sales. Segundo a tradição oral, o local recebeu este nome pois era um dos pontos de referência dos tropeiros, que descansavam ao pé do morro. Ótimo local para a prática de esportes radicais como o rapel, pois possui um “paredão” favorável para a prática deste esporte. O local também já foi usado para a prática do voo livre, além da extração de pedras (FIGURA 213) para a construção da rodovia ERS-130 (PREFEITURA, 2010).



FIGURA 213: Extração de pedras no Morro Gaúcho

Fonte: Acervo do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2019).

No entorno do Morro Gaúcho (FIGURA 214) encontram-se as comunidades rurais de Palmas, Bicudo, Arroio Grande, Morro da Ventania, Dona Rita e São Caetano. A localidade de Palmas é a maior delas, “cuja estrutura agrária registra pequenas propriedades de agricultura familiar” voltadas para a produção de leite, suínos e aves (ANTUNES, 2004, p. 04).



FIGURA 214: Vista do Rio Taquari e suas planícies a partir do Morro Gaúcho

Fonte: Acervo fotográfico do CMDPU/MCN/Univates (2019).

### 12.6.3 Ponte de Ferro

A Ponte de Ferro, que liga Arroio do Meio e Lajeado, é quase centenária. Uma aspiração antiga de vários municípios, a sua construção (FIGURA 215) se iniciou em 1927, sendo em 1929 paralisadas as obras por falta de verbas. Concluída dez anos depois, foi inaugurada em 16 de julho de 1939, com a presença de autoridades estaduais e federais, entre elas o interventor do Estado, Osvaldo Cordeiro de Farias, então Coronel do Exército, nomeado por Getúlio Vargas. Para comemorar o evento, foi oferecido um churrasco para cerca de 10 mil pessoas (SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO, 2019).



FIGURA 215: Construção da Ponte de Ferro em 1938, ligando Arroio do Meio a Lajeado

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2010).

A estrutura de ferro da ponte veio da Alemanha, sendo o responsável técnico o engenheiro Guthmann (SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO, 2019). Em 17 de julho de 1939, o jornal *A Semana* publica notícia sobre a inauguração da ponte. O fragmento da notícia relata,

Em nome da administração de Arroio do Meio, pronunciou apreciável discurso o prefeito municipal dali, o Sr. Aristides H. Tavares, sendo também muito aplaudido. Após o suculento churrasco servido à imensa multidão, o Dr. Valter Jobim, m.d. Secretário de Obras Públicas do Estado, proferiu empolgante discurso, confirmando mais uma vez seus reconhecidos méritos de orador e grande inteligência. S. Excia. recebeu prolongados aplausos.

Na ocasião da inauguração, o promotor público, Dr. Paulo de Bem Veiga, profere entusiasmado discurso. A sua fala é publicada no mesmo jornal (*A SEMANA*, 1939),

Toma forma material da simples união de Arroio do Meio a Lajeado, porém a par de ser um complemento indispensável do sistema rodoviário da região do Alto Taquari, o seu mérito precípuo está em assegurar o trânsito permanente e o transporte fácil da produção dos município de Arroio do Meio, Encantado, Guaporé e Soledade para os mercados de consumo, o que, sem dúvida, virá intensificar ainda mais o comércio e a indústria desta vasta zona. Velha aspiração deste povo a obra que ora atinge sua etapa final, teve início em 1927, no período administrativo municipal do Cel. Carlos Fett Filho, que é tido por seus comunicípes e, merecidamente, como a figura consular desta terra. Quando ainda Presidente o varão insigne que é Borges de Medeiros, era nos doada a super estrutura metálica da ponte, que nos foi entregue já na presidência do preclaro e honrado Dr. Getúlio Vargas, e cujo preço atingiu a soma de 200 contos de réis. Em fins de 1929, depois de várias alternativas, foram totalmente paralisados os trabalhos em andamento de terraplenagem, construção dos encontros e do pilar central, após o município, exaurido em suas forças econômicas, haver investido na tarefa que iniciara, cerca de 600 contos de réis. De 1930, por sete anos, cheios de tristeza, Sr. Interventor, mas com o empenho de bem servir à verdade, declaramos a V. Excia, que os nossos apelos ao Governo do Estado,

para que chamasse a si a consecução de tão notável empreendimento, não foram ou não quiseram ser ouvidos. Parece até que, então, fora esquecido que o progresso econômico do Rio Grande, pela intensidade de sua vida agrícola, estava e está em função de suas boas vias de comunicação. Voltara-se criminoso descaso pelo problema rodoviário, e o nosso Estado “chegara à situação humilhante de último colocado, em matéria de rodovias, entre os seus irmãos do Brasil”, para usar das expressões de V. Excia, no discurso pronunciado no Clube Comercial de Pelotas. E este impasse perdurou até o governo do inolvidável Gal. Daltro Filho, cujo nome declinamos com grande respeito, imorredoura saudade e eterna gratidão, o qual, em unidade de orientação com o Exmo. Sr. Dr. Walter Jobim. D. D. Secretário de Obras Públicas e grande amigo de Lajeado, a quem rendemos o pleito de nossos sinceros agradecimentos, assinou o contrato para a construção final da ponte que vem de terminá-la, pela quantia de 400 contos. Permitamos V. Excia. Fazermos uma menção especial ao Dr. João Batista Linhares, empreiteiro e executor dos trabalhos, bem como ao DAER, sob a direção geral do Dr. Batista Pereira que, após sua criação, subvencionou e fiscalizou as obras, como um dos fatores de maior relevância na realização deste empreendimento, pela invulgar competência técnica e devotamento sem par, postos a prova em momentos bem difíceis do desenvolvimento dos serviços. V. Excia., como continuador e realizador do plano administrativo esboçado no período Daltro Filho, prestigiou a obra por ele iniciada, e vê sob o seu governo inaugurada a ponte da Forqueta [...].

A Ponte de Ferro passou por “dificuldades”, tanto que, em janeiro de 1981, foi interditada. Na época, a ponte estava em condições precárias. Grande parte da madeira estava podre e soltava-se, abrindo buracos nos pranchões, dificultando a travessia e aumentando o perigo de acidentes. As prefeituras de Arroio do Meio e Lajeado entraram em acordo para reformá-la.

Após alguns impasses entre Lajeado e Arroio do Meio, em virtude de repasse de verbas, a reforma foi concluída, e, em 27 de março de 1981, os prefeitos dos dois municípios, Darci Corbellini e João Batista Gasparotto, respectivamente, participaram da reinauguração da ponte. Na oportunidade diversos prefeitos do Vale do Taquari se fizeram presentes, uma vez que neste dia foi realizada uma reunião da Associação dos Municípios do Vale do Taquari - AMVAT, em Arroio do Meio.

Ao longos dos anos novas reformas foram realizadas, como em 1991 e 1994. No final de 2006 e início de 2007, a ponte novamente sofreu melhorias, revitalizando-se, assim um ponto turístico, além de ser uma alternativa para quem vai de Arroio do Meio a Lajeado, ou faz o caminho inverso. A utilização da ponte só é permitida para veículos de pequeno porte. A manutenção é periódica, existindo sempre a preocupação em manter suas características originais.

Nas últimas décadas a Ponte de Ferro tornou-se referência para a prática de esportes radicais, como o rapel e o pêndulo (FIGURA 216). Ao longo do ano praticantes desses esportes utilizam a estrutura para se divertir, especialmente nos finais de semana.



FIGURA 216: A modalidade pêndulo esportivo é praticada na Ponte de Ferro  
Fonte: Acervo fotográfico de Magali Drebes/Off Aventura (2019).

#### **12.6.4 Igreja de Pedra de Forqueta**

Localizada no Distrito de Forqueta, a igreja (FIGURA 217) pertence à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB. A construção se iniciou em 1947 e foi finalizada em 1951, sendo sua estrutura toda de pedra de areia retirada de uma pedreira próxima à igreja. A comunidade dedicou-se à extração e ao transporte das pedras, bem como à edificação de forma voluntária. (IGREJA, 2010).



FIGURA 217: Igreja de Pedra no Distrito de Forqueta  
Fonte: Acervo fotográfico do CMDPU/MCN/Univates (2010).

As pedras foram transportadas até próximo da igreja, onde eram modeladas e sobrepostas uma a uma, firmadas com cimento, dando um estilo externo natural que se mantém até hoje. O interior da igreja recebeu reboco para que pudesse ser pintada.

### **12.6.5 Praça Flores da Cunha e seu entorno**

A praça que se localiza na sede do município, em frente à prefeitura, teve como primeira denominação Praça do Auxílio (FIGURA 218), uma vez que o povoado se chamava Nossa Senhora do Auxílio. Em 1939, na administração do prefeito Aristides Tavares, passa a se denominar Praça da Bandeira. Mais tarde, seu nome foi alterado para Flores da Cunha, homenageando o então governador do Estado que decretou a criação do município.



FIGURA 218: Procissão de Corpus Christi na Praça do Auxílio em 1923  
Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2010).

No entorno da praça estão situados diversos prédios que fizeram parte da história do município, entre eles, o do Museu Público Municipal, a Rua Coberta e a Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (FIGURA 219).



FIGURA 219: Praça na década de 1940  
Fonte: Acervo do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2019).

Ao longo dos anos, o *layout* da praça foi alterado, dependendo do contexto histórico. Em algumas décadas passadas o cultivo de roseiras era algo comum. Além da praça, havia roseiras em praticamente todas as casas. Com o passar dos anos, a praça começou a receber mais espécies vegetais e, neste ano de 2019, observa-se que está bem mais arborizada comparada com outro momento (FIGURA 220).



FIGURA 220: Praça Flores da Cunha em 2019

Fonte: Acervo fotográfico do CMDPU/MCN/Univates (2019).

### 12.6.6 Área de Lazer Pérola do Vale

A Área de Lazer Pérola do Vale possui ótima infraestrutura para atividades, caminhódromo, pista de skate, academia ao ar livre, canchas de voleibol e futebol de areia. Em 2015, a Administração Pública fez investimentos na revitalização da Área de Lazer Pérola do Vale, com a aquisição de um novo *playground*. Também foram contemplados novos brinquedos coloridos e de ferro, lixeiras e bancos, assim como foram adquiridas novas goleiras e camada de areia para a prática de futebol e voleibol. Através do projeto de Olho na Praça<sup>72</sup>, tanto a Praça Flores da Cunha quanto a Área de Lazer Pérola do Vale (FIGURA 221) podem ser visitadas por meio de aplicativo.

72 Projeto de Olho na Praça. Prefeitura Municipal de Arroio do Meio. Disponível em: <<http://www.arroiodomeio.rs.gov.br/deolhonapraca/2017/>>. Acesso em: 06 de mai. de 2019.



FIGURA 221: Área do Parque Pérola do Vale

Fonte: Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2019). Créditos: Vitor Kalsing

### 12.6.7 Caminhos da Forqueta

O caminho foi oficializado em novembro de 2013, dentro do projeto “Verde é Vida”, da Afubra, e Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Arlindo Bach, com apoio da Administração Municipal. Pelo roteiro, pode-se apreciar a Igreja Evangélica de Pedra, Igreja Católica São Vendelino, o relógio de chás, Camping do Ereneu, hortas orgânicas, Alambique Maders, Conservas Seibel, mirante, Apiário Gish, Museu Kamphorst, Café Colonial e Licores Reichert, além da beleza das paisagens naturais. (SECRETARIA DE INDÚSTRIA, COMÉRCIO E TURISMO, 2019).

### 12.6.8 Igreja Matriz

Construída no ano de 1940, a Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, um dos cartões-postais da cidade localizado na área central do município, chama

atenção pela sua construção. Em estilo Neogótico<sup>73</sup>, no seu interior possui vitrais que relatam cenas bíblicas e pinturas renascentistas. No ano de 2016<sup>74</sup> recebeu investimento para pintura e reparos estruturais.

### 12.6.9 Rua de Eventos/Rua Coberta

A Rua de Eventos ou Rua Coberta foi inaugurada no ano de 2008, situada na Rua General Daltro Filho, no Centro da cidade. É palco de eventos culturais promovidos pelo município. Além disso, recebe famílias que buscam um espaço de lazer e descanso aos finais de semana. Em 2018<sup>75</sup> uma verba foi destinada ao reparo dos danos cometidos pelas chuvas no ano anterior.

### 12.6.10 Centro de Lazer Arroio Grande

O Centro de Lazer começou como Pesque e Pague (FIGURA 222), cujas atividades se iniciaram no ano de 1997. Localizado em Arroio do Meio, a cinco quilômetros do trevo de acesso à cidade, o empreendimento familiar ocupa uma área de cinco hectares. No ano de 2013<sup>76</sup> o investimento na propriedade particular foi ampliado, passando a contar com piscinas que garantem o lazer aquático. O Centro de Lazer conta ainda com arroios, espaços para esportes, como vôlei e futebol, chalés e área de acampamento para barracas, churrasqueiras com mesas e bancos e opção de almoço ou lanches.

---

73 A Igreja Matriz de Arroio do Meio foi construída no estilo Neogótico, que retoma em linhas gerais as formas e os traços estilísticos da arquitetura gótica, que se desenvolveu na Europa entre os séculos XII e XV. Alguns elementos que caracterizam a igreja como neogótica são a verticalidade geral da construção, os arcos em forma de ogiva, as abóbadas de nervura arrematando o teto, as grandes rosáceas com vitrais nas laterais da nave, além de diversos detalhes estilísticos característicos do estilo gótico. Comunicação pessoal do Professor Ms. Augusto Alves em 07 de outubro de 2010.

74 O Informativo do Vale. Igreja Matriz de Arroio do Meio receberá pintura externa. Disponível em: <<https://www.informativo.com.br/geral/igreja-matriz-de-arroio-do-meio-recebera-pintura-externa,34104.jhtml>>. Acesso em: 31 de mar. de 2019.

75 O Alto Taquari. Estrutura da Rua de Eventos será revitalizada. Disponível em: <<http://www.oaltotaquari.com.br/portal/2018/02/estrutura-da-rua-de-eventos-sera-revitalizada/>>. Acesso em: 31 de mar. de 2019.

76 O Informativo do Vale. Brinquedo aquático é novidade no Centro de Lazer Arroio Grande. Disponível em: <<https://www.informativo.com.br/variedades/brinquedo-aquatico-e-novidade-no-centro-de-lazer-arroio-grande,284430.jhtml>>. Acesso em: 06 de mai. de 2019.



FIGURA 222: Centro de Lazer Arroio Grande.

Fonte: Acervo fotográfico Museu Público Municipal de Arroio do Meio (2019)

### 12.6.11 Morro São José

Voltados ao turismo rural e aproveitando a paisagem e as belezas naturais (FIGURA 223), investimentos no ramo da hotelaria vêm sendo efetivados no alto e no entorno do morro. Caminhadas, passeios, comida tradicional, entre outros, se tornam atrativos para turistas. Estão em funcionamento a pousada Sítio Paraíso dos Anjos e o Espaço Rústico Sítio Polônio, local destinado a festas.



FIGURA 223: Vista privilegiada da cidade de Arroio do Meio a partir do Morro São José

Fonte: Acervo fotográfico CMDPU/MCN/Univates (2019).

### 12.6.12 Igreja São Vendelino

Localizada no Distrito de Forqueta e construída em 1906, a igreja possui uma imagem do padroeiro que lhe empresta seu nome, uma pequena imagem de São Vendelino vinda da Alemanha. Conta ainda com obras a óleo expostas no seu interior, bem como um ostensório.

### 12.6.13 Igreja - Comunidade Luterana São Paulo

A construção da igreja teve início na década de 1950. A sua arquitetura remete para as igrejas americanas, apresenta belos vitrôs coloridos e na sua torre está uma imagem de Jesus. O templo (FIGURA 224) se destaca também pela boa acústica elogiada por músicos, regentes e coralistas que lá se apresentam ou participam das celebrações.



FIGURA 224: Igreja Luterana São Paulo

Fonte: Acervo fotográfico do CMDPU/MCN/Univates (2011).

## 12.7 O desenvolvimento de Arroio do Meio e seus percalços

Diz o dito popular que o desenvolvimento de uma região tem seu custo. Aí, fala-se em custo social e econômico. O “progresso”, muitas vezes, traz consigo “problemas”. Para Arroio do Meio não foi diferente, pois inúmeros fatos de repercussão ocorreram nas últimas décadas.

Um dos grandes problemas enfrentados por Arroio do Meio nas décadas de 1980 e 1990 foi o trânsito da rodovia ERS-130, especialmente no acesso à cidade e aos bairros Bela Vista e Rui Barbosa. Foram anos de manifestações e reivindicações de autoridades e da população para que fosse encontrada alguma solução.

Os acidentes acentuavam-se nas horas de movimento mais intenso, pois a rodovia recebia grande fluxo de pessoas que trabalhavam no Bairro Bela Vista. Em março de 1980 falava-se, inclusive, na construção de um viaduto no trevo de acesso. Em 20 de março de 1980, o jornal *O Informativo do Vale* publicava uma matéria sob o título “Confirmado: Arroio do Meio vai ter viaduto”. A notícia informava (*O INFORMATIVO DO VALE*, 1980, p. 07),

Recentemente, o Governo do Estado confirmou a construção de um viaduto no trevo de acesso à Arroio do Meio, tendo em vista que o local já provocou diversos acidentes de trânsito, colocando em risco a vida das pessoas que diariamente trafegam com seus veículos por aquele local. Trata-se de um antigo pedido feito pelo atual Prefeito do Município, João Baptista Gasparotto, à Secretaria dos Transportes, ultimamente reforçado pelas entidades de classes locais. Gaspartto acredita que os trabalhos de construção do viaduto serão iniciados em futuro bem próximo, já que os serviços da Secretaria dos Transportes efetuaram um completo levantamento no local.

Pelo que se percebe, o então Governo Estadual tinha planos de construir o viaduto, mas a obra não foi realizada e os acidentes continuavam a acontecer. As manifestações eram inúmeras, políticos e a comunidade clamavam por uma solução.

Em março de 1984 os vereadores Paulo Alécio Weizenmann e Genésio Hofstetter, em discurso proferido na Câmara de Vereadores, salientavam a necessidade da construção de um trevo no acesso à cidade de Arroio do Meio, o que consideravam ser urgente para evitar mais mortes no local. A solicitação para a construção do referido trevo já tinha sido feita ao governador do Estado.

Com o agravamento da situação e sem uma solução, a Câmara de Vereadores articulou, com o auxílio das indústrias, comércio, escolas, comunidade em geral, em outubro de 1987, um movimento “para a promoção de uma pressão popular na forma de interrupção temporária da RS 130, na entrada da cidade, visando ao atendimento de uma solução provisória para aquele que é denominado de ‘trevo da morte’” (*O ALTO TAQUARI*, 1987, p. 01).

Os vereadores, na época, solicitaram ao DAER que fossem tomadas decisões para minimizar o problema antes da construção de um trevo, como a construção de quebra-molas, colocação de uma sinaleira ou outra alternativa.

Em 30 de outubro de 1987, o jornal *O Alto Taquari* (p. 07) publica reportagem com o título: “Bloqueio da RS 130: um dia negro para Arroio do Meio”, fazendo menção à mobilização que a comunidade arroio-meense promoveu no acesso à cidade. Na matéria o jornal notícia:

O ato público que teve na sua organização a participação de todos os segmentos da comunidade de Arroio do Meio, desde a Câmara de Vereadores, colégios, indústrias, comércio, entidades de classes, reuniu cerca de três mil pessoas. O seu início estava previsto para às 11h30min, na rodovia que dá acesso à cidade.

O que era para ser uma manifestação pacífica acabou em confronto com a Brigada Militar. A Polícia Rodoviária queria impedir a interrupção da rodovia e, para isso, contou com um contingente de em torno de 100 soldados da Brigada. A população, com o intuito de fechar a rodovia e se posicionar na pista, foi barrada pelos policiais, iniciando um confronto que acabou com um saldo de nove pessoas feridas. Conforme notícia veiculada pelo jornal O Alto Taquari (1987, p. 01):

A mobilização que a comunidade de Arroio do Meio havia programado para o último dia 23, ao invés de ser um protesto pacífico contra a demora de uma solução para o trevo de acesso à cidade, local em que já aconteceram muitos acidentes, alguns com vítimas fatais, transformou-se em palco de guerra. [...] A Brigada Militar reprimiu a manifestação, registrando-se agressões, tumultos e em consequência, lesões corporais em várias pessoas.

O jornal O Informativo do Vale (1987, p. 03) publica matéria a respeito do fato:

[...] O aparato policial foi enorme, com muitas viaturas, um ônibus e um caminhão guincho estavam no local. As onze horas, começou a chegada de grupos maiores de pessoas, para, meia mais tarde acontecer a primeira tentativa de invadir o asfalto, mas graças a ação policial, não foi conseguido. Exatamente às onze horas e trinta e oito minutos, a população conseguiu seu intento, mais, em menos de quatro minutos, o cinturão da Polícia conseguiu afastar os populares. A partir daí, os ânimos foram esquentando, inclusive com incidentes entre as duas partes envolvidas, porém sem problemas maiores. Quando faltaram dezoito minutos para o meio dia, hora marcada para o final da manifestação, a polícia, com uma rara infelicidade, age com bombas de efeito moral, assustando a população, ocasionando problemas físicos em pelo menos uma criança e um adulto, levando a população à ir contra a força policial que até aquele momento esta sendo considerada cumpridora de ordens superiores.

Após o episódio, três associações de bairros de Arroio do Meio encaminharam “Carta Aberta” para a Câmara Municipal de Vereadores e ao prefeito Arnesto Dalpian. As entidades solicitam, por meio da carta, que o Legislativo e o Executivo denunciem o lamentável acontecimento no qual a população sofreu agressões por parte da Brigada para o Secretário de Segurança Pública. As entidades protestavam ainda contra “o descumprimento da legislação do trânsito, com a total anuência das autoridades que fazem o policiamento de rua diariamente junto ao trevo [...]” (O INFORMATIVO DO VALE, 1987, p. 01).

O promotor público de Lajeado, na época, Rogério Nonnenmacher, defendeu a Brigada das críticas que havia sofrido por ocasião do acontecimento. Segundo o promotor, a Brigada estava lá em serviço e para garantir a lei.

Depois de numerosos acidentes e mortes, em 1997 foi anunciado que uma rótula seria construída para facilitar a travessia da rodovia. Mais tarde, a empresa Sulvias, concessionária responsável pela via, apresentou o mapa da rótula, cujas obras se iniciaram em setembro de 1998.

No final de 1998 o trevo que d  acesso a Arroio do Meio era um canteiro de obras. Foram realizados trabalhos com terraplanagem, detona es das pedras localizadas na parte próxima ao Seminário. Assim, depois de longo tempo, uma antiga reivindica o da popula o de Arroio do Meio, a constru o de uma rótula (FIGURA 225), tornou-se realidade.



FIGURA 225: Rótula de acesso a Arroio do Meio

Fonte: Acervo da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio. Crédito: Tax Imagens Aéreas (2019)

Com o passar dos anos, o movimento de veículos pela rodovia ERS-130 vai aumentando. A cada dia que passa, mais e mais caminhões, carros e motos transitam pela rodovia e trafegam pelo trevo que d  acesso aos bairros Centro, Bela Vista, entre outros. Lideranças políticas e empresariais regionais tentam de forma contínua buscar solu es junto ao Governo do Estado para melhorar as condi es de trafegabilidade e segurança para os pedestres.

## **12.8 A movimentação humana no espaço: as migrações**

No município de Arroio do Meio, assim como em outras regiões do Estado e do país, ocorreu um movimento migratório interno, ou seja, o processo em que parcela da população arroio-meense buscou outras regiões, como o oeste do Rio Grande do Sul, oeste dos estados de Santa Catarina e Paraná, para começar “nova” vida.

As pessoas se dirigem para outros locais em busca de melhores condições de vida, movimento espacial que historicamente tem caracterizado a sociedade brasileira. Um país com as dimensões continentais do Brasil, com seus desequilíbrios regionais e sociais, muitas vezes força parcela da população a mudar a sua residência das áreas rurais para as urbanas ou destas para outros municípios, estados e regiões. Esta tem sido a solução para parte da população, a emigração como alternativa de mobilidade social (BRITO; CARVALHO, 2006).

Desde a década de 1950, quando se acentuaram os desequilíbrios regionais aliados à melhora no sistema nacional de transporte, aumentou o volume de migrantes, dentro dos seus próprios estados e entre estados. Os números expressam os grandes fluxos populacionais ocorridos no Brasil no século vinte. Considerando somente o período entre 1960 e 1990, apenas o êxodo rural no Brasil foi estimado em 42,6 milhões de pessoas (CARVALHO; GARCIA, 2002).

### **12.8.1 Migrantes: em busca de uma nova perspectiva**

Uma das razões que levou centenas de pessoas a procurar novos espaços deu-se em função de que algumas áreas no Brasil tinham um preço bom no mercado, isto é, as terras não eram caras e eram próprias para o desenvolvimento da agricultura.

Para Barden et al. (2001), devido ao aumento da população rural, especialmente na década de 1940, e com a constituição de novas famílias pelo casamento, era necessária a instalação de novos estabelecimentos agrícolas. O fato de as propriedades rurais serem mais reduzidas em comparação com outras regiões do Estado forçou a migração de famílias, em especial para o oeste do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná.

Essa situação foi vivenciada por Genésio Gerhard, que migrou para Três Passos em busca de outra perspectiva de vida. Em entrevista concedida, Gerhard revelou um pouco da sua história, as causas que o levaram a mudar de cidade, entre outras informações.

Genésio Gerhard, 62 anos (2019), nasceu em Arroio do Meio, na localidade de Arroio Grande Superior. Trabalhou na agricultura com os pais e, logo após seu casamento, mudou-se para Três Passos, em 1982.

O motivo da migração foi a oportunidade de trabalhar em melhores terras. Comenta que não houve nenhum incentivo por parte do município de Três Passos para o pessoal ir para lá, o que havia era troca de informações entre quem já estava lá e o pessoal que continuava em Arroio do Meio. Muitos parentes de Genésio também foram para Três Passos. Segundo o entrevistado, quando ele

migrou, já era a última etapa deste processo. “O forte foi na década de 1960 e 1970, quando muitas famílias se mudaram em busca de melhores condições de vida e trabalho na agricultura”, comenta.

Após treze anos em Três Passos, vendo que para permanecer na agricultura teria que fazer demasiados investimentos e sabendo que os filhos, quando crescessem, iriam querer ir para a cidade, resolveu se mudar novamente para Arroio do Meio, fazendo o caminho inverso, o qual outras famílias igualmente já haviam feito.

Do mesmo modo que aconteceu quando foi para Três Passos, as pessoas que permaneceram em Arroio do Meio e aquelas que voltaram antes informavam sobre as mudanças neste município e as oportunidades de trabalho que eram oferecidas. Quando voltou à sua cidade natal, não mais trabalhou na agricultura, passou a atuar como segurança de empresa. Genésio Gerhard explica que, no período da volta para Arroio do Meio, “não havia nenhuma propaganda por parte do município para que as pessoas retornassem, que as informações eram passadas entre os conhecidos”.

Gerhard revelou também que a grande maioria que retornou para o seu município de origem não permaneceu na agricultura, foi trabalhar na iniciativa privada, uma vez que a oferta de empregos na região era boa.

A partir da década de 1980 indústrias se instalaram necessitando de mão de obra. Não só arroio-meenses retornaram, mas a oferta de um mercado de trabalho fez com que muitas pessoas da região de destino desses migrantes se mudassem para o Vale do Taquari em busca de um emprego e de seu estabelecimento em definitivo em Arroio do Meio.

Nesse contexto, o prefeito Klaus Schack aborda o tema sobre o que ocorreu na última década. Para ele (2019), em relação às empresas e à migração,

Não houve a substituição tão forte de empresas, por exemplo. Nós tivemos a soma de outras empresas com tecnologia e a própria tecnologia aplicada nas existentes, mas as empresas aqui ainda se valem de muita mão de obra de outros municípios. Mas nós percebemos realmente uma migração que acontece de pessoas que viviam na Serra, pessoas que viviam na fronteira Sul, nós tínhamos uma migração forte nos anos oitenta, noventa da região norte, noroeste e que agora a gente percebe que é mais pulverizada. Não é só daquela região. Em função de vínculos familiares e que na verdade a colonização lá partiu daqui. Então esse caminho já estava aberto dentro dos interesses econômicos de ir ou vir.

Segundo o prefeito Klaus (2019), “embora nesse ano com toda a crise nós abrimos cento e vinte empregos. Entre os levantamentos das estatísticas Arroio do Meio chegou a abrir mais de 120 empregos, um saldo positivo”. Nesse sentido, fala da questão de empreendimentos sendo instalados em Arroio do Meio. Como exemplo, cita a Dália Alimentos, cujo parque fabril está localizado no Distrito de Palmas. Para o prefeito (2019), “Nós vamos absorver ali mão de obra de Encantado, Roca Sales, Muçum. E assim por diante, de municípios próximos. Assim como, de Arroio do Meio, Lajeado podem estar sendo ocupados ali”.

O que é percebido também, conforme Schnack (2019), são pessoas que escolhem Arroio do Meio para viver,

O que se percebe aqui quando andamos nos nossos novos loteamentos, a presença de muitas pessoas de Lajeado, da região da “grande Lajeado”. Pessoas de municípios como Lajeado, Estrela, Forquetinha e outros, vindo se estabelecer em Arroio do Meio. Vindo residir em Arroio do Meio e atuando na prestação de serviços no comércio de Lajeado, por exemplo.

Nessa última década, a região conheceu e recebeu imigrantes de outras nacionalidades, pessoas que buscam em outros países, outros locais, novas condições para sobreviver e viver dignamente. Arroio do Meio e o Vale do Taquari recebem diariamente novos imigrantes oriundos da América do Sul, África e Ásia.

Para a região, chegam em maior número imigrantes vindos do Haiti e do Senegal. Em relação ao processo migratório para o Vale do Taquari, o Centro de Referência em Assistência Social de Lajeado estima que no Vale do Taquari estão fixados 2.400 imigrantes vindos do Haiti, distribuídos principalmente em cinco cidades: Lajeado, Encantado, Teutônia, Estrela e Arroio do Meio. Desse número, cerca de 70% têm emprego formal (A HORA, 2019).

# Passos para o futuro...

O “tempo voa”, dizem as pessoas. E realmente, dependendo da percepção de cada um, a passagem do tempo pode parecer mais lenta ou acelerada. Em 2020, Arroio do Meio alcança 86 anos de sua emancipação política com diversos motivos para celebrar, mas igualmente com contínua preocupação em registrar os seus passos.

Em 2009, ao comemorar os 75 anos, a Prefeitura de Arroio do Meio idealizou o livro “Arroio do Meio: entre rios e povos”, lançado em 2011. Na comemoração dos seus 86 anos, a prefeitura convida para releitura da obra. Muito se viveu ao longo desses 10 anos. Revisar e ampliar uma obra possibilita corrigir alguns equívocos e também apresentar novos atores, novas histórias, que, juntas, constroem a história do município.

Nas palavras do ex-prefeito, Sidnei Eckert (2010), os “[...] 75 anos seriam um marco histórico de escrever novamente um livro sobre a história do município”. Para o prefeito Klaus W. Schnack (2019), reeditar o livro,

[...] um livro, trabalhar isso, pode ser que não seja economicamente o fato determinante de uma gestão. Pode ser que dentro de uma sociedade quem dê importância a isso também não seja um número representativo [...]. Mas ele é essencial. Se toda essa máquina de gente que tem essa visão de avançar, avançar e avançar, alcançar um objetivo, alcançar esse norte, se a gente se atrapalhar no meio do caminho e tiver que retornar e reiniciar, pode ser que o livro seja o nosso ponto-chave para recomeçar. Isso que é importante. Valorizar o que foi feito, aquilo que nós nos orgulhamos, mas por vezes nós nos esquecemos, mas é uma forma de garantir o contar. A história é dinâmica, mas também repetitiva, dentro de novos roteiros, mas com um início, meio e fim.

É preciso lembrar de tudo o que já se viveu e ter o cuidado em registrar os novos acontecimentos, os novos momentos, respeitando a dinamicidade histórica de uma comunidade.

Para a vice-prefeita, Eluise Hammes (2019), escrever a história de um povo é valorizar a contribuição individual em diferentes momentos, diferentes épocas: “nós precisamos reconhecer isso, e uma dessas formas é através do livro. É transmitir aquilo que se acredita nesse período, o que foi prioridade [...] Que a gente possa ter esse registro como uma forma de valorização de todos que participaram da construção do nosso município”.

O livro privilegia a história da comunidade de Arroio do Meio. Procura dar voz, em cada parte da sua retomada histórica e contemporânea, àqueles que de alguma forma contribuíram para a formação do povo e a história do município. Buscou-se contemplar e valorizar diversas fontes e atores, dos registros documentais oficiais a fontes orais, registros fotográficos, entre outros. Para elaboração e reedição da obra a comunidade foi ouvida, espaços de representatividade para o município foram apresentados e contextualizados.

O livro também continua com o objetivo de prover as escolas, como material didático com enfoque na história regional e local, para uso dos docentes e discentes como fonte de pesquisa e conhecimento. Nesse sentido, o livro abordou aspectos teóricos iniciais, ou melhor, fundamentais para entender os processos de qualquer sociedade, tal como os conceitos de cultura, diversidade, etnocentrismo. Logo após, falou-se da estruturação física e geográfica do município. Na área da história, iniciou-se pela pré-história regional e a caracterização do ambiente, passando pelos primeiros atos de colonização europeia, com portugueses, bandeirantes e jesuítas. Falou-se da etnia afro-brasileira e dos processos de imigração germânica e italiana. As sociedades referidas foram, ao longo do escrito, contextualizadas em momentos históricos do Brasil e do mundo. A religiosidade e o ensino foram destacados, assim como aspectos políticos, econômicos e dados gerais de Arroio do Meio.

A história de Arroio do Meio continua sendo escrita todos os dias; subjetiva e viva pode ser olhada sob vários pontos de vista. Enquanto história, nunca estará concluída ou pronta, da mesma forma este livro, apesar de abordar diversos temas, não pode ser considerado uma obra completa, existem lacunas que devem ser preenchidas ou revistas. Esse é o papel do futuro: recontar os passos, modificar as conclusões ao longo dos acontecimentos, rever o que foi escrito, acompanhando a dinâmica das sociedades e da natureza.

# Referências

## Livros e artigos

AB'SABER, Aziz Nacib. Conhecimento sobre as flutuações climáticas do Quaternário no Brasil. **Boletim da Sociedade Brasileira de Geologia**. São Paulo, n. 6, p. 39-48, 1957.

AHLERT, Lucildo; GEDOZ, Sirlei Teresinha. Povoamento e desenvolvimento econômico na região do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul – 1822 a 1930. **Estudo e Debate**, Lajeado, ano 8, n. 1, p. 49-91, 2001.

ANTUNES, Joseani M. A influência da imprensa sobre os agricultores na questão ambiental. In: ENCONTRO ESPM DE COMUNICAÇÃO E MARKETING, 1., 2004, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2004.

ARGENTO, Mauro Sérgio F. Mapeamento geomorfológico. In: GUERRA, Antonio José Teixeira; CUNHA, Sandra Baptista da. (Org). **Geomorfologia: uma atualização de bases e conceitos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

ARROIO do Meio: é bom viver aqui. Administração Backes/Neumann. 1993- 1996. Encarte de Jornal.

ARROIO do Meio escreve. Lajeado:, FATES, 1998.

ARROIO do Meio: sua história, sua geografia. Lajeado: UNIVATES, 2000.

ARTURI, Carlos S. O debate teórico sobre mudança de regime político: o caso brasileiro. In: **Revista de Sociologia e Política**. Curitiba, n. 17, 2001.

ASSISTÊNCIA SOCIAL. **Jovem Aprendiz** - PotencializAção prepara jovens para o mercado de trabalho. 2019. Disponível em: <<http://www.arroiodomeio.org/site/noticia/1998>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

ASSUMPCÃO, Lilian. **O pescador de almas**: descrição crítica da procissão marítima de São Pedro na cidade de Santos, à luz da Folkmídia. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE FOLKCOMUNICAÇÃO, 7. 2004, Lajeado. **Anais...** Lajeado, 2004.

AVÉ-LALLEMANT, Robert. **Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

AZAMBUJA, José Luiz Fay de. **Hidrovia da Lagoa Mirim**: um marco de desenvolvimento nos caminhos do Mercosul. 2005, 182 fls. Dissertação (Mestrado em Engenharia) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

AZEVEDO, Antônio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

AZEVEDO, Célia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco**: o negro no imaginário das elites século XIX. São Paulo: Annablume, 2004.

BALÉE, William. Sobre a indignidade da paisagem. **Revista de Arqueologia**, v. 21, n.2: 09-23, 2008.

BANAGGIA, Gabriel. **Inovações e controvérsias na antropologia das religiões afro-brasileiras**. 2008, 227 fls. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

- BARDEN, Júlia Elisabete et al. A economia do Rio Grande do Sul no período entre 1920 a 1940: uma análise da região do Vale do Taquari. **Estudo & Debate**. Lajeado, ano 8, n. 2, 2001.
- BARNADAS, Josep M. A Igreja Católica na América Espanhola Colonial. In: BETHEL, Leslie (Org.). **História da América Latina Colonial**. São Paulo: Edusp, 2004, p.521-551.
- BATTISTEL, Arlindo I.; COSTA, Rovílio. **Assim vivem os italianos**: religião, música, trabalho e lazer. Porto Alegre EST/EDUCS, vol 2, 1983.
- BECKER, Ítala I. B. Lideranças indígenas: no começo das reduções jesuíticas da Província do Paraguai. **Pesquisas**, São Leopoldo, Antropologia, n. 47, 1992.
- BERG, Tiago José. A representação da paisagem no hinos nacionais nórdicos. **Climatologia - Climatologia e Estudos da Paisagem**. Rio Claro, v. 8, n. 1, 2013.
- BERSCH, Roque Danilo (Org.). Cultura, sociedade e igrejas: a comunidade de Arroio do Meio escreve a sua história. Lajeado, Ed. da Univates, 2016.
- BERSCH, Roque Danilo et al. **Ondas de migrantes** : crônicas de 138 anos de Brod no Brasil - vida, obra, escritos . Lajeado: UNIVATES, 2006.
- BEZERRA, Josué Alencar. **A reafirmação do bairro**: um estudo geo-histórico do bairro Alecrim na Cidade de Natal-RN. 2005. 187 fls. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.
- BINFORD, Lewis R. **Em busca do passado**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1983.
- BITTENCOURT, Raquel Pereira. A busca do paraíso mitológico pela cultura indígena Guarani e afro-americana. **Linguagens – Revista de Letras, Artes e Comunicação**. Blumenau, v. 2, n. 1, p. 59 - 68, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papirus, 1996.
- BRITO, Fausto; CARVALHO, José Alberto M. As migrações internas do Brasil: as novidades sugeridas pelos censos demográficos de 1991 a 2000 e pela PNADs recentes. **Parcerias Estratégicas**. Brasília, v. 11, n. 22, p. 441-455, 2006.
- BRUXEL, Arnaldo. **Os trinta povos Guarani**. Porto Alegre: EST, 1987.
- BRUXEL, Juliane; JASPER, André. A família Cactaceae na Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, RS, Brasil. **Revista Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, n. 19, p. 71-79, 2005.
- BUENO, Cléria Bittar. A doutrina espírita e as mulheres. **Revista Brasileira de História – ANPUH**. São Paulo, ano 1, n. 3, p. 139 – 165, 2009.
- BURKE, Peter. **A escrita da História**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CADORE, Marcos César. **O borgismo no Alto Taquari**: uma análise das relações de poder coronelistas nas colônias alemãs e italianas (1903-1928). 2016. 288f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016.
- CAPITÃO. **Nossa gente fazendo história**. Capitão: Grafen, 2002.
- CARVALHO, José Alberto M. de; GARCIA, Ricardo Alexandrino. **Estimativas decenais e quinquenais de saldos migratórios e taxas líquidas de migração do Brasil, por situação de domicílio, sexo e idade, segundo Unidade da Federação e Macrorregião, entre 1960 e 1990, e estimativas de emigrantes internacionais do período 1985/1990**. Belo Horizonte: CEDEPLAR, 2002.
- CARVALHO, Vera Regina F. Da Ilha de Açores à Freguesia de Taquari: uma trajetória dos imigrantes açorianos no continente do Rio Grande. **Estudo e Debate**. Lajeado, vol. 9, n. 1, p. 39 – 59, 2002.

- CHRISTILLINO, Cristiano Luís. **Estranhos em seu próprio chão**: o processo de apropriações e expropriações de terras na província de São Pedro do Rio Grande do Sul (O vale do Taquari no período de 1840-1889). 2004, fls, Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2004.
- CHRISTILLINO, Cristiano Luís. **Litígios ao sul do Império**: a Lei de Terras e a consolidação política da Coroa (1850-1880). 350 f. il. Tese (Doutorado em Ciências humanas e filosofia) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.
- CINQUENTENÁRIO de Arroio do Meio. **Programação**. Arroio do Meio, 1984.
- CORTESÃO, Jaime. **Jesuítas e bandeirantes no Tape (1635-1641)**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1969.
- COSTA, Alfredo R. **O Rio Grande do Sul**: completo estudo sobre o Estado. Porto Alegre: Editora Globo, 1922.
- COCZENSKI, Maria Iloni. Para que todos tenham vida em abundância. **Hospital São José**: 60 anos, amor a sua vida. Arroio do Meio, Edição Comemorativa, 2010.
- CROSBY, Alfred W. **Imperialismo ecológico**: a expansão biológica da Europa, 900-1900. São Paulo: Companhia da Letras, 2011.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 2002.
- CUNHA, Jorge Luiz da. Imigração e colonização alemã. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Orgs.). **História do Rio Grande do Sul**: Império. Passo Fundo: Méritos, 2006.
- DEAN, Warren. **A ferro e fogo**: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DIAS, Carlos Gilberto P. **Costurando vidas** – os itinerários de duas professoras: Ana Aurora do Amaral Lisboa (1860-1951) e Júlia Malvina Hailliot Tavares (1866-1939). 2012. 229f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- DIAS, Jefferson L. Z. A tradição Taquara e sua ligação com o índio Kaingang. Documentos 10, São Leopoldo, 2005.
- DUFFY, Eamon. **Santos e pecadores**: história dos papas. São Paulo, Cosac & Naify, 1998.
- ECKHARDT, Rafael Rodrigo; REMPEL, Claudete; SALDANHA, Dejanira Luderitz; GUERRA, Teresina; PORTO, Maria Luiza. Análise e diagnóstico ambiental do Vale do Taquari – RS – Brasil, utilizando sensoriamento remoto e técnicas do geoprocessamento. SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO. 13, 2007, Florianópolis, **Anais...**, Florianópolis, 2007.
- ECKHARDT, Rafael Rodrigo. **Zoneamento ambiental do Vale do Taquari**. 2005. f. Monografia (Bacharelado em Biologia) - Universidade do Vale do Taquari Univates, Lajeado, 2005.
- ESTUDO da Comunidade de Arroio do Meio, 1961. Realizado pelas alunas do Curso de formação de Professoras Primárias do Colégio São Miguel, 1961.
- FALEIRO, Silvana R. **Lajeado**: perfil histórico étnico-social (do período indígena à colonização). Lajeado, 1996.
- FARIA, Sheila de Castro. Tratados de 1810. In: VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Dicionário do Brasil Império**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória**: a problemática da pesquisa. Passo Fundo: Ediupf, 2004.

- FERLA, Josélia Jantsch. **Helma Bersch e o ensino de música no contexto da imigração alemã católica do Vale do Taquari**. 2009, 139 fls. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.
- FERRAZ, Francisco César Alves. **Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- FERRI, Gino. **História do Rio Taquari-Antas**. Encantado: Grafen, 1991.
- FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucila de Almeida Neves. **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2007.
- FERREIRA, Everaldo Rigelo, et al. **Sistema de Previsão e alerta de enchentes da região do Vale do Taquari – RS – Brasil, 2010**. Disponível em: <ensino.univates.br/~chaet/.../II\_SIBRADEN\_2007\_SPAE.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2010.
- FERREIRA, Jurandir Pires. **Enciclopédia do Municípios Brasileiros**. Brasília: IBGE, 1959.
- FICO, Carlos. **Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- FIGENBAUM, Jones. **Um assentamento tupiguarani no Vale do Taquari/RS**. 2009, 219f. Dissertação (Mestrado em História) – Unisinos, São Leopoldo, 2009.
- FLORES, Moacyr. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1988.
- FRANZ, Eloisa. **O negro taquariense: do escravismo ao abolicionismo**. 2009, fls, Monografia (Licenciatura em História) – Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, 2009.
- FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003.
- FURTADO, Marcella Brasil; PEDROZA, Lúcia Sucupira; ALVEZ, Cândida Beatriz. Cultura, identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural. **Psicologia & Sociedade**. v. 26, 2014.
- GAMBINI, Roberto. **Espelho índio**. Rio de Janeiro: Axis Mundi, 2002.
- GEBING, Maica Viviane. **Arroio do Meio: prestação de contas, Administração 2013/2016**. Arroio do Meio: Prefeitura Municipal, 2016.
- GIRON, Loraine Slomp. Imigração italiana no RS: fatores determinantes. In: DACANAL, José Hildebrando (org.). **RS: Imigração & Colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.
- GIRON, Loraine Slomp; HERÉDIA, Vania. **História da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2007.
- GOLDMEIER, Valter Augusto (Org.). **Sítios arqueológicos do Rio Grande do Sul: fichas de registro existentes no Instituto Anchieta de Pesquisas, São Leopoldo, RS**. São Leopoldo: UNISINOS, 1983.
- GOLIN, Tau. Cartografia da Guerra Guaranítica. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CARTOGRAFIA HISTÓRICA, 1. 2011, Paraty. **Anais...** Paraty: Universidade Federal de Minas Gerais.
- GONÇALVES, António Custódio. Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais. **Revista da Faculdade de Letras - Geografia**. Porto, v.4, p. 15 -31, 1988.
- GORENDER, Jacob. **O escravismo colonial**. São Paulo: Ática, 1992.
- HISTÓRIA Ilustrada do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: JA, 1998.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss, 2001.

- INGOLD, Tim. **Culture and the perception of the environment**. In Bush Base: Forest Farm. Culture, Environment and Development. London: Routledge, 1992.
- JACOBUS, André Luiz. Alimentos usados pelo homem pré-histórico. **Documentos** 05, 2. ed. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 2006.
- JUSTUS, Jarbas de Oliveira; MACHADO, Maria Lídia de Abreu; FRANCO, Maria do Socorro Moreira. Geomorfologia. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Levantamento de Recursos Naturais**. Rio de Janeiro: IBGE, 1986, v. 33, p. 313 - 404.
- KARAM, Elaine Maria Consoli. **Raízes da colonização**: em destaque a Colônia Guaporé e município de Dois Lajeados. Porto Alegre: CORAG, 1992.
- KERSHAW, Ian. **Hitler**: um perfil do poder. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- KREUTZ, Lúcio. **Professor paroquial**: magistério e imigração alemã. Pelotas: Seiva, 2004.
- KREUTZ, Lúcio. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n. 15, set./out./nov./dez. 2000.
- KREUTZ, Marcos Rogério. **O contexto ambiental e as primeiras ocupações humanas no vale do Taquari – Rio Grande do Sul**. 2008, 150 fls, Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2008.
- KREUTZ, Marcos R. **Movimentações de populações Guarani, séculos XIII ao XVIII** – Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, Rio Grande do Sul. 2015. Tese, 330 f. (Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2015.
- KREUTZ, Marcos R.; MACHADO, Neli T. G. **O povoamento do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul**. Lajeado: Editora da Univates, 2017.
- KREUTZ, Marcos R.; SCHNEIDER, Patrícia; SANTOS, Paula D.; MACHADO, Neli T. G. **Educação Patrimonial**: dinâmicas da colonização humana no Vale do Taquari, rio Grande do Sul. Lajeado: Editora Univates, 2018.
- KUHN, Fábio. **Breve história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2007.
- LACERDA, Eugênio Pascele. **O Atlântico açoriano**: uma antropologia dos contextos globais e locais da açorianidade. 2003, 291 fls, Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- LADEIRA, Maria Inês. Terra em movimento: a luta do povo Guarani. **História Viva**, São Paulo, ano 4, n. 40, fevereiro 2007.
- LAGEMANN, Claci Gasparotto; ALBERTON, Neusa. **Entre memórias**: um olhar sobre a trajetória de homens e mulheres que fizeram nossa história política. Arroio do Meio: Grafocem, [19-].
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- LAROQUE, Luís Fernando da Silva. **Guaíba no contexto histórico-arqueológico do Rio Grande do Sul**. Guaíba: O Autor, 2002.
- LEVANTAMENTO dos Ecossistemas e Mapas Temáticos do Município de Arroio do Meio – RS, 2003.
- LÉVI-STRAUSS, Claude – **“Introduction L’Oeuvre de Marcel Mauss” em Mauss, Marcel**. Paris: P. U. F., 1950.
- LIED, Justina Inês Faccini. Perseverança e fé. In: TOGNI, Ana Cecília (Org.). **Famílias italianas em Lajeado**: sua vida e suas histórias. Lajeado, UNIVATES, 2003.

LIMA, Daiane Fátima Batista de et al. O uso de geoprocessamento no diagnóstico ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Taquari/RS. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE SENSORIAMENTO REMOTO, 14. 2009, Natal: **Anais...**, Natal, 2009.

LIMA, Nadia Rodrigues Alves Marcondes Luz. A lei de Deus escrita na consciência: quando se encontram na história os espíritas e os maçons. **Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH**. São Paulo, ano 1, n. 3, jan. 2009.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

MAESTRI, Mário. **Deus é grande, o mato é maior**. Passo Fundo: UPE, 2002.

MAGNA Engenharia. **Relatório técnico nº 01 (RT-01)**: cenário atual da Bacia Hidrográfica do Sistema Taquari-Antas. Porto Alegre: Governo do Estado do RS, 1997.

MAIA, Paulo Roberto de Azevedo. **Canal 100**: a trajetória de um cinejornal. 2006. 134f. Dissertação (Mestrado em Multimeios) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

MANOEL, Ivan A. História, religião e religiosidade. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Franca, Ano 1, n. 1, 2010.

MARIANO, Ricardo. Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos. **Revista de Estudos da Religião**. São Paulo, dez. 2004.

MARTINS, Ana Raquel P; FERRAZ, Fernando Toledo; COSTA, Marcio Macedo. Sustentabilidade ambiental como nova dimensão do Índice de Desenvolvimento Humano dos países. **Revista do BNDES**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 26, p. 139-162, 2006.

MARQUESE, Rafael de Bivar. Resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX. **Novos Estudos**, n° 74, 2006.

MATTOSO, Katia M. De Queirós. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MIGUEL, Sinuê Neckel. Espiritismo *fin de siècle*: a inserção do Espiritismo no Rio Grande do Sul (1896-1898). **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH. São Paulo, ano 2, n. 4, 2009.

MILDER, Saul Eduardo Seiguer. Caçadores coletores: a problemática arqueológica e ambiental sobre os primeiros povoadores do Rio Grande do Sul. **Revista do CEPA**. Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 30, p. 7-56, 1999.

MULHALL, Michel G. **O Rio Grande do Sul e suas colônias alemãs**. Porto Alegre: Bels, 1974.

MUSEU Público Municipal de Arroio do Meio. **Exposição Pelos campos ou na tela**: uma breve história do futebol em Arroio do Meio. Arroio do Meio, 2019.

NETO, Benedito Silva; OLIVEIRA, Angélica de. Agricultura familiar, desenvolvimento rural e formação dos municípios do Estado do Rio Grande do Sul. **Estudo Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro, vol. 16, n. 1, p. 83-108, 2008.

OLIVEIRA Guilherme G.; FLORES, Taísa; BRESOLIN JÚNIOR, Nestor A.; HAETINGER, Claus; ECKHARDT, Rafael R. QUEVEDO, Renata P. Análise da suscetibilidade a inundações e enxurradas na Bacia Hidrográfica do Rio Forqueta, RS, Brasil. **Geociências**. São Paulo, v. 37, n. 2, p. 437-453, 2018.

ORO, Ari. Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, vol. 24, n. 2, 2002.

OSÓRIO, Helen. A organização territorial em um espaço de fronteira com o império espanhol e seu vocabulário. **Claves - Revista de História**, Montevideo, n. 1, p. 67-90, 2015.

PERFIL Socioeconômico do Vale do Taquari. **Banco de Dados Regionais**. Lajeado, Universidade do Vale do Taquari, 2011.

- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História da indústria sul-riograndense**. Guaíba: Riocell, 1985.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. Eric Hobsbawm: um espelho do mundo em mutação. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 3, n. 5, 1989.
- PINSETTA, Ana Paula. **Os limites do Vale do Taquari: o antigo porto de Muçum**. **Monografia**, 2010, 76 fls. Monografia (Licenciatura em História) - Universidade do Vale do Taquari - Univates, 2010.
- PIRES, Karen Daniela. **O trabalho escravo e suas implicações na paisagem urbana e rural de Taquari, Estrela e Santo Amaro/RS - final do século XIX**. **Dissertação**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade do Vale do Taquari, Lajeado, 2016.
- PORTO, Aurélio. **História das missões orientais do Uruguai**. Porto Alegre: Selbach, 1954.
- PRANDI, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 18, n. 52, set/dez 2004.
- PRANDI, Reginaldo. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. **Civitas**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, jul 2007.
- PROVÍNCIA do Brasil Meridional. Porto Alegre: 2009.
- RAMBO, Arthur Blasio. **Cem anos de germanidade no R.G.S: 1824 – 1924**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1999.
- RAMBO, Balduino. **A fisionomia do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: UNISINOS. 2000.
- RAMOS, Aluísio Wellichan. Espaço-tempo na cidade de São Paulo: historicidade e espacialidade do “Bairro” da Água Branca. **Revista do Departamento de Geografia**. São Paulo, n. 15, 2002.
- RELATÓRIO Arroio do Meio 1983-1987, administração Dalpian/Steiner. 1987.
- REICHEL, Heloisa Jochims; GUTFREIND, Ieda. **As raízes históricas do Mercosul: a região platina colonial**. São Leopoldo: Unisinos, 1996.
- RELLY, Eduardo; MACHADO, T. G. Neli; SCHNEIDER, Patrícia. **Do Taiaçuapé a Colinas**. Lajeado, UNIVATES, 2008.
- REMPEL, Claudete. **A ecologia de paisagem e suas ferramentas podem aprimorar o zoneamento ambiental? O caso da Região Política do Vale do Taquari**. 2009, 146 fls. Tese (Doutorado em Georeferenciamento) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- REMPEL, Claudete; PÉRICO, Eduardo; ECKHARDT, Rafael Rodrigo. **Zoneamento econômico-ambiental do Vale do Taquari**. Lajeado: UNIVATES, 2007.
- REVISTA Conheça. Janeiro, 1969 – Ano 1, nº 1. Lajeado:Impressão: Gráfica Sulin, 1969.
- REVISTA 20 anos da Cooperativa Languiru. Languiru, Distrito de Estrela.13 de novembro de 1975.
- RIBEIRO, Pedro A. M. **Arqueologia do Vale do Rio Pardo, Rio Grande do Sul, Brasil**. 1990. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.
- RIBEIRO, Pedro A. M.; KLAMT, Sérgio C.; BUCHAIM, Joaquim J. S.; RIBEIRO, Catharina T. Levantamentos arqueológicos na encosta do planalto entre os vales dos Rios Taquari e Caí. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v. 16, n. 19, out. 1989.

- ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul I**. Porto Alegre: Globo, 1969.
- ROIZ, Diogo da Silva; FONSECA, André Dioneu. As representações da Igreja Assembleia de Deus sobre a televisão entre 1960 e 2000. **Revista Brasileira de História das Religiões**. São Paulo: ano 2, n. 4, maio 2009.
- SÁ, Salma Dias Almeida. **A cidade, os monumentos públicos e suas relações com o social**. ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA. 3. 2007, Salvador, **Anais...**, Salvador, 2007.
- SACHS, Ignacy. Sociedade, Cultura e Meio Ambiente. **Mundo & Vida**, Rio de Janeiro, v. 2, p. 7-13, 2000.
- SALLES, Ricardo. **Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do exército**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo dos. As Missões Jesuítico-Guaranis. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson. **Colônia**. Passo Fundo, Méritos, 2006.
- SCHROEDER, Carla Jaqueline (Coord.). **Escola São Caetano: 100 anos de história**. Lajeado, RS: Ed. da Univates, 2010.
- SEIDEL, Ernesto. **A elite eclesiástica no Rio Grande do Sul**. 2003, 462 fls. Tese (Doutorado em Ciências Políticas) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.
- SEITENFUS, Ricardo Antônio Silva. **A entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- SCHIERHOLT, José Alfredo. **Lajeado I**. Lajeado, 1992.
- SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria C. M.; CARVALHO, Maria C. P. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. **Ambiente e Sociedade**. Campinas, n. 10, 2002.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. **Registro de Sítios Arqueológicos do Rio Grande do Sul**. São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 1965.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. Migrantes da Amazônia: a tradição tupiguarani. **Documentos 5**. 2. ed. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, p. 31 -63, 2006.
- SCHNEIDER, Fernanda. **Interpretação do espaço Guarani: um estudo de caso no Sul da Bacia Hidrográfica do Rio Forqueta, Rio Grande do Sul, Brasil**. 2014, 220 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2014.
- SCHNEIDER, Fernanda. **Poder, transformação e permanência: a dinâmica de ocupação Guarani na Bacia do Taquari-Antas, Rio Grande do Sul, Brasil**. 2019. 385f. Tese (Doutorado em Ciências: Ambiente e Desenvolvimento) – Universidade do Vale do Taquari, 2019.
- SCHNEIDER, Fernanda; WOLF, Sidnei; KREUTZ, Marcos R.; MACHADO, Neli T. G. Assentamentos humanos pré-coloniais e pesquisas arqueológicas: configurações ambientais. In: PEREIRA, Elenita M.; RUCKERT, Fabiano Q.; MACHADO, Neli T. G. (Orgs.). **História Ambiental no Rio Grande do Sul**. Lajeado: Editora Univates, 2105.
- SCHNEIDER, Fernanda; WOLF, Sidnei; KREUTZ, Marcos R.; MACHADO, Neli T. G. Tempo e espaço Guarani: um estudo acerca da ocupação, cronologia e dinâmica de movimentação pré-colonial na Bacia do Rio Taquari/Antas, Rio Grande do Sul, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém, v. 12, n. 2, 2017.
- SCHNEIDER, Sérgio. A abordagem territorial do desenvolvimento rural e suas articulações externas. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 6, n. 11, 2004.

- SCHWARCZ, Lília Moritz. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos internos**: engenhos e escravos na sociedade colonial, 1550/1835. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SILVA, Fabíola Andréa. Produção e uso da cultura material e a formação do registro arqueológico: o exemplo da cerâmica dos Asurini do Xingu. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v. 24, n. 32, jul./dez. 2000.
- SILVA, Fabíola Andréa. As tecnologias e seus significados. **Revista Canindé**, São Cristóvão, n. 2, dez. 2002.
- SILVA, Jorge Xavier da. Geomorfologia e geoprocessamento. In: GUERRA, Antonio José Teixeira; CUNHA, Sandra Baptista da. **Geomorfologia**: uma atualização de bases e conceitos. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2005.
- SILVA, Loni Maria da. **Resgate da cultura alimentar quilombola comunidade São Roque**. Arroio do Meio: Prefeitura Municipal/Porto Alegre: Emater/RS-Ascar, 2011.
- SIQUEIRA, Maria de Lourdes. **Quilombos no Brasil e a singularidade de Palmares**. Salvador, 2010. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/19144329-Quilombos-no-brasil-e-a-singularidade-de-palmares.html>>. Acesso em: 03 jun. 2019.
- SUNDFELD, Carlos A. **O direito das comunidades quilombolas** (Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias). São Paulo: Sociedade Brasileira do Direito Público, 2002.
- TARGA, Luiz Roberto P. O Rio Grande do Sul: fronteira entre duas formações históricas. **Ensaio FEE**. Porto Alegre: 11, 1991.
- TEIXEIRA, Marlene P. V.; MACHADO, Rosa Maria. Conceito de bairro: unidade popular ou técnica. **Anuário do Instituto de Geociência**. Rio de Janeiro: EFRJ, 1986.
- THOMAS, Bruna Letícia. Proposta de zoneamento ambiental para o município de Arroio do Meio - RS. **RA'E GA**. Curitiba, v. 24, p.199-226, 2012.
- THOMAS, Bruna L.; THOMAS, Pedro A.; FOLETO, Eliane M. A relevância da criação de uma unidade de conservação no Morro Gaúcho, municípios de Arroio do Meio e Capitão/RS. **Revista do Departamento de Geografia**. São Paulo, v. 27, p.112-130, 2014.
- THOMÉ, Lauro Nelson Fornari. **Arroio do Meio ano 50**: 1934 - 1984. Porto Alegre, CORAG, 1984.
- THOME, Lauro Nelson Fornari. **Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Arroio do Meio**. Arroio do Meio: [s.n.], 1996.
- TORRESINI, Elizabeth W. R.; **Vonpar**: a marca do desafio. Porto Alegre: Vonpar, 2009.
- TRÄSEL, Alberto. Álbum jubilar de Santa Clara do Sul - 1869-1969. Jornal comemorativo ao centenário. Lajeado, 1969. 88p.
- TUNDISI, José Galizia. Recursos hídricos. **MultiCiência**. Campinas, n. 1, out. 2003.
- URBIM, Carlos. **Os farrapos**. Porto Alegre: RBS Publicações, 2008.
- VANNINI, Ismael Antônio. **História, sexualidade e crime**: imigrantes e descendentes na (RCI) região colonial italiana no Rio Grande do Sul (1938/1958). 2008, 247 fls. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- VOGT, Olgário P. Capital social e instituições comunitárias no sul do Brasil. In: SCHMIDT, João Pedro (Org.). **Instituições comunitárias**: instituições públicas não-estatais. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009. CD-ROM.

VOGT, Olgário P.; ROMERO, Maria R. Z. **Uma luz para a história do Rio Grande**: Rio Pardo 200 anos – cultura, arte e memória. Santa Cruz do Sul: Editora Gazeta Santa Cruz, 2010.

WEIRICH, Alex. Índios e brancos no Vale do Taquari durante os séculos XVI e XVII. 2006. 75 f. Monografia (Graduação em História) - Universidade do Vale do Taquari - Univates, Lajeado, RS, 2006.

WOLF, Sidnei. **Arqueologia Jê no Alto Forqueta/RS e Guaporé/RS**: um novo cenário para um antigo contexto. 2016. 341 f. Tese (Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2016.

WOLF, Sidnei; MACHADO, Neli T. G. Arqueologia da paisagem aplicada ao estudo de sítios arqueológicos Jê Meridionais nas Bacias Hidrográficas dos Rios Forqueta e Guaporé/Rio Grande do Sul. **Revista Ra'e Ga**, Curitiba, v.45, p. 268-280, 2018.

## Sites

AMVAT. Associação dos Municípios do Vale do Taquari. **Presidentes**. 2019. Disponível em: <<http://amvat.com.br/Presidentes/>>. Acesso em 19 ago. 2019.

ASLIVATA. **Campeões**. 2011. Disponível em: <<https://www.aslivata.com.br/>>. Acesso em: 30 maio. 2019.

ATLAS do Desenvolvimento Humano no Brasil. **Perfil**. 2019. Disponível em: <<http://atlasbrasil.org.br/2013/>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

BOM JESUS SÃO MIGUEL. **Unidades**. 2019. Disponível em: <<https://bomjesus.br/unidades/?unidade=saomiguel>>. Acesso em 12 jun. 2019.

CODEVAT. Conselho de Desenvolvimento do Vale do Taquari. **Histórico das Diretorias do CODEVAT**. 2019. Disponível em: <<http://codevat.com.br/>>. Acesso em 15 jun. 2019.

CGADB. Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. **CGADB**. Disponível em: <<http://www.cgadb.org.br/2018a/>>. Acesso em 28 jul. 2019.

DIOCESE DE SANTA CRUZ DO SUL. **Nossa Senhora do Perpétuo Socorro**. 2019. Disponível em: <<http://www.mitrascs.com.br/>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

DIVINA PROVIDÊNCIA. **Hospitais da Rede de Saúde Divina Providência**. 2019. Disponível em: <<http://divinaprovidencia.org.br/hospitais/>>. Acesso em 23 jun. 2019.

FAMURS. Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul. **Guia RS**. 2019. Disponível em: <<http://portal.famurs.com.br/guiars>>. Acesso em 28 mai. 2019.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Certificação Quilombola**. 2019. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

FUTEBOL REGIONAL. **Futebol Amador dos Vales**. 2019. Disponível em: <https://ivardilli.wixsite.com/futebol-regional/arroio-do-meio-titulares>. Acesso em 02 set. 2019.

HISTÓRIA. **Nossa Senhora dos Navegantes**. 2010. Disponível on-line em: <<http://www.igreja-catolica.com/nossa-senhora/nossa-senhora-dos-navegantes.php>>. Acesso em 31 mai. 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos Demográficos de 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000**. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 31 mai. 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. 2019. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/arroio-do-meio/panorama/>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

IPHAN. Instituto Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos**. 2019. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/sgpa/?consulta=cnsa>>. Acesso em 15 mai. 2019.

ISA. Instituto Socioambiental. **Site Povos Indígenas**. 2018. Acesso em: <[https://pib.socioambiental.org/pt/Quem\\_s%C3%A3o](https://pib.socioambiental.org/pt/Quem_s%C3%A3o)>. Acesso em 10 jul. 2019.

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **O que é IDH?** 2019. Disponível em: <<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0.html>>. Acesso em: 02 jul. 2019.

PREFEITURA. Prefeitura Municipal de Arroio do Meio. Disponível em: <<http://www.arroiodomeio.rs.gov.br/>>. Acesso em abr., mai., jun., jul. 2019.

TRE. **Tribunal Regional Eleitoral** - RS. 2019. Disponível em: <<http://www.tre-rs.jus.br/>>. Acesso em 03 jun. 2019.

TSE. **Tribunal Superior Eleitoral**. 2019. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/>>. Acesso em 25 mai. 2019.

## Jornais

A HORA. Dez haitianos chegam ao Vale por semana. Edição 29 Jul. 2019.

A SEMANA. Inauguração da Ponte de Ferro. Edição 17 Jul. 1939.

FATOS e Fotos que marcaram a história. **O Alto Taquari**, Arroio do Meio, 26 nov. 2004. p.23.

CADERNO ESPECIAL 85 ANOS. **Arroio do Meio**: um lugar para ser feliz. O Alto Taquari, 2019.

CARTAS. **O Alto Taquari**, Arroio do Meio, 26 nov. 2004. p.29-30.

O ALTO TAQUARI. Coopave está devolvendo para Arroio do Meio. Edição 03 Ago. 1980.

O ALTO TAQUARI. Ministro Jair Soares visita Arroio do Meio. Edição 18 Out. 1980.

O ALTO TAQUARI. Curtume Aimoré. Edição 29 Nov. 1980.

O ALTO TAQUARI. Hoje a noite grande show com Roberto Leal. Edição 25 Abr. 1981.

O ALTO TAQUARI. Theobaldo: faço 111 anos. Edição 08 Abr. 1983.

O ALTO TAQUARI. Coopave: parte do RS à beira do caos. Edição 18 Abr. 1983.

O ALTO TAQUARI. Governador inaugura monocanal em Pouso Novo. Edição 15 Mar. 1985.

O ALTO TAQUARI. Bloqueio da RS-130: um dia negro para Arroio do Meio. Edição 30 Out. 1987.

O ALTO TAQUARI. Sete perde título pelo formulismo. Edição 18 Dez. 1987.

O ALTO TAQUARI. Sete foi apenas vice-campeão. Edição 14 Jan. 1994.

O ALTO TAQUARI. Migrações: questão social preocupa autoridades. Edição 08 Jul. 1994.

O ALTO TAQUARI. Asfalto: prefeito assina contrato com empresas vencedoras para começar obras. Edição 22 Jul. 1994.

O ALTO TAQUARI. . Edição Comemorativa 60 Anos. Edição 18 Nov. 1994.

O ALTO TAQUARI. Bolonistas de Arroio do Meio foram destaque em Venâncio Aires. Edição 02 Dez. 1994.

O ALTO TAQUARI. Crescimento segue margem direita da RS-130. Edição 26 Set. 2004.

O ALTO TAQUARI. Clubes que conquistaram títulos nos últimos anos. Edição 26 Nov. 2004.

O ALTO TAQUARI. João Batista Gasparotto: o prefeito “papa-indústrias”. Edição 26 Nov. 2004.

O ALTO TAQUARI. Quilombolas beneficiados com RS Rural. Edição 28 Jan. 2005.

O ALTO TAQUARI. Rui Barbosa é bicampeão. Edição 17 Jun. 2005.

O ALTO TAQUARI. Prefeitura inaugura posto de saúde. Edição 1º Jul. 2005.

O ALTO TAQUARI. Município valoriza e qualifica funcionalismo público. Edição 29 Jul. 2005.

O ALTO TAQUARI. Vale do Arroio Grande inaugura subprefeitura. Edição 19 Ago. 2005.

O ALTO TAQUARI. Show de fé com Wellington Camargo. Edição 10 Out. 2008.

O ALTO TAQUARI. Vovô Theobaldo comemora Dia da Consciência Negra. Edição 27 Nov. 2009.

O ALTO TAQUARI. Perdas superam R\$ 6 milhões. Edição 15 Jan. 2010.

O ALTO TAQUARI. Atalaia: a primeira creche de Arroio do Meio. Especial. Edição 11 Fev. 2011.

O ALTO TAQUARI. Rui Barbosa é tricampeão regional. Edição 12 Dez. 2011.

O ALTO TAQUARI. Forquetense é Super Campeão. Edição 21 Dez. 2012.

O ALTO TAQUARI. Klaus assume prefeitura de Arroio do Meio. Edição 31 Dez. 2016.

O ALTO TAQUARI. Campeonato da Lafa começa com Sete e Esperança-RB em São Caetano. Edição 1º Fev. 2019.

O ALTO TAQUARI. Adesão ao Susaf abre novos mercados para agroindústrias. Edição 07 Jun. 2019.

O ALTO TAQUARI. Klaus Schnack apresenta ações de governo em reunião-almoço. Edição 26 Jul. 2019.

O INFORMATIVO DO VALE. Gasparotto opina sobre novos partidos políticos. Edição 12 Jan. 1980.

O INFORMATIVO DO VALE. “Top-less” no Balneário de Arroio do Meio. Edição 02 Fev. 1980.

O INFORMATIVO DO VALE. Confirmado: Arroio do Meio vai ter viaduto. Edição 20 Mar. 1980.

O INFORMATIVO DO VALE. Arroio do Meio festeja título do Palmense. Edição 12 Jan. 1982.

O INFORMATIVO DO VALE. Gasparotto satisfeito com o funcionamento dos telefones. Edição 22 Out. 1982.

O INFORMATIVO DO VALE. Vale do Taquari vive drama da enchente. Edição 1º Jun. 1990.

O INFORMATIVO DO VALE. Antigamente era assim. Edição 04 Jun. 1992.

O INFORMATIVO DO VALE. Traveseiro e Capitão são municípios. Edição 14 Nov. 1991.

O INFORMATIVO DO VALE. Muita comemoração na conquista do título regional. Edição 13 Dez. 1994.

O INFORMATIVO DO VALE. Bela Vista é campeão regional feminino. Edição 04 Abr. 1995.

O INFORMATIVO DO VALE. Bela Vista vence o torneio L’Exportiv. Edição 10 Ago. 1995.

O INFORMATIVO DO VALE. Arroio do Meio e Arvorezinha fazem final. Edição 29 Nov. 2003.

O INFORMATIVO DO VALE. Cine Teatro Real. Edição 02 Jun 2010.

O INFORMATIVO DO VALE. Quilombolas: a face do remanescente. Edição 07 Set. 2010.

O TAQUARYENSE. Edição 12 Jan. 1888.

O TAQUARYENSE. Edição 15 Jan. 1888.

O TAQUARYENSE. Edição 15 Mai 1888.

STEINER, Paulo. Adolfo Poletto: prefeito por um ano. **O Alto Taquari**. Arroio do Meio, Edição 11 Jul. 2008.

STEINER, Paulo. Escola Getúlio Vargas. **O Alto Taquari**. Arroio do Meio, Edição 12 Dez. 2008. p. 08.

STEINER, Paulo. Escola São Caetano – Alunos de 1954. **O Alto Taquari**. Arroio do Meio, Edição 13 Jan. 2009. p.08.

STEINER, Paulo. O guá e o rio Taquari. **O Alto Taquari**. Arroio do Meio, Edição 13 Fev. 2009. p. 08

STEINER, Paulo. Professora Dorotéia e sua missão. **O Alto Taquari**. Edição 27 Fev. 2009. p. 08.

STEINER, Paulo. Nossa Praça. **O Alto Taquari**. Arroio do Meio, Edição 24 Abr. 2009. p. 08.

STEINER, Paulo. Renita Käfer e a Barra do Forqueta. **O Alto Taquari**. Arroio do Meio, Edição 08 Mai. 2009.

## Leis e decretos

ARROIO DO MEIO. Decreto n.o 1.198, de 25 de novembro de 1999. Declara o “HIBISCO” flor oficial do Município de Arroio do Meio. Arroio do Meio, 1999.

ARROIO DO MEIO. Lei n.o 5, de 04 de abril de 1950. O distrito de Canabarro passa a denominar-se Nova Bréscia. Arroio do Meio, 1950.

ARROIO DO MEIO. Lei n.o 30, de 10 de outubro de 1953. Oficializa o “Hino de Arroio do Meio”. Arroio do Meio, 1953.

ARROIO DO MEIO. Lei n.o 37, de 31 de dezembro de 1956. Cria o distrito de Pouso Novo e anexa ao município de Arroio do Meio. Arroio do Meio, 1956.

ARROIO DO MEIO. Lei n.o 16, de 27 de setembro de 1958. Cria o distrito de Travesseiro e anexa ao município de Arroio do Meio. Arroio do Meio, 1958.

ARROIO DO MEIO. Lei n.o 15, de 04 de agosto de 1962. Cria o distrito de Coqueiro Baixo e anexa ao município de Arroio do Meio. Arroio do Meio, 1962.

ARROIO DO MEIO. Lei n.o 4.903, de 28 de dezembro de 1964. Cria o município de Nova Bréscia. Porto Alegre, 1964.

ARROIO DO MEIO. Lei n.o 46, de 20 de dezembro de 1965. Cria o distrito de Capitão e anexa ao município de Arroio do Meio. Arroio do Meio, 1965.

ARROIO DO MEIO. Lei n.o 21, de 03 de outubro de 1968. Promulga e define o BRASÃO DE ARMAS DO MUNICÍPIO. Arroio do Meio, 1968.

ARROIO DO MEIO. Lei n.o 03, de 12 de abril de 1972. Institui a Bandeira do Município de Arroio do Meio. Arroio do Meio, 1972.

ARROIO DO MEIO. Lei n° 377, de 11 de abril de 1988. Cria o Distrito de Forqueta e dá outras providências. Arroio do Meio, 1988.

ARROIO DO MEIO. Lei Orgânica do Município de Arroio do Meio, 1990. Arroio do Meio, RS.

ARROIO DO MEIO. Lei n.º 1.094, de 20 de outubro de 1994. Cria o distrito de Palmas, constitui o seu território, delimita o 1.º Distrito e Distrito de Forqueta, classifica Distritos e dá outras providências. Arroio do Meio, 1994.

ARROIO DO MEIO. Lei n.º 1.624, de 24 de junho de 1999. Cria os bairros. Barra do Forqueta, Medianeira, São José, Navegantes, Centro, Bela Vista, Rui Barbosa, Dona Rita, D. Pedro II, Aimoré, São Caetano, e Novo Horizonte, revoga disposições em contrário e dá outras providências. Arroio do Meio, 1999.

ARROIO DO MEIO. Lei n.º 2.271, de 17 de setembro de 2004. Cria o 4º Distrito do Município denominado de DISTRITO VALE DO ARROIO GRANDE, e dá outras providências. Arroio do Meio, 2004.

ARROIO DO MEIO. Lei n.º 2.696, de 24 de dezembro de 2008. Dá nova redação ao art. 5º da Lei Municipal n.º 1.094:94, de 20 de outubro de 1994, que descreve a zona urbana do Distrito de Palmas, e dá outras providências. Arroio do Meio, 2008.

BRASIL. Lei n.º 581, de 2 de setembro de 1850. Lei Eusébio de Queirós, que extingue o tráfico negreiro no Brasil. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/lim/LIM581.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM581.htm)>. Acesso em: 11 jun. 2019.

BRASIL. Lei n.º 5.700, de 1 de setembro de 1971. Dispõe sobre a forma e a apresentação dos Símbolos Nacionais, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L5700.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5700.htm)>. Acesso em: 02 de jun. 2019.

RIO GRANDE DO SUL. Lei n.º 9.561, de 20 de março de 1992. Cria o município de Capitão. Porto Alegre, 1992.

RIO GRANDE DO SUL. Lei n.º 9.596, de 20 de março de 1992. Cria o município de Travesseiro. Porto Alegre, 1992.

RIO GRANDE DO SUL. Lei n.º 8.581, de 29 de abril de 1988. Cria o município de pouso Novo. Porto Alegre, 1988.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto n.º 720, de 29 de dezembro de 1944. O distrito de Tiradentes passa a denominar-se Canabarro. Porto Alegre, 1944.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto n.º 7.199, de 31 de março de 1938. O distrito de Nova Brésia passa a denominar-se Tiradentes. Porto Alegre, 1938.

RIO GRANDE DO SUL. Decreto n.º 5759, de 28 de novembro de 1934. Cria o município de Arroio do Meio. Porto Alegre, 1934.

## Fontes manuscritas

TAQUARI. Ata da Câmara de Vereadores de Taquari, 1851. Acervo da Câmara de Vereadores de Taquari, RS.

AUTOS de medição das terras, 1844. Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

AUTO de Medição n.º 696. Autor: Primórdio Centeno de Azambuja, 1875, Taquari. Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

AUTO de Medição n.º 643. Autor: Primórdio Centeno de Azambuja, 1861, Taquari. Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

CÓDICE “Cartas de Liberdade”. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

CÓDICE. C-333. Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

CONCESSÃO de Sesmaria a Ricardo José Vilanova em 1815, Porto Alegre. Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

CONCESSÃO de Sesmaria, Bernardo Joaquim da Silva, 1817. Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

CORRESPONDÊNCIA da subdelegacia de Polícia de Taquari, de 15 de fevereiro de 1845, Correspondências de Polícia, maço 57. Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

LIVRO de marcas de fumo e outros produtos, 1905-1913. Arquivo Histórico de Lajeado - AHL. Lajeado, RS.

LIVRO de Registro de Correspondência da Prefeitura de Lajeado, 1934. Arquivo Histórico de Lajeado - AHL. Lajeado, RS.

LIVRO Tombo da Paróquia Santo Inácio de Loyolla, 1881. Acervo da Paróquia Santo Inácio de Loyolla.

LIVRO Tombo da Paróquia Santo Antônio de Estrela, 1873. Acervo da Paróquia Santo Antônio de Estrela, Estrela, RS.

LIVRO Tombo da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, 1920. Acervo da Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Arroio do Meio, Arroio do Meio, RS.

LIVRO Notas Taquari, 1859. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

LIVRO Notas Taquari, 1860. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

LIVRO Notas Taquari, 1861. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

LIVRO Notas Taquari, 1869. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

LIVRO de Notas de Taquari, 1874. Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

LIVRO nº 01 do Registro de Imóveis de Lajeado, 1895.

OFÍCIO n. 51, 1853. Porto Alegre: Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

REGISTRO Paroquial de Santo Amaro, 1856, APERS.

## **Fontes orais**

ECKERT, Sidnei. Entrevista Oral. Arroio do Meio, 31 ago. 2010.

GERHARD, Genésio. Entrevista Oral. Arroio do Meio, 03 ago. 2010.

GERHARDT, Julio. Informação verbal, 04 jan. 2011.

HAMMES, Eluise. Entrevista Oral. 10 jun. 2019.

SALING, Décio. Informações cedidas ao Museu Público Municipal de Arroio do Meio, 2014.

SCHNACK, Klaus Werner. Informação verbal, 2010.

SCHNACK, Klaus Werner. Entrevista Oral. 10 jun. 2019.

SORES, Ingrid Venter. Entrevista Oral. 9 ago. 2019.

## Fontes iconográficas

Acervo fotográfico do Museu Público Municipal de Arroio do Meio, RS.  
Acervo fotográfico do Arquivo Histórico Municipal de Lajeado, RS.  
Acervo fotográfico da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio, RS.  
Acervo fotográfico da Câmara de Vereadores de Arroio do Meio, RS.  
Acervo fotográfico da Província Meridional do Brasil, Porto Alegre, RS.  
Acervo fotográfico da Comunidade São Paulo, Arroio do Meio, RS.  
Acervo fotográfico da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Arroio do Meio, RS.  
Acervo fotográfico de Magali Drebes/Off Aventura, Estrela, RS.  
Acervo do jornal O Alto Taquari, Arroio do Meio, RS.  
Acervo do jornal O Informativo do Vale, Lajeado, RS.  
Acervo do jornal O Taquaryense, Taquari, RS.  
Acervo particular de Euclides Scheid, Arroio do Meio, RS.  
Acervo particular de Rubem Goettens, Arroio do Meio, RS.  
Acervo particular de Normélio Mörs, Arroio do Meio, RS.  
Acervo particular de Aristides Voltaire de Mello Tavares, Lajeado, RS.  
Acervo particular Helena Dalpian, Arroio do Meio, RS.  
Acervo particular Paulo Steiner, Arroio do Meio, RS.  
Acervo particular de Viane Bersch, Arroio do Meio, RS.  
Acervo particular da Família Endler, Arroio do Meio, RS.  
Acervo particular de Otávio Deves, Arroio do Meio, RS.  
Acervo particular de Décio Saling, Arroio do Meio, RS.  
Acervo do Centro de Memória, Documentação e Pesquisa - CMDPU/MCN/Univates.  
Acervo do Laboratório de Arqueologia - Labarq/MCN/Univates.

## Elaboração de Mapas

LABARQ/MCN/Univates. **Elaboração de mapas temáticos:** Bacia Hidrográfica do Taquari-Antas. Lajeado, 2018.

SANTOS, Daniel Martins. **Elaboração de mapas temáticos:** hidrografia, hipsometria. Lajeado, 2019.

## Informações cedidas

(Documentos avulsos e informações orais)

AMAI - Associação Arroio-Meense de Amparo ao Idoso, 2019.

AMAM - Associação dos Menores de Arroio do Meio, 2019.

ASSESSORIA COMUNICAÇÃO. Assessoria da Comunicação da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio. 2019.

CRAS - Centro de Referência e Assistência Social do Município de Arroio do Meio - CRAS, 2019.

MUSEU PÚBLICO MUNICIPAL, Arroio do Meio, 2019.

COMUNIDADE Luterana São Paulo, 2010, 2019.

HOSPITAL São José. Linha do Tempo Hospital São José, Arroio do Meio, 2019.

IGREJA EVANGÉLICA de Confissão Luterana no Brasil - IECLB,, 2010, 2019.

PREFEITURA Municipal de Arroio do Meio, 2010-2011, 2019.

RELATÓRIO DE ATENDIMENTOS. Secretaria Municipal da Saúde de Arroio do Meio, 2019.

SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO. Secretaria Municipal da Administração de Arroio do Meio, 2010, 2011, 2019.

SECRETARIA DA AGRICULTURA. Secretaria Municipal da Agricultura de Arroio do Meio, 2019.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Arroio do Meio, 2010, 2011, 2019.

SECRETARIA DA FAZENDA. Secretaria Municipal da Fazenda de Arroio do Meio, 2019.

SECRETARIA DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO. Secretaria Municipal da Indústria, Comércio e Turismo de Arroio do Meio, 2019.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO. Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação de Arroio do Meio, 2010, 2011, 2019.

SECRETARIA DE OBRAS. Secretaria Municipal de Obras, Viação e Serviços de Arroio do Meio, 2019.

SECRETARIA DA SAÚDE. Secretaria Municipal da Saúde de Arroio do Meio, 2019.

## **Acervos e Locais de pesquisa**

Acervo do Arquivo Histórico Municipal de Lajeado. Lajeado, RS.

Acervo do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul – AHRS. Porto Alegre, RS.

Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul – APERS. Porto Alegre, RS.

Acervo da Paróquia Santo Inácio de Loyola. Lajeado, RS.

Acervo da Paróquia Perpétuo Socorro. Arroio do Meio, RS.

Acervo da Comunidade Evangélica Luterana São Paulo. Arroio do Meio, RS.

Acervo do Museu Público Municipal de Arroio do Meio. Arroio do Meio, RS.

Acervo da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, Arroio do Meio, RS.

Acervo do Hospital São José. Arroio do Meio, RS.

Arquivo da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio.

Assessoria de Imprensa da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio.

Biblioteca da Universidade do Vale do Taquari - Univates.

Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural – Emater, Arroio do Meio,RS.

Jornal O Alto Taquari, Arroio do Meio, RS.

Prefeitura Municipal de Arroio do Meio.

Secretaria de Administração da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio.

Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio.

Secretaria da Fazenda da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio.

Secretaria de Planejamento e Coordenação da Prefeitura Municipal de Arroio do Meio.



PREFEITURA MUNICIPAL  
DE ARROIO DO MEIO